

AGITE ANTES DE USAR

Mr **SEX**

autora best-seller da amazon

KEL COSTA



misster **SEX**

autora best-seller da amazon

KEL COSTA

Copyright © 2022 Kel Costa

Capa e diagramação

Kel Costa

Revisão

Geisa Brito e Raquel Moreno

Texto em conformidade com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54 de 1995).

1ª edição – 2022

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro para todas as calcinhas que não resistiram.

Com amor, Kel.

SINOPSE

UM STRIPPER QUE DESCONHECE O PRÓPRIO PASSADO.

UMA JOVEM CURIOSA LUTANDO PARA NÃO CAIR NUM JOGO DE SEDUÇÃO.

ELES PARECEM GOSTAR DE BRINCAR DE GATO E RATO.

Maria Flor precisa pagar as contas enquanto não encontra o emprego dos seus sonhos como jornalista, por isso, trabalha como *ghostwriter* de uma grande editora paulista, escrevendo livros nos bastidores, que depois serão assinados com os nomes de outros autores. Seu projeto mais recente é a biografia de Lia Barker, uma supermodelo internacional, brasileira, que se aposentou e tem muita história pra contar. Durante o processo de pesquisa, Maria descobre que a mulher foi *stripper* e garota de programa antes de iniciar a carreira de modelo. Agindo em segredo e colocando sua veia investigativa à prova, a *ghostwriter* decide ir mais a fundo no passado da estrela, até encontrar a boate onde Lia trabalhou.

Gabriel Guerra passou a vida inteira dentro da casa noturna da qual sua mãe era proprietária e quando teve idade para subir ao palco, revelou-se como a maior atração de toda a noite paulistana, entre aqueles que conheciam o seu espetáculo. Ele tira a roupa e arrebatava corações, destrói as calcinhas e põe em

risco os casamentos. Entregar a melhor performance que aquelas mulheres irão assistir na vida é sempre seu objetivo, pois sente prazer fazendo o que faz.

Quando conhece Maria Flor, algo nela o deixa intrigado. A garota muito jovem não demonstra interesse por ele como acontece com todas que pisam na boate. Ela parece deslocada, inexperiente, mas muito curiosa. Gabriel não possui nada de bom para oferecer à Maria, que tem um futuro brilhante pela frente, mas não consegue se afastar daquela que mais parece uma presa caindo na rede do caçador.

Famoso como **MISTER SEX**, o stripper talvez se envolva mais do que gostaria e a *ghoswriter*, provavelmente, nem perceberá o quanto foi consumida por algo que não tem volta.

CAPÍTULO 1

Maria Flor

A definição de *ghostwriter* nada mais é do que o próprio nome diz: escritor-fantasma. O meu trabalho consiste basicamente em escrever um livro, texto, conto ou qualquer coisa do tipo, e permitir que outra pessoa assine e receba os créditos por isso. Não era o emprego dos meus sonhos quando entrei para a faculdade de Jornalismo, mas foi o que apareceu para mim logo que me formei e precisava garantir o aluguel no final do mês.

Minha família morava em Campinas e eu tinha ido para São Paulo estudar na USP e, apesar de meus pais sempre terem me ajudado com as despesas, eu queria muito me tornar independente. Foi assim que, menos de um mês depois da formatura, fui contratada por uma das maiores editoras do país. Eu já fazia alguns trabalhos como *ghostwriter* para eles desde o último semestre do curso, mas como *freelancer*. Por sempre cumprir meus prazos e entregar textos de qualidade, ouvia muitos elogios, que me renderam uma contratação.

Considerando todos os trabalhos que entreguei para meu editor, eu somava entre os mais interessantes, uma autobiografia de um ator famoso, duas biografias de celebridades internacionais e dois livros sobre comunicação. Claro que nem todas as obras escritas por mim deram a sorte de se tornarem fenômenos de vendas, mas com a popularização dos livros

digitais, eu tinha sempre o que escrever e recebia uma bonificação boa o bastante para levar uma vida simples aos vinte e dois anos.

Acontece que eu não decidi cursar Jornalismo para passar minha vida inteira num emprego que não era exatamente o que eu desejava fazer. Vinha há algum tempo pesquisando vagas dentro da minha área, principalmente, algo que fosse voltado para o jornalismo investigativo, mas o mercado de trabalho me mostrou que era muito mais competitivo do que a faculdade fazia parecer.

Encarava a tela do computador, deslizando o cursor do *mouse* pelo site de empregos, sentindo o desânimo aumentar a cada página que eu avançava. Não havia absolutamente nada no meu perfil, como sempre. Todas as oportunidades exigiam no mínimo dois anos de experiência na área, e tudo que eu tinha era um diploma.

Suspirei, frustrada, e peguei o último *sushi* da barca que se encontrava ao lado do *notebook*, em cima da minha mesinha de estudos. Eu deveria ter previsto a tragédia anunciada, mas não deu tempo. No caminho até a minha boca, o molho *teriaki* escorreu e caiu em cima do teclado, me dando um susto e me fazendo perder o controle dos *hashis*. Meu último *sushi* caiu bem no chão, entre meus pés, rindo da minha cara.

— Que saco hein!

Levantei—me correndo, procurando por um pano para limpar a bagunça antes que meu teclado entrasse em pane. Como se não houvesse um momento melhor para isso, meu celular começou a tocar e observei o nome de Julian na tela.

— Oi! — atendi a ligação.

Eu ainda procurava desesperadamente por algo que pudesse salvar meu *notebook*, então peguei meu *cropped* preto que eu tinha jogado sobre a cama

ao chegar da academia e o usei para secar o teclado.

— *Quem é a minha escritora favorita?*

Suspirei, sabendo que ele só prosseguiria com a conversa se eu respondesse como se fosse seu animal de estimação.

— Sou eu.

— *Sim, é você!* — Julian riu ainda mais — *Tenho um trabalho, Maria.*

Evitei responder sobre o quanto aquilo era óbvio, já que Julian era o editor que trabalhava comigo e só me ligava quando havia um projeto em andamento. Mas ele era uma boa pessoa, apesar de sempre ser tão exagerado e o tipo de ser humano que vivia extasiado. Sério, quem consegue acordar todos os dias como se tivesse ganhado na loteria?

— Legal, Julian — respondi, sorrindo, porque não podia deixar de ser agradecida por sempre ter trabalho chegando pra mim. — O que seria?

— *A biografia da Lia Barker.*

Parei de secar o teclado imediatamente, sem acreditar no que estava ouvindo. Ajeitei o celular no ouvido. Um minuto de silêncio se fez até eu conseguir encontrar a minha voz de novo.

— Lia Barker? — murmurei, chocada. — Você quer dizer Lia Barker, a...

— *A modelo!* — Julian me interrompeu, entusiasmado — *Isso mesmo! Não é incrível?*

Sentei-me na cadeira, ainda sem acreditar. Lia Barker era simplesmente uma das modelos brasileiras mais bem pagas do mundo, protagonista de muitos escândalos, muitas horas de passarela e muitos contratos milionários. A mulher já tinha passado dos cinquenta anos e sua aposentadoria alguns anos antes foi cercada de muita comoção.

— Qual a remuneração? — comecei a perguntar — E o prazo para a entrega? Já sabe a meta de palavras?

Metodicamente e pausadamente, Julian me respondeu:

— *Doze mil. Dois meses. Oitenta mil palavras.*

— Pelo trabalho? — Precisei apertar os braços da cadeira para não desmaiar. — Esse é o pagamento? Doze mil? Doze mil reais?

— *Sim. Estamos fazendo projeções bem altas para o lançamento.*

Eu ganhava menos de três mil reais por um livro com aquela quantidade de palavras, sendo que raramente eu conseguia finalizar mais de um trabalho por mês, então minha renda era bem limitada. Óbvio que aquele valor fez meu coração acelerar, minhas pálpebras estremecerem e minha boca secar de ansiedade. Sabia que não era a única *ghostwriter* que trabalhava para a editora Âncora, mas fiquei muito feliz que a oportunidade tivesse sido oferecida a mim.

— É claro que eu vou escrever esse livro! Sou fã da Lia desde criança!

Era uma tremenda mentira, claro, porque eu nem ligava muito para moda. A mulher com certeza infartaria se testemunhasse minha ida ao mercado num dia de inverno, com calça de moletom, chinelo e meias coloridas, e alguma composição de camisa e casaco que não teriam absolutamente nada a ver com o restante do *look*. Meu cabelo, quando eu entrava em ritmo frenético de trabalho, só costumava ser lavado uma vez por semana e maquiagem era algo que eu raramente precisava passar, já que nunca saía de casa.

— *Imaginei que fosse aceitar. Nós teremos muito o que discutir, mas deixaremos isso para depois. Posso confirmar seu nome para meu superior?*

— Pode sim — respondi, sentindo a felicidade me invadir. — Obrigada, Julian! Vocês não vão se arrepender.

— *Eu sei que não, você sempre faz um ótimo trabalho. Amanhã estarei em um reunião com o editorial para planejarmos o livro e depois disso, volto a fazer contato.*

Agradei mais uma vez e nos despedimos enquanto meu coração ainda batia forte com tamanha empolgação. Mal tinha desligado a chamada com Julian e já estava entrando no navegador de internet para pesquisar o destino da viagem que faria com uma parte da remuneração. Eu nunca fazia turismo porque nunca sobrava dinheiro para isso. Pagava minhas contas bem no limite e os trocados que ficavam na conta bancária eu geralmente gastava com idas ao cinema, teatro e livros.

Para comemorar a minha futura grana, coloquei uma *playlist* animada e passei os minutos seguintes dançando da minha forma nada coordenada, mas que me fazia sentir viva e feliz.

CAPÍTULO 2

Maria Flor

Desde aquela primeira conversa sobre o novo trabalho, eu havia me empenhado em descobrir o máximo possível sobre Lia Barker. Como sempre fazia quando iniciava um projeto, criei uma pasta com o nome dela, já que ainda não sabia como seria o título do livro, e juntei todas as informações pertinentes sobre a vida da supermodelo. Estava aguardando pela nova reunião com meu editor, ansiosa para contar sobre minhas ideias em relação ao tipo de abordagem que pretendia fazer para a biografia.

Dois dias tinham se passado desde que Julian fez o primeiro contato comigo e eu me sentia no auge da ansiedade para poder começar. Ainda não dera o pontapé inicial na escrita porque precisava saber qual o tipo de abordagem seria feito com a história da supermodelo, portanto, precisava que meu editor me enviasse o sinal verde.

Mexi nos papéis que tinha colocado sobre o móvel e olhei de relance para a primeira folha. Como Lia era muito famosa e possuía uma trajetória escandalosa, decidi imprimir alguns pontos para serem levantados durante a entrevista que, normalmente, era concedida a mim por chamadas de vídeo.

Encarei a foto que estava aberta no computador, admirando sua beleza estonteante. A mulher parecia ter entrado cinco vezes na fila da sedução e certamente roubou o meu lugar. Não que eu fosse feia, me considerava na

média, mas estava longe de ser alguém que conseguia fazer parar o trânsito ou virar as cabeças dos homens para trás.

Afinal de contas, qual mulher de cabelos escuros e sem graça, de um metro e cinquenta e oito, consegue competir com uma loira de olhos claros que só de pernas possui quase minha altura toda? Eu me considerava aquele tipo de branquela sem sal, porque não fui agraciada com peitos grandes e nem tinha dinheiro para investir em silicone. Meu biotipo era pequeno, meus ombros estreitos e finos e, quando acordava naqueles dias em que a autoestima estava no chão, eu me olhava no espelho e percebia que tinha muita cabeça para pouco corpo. Esforçava-me muito para manter uma rotina básica de exercícios, pelo menos para que o mínimo que eu tinha, fosse bonito. Por isso, minha bunda pequena não era caída e meu abdômen era levemente sarado. Bem de leve mesmo.

— Umas com tanto e outras com quase nada, não é, Lia? — murmurei para a morena na tela do *notebook*, que me encarava na foto, com um olhar sensual.

Suspirei e me recostei na cadeira, um dos móveis mais caros do meu apartamento, porque era o lugar onde passava a maior parte da minha vida. Parei de divagar quando uma ligação em vídeo de Julian apareceu no meu celular e atendi. Ele me deu um sorriso empolgado, o que parecia ótimo e me deixou ainda mais animada para o trabalho.

— *Tenho ótimas notícias!*

— É disso que eu gosto — respondi, dobrando as pernas e segurando os papéis no colo. — Eu também tenho muito o que contar, fiz várias pesquisas, minhas ideias estão fervilhando aqui na cabeça.

— *É mesmo?* — Julian arqueou a sobrancelha e se aproximou da câmera, curioso. — *Me conte um pouco sobre isso.*

Comecei a mexer nas folhas, pensando rápido para me decidir sobre qual assunto começar a falar, mas me enrolei e quase todas escorregaram do meu colo e caíram no chão, enquanto eu ouvia a risadinha do meu editor.

— Ah, então... Hum, sim, já sei. — Levantei a cabeça e o encarei, desistindo dos papéis malditos. — Um ponto interessante que pode ser tratado no livro é a relação dela com outros modelos, que sempre foi muito conturbada. Imagino que ninguém queira comprar uma biografia de Lia Barker para ler sobre marcas de sapatos e o caimento dos belos vestidos. Também podemos...

— *Maria* — Julian me interrompeu, sorrindo e abanando a mão. — *Esse tipo de assunto a gente trata depois, mas você tem liberdade total para explorar o que quiser da vida dela. O foco do livro é outro, no entanto, algo que requer um pouco mais de estudo.*

— Certo. E o que seria?

— *Existe um lado de Lia Barker que pouquíssimas pessoas conhecem, Maria.* — Os olhos do homem brilharam de tanta empolgação. — *Acho difícil que em suas pesquisas você tenha descoberto, por exemplo, que ela já trabalhou como stripper e garota de programa.*

Seria muito desrespeitoso soltar um palavrão? Como imaginei que sim, engoli minhas palavras e reorganizei meus pensamentos, tentando esconder uma parte do meu choque.

— Você está me dizendo que a supermodelo internacional...

— *Era garota de programa* — Julian me interrompeu. — *Transava por dinheiro, sim. Não só isso, Lia também era frequentadora assídua de clubes e casas de swing. O foco do nosso projeto é esse outro lado da vida dela, queremos mostrar a Lia que ninguém conhece.*

— Então deixe-me ver se eu entendi. Ela está se aposentado e resolveu

surtar, abrir a intimidade pra todo mundo, sem se importar com as consequências?

— *Mais ou menos.* — Julian lançou um sorriso sinistro. — *Veja bem, Lia já passou da fase de se importar. Ela quer fazer muito barulho, ser lançada com chave de ouro, cair na boca do povo. O título do livro, inclusive, já foi definido: “Lia Barker, a devassa queridinha da América”. Na chamada, trabalharemos algo do tipo “como uma garota de programa se tornou uma das maiores modelos do mundo”. A questão é que ela jogou essa ideia, mas não quer ir a fundo nisso. E sem o conteúdo sobre esse lado de sua vida, não temos muito o que mostrar.*

Agora eu entendia o que Julian quis dizer quando comentou sobre os milhares de exemplares vendidos. Isso sim era o tipo de literatura que dava muito, muito dinheiro. Eu podia imaginar as manchetes por todos os sites e redes sociais, visualizei toda a repercussão que o lançamento causaria, porque se tinha algo além de sexo que as pessoas gostavam mais ainda, era da vida sexual de gente famosa. Só tinha um problema nisso tudo...

— Julian, eu não escrevo sobre sexo — alertei meu editor, sentindo um nó se formar no meu estômago. — Gostei muito de receber o convite para trabalhar no livro, mas agora fiquei um pouco preocupada. Não tenho experiência com literatura erótica, acho que talvez vocês tenham escolhido a profissional errada.

— *Mas você faz sexo, creio eu, e isso já é o suficiente para escrever sobre o assunto. Lembre-se, não é um livro de ficção.*

Aquele era um assunto bem estranho para tratar com meu editor. Certo? Provavelmente. Torci um pouco meu nariz, pensando em sua afirmação sobre eu fazer sexo. Eu não era virgem, mas talvez estivesse voltando a ser. Transei apenas duas vezes, quando comecei a namorar com o Paulo. Estava no meu

segundo semestre da faculdade e decidi perder a virgindade com ele após um mês de namoro. Foi uma experiência boa, ele me tratou como um príncipe, e eu me sentia muito bem ao seu lado, mas tudo desandou quando o pai de Paulo faleceu e ele precisou voltar para a sua família, que morava no Espírito Santo. Terminamos e nunca mais nos falamos, como eu também nunca mais me envolvi com ninguém. Simplesmente não conseguia ser desapegada como muita gente que conhecia, que transava por transar, com pessoas que conheciam no mesmo dia.

— Tem uns três anos.

— *O quê?*

Julian me encarou do outro lado da tela e eu percebi que tinha falado em voz alta.

— A última vez que fiz sexo... — confessei, sentindo meu rosto esquentar um pouco.

— *Tenho certeza de que você vai se sair muito bem, Maria* — disse Julian, e eu tinha quase certeza de que estava prendendo uma risada.

Era trabalho, então, eu certamente daria o meu melhor para entregar algo de qualidade e superar as expectativas da editora, mas não significaria que não me sentiria estranha abordando um tema com o qual não costumava ter contato na literatura.

— *Eu vou acompanhá-la na entrevista, ok? Quando conseguir marcar a data e o local, passo as informações pra você!*

Fiquei alguns segundos em silêncio até conseguir processar o que ele tinha acabado de dizer. Data e local? Julian queria dizer que eu veria Lia Barker pessoalmente? Porque isso sairia completamente da rotina de entrevistas que sempre fazia.

— Você... você quer que eu... — gaguejei. — Você quer que eu

entreviste a Lia Barker cara a cara?

— *Mas é claro que sim!* — Julian abriu um sorriso afetado e empolgadíssimo. — *Se ela mora aqui em São Paulo, por que não aproveitar?*

Putá que pariu! Eu não estava preparada para receber aquela notícia. Sempre conversava online com as pessoas envolvidas nos livros que precisava escrever, e acho que isso me deixava muito confortável. Ficar diante da supermodelo e colocá-la na sabatina que eu adorava fazer, seria algo novo para mim.

Meu coração acelerou e minha veia inclinada para o jornalismo me fez perceber que seria incrível e eu não devia ter medo de nada.

— Não esperava que um dia fosse entrevistar alguém como Lia Barker — admiti para Julian. — Quero dizer, eu não sou nada envolvida com o mundo da moda, mas ela é um ícone de gerações.

— *Sim, sim.* — Meu editor abanou a mão como se não se importasse com minha emoção. — *Mas não se deslumbre tanto, pois como eu disse anteriormente, Lia está reticente em abrir tanto do seu passado como stripper e tudo mais. Até quinta-feira eu te encaminho o contrato, ok?*

— Certo, eu... — Do outro lado da ligação, ouvi o completo silêncio. Julian havia desligado na minha cara.

CAPÍTULO 3

Gabriel

A gritaria do lado de fora era como música para meus ouvidos e, podia parecer caótico, mas eu conseguia trabalhar perfeitamente e manter em dia a contabilidade, mesmo com todo o barulho que me cercava. Passava de uma hora da manhã e os *shows* ainda aconteciam no palco, então o público continuava ensandecido, o que era muito bom para os negócios.

A *Red Kinky* era minha herança, a única coisa que minha mãe me deixou após morrer tão precocemente, e eu dava o meu melhor para tomar conta dela, mesmo que não estivesse sozinho à frente dos negócios. Éramos uma das casas noturnas com *shows* de *stripper* mais antigas e tradicionais de São Paulo e, apesar de outras mais recentes como a *Caixa Preta* terem ganhado certa fama, a *Red Kinky* nunca perdia sua clientela. Enquanto no clube restrito do empresário Arthur Salazar apenas os milionários possuíam acesso, aqui o público era bem raiz e se misturava pelo estabelecimento. Recebíamos a galera da classe baixa que só vinha pra gastar no bar os poucos trocados que tinha e, de quebra, ver mulheres peladas, assim como a classe média que garantia o lucro da casa com seu consumo mais elevado.

O grande diferencial era a mistura de *shows* para agradar a todos as orientações sexuais, pois de seis dias de funcionamento na semana, quatro ficavam destinados a elas, as mulheres. Sem dúvida alguma, era o maior

público da *Red*. Algumas vinham pela primeira vez, durante uma despedida de solteira, e se tornavam clientes assíduas por gostarem do que encontravam aqui. Até mesmo o barulho das terças, quintas, sextas e sábados era diferente por conta das *ladies*. Homens costumavam ser mais contidos, enquanto as mulheres gritavam com afinco, berravam, aplaudiam, viviam cada minuto da noite da forma mais intensa possível.

Ao contrário da *Caixa Preta*, aqui não era permitido sexo dentro do estabelecimento. Não havia nenhuma regra que proibisse qualquer funcionário da casa de se relacionar com um cliente, desde que não fosse dentro da *Red*, pois minha mãe nunca desejou atrair a fama de prostíbulo.

Uma batida na porta me fez levantar para destrancar a fechadura e abri-la, encontrando Nina parada do outro lado, encostada à parede. Ela tinha uma cartela de comprimidos na mão e engolia um deles no instante em que me encarou.

— Minha cabeça está explodindo, Gabs. Posso ir me deitar no seu sofá?

A *Red Kinky* funcionava em uma grande casa de dois andares com um anexo a ela, acessado pela varanda dos fundos do sobrado. Era preciso passar pelo guarda-corpo de pedra, subir um lance de escadas do mesmo material e atravessar uma pequena passarela que levaria até a entrada do meu singelo cafofo. Sem pensar duas vezes, fui até minha mesa e peguei o meu chaveiro, destacando apenas a chave que abria minha porta, e a coloquei no centro da palma da mão de Nina.

— Suba e descanse um pouco — respondi, aproximando-me e beijando seu rosto.

Nina era uma das dançarinas da casa, mas também minha melhor amiga. Um metro e setenta centímetros de pele negra, cabelos que sempre se alteravam graças às variadas laces que usava, olhos de um castanho claro

hipnotizante e um sorriso doce se tornavam uma composição perfeita para deixar os machos frequentadores da *Red Kinky* de pau duro. Ainda era nova, tinha somente vinte e oito anos, e começou a trabalhar na casa com vinte e dois.

Apesar da noite de hoje ser destinada ao público feminino, Nina era a única mulher que eu permitia se apresentar nessas ocasiões, porque era bissexual e possuía um apelo muito forte entre as mulheres.

Tranquei a porta do escritório e caminhei ao lado dela pelo corredor, porém, enquanto pegou o caminho para os fundos, em direção à escada que levaria ao segundo andar, eu me dirigi ao meu camarim. Minha apresentação era sempre a última da noite porque daquela forma, prendia todas as mulheres na casa, mantendo a consumação ativa, enquanto aguardavam ansiosamente pela atração principal.

Sem pressa, sentei-me na poltrona para conferir meu celular e responder as mensagens no grupo que tinha com alguns amigos. Completaria trinta e oito anos em alguns dias e eles queriam saber de que maneira eu pretendia comemorar.

Depois de gastar um tempo rebatendo as acusações de que estava ficando muito velho para continuar mostrando o pau em cima do palco — apesar de nunca ter ficado pelado, voltei a me concentrar no trabalho. Tirei toda a roupa e vesti uma das tangas de trabalho, de couro preto, que deixava minha bunda parcialmente descoberta e evidenciava meu pênis mesmo quando não estava ereto. Vesti um dos ternos limpos, pois era um dos *looks* que eu mais usava, e reforcei o perfume que as enlouquecia.

A *Red Kinky* era a queridinha das mulheres por ser tão diversificada. No primeiro andar, funcionava o palco de *shows*, com a melhor iluminação possível para o ambiente, espaço de sobra para o público ficar de pé e cercar

cada canto em busca de um contato com os dançarinos, além do bar da casa, onde muitas banquetas e algumas poltronas ficavam dispostas para quem não quisesse se misturar à multidão.

Já no segundo andar, a casa se abria em três salões aconchegantes, cada um com uma decoração diferente, mas todos interligados e de livre acesso entre eles. Reuniam grupos de mulheres que buscavam algo mais exclusivo, portanto, a pulseira VIP no pulso de cada uma que acessava aquele andar, indicava o valor diferenciado que havia sido pago. Isso dava às mulheres danças com menor concorrência do que as do palco, um contato diferenciado com os dançarinos, e a possibilidade de comemorar despedidas de solteira ou outros tipos de eventos com direito a *open bar* servido diretamente nos salões.

Os meus *shows* aconteciam no palco, mas eventualmente eu abria minha agenda para os salões VIPS, e sempre havia quem estivesse disposta a pagar o valor exorbitante que eu cobrava propositalmente. Nunca foi intenção da minha mãe que eu me tornasse um *stripper* da casa, mas quando comecei a dançar mesmo contra a vontade dela, ficou claro para todos nós que meu potencial era enorme.

Adentrei o corredor de passagem atrás do palco e cruzei meus braços, ouvindo Bruna falar ao microfone, pois ela era como uma apresentadora dos *shows*, que ajudava a incendiar a casa e agitar os ânimos do público.

— Vocês o desejam muito antes de o verem com seus próprios olhos — disse, ronronando e arrancando alguns gritinhos. — Vocês sonham com ele, imaginam como seria uma dancinha no colo, não é?

O público vai ao delírio em resposta àquela pergunta.

— Mas ele não serve pra qualquer uma, moças. Não, não. Ele é tão intenso... Tão... — solta um gemido e mesmo sem poder vê-la, sei que está se

tocando de forma sensual. — Bem, ele dispensa legendas. E eu sei que vocês estão ansiosas, portanto, cuidem de suas calcinhas, pois chegou a hora de conhecerem... o MISTER SEX!

Os aplausos e assobios irrompem pelo lugar quando a música começa a tocar e eu subo os degraus para entrar no palco. Dali de cima não é tão fácil enxergar toda a plateia por causa de todos os aparelhos de iluminação em cima de mim, sem contar com os flashes de celulares. Mas eu não me importo, estou acostumado e poderia fazer o *show* de olhos fechados todas as noites.

CAPÍTULO 4

Maria Flor

Machu Picchu. Esse foi o destino escolhido por mim e era para lá que eu iria quando recebesse o pagamento pela biografia da Lia Barker. Sempre quis muito conhecer o lugar que dizem possuir uma energia tão poderosa e estava ansiosa para a viagem, que tentaria programar para o segundo semestre do ano.

Aproveitei os dias sem contato do Julian para fazer pesquisas sobre clubes de *stripper* e também a vida de garotas de programa. Não queria me sentir despreparada quando chegasse a hora de me sentar diante de Lia e ouvir a supermodelo narrando suas aventuras sexuais insanas. Precisava trabalhar uma expressão neutra para que ela não percebesse meu choque ou timidez.

Agora, estava aqui, do lado do meu editor, aguardando com muita ansiedade. Minha perna não parava de tremer e meus dedos apertavam meu celular com força.

— Querida, desse jeito você vai me deixar nervoso — Julian disse, tocando meu joelho. — Sossega esta perna, por favor.

Lancei um sorriso sem graça para ele depois de soltar meu lábio da prisão que meus dentes o colocaram, mas nem mesmo Julian estava

prestando muita atenção em mim. Ele folheava uma revista de moda, enquanto nós dois esperávamos na sala de visitas da casa de Lia Barker.

— Que vestido deslumbrante, não é? — perguntou, mas não fez nenhuma questão de me mostrar.

O editor era um pouco egocêntrico, mas não era uma má pessoa. Tinha quarenta e dois anos, possuía os cabelos platinados, usava roupas extremamente coloridas e extravagantes, além de muitas joias por todo o corpo. Logo que começamos a trabalhar juntos, contou para mim que seu nome verdadeiro era Julian, mas que ele adotou o apelido Julian, pois o nome de batismo não era “*gay o suficiente*”. Era casado com um homem que aparentava ser mais novo e era muito, muito gato, mas eu só o conhecia por foto.

Minha atenção se voltou para a porta diante de nós que foi aberta e deu passagem à mulher de roupa social que nos recebeu quando chegamos. Era a empresária de Lia e estava ali para fazer a mediação da entrevista.

— A Lia está pronta para receber vocês — ela anunciou, e fez um movimento indicando a porta, nos convidando para segui-la.

Eu, nervosa, fui a primeira a me levantar. Julian não perdeu a pose e, fingindo que nada estava acontecendo, fechou a revista calmamente, depositou ela em seu lugar de origem, levantou, desamassou o casaco e, só então, sorriu para a secretária.

— Vamos lá!

Entramos em um escritório espaçoso, todo branco, de estilo minimalista e pouca mobília. No extremo oposto, havia uma cadeira enorme e vermelha, a única cor presente no ambiente. Nela, estava sentada ninguém mais, ninguém menos, que Lia Barker, com seus cabelos extremamente longos e pretos. Seus olhos também eram escuros, mas possuíam uma profundidade que parecia

sugar tudo à sua volta. Segurava um cigarro em uma das mãos, próxima da janela, e mantinha uma postura impecável. Mesmo de longe, ela era capaz de me intimidar.

— Fiquem à vontade — pediu a empresária, indicando duas cadeiras dispostas ali naquele escritório que mais parecia um camarim.

Segui os passos de Julian e me sentei ao seu lado, observando Lia Barker se virar na nossa direção, mas sem largar o cigarro. A mulher que nos recepcionou sentou-se numa poltrona mais atrás, como se estivesse ali com olhos de gavião para que nada acontecesse sem a autorização dela.

Lia era magnética, mas ao mesmo tempo, extremamente intimidante. Não perceber nenhuma reação da parte dela, além de um olhar desinteressado ao nos ver, me deixou ainda mais nervosa.

Pelo que pareceu a eternidade, ficamos em um completo silêncio.

— Vocês trabalham para a Âncora, então — murmurou, com os olhos passeando entre mim e Julian.

— Eu sou o editor responsável pela sua biografia. — Ele tocou meu ombro. — E esta é a profissional que vai escrevê-la.

— E que tal refrescarem minha memória e me contarem por que a Elisângela não pode passar todas as informações que vocês precisam sobre mim.

Ela estava falando sério? Passei meu celular de uma mão para a outra, mais nervosa do que antes, percebendo que Lia nem parecia disposta a conversar. Tudo bem que através do que eu via na mídia, ninguém nunca escondeu que ela parecia alguém inacessível, mas não estávamos ali recebendo um favor dela.

— Ninguém conhece mais a sua vida do que você mesma — comentei, sentindo a voz quase falhar no final da frase e pigarreei. — É um

procedimento padrão entrevistar todo mundo.

Lia tragou o cigarro mais uma vez, soltou a fumaça na direção da janela e, por fim, apagou-o no cinzeiro que segurava em uma das mãos. Então, ela olhou sobre nossas cabeças e gesticulou como se mandasse a empresária deixar o cômodo. Fiquei surpresa em ver que a mulher obedeceu prontamente e nos deixou a sós com a estrela.

— A Maria vai fazer algumas perguntas que ela considera pertinente à construção da sua biografia, mas fique à vontade para não responder o que não quiser — explicou meu editor.

— E caso se lembre de algo interessante que eu não chegue a abordar, você também pode contar.

A mulher assentiu, parecendo mais entediada do que interessada. Ela se sentou no sofá à nossa frente e esticou as pernas de lado sobre o estofado que aparentava ser muito macio.

— Só para esclarecer — avisei, mostrando meu celular —, estou ligando o gravador para que possa acessar informações que eu não venha me lembrar mais tarde.

— Normalmente, são perguntas sobre a sua vida pessoal e profissional, coisas que não poderiam ser encontradas facilmente na internet, para tornar o livro mais atraente. — Julian sorriu para Lia.

Depositei meu celular na mesinha ao meu lado e abri meu caderno, preparando a caneta e torcendo para tirar bons resultados daquele encontro que estava me deixando desconfortável.

— Primeiramente, poderia nos contar um pouco sobre você neste momento da sua vida? — perguntei. — Você está com cinquenta e sete anos e se aposentou somente no ano retrasado. É a modelo brasileira com maior tempo de carreira e aclamada internacionalmente.

— Sim. — Foi a primeira vez que notei um sorriso no rosto de Lia.

— Parabéns por isso — comentei, sorrindo de volta. — É uma conquista impressionante para o mundo das passarelas. Como você lidou com isso? Houve pressão para que se aposentasse antes?

— Qual é mesmo o seu nome?

— Maria Flor.

— Maria — murmurou ela, alisando os cabelos. — A pressão existe a partir do momento em que uma modelo completa trinta anos. Não é aceitável aos olhos da sociedade, uma mulher madura ser considerada bela e ativa para desfilar os maiores nomes da moda. Mas a pressão nunca me afetou, eu sempre fui muito decidida.

O que eu achava um absurdo, diga-se de passagem. Ainda era muito nova, minha mãe costumava dizer que eu ainda cheirava a leite, mas entendia sobre a pressão da sociedade machista em cima da mulher. Como se depois dos quarenta, principalmente, ela perdesse o direito de se sentir tão feminina quanto qualquer mocinha de vinte. Além disso, não precisava entender muito do assunto para saber que a carreira de modelo possuía uma validade bem curta por conta disso.

— Que bom que você sempre foi tão decidida e empoderada — comentei. — Eu vejo que sua história serviu e ainda serve de inspiração para muitas meninas que sonham em se tornar a próxima Lia Barker.

— Vai ser difícil existir outra, querida. — Ela me lançou um sorriso prepotente demais.

— Então... — Respirei fundo e tentei não me abalar. — Como você vê o processo de aposentadoria? Do que mais sentiu falta desde que deixou as passarelas?

Pelos próximos quinze minutos, Lia me contou muito sobre momentos

vivididos durante seu trabalho, suas viagens ao redor do mundo, as pessoas que conheceu e muita fofoca dos bastidores. Bastante conteúdo, porém, nada realmente substancial. Eu precisava pressioná-la ou sairia da entrevista com nada.

— Me conte um pouco sobre o seu passado, antes da sua carreira de modelo.

— Eu já contei que trabalhei como stripper e garota de programa — respondeu, abanando a mão. — Não é novidade para sua Editora.

Estreitei os olhos levemente, tentando decifrá-la. A mudança era muito sutil, mas claramente sua postura havia se tornado mais rígida, pois entrou na defensiva.

— Gostaria de ouvir você falar — respondi. — Pode começar contando sobre seus pais, como era o relacionamento com a sua família, onde morou e estudou...

Lia me encarou em silêncio por alguns segundos, parecendo selecionar as histórias que queria expor e as que queria manter guardadas a sete chaves. Contou sobre não ter feito Ensino Superior e não colecionar muitas amizades da época antes de ficar famosa. Deu a entender que sua relação com os pais era boa, mas não se aprofundou no assunto. Até que chegou no que eu adoraria entender melhor.

— Minha fase de dançarina de boate começou aos dezoito anos. — Ela se levantou e foi acender outro cigarro, dirigindo-se à janela. Esperou que a fumaça preenchesse os seus pulmões, e depois soltou-a lentamente. Ao meu ver, parecia querer ganhar tempo.

— Era um mundo bem louco, não demorou muito pra que dos palcos, eu fosse parar nas camas de alguns clientes. Mas isso só durou uns dois anos, não foi nada realmente marcante na minha vida.

Evitei arregalar meus olhos, pensando que aquilo, para mim, era extremamente marcante. Eu não tinha nada com a vida de ninguém e entendia que boa parte das mulheres que fazia programa, não encontravam melhores opções na vida. Mas não deixava de ser algo bastante impactante. Não entendia como Lia podia falar sobre o assunto como se fosse uma época de sua vida da qual nem se lembrava.

— Você já deve saber que a Editora Âncora vai usar essa informação para trabalhar o *marketing* do livro — comentei, olhando para ela, depois para Julian, que assentiu em concordância. — Portanto, precisamos explorar mais esse assunto. O que pode me contar sobre essa época?

Lia estreitou os olhos para mim. Havia um pouco de raiva na expressão dura, porque ela claramente demonstrava não querer falar sobre o que eu mais desejava. Era medo ou vergonha do seu passado?

— Não há muito o que se falar sobre isso — disse, recuperando a postura rapidamente. — Foi uma fase muito curta da minha vida. Não me importo que usem a informação, já assinei o contrato, mas acho que você deve possuir criatividade suficiente para escrever o que achar melhor.

— Está considerando que eu invente a sua história?

— Não é isso que escritores fazem? — a mulher perguntou com um brilho nos olhos, esperançosa para ouvir minha resposta positiva.

— Não neste caso — frisei, sem me deixar intimidar.

Eu era tímida e não gostava de entrar em confrontos, mas aprendi na faculdade a me posicionar mais e manter minha opinião mesmo quando tentam me pressionar. Cheguei sim um pouco retraída na entrevista, mas com o passar dos minutos, fui me sentindo mais à vontade para poder fazer um bom trabalho.

— O que a Maria Flor está tentando dizer, é que a intenção de uma

biografia é passar a história da pessoa — disse Julian, e eu vi que se esforçava para descontrair o clima tenso.

— Onde você dançava? — perguntei para uma Lia calada demais. — Qual era o nome da boate?

Ela suspirou profundamente e botou a mão na cabeça, como se tentasse se lembrar de algo. Sabia que estava fingindo, nada nela me convencia muito.

— Eu não me lembro — disse, por fim. — Faz tanto tempo, o lugar nem deve existir mais.

— Não se lembra? — questionei, decepcionada. — Não se lembra da boate onde trabalhou como *stripper* por dois anos?

Quando me lançou um sorriso falso, eu entendi que ela não daria mais nada de útil a respeito daquela história.

— Está vendo por que digo para que invente alguma coisa? — A morena revirou os olhos de forma afetada. — Eu não me recordo dessa época. Foi tudo muito passageiro e sem importância.

E eu era a Mamãe Noel.

Sorri de volta para Lia Barker, tentando demonstrar empatia e parecer alguém que acataria o pedido dela.

CAPÍTULO 5

Maria Flor

— Essa biografia vai ser um sucesso! — Julian comemorou ao meu lado quando deixamos a casa da modelo aposentada.

Eu poderia estar tão entusiasmada quanto ele, exceto que não estava. Só conseguia pensar em Lia e no que ela parecia tentar esconder a todo custo, mas talvez, para o meu editor, o fato de eu não ter muito com o que trabalhar não parecia ser motivo de preocupação.

— Vou pedir um *Uber* para casa. Precisa de carona para algum lugar?

— Você não notou nada estranho na entrevista e na forma como Lia foi escorregadia?

Julian arqueou uma sobrancelha, mas não tirou os olhos do celular. Estava assistindo *stories* no *Instagram*.

— Ela não falou nada sobre o passado em relação à vida como garota de programa. Como vou escrever sobre isso?

— Você pode... sei lá, pesquisar. — Deu de ombros, sem tirar os olhos do telefone.

Claro que eu podia perfeitamente fazer uma pesquisa mais a fundo a respeito da história de Lia, mas será que a mulher ia gostar de saber que alguém estava revirando fatos sobre o passado dela? Ajeitei a bolsa no

ombro, pensativa, até que meu editor tocou meu braço e lançou um sorriso debochado.

— Lia Barker assinou um contrato autorizando a exposição sobre seu passado como *stripper* e garota de programa — disse ele, guardando o celular no bolso da calça. — Sendo assim, vamos supor que um passarinho nos traga notícias bombásticas sobre esse lado da vida dela. O que poderia fazer contra nós?

— Nada?

— Nada! — Ele sorriu. — Essas celebridades são assim mesmo, querem fama, mas só se for do jeito delas. No máximo, você vai descobrir algum escândalo, talvez envolvendo algum político, quem sabe um artista...

— Eu posso fazer isso — avisei, sentindo minha mente inundar de ideias. — Posso ir atrás da verdade.

Voltei a encarar os prédios do outro lado da rua e as pessoas passando apressadas pela calçada. Meu instinto de jornalista, e também a minha curiosidade, estavam me matando. A escritora em mim também sabia que a história se tornaria muito mais interessante se eu cavasse até encontrar algo substancial.

— Descubra sobre a boate — pediu Julian quando seu Uber estava se aproximando. — Porque nem eu acreditei na história de que ela não se lembra do lugar.

Meu editor jogou um beijinho para mim antes de entrar no carro e me deixou submersa em tantos pensamentos. Fiz o caminho de volta para casa praticamente no automático, sem conseguir tirar a história de Lia da cabeça. Ainda dentro do metrô, comecei a anotar algumas ideias para a construção do livro, aproveitando que estava inspirada.

Quando cheguei no meu apartamento que dividia com minha amiga

Laura desde que nos conhecemos durante a faculdade, fui direto até a cozinha preparar um café e, depois, liguei o *notebook* no quarto. Abri o *Google* preparada para pesquisar. Lia Barker tinha dito que havia sido *stripper* aos dezoito anos, então fiz um cálculo rápido para descobrir em que ano ela trabalhara na tal boate. Uma boate de *stripper* em funcionamento em São Paulo, na década de oitenta, não devia ser tão difícil de encontrar.

Coloquei exatamente o que estava procurando na barra de pesquisa. Diversas páginas sobre o assunto apareceram, mas nenhuma delas continha o que eu desejava. Abri uma atrás da outra, mudei o texto da pesquisa, fui até a página dez do *Google*, mas não dei muita sorte.

Precisei parar um pouco quando percebi que duas horas se passaram, o café devia ter esfriado na cozinha e eu nem mesmo tinha tirado a roupa desde que chegara da rua. Por isso, fui tomar um banho, vesti um pijama confortável, preparei um lanche e, só depois, voltei para o computador.

Fiz uma massagem nos ombros, enquanto encarava a página aberta, até que me surgiu um pensamento. Eu vinha procurando por casas noturnas que tivessem existido anos atrás, mas e se a tal boate ainda estivesse em funcionamento? Pensar que era um estabelecimento falido tinha sido ideia apenas minha, ninguém disse isso para mim. Portanto, refiz minha busca, dessa vez, pesquisando boates de *streap-tease* abertas na cidade.

Abri os três primeiros resultados, que me levaram a sites de casas com aquela proposta, e parando para ler sobre a história de cada uma delas, eu me senti arrepiar. O terceiro *link* me levou justamente a um estabelecimento que tinha sido inaugurado em 1980 e ainda estava de pé. Era o clube de *stripper* mais antigo de São Paulo e informava que seu nome original era *Red Velvet*, mas tinha mudado para *Red Kinky* há pouco mais de sete anos, depois da morte da antiga proprietária.

Com o coração acelerado, anotei o endereço que era bem próximo da Rua Augusta, tirei meu pijama e me vesti para sair de casa mais uma vez e fui animada em busca de descobertas emocionantes.

•

Parei diante do muro pichado que era normal para aquela região e encarei a porta larga e vermelha da casa. Era um sobrado grande que contava com um segurança sentado numa cadeira, que abordaria qualquer pessoa que passasse pelo portão de ferro para entrar na propriedade. No alto da construção, um letreiro nada discreto ostentava o nome do estabelecimento, *Red Kinky*, em letras propositalmente sensuais.

Pelo horário, quatro e meia da tarde, não era de se estranhar que o portão estivesse fechado e que o homem de terno não parecesse disposto a trabalhar. Mas mesmo assim, eu me aproximei e sorri para ele.

— Boa tarde! Eu posso entrar?

— Está procurando emprego? — perguntou, me analisando.

— Sim! — respondi, sorridente, pensando que podia ter passado pelo menos um batom. — Gostaria de conhecer o lugar e deixar meu... currículo.

O segurança abriu o trinco do portão e me deu passagem, sendo simpático comigo, e informando que eu deveria procurar pela Cláudia. Logo passei pela porta vermelha e a fechei atrás de mim. O salão era amplo, e no momento, estava vazio. Havia um palco à minha direita e um enorme bar à esquerda, com a parede do fundo toda espelhada. A pouca iluminação entrava pelas janelas altas e largas, que eu imaginava ficarem fechadas durante o funcionamento da casa.

— Olá! — chamei, caminhando sem direção.

Um barulho no fundo do que parecia ser um corredor à minha frente me

fez parar e vi quando uma mulher loira se aproximou. Parecia ter uns cinquenta e poucos anos porque as rugas em seu rosto a denunciavam, mas era elegante e muito atraente. Os olhos verdes estavam pintados com delineador e muito rímel, e o batom vermelho parecia ter acabado de ser retocado.

— Tudo bem? — Sorri. — Meu nome é Maria...

— O Gabriel não está — ela me interrompeu e começou a andar em direção ao bar, sem se dar ao trabalho de me olhar por mais de três segundos. — Volte mais tarde.

Certo, estava ofendida. Isso era jeito de receber uma possível cliente ou funcionária? E quem era Gabriel e o que ele tinha a ver comigo? Por acaso, eu tinha cara de quem corria atrás de homem, aparentemente, concorrido?

— Não estou aqui pelo motivo que pensa — expliquei, seguindo a mulher até o bar. — Meu nome é Maria Flor. Eu sou...

Parei. O que eu diria? Ela talvez nem soubesse o que significava ser *ghostwriter* e não acho que se interessaria em perder seu precioso tempo esperando que eu me explicasse melhor. Por isso, resolvi usar uma abordagem mais séria.

— Eu sou jornalista investigativa. — Estendi minha mão, sorrindo.

Com um olhar de pouco interesse, a mulher ignorou minha tentativa de cumprimento.

— E o que você quer, exatamente?

Sem graça, recuei meu braço e me debrucei sobre o balcão preto. Tudo na casa parecia ser dessa cor.

— Eu estou escrevendo a biografia da Lia Barker e soube que ela trabalhou aqui na década de oitenta. — Aguardei, mas a mulher não expressou reação nenhuma. — Você saberia alguma coisa sobre ela?

— Não conheço ninguém com esse nome — foi tudo o que disse.

Ou ela estava mentindo ou era completamente alienada. Quem não conhecia a maior modelo brasileira de toda a história?

— Não conhece Lia Barker? — perguntei, surpresa. — Lia Barker, a supermodelo internacional. Talvez você não reconheça o nome, mas é aquela mulher que fez dezenas de plásticas no rosto.

— Não entendo nada do mundo da moda e também desconheço qualquer Lia Barker que tenha trabalhado aqui.

A loira me deu as costas e começou a arrumar algumas garrafas de bebidas na prateleira dos fundos do bar. Parecia querer se livrar de uma vez por todas de mim, o que não era nada legal. Como minha veia investigativa estava aflorada, ignorei tudo isso e me sentei em uma das banquetas altas e desconfortáveis.

— Você trabalha aqui desde quando? — perguntei.

A mulher virou o rosto e me olhou com desprezo.

— Há bastante tempo. E eu já disse que não conheço nenhuma Lia Barker.

— Talvez você tenha conhecido ela pelo seu nome de batismo — falei, lembrando-me de repente desse detalhe. — Eulália Barros.

A loira se virou para mim, impaciente e com uma careta no rosto. Ela levou as mãos à cintura depois de soltar uma garrafa de vodca sobre o balcão.

— Se continuar insistindo nessa conversa sem sentido, eu a convidarei a se retirar — avisou, arqueando a sobrancelha. — Ou pedirei que o segurança venha aqui e acompanhe a mocinha até a porta.

Entendi que ela estava se referindo ao segurança, portanto, meu tempo tentando arrancar alguma informação da simpática mulher havia se esgotado.

Por isso, recolhi meu orgulho e me levantei para não chegar ao ponto de ser expulsa a pontapés. E quando estava abrindo a porta vermelha, ainda escutei-a resmungar:

— Da próxima vez, venha durante o funcionamento da casa e consuma alguma coisa. Molecada curiosa!

CAPÍTULO 6

Maria Flor

Laura estava passando aspirador na sala quando eu parei atrás dela. Minha amiga era uma loira bonita, com uma altura invejável e talento para fotografar seus *looks* com peças *plus size* e jogá-las no *Instagram* para receber várias curtidas. Quando nos conhecemos, eu não achava que nossa amizade duraria tanto, porque ela é meu completo oposto. Baladeira, cachaceira e pegadora, enquanto eu tendia a ser mais quieta e observadora.

— Não vou jantar com você hoje, ok? — precisei gritar para que me ouvisse por cima do barulho.

— O quê? — Laura desligou o aparelho e se virou, olhando-me dos pés à cabeça e sorrindo. — Onde a senhorita vai? Por acaso é alguma data especial da qual não lembro?

Poxa, tudo bem que eu não gostava muito de sair de casa à noite, mas também não era motivo para causar tanto espanto. Ou era? Tentei puxar na memória a última vez em que tinha saído de casa para me divertir... e não consegui encontrar nenhuma recordação dos seis meses anteriores.

— Só vou resolver umas coisas que envolvem meu novo projeto — respondi, sem querer entrar em detalhes por enquanto.

— De salto alto? — Laura franziu a testa. — Eu achava que essas suas

sandálias tinham criado mofo, porque você nunca as tira do armário.

Fiz uma careta, mas não podia negar que minha amiga tinha razão. Eu até usava, mas não era a maior fã de sapatos desconfortáveis, principalmente, os de saltos muito finos. Eu curtia mais um vestido larguinho que não marcasse tanto o corpo, sapatilhas ou tênis, e o bom e velho *jeans*. Não fazia o tipo de garota que começava a se arrumar uma hora antes e gostava de andar com roupas que estivessem em alta.

Para aquela noite, escolhi um *jeans black* e um *cropped* mostarda de decote reto e que não era tão curto, deixava exposto apenas uns três dedos do meu abdômen. Fiz uma maquiagem leve, só com rímel, *blush* e batom da cor da minha boca, e achei que estava muito bom para ir até onde pretendia.

Percebi que Laura esperava alguma informação extra sobre a minha aventura e eu sabia que ela me bombardearia de perguntas.

— Conto tudo quando voltar, ok? — Pisquei para ela e ajeitei a alça da bolsa no meu ombro, tirando meu chaveiro do suporte preso à parede e abrindo a porta do nosso apartamento. — Torça por mim!

Sem saber o que esperar daquela noite, pedi um *Uber* porque não tinha costume de andar de metrô tão tarde, e segui para o endereço da *Red Kinky*. Estava bastante nervosa, visto que era a primeira vez na minha vida, que eu saía para algum tipo de balada sem ter uma companhia ao lado. Sentia-me um pouco intimidada e envergonhada, e ficava imaginando o que pensariam de mim quando me vissem sozinha num lugar como aquele.

Dessa vez, dois seguranças tomavam conta da entrada e eu nem precisei pedir para entrar, pois o acesso estava liberado. Quando passei pela porta vermelha, precisei respirar fundo e absorver o impacto do que enxergava ali. O interior da casa parecia muito diferente do que vi mais cedo. O palco possuía fitas de LED vermelho no chão, em toda a sua extensão, e as

iluminações que saíam das paredes também criavam uma aura avermelhada no ambiente.

Sobre o palco que não era tão alto, ficava a uns cinquenta centímetros do chão, havia um homem bonito dançando apenas de sunga, sensualizando para as mulheres que gritavam por ele. Algumas se curvavam sobre o palco, afoitas, outras permaneciam sentadas nas poltronas que o cercavam, mas a maioria estava mesmo em pé, porque daquela posição, o rosto de qualquer uma delas ficava quase na altura do pau dele.

Senti meu rosto esquentar enquanto observava a performance do homem, e fiquei chocada quando vi que ele puxou as mãos de uma mulher para alisar seu próprio corpo. A moça agora, estava com os dedos dentro da sunga do *stripper* e, pela animação dela, tinha gostado bastante do conteúdo.

O lado da garota curiosa e na seca há anos queria muito ir até lá e me juntar àquelas mulheres, porém, o lado da jornalista falou mais alto quando me lembrei do motivo para ter ido até o lugar. Eu não gostava de festas, muito menos de aglomerações. Sentia-me sufocada e quase sempre deslocada. Aquele realmente não era meu *habitat*, mas eu estava ali por um propósito maior.

Meu destino era o bar, onde poderia falar com os funcionários e tentar conseguir alguma informação relevante. Encontrei uma banqueta vazia e me sentei, notando a aproximação de uma funcionária de uns trinta e poucos anos. Era loira, tinha cabelos curtos, olhos escuros e seios enormes.

— Boa noite — ela disse, nada entusiasmada — O que você vai querer?

Sorri educadamente.

— Informação.

A mulher sorriu ao baixar o rosto e balançar a cabeça, mexendo nas garrafas que estavam largadas ali do outro lado do balcão. A música que

tocava na boate era muito alta e a gritaria das mulheres competia com esse som, mas eu podia jurar que a funcionária tinha soltado uma risada baixa.

— Não temos nenhuma bebida com esse nome — disse, por fim.

— Não é bebida. — Eu sabia que ela não estava confusa, mas me mantive plena e estendi minha mão por cima do bar — Meu nome é Maria Flor e eu sou jornalista investigativa.

A loira nem se deu ao trabalho de me cumprimentar, apenas fez uma careta horrorosa e bufou.

— Escuta, menina — começou —, aqui a gente só vende bebida. Se quiser informações sobre o Gabriel, vai ter que perguntar para ele.

Gabriel. De novo esse nome. Quem era esse cara, afinal de contas? Não o conhecia, mas estava tomando antipatia da pessoa que sempre entrava nas minhas conversas.

— Não quero saber nada sobre esse tal de Gabriel. — Ergui minhas mãos, controlando-me para não me irritar. — Nem sei quem ele é. Eu quero saber sobre...

A loira deu de ombros e pegou uma garrafa de vodca, batendo ela com força sobre o balcão. Apoiou as mãos na pedra escura e olhou para mim com um sorriso debochado e desafiador.

— Se quer informações, vai ter que comprar bebida.

Sério? Estava sendo chantageada quando partiu de mim a ideia de ir até aquele lugar arrancar revelações sinistras dos funcionários?

Sinceramente, Maria... Você deveria pegar sua bolsinha e ir logo embora.

— Quero a bebida mais fraca que você tiver — murmurei, vencida, porque precisava fazer valer o dinheiro gasto com o *Uber*.

A mulher sorriu e começou a movimentar garrafas variadas que eu preferia não saber o que eram, dando um *show* de destreza enquanto mirava o copo e fazia o líquido dançar colorido, então o empurrou na minha direção.

— O que você quer saber? — perguntou, esticando a mão na qual eu coloquei o cartão de comanda da casa para que ela marcasse meu consumo.

— Sobre o Gabriel? Nada — respondi. — Vim atrás de informações sobre Lia Barker.

A moça me olhou, confusa.

— A modelo? — perguntou, franzindo a testa. — O que eu posso saber sobre ela que você ou qualquer outra pessoa com acesso à internet não saibam?

— Lia trabalhou aqui na década de oitenta. Seu nome de batismo é Eulália Barros, então não sei por qual deles ela era conhecida aqui.

— Querida, você acha que tenho idade para ter trabalhado neste lugar durante os anos oitenta? — questionou, me encarando com afronte e levando as mãos à cintura. — Isso é um absurdo.

Não foi uma abordagem tão inteligente, eu sei, mas não cheguei a pensar na questão da diferença de idade entre ela e Lia. E como não queria perder a chance de conversar com a mulher, soltei uma gargalhada e toquei a mão dela por cima do balcão.

— Não, você entendeu errado — comentei. — Não acho que trabalharam na mesma época, só pensei que, talvez, por Lia ser alguém muito famosa, você tivesse escutado sobre o passado dela aqui na Red Kinky.

Peguei o copo e encarei a bebida muito colorida. Não queria, mas bebi um gole apenas para não fazer uma desfeita, pois a loira me lançava um olhar enviesado. Era gostoso, não estava tão forte como eu imaginei, poderia tomar o *drink* inteiro em poucos minutos.

— Olha só, moça, eu sou só a *bartender*. Se você quer algo mais além de bebida, vai ter que falar com o Gabriel.

De novo esse caralho de Gabriel?

— E onde eu o encontro? — perguntei de uma vez, pensando que devesse ser o dono do lugar, afinal, para ninguém tirar o nome dele da boca.

A loira deu um leve sorriso e meneou a cabeça, indicando algo atrás de mim. Na direção do palco.

— Logo mais, ele estará ali em cima.

Girei na banquetta e encarei o dançarino que vi quando cheguei, e ele agora terminava seu *show*. A música que estava dançando tinha terminado e o DJ começou a tocar de forma aleatória, provavelmente, indicando o intervalo entre uma apresentação e outra. Era só o que me faltava, ter que esperar para assistir o tal Gabriel aparecer no palco e torcer para que, depois, ele pudesse me ajudar de alguma forma.

CAPÍTULO 7

Maria Flor

Esperei pela aparição do tal Gabriel já que ele devia ser tão importante e confesso que a cada *show* sobre aquele palco eu deixava mais e mais constrangida. Claro que eram homens muito bonitos dançando de tanga como se não possuíssem uma gota de pudor correndo por suas veias, ovacionados por mulheres muito empolgadas e felizes com cada minuto de atenção que eles as doavam, mesmo assim, não era o tipo de programa ao qual eu estava acostumada.

Certo, talvez precisasse ser sincera comigo mesma. Eu não fazia programas tão divertidos há um bom tempo, a não ser aqueles que aconteciam em meu sofá, diante da televisão que eu e Laura compramos em doze vezes. Nem mesmo me lembrava quando tinha sido a última vez em que dancei fora de casa — porque dentro do quarto não contava.

Estava cogitando pagar meu drink e ir embora, quando as luzes ao redor do palco se apagaram todas. O último rapaz havia encerrado seu *show* há pouco mais de quinze minutos e eu até cheguei a pensar que o Gabriel não apareceria mais. Porém, sobre o tablado preto que se acendeu de vermelho nas bordas, surgiu uma loira bonita com um microfone na mão, vestindo uma roupa que eu jamais teria coragem de colocar.

— Boa noite, gostosas! Vocês não estão cansadas não, né? — gritou para o público e recebeu vários gritos e assobios em resposta. — Não estão com sono? — As mulheres reagiram novamente. — Muito bom, porque ele está pronto para vocês. Estão prontas para ele?

O marketing do cara era diferente mesmo, visto que cada pessoa daquela boate estava ensandecida. Pareciam prestes a se jogar sobre o palco.

— Sabem por que ele demora para aparecer, não é? — a loira ronronou, sorridente. — Leva um tempinho para vocês ficarem bem do jeitinho que ele gosta. Quentes... — os gritos aumentaram enquanto a mulher passeava pelo palco. — Molhadas...

Aquele discurso era sério mesmo? Eu me sentia um pouco envergonhada. Ela estava praticamente declarando que o público estava excitado.

— Ansiosas... — Sorriu a loira depois de suspirar. — E muito, muito... sensíveis.

Então, as luzes que iluminavam parcialmente o palco foram todas apagadas. A moça que tinha o microfone nas mãos não podia mais ser vista. Mesmo assim, ela sussurrou:

— Recebam de braços e pernas bem abertas... o Mister Sex!

Se o som de “*Pony*”, de Ginuwise, não estivesse tocando muito alto nas caixas de som, eu não teria conseguido ouvir mais nada por conta da gritaria enlouquecida.

Precisei sair do lugar que ocupava na frente do bar para poder enxergar melhor o palco que não era alto, mas logo descobri que o *stripper* estava vindo pelo teto. Pendurado em um cabo que devia ser de aço, o tal Mister Sex descia de forma elegante, mostrando que a prática levava mesmo à perfeição, pois ele parecia prestes a transar com o cabo.

Alto, pele morena, cabelos escuros e quase totalmente raspados. Tinha um sorriso sedutor nos lábios quando seus pés tocaram o chão. Ele tirou a jaqueta, dançando de forma extremamente sensual, e os gritos ficaram ainda mais altos. Braços fortes, tanquinho delineado, e ombros largos faziam parte do pacote que arrancava a energia daquelas mulheres.

Bonito. Não, muito bonito. Ou melhor, muito gostoso. Aquele tipo de cara que eu só chegaria perto por ser um *stripper* e eu estar no local de trabalho dele, já que Laura dizia que meus olhos selecionavam apenas os mais feios. Em minha defesa, os motivos eram plausíveis. Primeiro, homem bonito demais significava dor de cabeça em excesso. Segundo, meu biotipo não era exatamente o padrãozinho que chamava a atenção dos gostosões. Quando Laura e eu saíamos com nossa amiga Manoela, os homens olhavam primeiro para a bunda perfeita dela, depois para os peitos siliconados, por último, para as pernas saradas. Só então, eles percebiam a nossa existência.

Gabriel possuía certo magnetismo, pois eu não conseguia desviar o olhar de cada movimento que fazia. Sua beleza, seu sorriso e o seu charme eram simplesmente hipnotizantes. Era inegável que ele sabia o que estava fazendo e fazia muito bem, passando as mãos pelo abdômen trincado, com os dedos voltados para baixo, enfiando-os por dentro da calça preta. Minha boca ficou seca de repente, e senti a necessidade de beber algo, mas não queria gastar com mais um *drink*.

Os movimentos do Mister Sex ficaram mais rápidos, acompanhando o ritmo da música, até que sua calça foi arrancada com força. Eu já esperava por aquela surpresa porque foi o que todos os outros fizeram antes dele, mas mesmo assim, senti meu coração acelerar. Ao contrário dos outros dançarinos que exibiam tangas minúsculas, Gabriel vestia uma cueca *boxer* preta que era infinitamente mais sensual. Ele sequer precisava ficar pelado, pois a peça de roupa era tão apertada que marcava tudo, desde as curvas da bunda que

aparentava ser bem dura, até o grande volume frontal.

Várias mãos alisavam as pernas saradas sempre que havia uma oportunidade e o homem não se importava em ser tocado. Pelo contrário, vez ou outra ele parava bem na beira do palco, escolhia uma vítima — ou felizarda, dependendo do ponto de vista —, segurava a cabeça dela entre as mãos e esfregava a cueca cheia no rosto da mulher.

Permaneci hipnotizada pelo que pareceu uma eternidade, principalmente quando chegou num determinado momento e Gabriel puxou uma garota com uma tiara de véu presa nos cabelos, dançando com ela sobre o palco. Não que aquilo fosse considerado uma dança, eu não me atrevia a pensar tanto na situação. A ruiva exibia um olhar de ganhadora da loteria e não parava de rir e gritar enquanto o homem se esfregava em seu corpo. Eu arriscaria dizer que existia mais fricção entre aqueles dois corpos do que jamais houve em todo o meu pouco tempo de namoro.

E então, de repente, as luzes se apagaram e o *show* acabou. Nunca achei que diria isso, mas, por um momento, desejei que tivesse durado mais. Aplausos irromperam por todo o salão, e eu fui, finalmente, arrancada do meu transe. Os ânimos ainda estavam muito exaltados quando me esgueirei de novo na direção do bar e consegui ocupar uma banqueta vaga. Ao me notar mais uma vez, a *bartender* ergueu uma sobrancelha.

— Como eu... — comecei, pigarreando. — Como eu posso falar com o Gabriel?

Ela me encarou com um sorriso malandro no rosto, provavelmente pensando que eu desejava ir parar na cama dele.

— Posso levar você até lá, mas isso vai te custar a bebida mais cara da casa.

— Sério? Não tenho o costume de beber e já tomei um *drink*.

A mulher esperta deu de ombros.

— Não precisa beber, só precisa pagar.

Estava sendo chantageada em troca de informação. A noite tinha como ficar mais clichê?

Encarei a *bartender* por alguns segundos, considerando minhas opções e pensando no meu suado dinheirinho. Como ela se mostrou irredutível, não vi outro jeito a não ser entregar meu cartão de consumo e suspirar.

— Anote a bebida mais cara da casa — pedi, irritada.

Ela sorriu.

— Perfeito! — A mulher se virou para o *barman* que estava atendendo as pessoas na outra extremidade do balcão e gritou: — Rafa, faz mais um Red Kinky para a garota!

— Como assim, *mais* um? — perguntei, assustada com minha interpretação de texto.

— Ah, é... — Ela sorriu. — O primeiro *drink* que te vendi também foi um Red Kinky.

— Quer me convencer que a bebida mais cara da casa é também a mais fraca? Justo aquela que leva o nome do estabelecimento?

Estreitei meus olhos quando abriu um sorriso divertido e jogou os cabelos para o lado, dando de ombros.

— Relaxa, eu coloquei só a metade da dose de vodca.

Eu a observei dar a volta até passar por uma porta e sair do lado de cá do bar, acenando para que eu a seguisse. Dei uma corridinha para alcançar a mulher de pernas longas e saltos gigantescos, sentindo que as minhas sandálias pareciam inúteis perto dela.

— Precisava mesmo me vender a bebida mais cara duas vezes? —

perguntei, sentindo-me lesada.

Tinha sido enganada desde o minuto em que pisei naquele lugar e minha vontade era de ir embora sem pagar um centavo, mas jamais faria isso porque era uma idiota. Fora que precisava encontrar o Gabriel e descobrir de uma vez o que eu precisava saber sobre o passado de Lia Barker.

Segui a *bartender* para os fundos da boate, até me aproximar de uma porta preta, com um aviso em letras vermelhas, proibindo a entrada de clientes. Do lado de dentro era bastante claro, diferente da casa escura e repleta de luzes *néons*. Havia um corredor curto e estreito, e duas portas, uma ao lado da outra, à direita. Percebi que ao fim do corredor, à esquerda, havia uma abertura com uma escada. Pelos meus cálculos, ela dava direto no palco, o que queria dizer que estávamos no camarim.

A mulher à minha frente abriu a última porta, parou ali mesmo e gritou:

— Gabriel! Tem uma garota querendo te ver.

Era um espaço relativamente grande para um camarim, com uma penteadeira de um lado, uma mesinha com bebidas de outro, e um sofá pequeno com uma cadeira ao seu lado. À direita, havia uma porta de vidro fosco, de onde eu conseguia enxergar a silhueta de alguém.

— Avisa para ela que eu apenas danço — ele gritou de volta. — Não faço programa. A não ser que ela seja muito gostosa e eu esteja disposto a pegá-la.

— Ela não parece interessada em programa — a moça respondeu e depois me encarou, franzindo a testa. — Não é sexo que você quer, é?

— Meu Deus, não! — rebati, sentindo meu rosto esquentar e querendo muito mandar o idiota se foder. — É claro que não!

Eu tinha quase certeza de que a *bartender* sabia disso, só queria me constranger. Não que ela parecesse ser uma má pessoa, mas talvez gostasse

de colocar lenha na fogueira.

Cogitei dar as costas e ir para casa, achando que não teria mais nenhuma resposta, mas logo a porta do banheiro se abriu e Gabriel apareceu. Senti o familiar frio na barriga quando notei que estava só com uma toalha branca amarrada na cintura, parecendo prestes a tomar um banho. Encarou-me de longe, de cima a baixo, e curvou uma sobrancelha.

— Não conheço você — declarou sem esboçar nenhuma emoção e se aproximou, desviando o olhar do meu rosto para meu abdômen. — O bebê não é meu.

Por um segundo, eu não entendi o que Gabriel quis dizer porque aquelas palavras não estavam sendo esperadas pelo meu cérebro. Mas então, segui seu olhar até a minha barriga e tudo fez sentido. Dessa vez, meu rosto ardeu não por vergonha e sim, pela raiva que senti querer me consumir.

— O quê? — Minha voz saiu mais histérica do que eu gostaria. — Eu não estou grávida!

A *bartender* assobiou e saiu de mansinho, fechando a porta ao me deixar a sós com o filho da mãe. Tanta beleza e tão pouca simpatia, foi o que constatei. De que adiantava ter um rosto com traços perfeitos, um corpo esculpido e lábios sensuais, se não conseguia nem cumprimentar uma pessoa?

Ele continuou parado diante de mim, observando-me com cautela. Notei que era mais velho do que parecia no palco, devia estar mais próximo dos quarenta do que dos trinta anos. Era grande, do tipo que impactava quando parava tão perto e me fazia ter que erguer a cabeça para encarar os olhos azuis escuros. Havia muita malícia naquele olhar, eu cheguei a me arrepiar durante os míseros segundos em que ficamos em silêncio.

— Se não quer transar e nem está grávida de mim — pontuou, cruzando os braços e estreitando os olhos. — O que deseja?

Mordi os lábios com força, tentando recuperar minha postura. Não adiantaria nada ficar com raiva e mandar o homem à merda, que era precisamente o que eu desejava no momento, pois precisava de informações.

Respirei fundo e abri as mãos, relaxando os ombros.

— Meu nome é Maria Flor — falei, tentando engolir meu orgulho. — Eu sou jornalista investigativa e estou atrás de informações sobre Lia Barker.

CAPÍTULO 8

Gabriel

Minha rotina não tinha nada de especial no que dizia respeito ao meu trabalho. Eu me apresentava apenas quatro vezes por semana, mas mesmo nos dias em que estava fora do palco, não deixava de me fazer presente na *Red Kinky*. Afinal, era sócio proprietário junto com Cláudia e gostava de me sentir à frente dos negócios em tempo integral.

Nas noites em que dançava, após encerrar minha apresentação, eu jogava uma água no corpo e depois me trancava no escritório. Vez ou outra me permitia levar alguma cliente muito animada e muito gostosa para minha casa, mas no geral, procurava não misturar as coisas. Nunca me faltava sexo, poderia arranjá-lo em qualquer lugar, então gostava de evitar dores de cabeça.

Naquela noite, eu tinha sido abordado de um jeito não tão tradicional. Quando conseguiam subornar alguém para terem acesso ao meu camarim, é porque desejavam um pedaço meu. A garota diante de mim, no entanto, me lançava um olhar que se esforçava para ser desdenhoso.

— Jornalista investigativa — repeti, testando a sonoridade das palavras.
— Ela está morta?

A morena se surpreendeu com minha pergunta e ela possuía a sobrancelha direita bem-atrevida, que se arqueou de forma bastante

extravagante.

— Aposentada — declarou, deixando-me aliviado. — Então você a conhece?

— Não. — Encolhi meus ombros, apoiando minha mão no nó da toalha que senti escorregar. — Mas fico feliz de saber que não tenho nada a ver com um defunto.

Numa rápida avaliação, a garota era interessante. Muito baixinha, apesar de se esforçar sobre saltos altos e finos, quase não tinha peitos e era magrinha. Seu rosto chamava muito mais atenção do que seu corpo, pois os olhos verdes, grandes e redondos, hipnotizavam com as sobrancelhas grossas e escuras, no mesmo tom que os cabelos curtos um pouco acima dos ombros. Os lábios cheios, pintados de batom vermelho, contrastavam com a pele muito branca.

— Eu tô escrevendo a biografia de Lia e preciso de algumas informações sobre o passado dela. Soube que trabalhou aqui na década de oitenta, quando a casa ainda se chamava *Red Velvet*.

Não prestei tanta atenção no que dizia porque ainda observava o rosto de boneca, tentando descobrir se ela ficava mais bonita com ou sem maquiagem. Será que tinha sardas no nariz? Será que os bicos dos mamilos eram rosinhas?

A garota cruzou os braços e eu a achei divertida pela forma elétrica como falava e se portava. O tamanho não passava muita credibilidade a ela e me perguntei se não se sentia frágil ali tão perto de mim, que devia possuir mais que o dobro do seu peso. Seria fácil girá-la no ar, entre minhas mãos, e dançar com ela sobre o palco.

— Infelizmente, para você, eu não conheço Lia Barker — declarei, decidindo que precisava de uma bebida.

— Não conhece a modelo mais famosa do Brasil?

Dei as costas à menina e fui até o minibar, escolhendo uma garrafa do bom e velho uísque. Peguei dois copos e os servi, sem me importar em perguntar se ela queria beber. Sem pressa, dei um tempo à mocinha para que secasse minha bunda, pois sabia que todas faziam isso, e quando me virei, ela não conseguiu desviar o olhar antes de ser flagrada.

— Você entendeu errado — respondi, estendendo um copo para ela. — Sei quem é a modelo Lia Barker. Só não conheço a pessoa, nunca vi pessoalmente nem nunca tive qualquer contato com a mesma.

A garota encarou minha mão que segurava o copo e balançou a cabeça.

— Não costumo beber e já caí no erro de tomar um *drink* esta noite. — A sobrancelha atrevida deu o ar da graça de novo. — Não pretendo colocar mais uma gota sequer de álcool na boca, ainda mais sozinha com um cara que, aparentemente, sai engravidando mulheres por aí.

Era petulante, mas engraçada. Eu acabei rindo por causa do que ouvi e virei o conteúdo do copo que tinha servido para ela.

— Gostei de você, Flor — falei, piscando.

Ela estreitou os olhos redondos e atentos, franzindo os lábios num biquinho atraente.

— É Maria Flor — frisou, empinando o queixo.

Confesso que era muito incomum estar diante de uma mulher no meu ambiente de trabalho que não tentasse tocar em mim, roubar um beijo ou arrancar a própria roupa. E como eu sempre as tinha sem fazer nenhum esforço, acabava se tornando instigante ver a menina se mostrar tão desinteressada pelo que estava diante dela.

Qualquer outra que ainda estivesse dentro da *Red Kinky* àquele horário, estaria sedenta para ver meu pau, coberto apenas pela toalha. Teria a calcinha

melada por conta da noite tão agitada e, certamente, estaria com a libido nas alturas, pronta para sentar mesmo que fosse na escada e foder gostoso até sentir as pernas bambas. Mas não *ela*.

Maria Flor mal olhava na direção do meu umbigo e, quando seus olhos a traíam e fitavam meu peito ou meus braços, as bochechas brancas e o pescoço fino, ganhavam um colorido rosado.

A garota parecia bem nova, muito jovem mesmo, principalmente para um cara como eu, que em dois anos se tornaria um quarentão, mas até que gostaria de me divertir um pouco com ela.

— A *bartender* que me trouxe aqui disse que talvez você tivesse registros sobre Lia — incansável, ela continuou com seu objetivo. — Qualquer documento pode ser útil para o meu trabalho.

— A Nat? — Sorri, sentando-me na cadeira e indicando o sofá para Maria Flor. — Qual bebida ela fez você comprar para te dar acesso a mim? Red Kinky?

A menina obedeceu e sentou na beirinha do assento como se a qualquer momento ele pudesse engoli-la. Flagrei um olhar na direção das minhas pernas, que eu não me incomodei em fechar, ciente de que não tinha como ela ver nada daquela posição. O que não impediu o rubor em seu rosto bonito.

— Então é um costume da casa extorquir a clientela?

— Da casa, não. — Sorri. — Da Nat, sim.

— Não importa. — Ansiosa, passou a mão pelos cabelos para ajeitá-los. — Só preciso saber se isso é verdade, se existe mesmo algum rastro dela por aqui.

— A Nat é esperta, não mentirosa — respondi, inclinando-me para a frente e apoiando meus cotovelos sobre os joelhos. — Minha mãe sempre foi muito organizada com essas coisas, praticamente uma colecionadora de lixo.

Se essa modelo trabalhou aqui em algum momento, deve existir algo sobre ela.

— Sua mãe era a antiga proprietária? — Eu vi os olhos verdes que já eram grandes, aumentarem de tamanho com a surpresa.

Assenti, degustando o uísque do segundo copo e deixando que a garota compreendesse tudo. Foi a primeira vez que ela sorriu com vontade e sinceridade, iluminando o rosto delicado.

— Que bom que sua mãe guardava todas essas informações extremamente importantes. Já que parecem tão insignificantes pra você, será que eu poderia ter acesso a elas?

— O que essa Lia fez para você querer futricar o seu passado? — perguntei, porque ainda não tinha ficado claro para mim.

— Bem, eu trabalho escrevendo livros para outras pessoas e, no caso, estou encarregada de escrever a biografia de Lia Barker.

Era isso? Jura? Pensei que tivesse alguma relação com a polícia, algo mais sério do que um simples livro. Eu sequer entendia o que de interessante podia haver na vida de uma modelo para que pessoas quisessem comprar suas histórias.

— Se o livro é sobre a mulher, por que não pergunta o que precisa saber para ela, que talvez seja a maior interessada nisso tudo?

— Porque Lia não parece muito animada para compartilhar sobre sua vida como *stripper* e garota de programa — concluiu, ativando um alerta em minha mente.

— Ela fazia programa? — Balancei minha cabeça. — Não aqui dentro.

— Lia não especificou o local — respondeu Flor, suspirando, parecendo desanimada.

— Sinto muito, gatinha. — Eu me preparei para levantar, tinha passado da hora de ir tomar meu banho. — Não me sinto à vontade de passar informações sobre uma ex-funcionária, se é que ela já trabalhou mesmo aqui, contra a vontade da mesma. Sabe que isso dá processo, não é?

Então, a garota tomou uma atitude surpreendente e se inclinou para tocar minhas mãos. A testa franzida e os lábios curvados para baixo faziam parecer que estava prestes a chorar.

— Por favor! — pediu, apertando meus dedos. — Lia Barker possui um contrato assinado com a editora, autorizando a ter toda a sua história explorada. Ela não pode processar ninguém, desde que tudo que seja exposto, seja verdadeiro.

— Gosto da sua ousadia, Flor.

— Maria Flor — ela fez questão de consertar, mostrando-se incomodada por eu usar seu segundo nome.

Afastei nossas mãos para evitar estender um toque mais invasivo a ela, e me recostei na cadeira, erguendo meus braços e cruzando os dedos atrás da nuca. Não me custava nada ajudar a garota e deixar que pegasse a informação que conseguisse encontrar, mas isso precisaria ser vantajoso para mim, não para ela.

— O que eu ganho te ajudando?

Maria Flor abriu e fechou a boca.

— Eu... hum. — Ela baixou o olhar para o colo e me encarou segundos depois. — Não sou rica, mas posso pagar pela informação. O que acha de cem reais?

Prendi a risada para que não se sentisse patética.

— Por que acha que preciso de dinheiro, Flor?

Lá estava o rostinho vermelho e os olhos arregalados. Notei que cerrou os punhos antes de enfiar as mãos entre as pernas e baixar a cabeça.

— Não vou pedir um favor em troca de sexo — murmurou, erguendo apenas os olhos ao me encarar.

— Sexo eu consigo de graça e a qualquer momento — respondi, sorrindo para provocar.

— Então, o que você quer?

Não sabia ao certo, pois não tinha nada naquele momento que eu gostaria de pedir a ela. Não me sentia louco de tesão pela garota, apenas curioso em observar suas reações. Se ela estivesse em minha cama eu não reclamaria, é claro, mas achei que valeria a pena esperar um pouco mais para descobrir como a situação entre nós iria se desenvolver.

— Eu ainda não sei o que quero em troca — expliquei, levantando-me de uma vez para encerrar a noite. — Vou te ajudar, Flor, e podemos deixar a quitação da dívida para depois.

Ela se levantou junto comigo e calculou mal a distribuição do seu próprio peso, pois o corpo se desequilibrou e seu braço roçou em meu abdômen. Notei o pulinho que deu para trás como se eu desse choques e fosse muito perigoso, e isso me deixou um pouco excitado. Maria Flor era uma presa instigante, por isso, fiz questão de tocar sua cintura para vê-la ainda mais desconcertada.

— Cuidado — murmurei, sorrindo sem tentar sensualizar.

— Então... — ela pigarreou e recuou para longe do meu alcance. — Se a sua cobrança futura não envolver sexo nem tráfico dos meus órgãos, temos um acordo fechado.

— Seus rins estarão seguros — declarei.

Mas não a sua calcinha, Flor.

CAPÍTULO 9

Maria Flor

Laura colocou uma xícara de café bem quente diante de mim, enquanto eu contava para ela sobre a minha aventura da noite passada. Não deu mais para evitar o assunto, visto que quando cheguei em casa quase às quatro horas da manhã, ela me flagrou justo no momento em que tinha saído de seu quarto para ir ao banheiro. Eu tive todo o trabalho de tirar minhas sandálias para não acordar minha amiga e, assim, fugir da sabatina, mas não adiantou.

— Eu realmente não acredito que você foi capaz de me trair desse jeito.

— Não seja tão dramática — pedi, assoprando a bebida quente.

— Você sabe como eu amaria ir a uma boate lotada de homens pelados!

— Eles não estavam pelados, Laura. — Tive que rir do exagero dela e balancei minha cabeça. — E eu não podia levar você comigo justamente por esse motivo. Eu fui fazer uma investigação, não me divertir.

Ela revirou os olhos por cima de sua xícara, segurando-a entre as mãos. Logo que acordei esta manhã, fui seguida por todos os cantos do apartamento até que me sentasse e contasse para Laura onde estive na noite passada. Minha amiga surtou quando falei sobre a *Red Kinky* e ficou magoada por não ter sido convidada para me acompanhar.

Precisei prometer a ela que se surgisse uma nova oportunidade de voltar

ao lugar durante uma noite qualquer, eu a levaria comigo. O que Laura não sabia, no entanto, era que naquela manhã mesmo eu tinha um compromisso com o Gabriel, que me aguardava lá na *Red Kinky* para que eu pudesse dar uma conferida nos registros antigos de sua mãe.

Depois de ter almoçado um prato de salada e um pouco de macarrão do dia anterior que sobrara na geladeira, fui me encontrar com ele na boate. O lugar estava silencioso e vazio, como da primeira vez em que o visitara. O serviço de limpeza da casa era muito eficiente, visto que tudo parecia impecável, à espera de mais um dia de funcionamento.

— Você de novo! — A mulher loira e mais velha que tinha me recepcionado da primeira vez, apareceu atrás de mim.

Eu me lembrava que não tinha sido simpática e não parecia querer se esforçar dessa vez, encarando-me com um olhar nada amigável. Para ser sincera, os funcionários da casa noturna ainda não tinham me convencido de sua simpatia, com exceção do segurança que sempre sorria ao me ver.

— Bom dia — respondi, sendo educada. — Sim, sou eu de novo. Mas dessa vez eu marquei com...

— Eu já te falei que não vai conseguir informação nenhuma por aqui — a mulher me interrompeu, prestes a segurar meu braço. — Se você não...

— Espere, Cláudia! — Uma voz grave surgiu de trás de mim e me fez arrepiar, pois sabia quem era seu dono. — A garota está comigo, pode recolher suas garras.

Não precisei me virar porque logo Gabriel parou ao meu lado e passou o braço por cima dos meus ombros. Considerando que eu não estava de salto alto e usava apenas um bom par de tênis confortáveis, a imagem deve ter ficado engraçada pela diferença de tamanho entre nós.

— Pois se você queria o Gabriel, bastava ter dito isso da primeira vez em

que apareceu para me perturbar — declarou a loira, olhando para mim com muito desdém. — Para que inventar tanta história maluca sobre investigação?

Então ela se virou de costas abruptamente e saiu andando, sem nem me dar espaço para retrucar.

— Ela é muito simpática — concluí num sussurro porque tinha até medo de que a mulher escutasse.

— Cláudia é assim mesmo, bastante peculiar.

— Você quer dizer grossa, né? — rebati, desvencilhando-me dele e me virando para encará-lo. — Ela trabalha aqui há muito tempo?

Ele gesticulou para que eu o acompanhasse e saiu na mesma direção que Cláudia seguiu. Eu me lembrava do caminho, era o que daria também no camarim onde conheci Gabriel.

— Cláudia trabalha aqui há mais tempo do que eu. — Ele riu. — Era a melhor amiga da minha mãe e hoje somos sócios. Porém, como ajudou a me criar, meio que desenvolveu um instinto materno e protetor por mim.

— Protetor? Jura? — questionei, achando estranho. — Se deixar que você dance pelado sobre um palco com um monte de mulher alisando seu corpo é ser protetor, então eu desconhecia esse novo significado da palavra.

— Você sabe que não danço pelado, Flor — Gabriel estalou a língua e se virou para mim, bloqueando minha passagem e tocando meu cabelo. — Para conferir o material inteiro, tem que fazer por merecer.

Ah, fala sério. Não tinha lógica nenhuma o meu coração ter disparado só por conta daquela interação. O homem diante de mim nem estava exibindo tantos músculos dessa vez, pois vestia calça e camisa comuns. Claro que para o corpo de Gabriel, nenhuma roupa ficaria completamente decente, considerando os bíceps largos, o peitoral inflado e as coxas grossas — sem contar a bunda maior do que a minha. Mesmo assim, era descabido ficar

sofrendo reações fisiológicas patéticas toda vez que o cara me olhava de um jeito mais intenso ou tocava em mim.

— É Maria Flor pra você. — Dei um safanão na mão dele.

O tal do Mister Sex abusado soltou uma risada e se afastou, subindo uma escada que nos levou até o segundo andar da casa. Não sabia se aquele pavimento era liberado durante o funcionamento do estabelecimento, mas não tive tempo para conferir nada porque precisei seguir Gabriel por uma porta que ele destrancou com a chave que tirou do bolso.

Não demorou muito para que eu fosse apresentada à residência dele, que nada mais era do que um anexo da *Red Kinky*. Um espaço amplo, limpo, organizado e bonito. Seria impossível dizer que Gabriel era rico, mas aparentemente, ele parecia levar uma vida boa.

— Sempre morou aqui? — perguntei com certa curiosidade.

— Sim. Morava com a minha mãe até meus vinte e cinco anos, depois ela decidiu ir para um apartamento e deixar o espaço todo para mim.

— Legal — murmurei, pensando que a mãe não devia aguentar as tantas mulheres que o filho trazia para cá.

Encarei as janelas e me aproximei para conferir a paisagem, percebendo que elas davam acesso à rua dos fundos da boate. Eram suficientes para deixar entrar a luz natural no ambiente, decorado com móveis de madeira clara e cozinha de conceito aberto.

— Vamos ao que interessa? — perguntou Gabriel, sem me dar tempo para observar melhor sua mobília.

Eu o segui pelo corredor com algumas portas fechadas até passarmos pela última, que dava acesso a mais uma escada. Um sótão bem escuro, nada propício para entrar com um cara que eu tinha acabado de conhecer. Perfeito para um filme de suspense. Era bom que essa biografia se tornasse um *best-*

seller por todo o sacrifício que eu estava fazendo.

— Como eu sou uma pessoa incrível, facilitei o seu trabalho e reuni as fichas que começavam com L — disse ele quando eu terminei de subir e cheguei ao sótão.

Diferente do apartamento lá embaixo, aqui tudo era uma completa bagunça. Havia caixas e mais caixas, sem contar móveis antigos e diversos armários de arquivo. O cheiro de poeira abafada por muito tempo era forte e eu me senti levemente sufocada.

— Pelo visto, a rotatividade em uma boate de *stripper* é bem alta — comentei ao notar que tinha muita papelada guardada.

— Claro que é. Ou você acha que é o emprego dos sonhos de todo mundo? — O dançarino sorriu com malícia e apontou numa direção. — Enfim, olhando por alto, eu não achei nenhuma Lia Barker, mas tem uma ficha em nome de Liana Barreto. Ambas possuem as mesmas iniciais, talvez seja o nome de batismo e...

— O nome verdadeiro de Lia é Eulália Barros.

O sorriso de Gabriel esmaeceu aos poucos conforme a decepção foi tomando conta de sua expressão.

— Eulália —repetiu. — Você pretendia me contar isso em algum momento? Podia ter me poupado um tempo.

Quando cruzou os braços, seus músculos ganharam maior evidência e atraíram meu olhar. O que era péssimo, porque não queria que Gabriel soubesse que eu me afetava como qualquer outra mulher.

— Em minha defesa, eu não sabia que você daria uma de detetive e sairia procurando sozinho — respondi, passando por ele e me aproximando das caixas. — Se me der licença, vou começar a trabalhar.

Enquanto me sentava no chão e colocava minha bolsa de lado, sentia a

atenção do *stripper* sobre mim. Ele me encarou por um tempo em silêncio, até que bateu os dedos no encosto de uma cadeira velha e cheia de mofo antes de se virar de costas, pronto para descer e me deixar sozinha naquele mausoléu amaldiçoado.

— Claro que seria muito educado de sua parte se me oferecesse ajuda — murmurei, provocando. — Daria menos trabalho e seria mais rápido.

— Eu ter permitido que você subisse aqui já é a minha ajuda, Flor.

— Ah, fala sério! Dá uma olhada ao redor, o lugar está uma bagunça. Vou levar dias para encontrar o que preciso e, caso não se lembre, estou em dívida com você. — Ergui meu dedo indicador quando vi o sorriso brotar no rosto bonito. — Vou considerar o acordo nulo se não me ajudar.

Gabriel gargalhou e balançou a cabeça como se eu estivesse perdida e, tudo bem, talvez estivesse mesmo, considerando que não fazia a menor ideia do que ele pediria como pagamento quando chegasse a hora.

O homem alto e forte puxou a calça *jeans* na altura da virilha antes de se sentar do meu lado e arrastar uma das caixas para si.

— Sua dívida está aumentando, mocinha.

Fiz uma careta e comecei a folhear ficha por ficha, prestando bastante atenção nas fotos antigas para não deixar nenhum detalhe passar por mim. Era um pouco desanimador por não estarem em ordem alfabética e apenas a letra E me interessava.

— Você disse que sua mãe era organizada — falei, passando de pasta em pasta à procura do nome de Eulália. — Não é o que parece.

— As caixas estavam organizadas quando ficavam lá embaixo, no escritório. Ficou tudo bagunçado quando eu as trouxe para cá.

Levantei a cabeça e fitei Gabriel, que parecia concentrado e não percebeu meu olhar fulminante.

— Então a culpa foi sua!

Ele me encarou e um sorriso travesso surgiu em seus lábios. O filho da mãe era muito atraente, o tipo de homem que sabia o poder que possuía num simples olhar. Só que eu não era nenhuma garota ingênua e não cairia naquela armadilha que Gabriel devia jogar na direção de qualquer mulher que olhasse para ele.

Decidi me concentrar no trabalho e procurei ignorar a presença sufocante tão perto de mim. Ficamos ali por quase uma hora e eu me sentia cansada, além de que a poeira começava a atacar a minha rinite. Os espirros se tornaram frequentes e eu realmente estava pensando em desistir quando Gabriel soltou um suspiro alto demais.

— Eulália Barros. — Ele sorriu para mim, com uma pasta nas mãos. — Parece que salvei seu dia, Flor.

O *stripper* esticou a ficha na minha direção e eu fiquei tão animada pela descoberta que nem liguei para a piadinha, apenas peguei os papéis e conferi o nome na capa. Havia uma foto pequena, do tipo padrão de identidade, e outras imagens maiores de Lia Barker em cima do palco. Era ela! Bem mais jovem, com cabelos mais curtos e um sorriso que eu não vi no dia da entrevista.

Eu me levantei, querendo abraçar a pastinha que continha a ficha e correr para casa com ela. Gabriel se colocou atrás de mim, perto demais para o meu gosto, e olhou por cima do ombro.

— Uau — disse, pegando uma foto que mostrava Lia em cima do palco, apenas de *lingerie*. — Ela era gostosa.

CAPÍTULO 10

Gabriel

Não tinha levado muito a sério essa brincadeira de detetive de Maria Flor, mas estava dando corda para descobrir até onde a garota iria. Para mim, era apenas uma jovem que acabara de sair da faculdade e sentia necessidade de colocar alguns aprendizados em prática. Havia embarcado nessa com ela por curiosidade e, também, para mantê-la por perto durante mais um tempo, até entender o interesse que a morena me causava.

Estava pouco me importando para Lia, Eulália e sei lá mais quem que tivesse trabalhado na RK no passado. Costumava apenas viver o presente da melhor forma possível e tentar planejar um pouco o futuro. No entanto, a menina parecia obstinada com essa história.

Olhando para a foto da mulher sobre o palco, constatei que a tal Eulália era realmente muito bonita e deve ter feito muito sucesso na casa. Eu não acompanhava absolutamente nada de moda, seu nome de modelo era conhecido por mim apenas por ser muito falado na mídia e só. Portanto, aquela era a primeira vez que eu reparava mesmo na mulher tão famosa.

— Só tem um contrato — Maria Flor murmurou, cabisbaixa, jogando a ficha sobre uma pilha de várias outras. — Não acredito que gastei minha manhã inteira para achar apenas um contrato.

Ela estava falando sério? Não tinha pensado no mais óbvio?

— Contratos costumam conter dados importantes, gatinha. — Peguei a ficha de volta. — Como CPF, RG, endereço... Sei que a sua geração só se importa com *smartphones*, mas antigamente, as coisas funcionavam de outra forma.

— Minha geração? — Ela arqueou a sobrancelha grossa. — Está tentando me chamar de pirralha?

Observei sua expressão petulante, a mão na cintura e o pé direito batendo com irritação no assoalho. Ela estava especialmente atraente naquela manhã, com um *short jeans* curtinho de bainha dobrada, uma camiseta branca simples e um *blazer* caramelo com as mangas arregaçadas. As coxas finas e muito brancas chamavam minha atenção e eu adoraria saber como era o cheiro por dentro delas.

— Depende da idade que você tem — respondi sua pergunta. — Vinte e cinco?

— Tenho vinte e dois anos — ela disse com orgulho na voz e o queixo empinado na minha direção. — E você?

Porra, sabia que era nova, mas não achei que fosse tanto.

— Trinta e oito.

Os olhos de Maria Flor aumentaram ainda mais de tamanho e, em seguida, a testa dela se franziu enquanto me observava com mais atenção.

— Mentira.

— Quer que eu mostre minha carteira de habilitação? — questionei à mocinha.

— Você é muito mais velho do que imaginei.

Levei a mão ao meu coração e fiz uma careta, cambaleando para trás até

me encostar na parede. A menina revirou os olhos e se aproximou, colocando uma mecha dos cabelos pretos atrás da orelha pequena.

— Sei que estou conservado, Flor — brinquei, piscando para ela. — Obrigado pelo elogio.

— Você é quase da idade do meu pai — frisou a filha da mãe, franzindo os lábios. — Como aguenta dançar tanto sem se cansar? Eu vi o que faz no palco.

A gargalhada muito alta escapou pela minha garganta antes que eu conseguisse me controlar. De onde saíam aquelas crianças, afinal de contas? Não me lembrava da última vez que parei para conversar com alguém tão nova e era um pouco ultrajante ouvir tanta baboseira.

— Você me acha velho o suficiente para não conseguir dançar por alguns minutos, Flor? — perguntei, aproximando-me até segurar o rosto dela entre minhas mãos e impedir que recuasse. — Meu preparo físico é excelente, gatinha. E esse não é o único exercício que eu faço constantemente.

— O endereço... — murmurou, desviando os olhos dos meus e tocando minhas mãos para tentar afastá-las. — Vamos ver o endereço que consta na ficha, por favor?

Como era paciente e tinha todo o tempo do mundo, eu a soltei e deixei que fosse conferir o que tanto desejava. Maria folheou os papéis e tirou o celular do bolso para fotografar o endereço que encontrou.

— Considerando que isso tem muitos anos, será que alguém da família ainda mora lá? — perguntou, parecendo divagar.

Tirei a ficha da mão dela para ver qual era o bairro e percebi que conhecia aquela rua. Não era o melhor dos lugares e, além disso, o trânsito para a Zona Sul era caótico.

— É um pouco longe daqui — constatei.

— Se eu sair agora, consigo chegar lá antes do almoço.

A menina era elétrica e já estava pegando sua bolsa para descer do sótão, me fazendo apagar rápido a luz e ir atrás dela. Então, eu disse uma coisa que nem mesmo esperava dizer e não sabia que merda era aquela que estava fazendo.

— Eu a levo de moto.

Se eu tivesse falado que a esquartejaria na minha cozinha, talvez Maria Flor não tivesse reagido tão mal como foi ao ouvir minha sugestão sobre a carona. Ela se virou para mim, parada no meio da minha sala de estar e de jantar, levou as mãos à cintura e dobrou o corpo no meio ao soltar uma risada baixinha.

— Nem pensar!

— Prefere gastar com a passagem e ficar presa no trânsito? — perguntei, surpreso.

— Prefiro me deslocar até lá sem estar em cima de um caixão em movimento, sendo obrigada a roçar no seu corpo — disse ela e, em seguida, apontou o dedo para mim. — Você não tem cara de quem respeita os limites de velocidade.

Eu poderia ficar discutindo e estendendo aquela conversa, mas não tinha tanta paciência para isso. Sendo assim, passei minha mão pelo chaveiro e peguei minha carteira, enquanto ainda ouvia a Maria Flor tagarelar.

— Qual é a sua, afinal? Mais cedo nem queria me ajudar com as caixas e agora quer me dar uma carona para o outro lado da cidade. Você é bipolar?

— A senhorita está indo a um endereço de décadas atrás, que encontrou num documento de minha propriedade, para fazer perguntas polêmicas sem nem saber quem vai encontrar por lá. — Toquei o braço dela, indicando a

porta de saída, pela qual passamos juntos. — Não vou deixar que seja assassinada para a culpa, depois, cair sobre mim.

— Assassinada? Jura?

Claro que esse não era mesmo o motivo real para dar a carona. Eu simplesmente queria ter um pouco mais de contato com a garota porque algo me dizia que ela não seria do tipo que ficaria voltando na *Red Kinky*.

— Digamos que estou achando toda essa história levemente emocionante — murmurei, soltando-a para trancar a porta de acesso à minha casa.

— Você não tem mais o que fazer? Tipo, gerenciar uma boate?

— Eu tenho uma sócia — respondi.

•

Não demorei a perceber que para lidar com Flor, era mais fácil apenas fazer. Se desse espaço e esperasse pela confirmação dela, ficaríamos ali o dia todo, portanto, eu apenas a levei até a moto e enfiei um capacete sobre sua cabeça.

— Já andou em alguma antes? — perguntei, ajeitando-a enquanto a garota franzia os lábios para demonstrar que não estava feliz.

— Nunca.

— Você vai gostar. — Pisquei para ela e alisei seus ombros. — Tenho certeza!

— Estou empolgadíssima.

Gargalhei com a expressão de ódio direcionada a mim e precisei controlar o impulso que me causou uma vontade de dar um selinho nela.

Desviei minha atenção para ensiná-la a montar direito sobre uma moto e me sentei, esperando por ela. Os braços tímidos circularam a minha cintura e inclinei minha cabeça um pouco para trás, observando as coxas nuas em evidência.

— Você tem plano de saúde? — perguntei. — Para o caso de cairmos e tudo mais...

— POR QUE A GENTE VAI CAIR, GABRIEL?

Ri com o escândalo que ela fez e dei a partida na moto antes que a ninfetinha saísse correndo de mim. Era pura brincadeira, porque aprendi que ela levava provocações muito a sério. E ciente disso, eu estava curioso para descobrir como mais ela reagiria com outros tipos de provocações.

CAPÍTULO 11

Maria Flor

Foi estranho e diferente andar de moto, principalmente quando o homem que eu estava agarrando era Gabriel Guerra. O medo me fez apertar meus braços o máximo possível ao redor do corpo dele assim que deu a primeira acelerada. Mantive meus olhos fechados por quase todo o percurso, abrindo só quando a gente parava em algum semáforo e, mesmo assim, minha cabeça rodava.

Assim que ele estacionou, eu saltei com pressa. Joguei o capacete em cima do banco e fui até a calçada, certa de que iria vomitar. Minhas mãos tremiam, minhas pernas estavam bambas e meu estômago embrulhado.

Curvei meu corpo, esperando colocar meu café da manhã para fora, mas nada aconteceu. Então me endireitei, respirei fundo algumas vezes, de olhos fechados, até a sensação ruim passar. Não queria nunca mais repetir aquela brincadeira.

— Tem certeza de que não está grávida? — Gabriel perguntou.

Abri os olhos e o encarei, com um pouco de raiva. Estava ao lado da sua moto preta, ainda segurando o seu capacete, e me lançou um olhar debochado.

— Nem vou responder a sua pergunta.

— Não precisa ficar nervosa, Flor — ele disse, deixando o capacete para trás e se aproximando de mim. — Dirijo há muito tempo e nunca sofri um acidente.

Como se ele pudesse mesmo provar o que dizia. Eu não acreditava, até porque se estava tonta, era culpa de Gabriel que mostrou ter a mania horrível de ficar costurando no trânsito.

De qualquer forma, me sentia um pouco mais disposta e minhas pernas tinham parado de tremer igual gelatina. Consegui dar alguns passos firmes na direção da campainha da casa diante de mim e, antes de tocar, parei e respirei fundo algumas vezes para me acalmar. Esperei até que me sentisse mais calma, relaxei os ombros e, finalmente, apertei o botão.

Alguns segundos depois, o portão foi aberto e uma mulher de uns sessenta anos apareceu, sorrindo para mim e Gabriel, que tinha parado do meu lado. Não pude deixar de achar graça da postura dele, parecendo um guarda-costas, como se a qualquer momento alguém fosse aparecer e atirar contra mim.

— Posso ajudar? — perguntou a senhora.

— Oi, tudo bem? — Devolvi o sorriso, me sentindo confiante. — Meu nome é Maria Flor e estou procurando a senhora ou o senhor Barros. Eles estão?

A mulher esboçou uma careta que deixava claro que não teria a resposta que eu procurava.

— Aline e Frederico não moram mais aqui há algum tempo — disse. — Comprei a casa deles faz uns cinco anos.

Tentei não me decepcionar, afinal, isso não queria dizer que eu ainda não poderia encontrar o casal. Talvez a própria mulher soubesse de algo, já que para comprar a casa, ela teve contato com eles.

— Por acaso, a senhora sabe onde moram agora? — perguntei, fazendo minha melhor cara de boa moça. — Ou teria o número de telefone deles?

Ela balançou a cabeça na negativa.

— Não, perdi o contato com eles há muito tempo. Sinto muito, querida.

— Não tem problema. — Sorri em agradecimento, mas já não me sentia tão confiante. — De qualquer forma, obrigada pelo seu tempo.

Eu me virei quando Gabriel já caminhava na direção de sua moto, quando a mulher me chamou e eu voltei a encará-la.

— Se conseguir encontrá-los, me avise, por favor — pediu, encolhendo os ombros. — Até hoje chega correspondência para eles aqui em casa. Tenho uma caixa cheia de cartas. Semana passada eu recebi um cartão de crédito do banco Itaú, em nome do Frederico, acredita?

Essa era uma informação muito válida, afinal de contas, correspondências deixavam rastros. Sabia que conseguiria pensar em usá-las a meu favor de alguma maneira.

— Qual é mesmo o nome da senhora?

— Bárbara Silva — respondeu ela, simpática.

— Muito obrigada, dona Bárbara. Pode deixar que eu avisarei se conseguir encontrá-los.

Acenei para ela e voltei minha atenção para Gabriel quando a mulher fechou o portão atrás de mim. O *stripper* estava encostado na moto, com os braços cruzados e o olhar sério em minha direção. A pele morena contrastava lindamente com os olhos azuis, mesmo que a cor não fosse daquele tom tão claro.

— Pelo visto, você não teve sorte, Flor.

— Não — respondi, sorrindo. — Mas isso não quer dizer que eu não

tenha conseguido nada. Eu tive uma ideia que vou colocar em prática assim que chegar em casa.

Percebi que ele esperava que eu compartilhasse com ele, mas me mantive calada. Ajeitei minha bolsa no ombro e estiquei minha mão para o homem bonito, que apenas encarou meus dedos.

— Acho que a gente se despede por aqui — expliquei. — Obrigada pela carona e pela ajuda, Gabriel. Quer anotar meu telefone? Assim que souber como pretende cobrar minha dívida, pode fazer contato comigo.

Ele não apertou minha mão, mas a segurou entre as suas, alisando minha pele de um jeito que parecia dizer muita coisa além de uma simples despedida. Seu toque conseguiu me arrepiar e causar um frio na minha barriga, mas fui forte e mantive a postura.

— Flor... — Gabriel estalou a língua, baixando o tom de voz e aumentando sua rouquidão. — Vou deixar o *meu* número com você, porque sei que ainda vai me procurar.

— Sua autoestima é impecável — rebati, tentando, em vão, puxar minha mão. — Mas tudo bem, talvez seja melhor assim.

Eu nunca ligaria para ele e, sem ter meu telefone, Gabriel não poderia me procurar para cobrar a dívida. Portanto, com a mão que estava livre, puxei meu celular do bolso traseiro do meu *short*, desbloqueei a tela e o estendi para ele.

— Coloque seu número aí — pedi.

Finalmente, o *stripper* me soltou e pegou meu aparelho, arqueando a sobrancelha ao encarar a tela. Meu papel de parede era um tema dos *Minions* que eu sempre esquecia de trocar.

— Vou aguardar ansioso pela sua ligação, Flor. — O idiota digitou devagar, com um sorriso convencido no rosto, até que me devolveu o

telefone. — Sobe aí que eu a deixo em casa.

Foi a minha vez de rir, enquanto recuava para me afastar dele.

— Nunca mais eu subo numa moto — declarei em alto e bom som para não deixar nenhuma dúvida no ar. — Foi a primeira e última vez. Obrigada pela carona e... até nunca mais!

Por sorte, Gabriel não tentou me convencer do contrário e eu estava caminhando na direção da próxima estação de metrô quando ele virou a esquina, com a moto roncando para longe de mim.

Tive que fazer três baldeações para chegar em casa e assim que cheguei, fui preparar meu almoço porque meu estômago já reclamava. Enquanto deixei o frango cozinhando, tomei um banho porque tinha a impressão de que a poeira dos arquivos de Gabriel estava entranhada na minha pele.

Mais tarde, depois de finalmente comer e deixar a louça na pia, fui para meu quarto e me sentei na cadeira de frente para minha escrivaninha. Peguei o celular e liguei para um amigo de infância, que eu sabia que trabalhava dentro do Itaú. A ligação tocou três vezes antes de Rodolfo atender e fui logo sendo cumprimentada pelo jeito carinhoso que a gente se tratava.

— *Nanica, quanto tempo!*

— Você sabe que não sou nanica — rebati o safado. — Um metro e cinquenta e oito é uma altura razoável para uma brasileira.

— *Claro. E eu não sou gordo.*

— Não, Rô. Você é realmente gordo — respondi, rindo. — Tudo bem contigo?

O barulho ao fundo da ligação indicava que ele estava no trabalho naquele momento, o que era ótimo e seria ainda mais útil.

— *Tudo indo... A vida de sempre, pouco dinheiro, pouco tempo, você*

sabe... Mas me diz, está pela cidade?

Rodolfo ainda morava em Campinas, por isso a gente não se via tanto, mas sempre que eu ia visitar meus pais, marcava de sair com ele. Nunca rolou nada entre nós, a relação era de pura amizade mesmo, até porque a garota de quem ele atualmente estava noivo, também era uma amiga da nossa turma.

— Estou em São Paulo mesmo, mas no final do mês que vem eu marquei de ir para a casa dos meus pais — respondi, ajeitando-me na minha cadeira, ansiosa. — Rô, eu tô ligando pra pedir um favorzão, do tipo que vai me deixar com uma dívida enorme contigo.

— *Desde que me pague uma caixa de Heineken...* — Fiz uma careta, não entendia como ele podia gostar daquela bebida ruim. — *Fala, do que precisa?*

— Você consegue descobrir o endereço de um cliente do banco, através do nome dele ou de um endereço antigo?

— *O cliente é você?* — perguntou, rindo. — *Porque sabe que não posso ficar passando informações desse tipo, né? Sigilo bancário e tudo mais...*

— Por favor! Prometo que não vou matar nem roubar ninguém. Estou escrevendo a biografia da Lia Barker e preciso encontrar os pais dela.

— *Lia Barker?* — Rodolfo assobiou. — *Caralho, ela é tão gostosa!*

— Sim, ela é. — Revirei meus olhos pelo comentário típico de todo homem. — E aí? Vai ajudar a sua amiga que empurrou sua bunda quando entalou ao tentar pular o muro do colégio?

— *Você é baixa, nanica.*

— Literalmente.

Rodolfo suspirou e ficou em silêncio por alguns segundos. Quando, por

fim, concordou em me ajudar, eu passei a ele o endereço antigo de Frederico Costa Barros e esperei que fizesse sua mágica.

— *Nanica, no sistema só consta mesmo o endereço que você já possui. Tem um número de celular aqui, mas não sei se está atualizado.*

— Eu quero mesmo assim. — Peguei uma caneta e anotei quando Rodolfo respondeu. — Sabe que te amo, né? Tô te devendo muito!

— *Se te prenderem ou processarem, não lembre que me conhece* — pediu ele, brincando, e logo nos despedimos para que Rodolfo pudesse voltar a trabalhar.

Desliguei o celular com o número de telefone anotado no meu caderno. Encarei a página, ainda sorrindo, extremamente orgulhosa de mim e agradecida pelo empurrãozinho do destino. Se aquela senhora não tivesse comentado sobre o cartão do Itaú, eu não teria a ideia de pedir ajuda a um amigo.

Ansiosa para dar continuidade à minha pesquisa, peguei meu aparelho para fazer a ligação, mas acabei recebendo uma chamada em vídeo de Laura. Queria muito recusar e ligar depois, mas não era comum ela me ligar da rua porque morávamos juntas, então fiquei preocupada e acabei atendendo.

— *Olha o que fizeram comigo!* — Seu rosto lindo entrou em evidência, mostrando uma cara de choro. — *Por que eu sou tão azarada?*

— O que fizeram? — perguntei, nervosa, porque ela não estava sangrando nem nada. — Você se machucou?

Eu só conseguia ver que Laura estava sentada numa cafeteria. Mesmo quando ela afastou o celular e o campo de visão aumentou, ainda não consegui descobrir o que havia de errado.

— *Olha os meus cabelos, amiga* — ela murmurou, fechando e apertando os olhos. — *Eu pedi para a Margarida aparar só um pouco as pontinhas e*

ela tirou a metade!

Primeiro, eu respirei fundo para controlar a vontade que senti de gritar um palavrão. Não acreditava que Laura tinha me deixado preocupada por causa de um corte de cabelo. Segundo, observei atentamente as mechas jogadas por cima dos ombros e não vi diferença alguma no comprimento.

Os cabelos loiros dela eram imensos e Laura odiava cortá-los. Sempre que ia ao salão, era só para aparar as pontas, e mesmo assim sempre reclamava que tinha cortado muito. Sinceramente, não dava para perceber diferença nenhuma. Ou talvez eu fosse mesmo insensível nesse assunto, porque adorava manter meus cabelos bem curtos.

— Ficou ótimo — falei, querendo dar um tapa virtual na minha amiga.
— Não achei que Margarida errou no corte. Mas quando você chegar em casa, eu vejo de perto, ok? Preciso desligar, Lala.

Encerrei a ligação e encarei o número que tinha anotado no caderno. Ia mesmo fazer contato com o pai de Lia Barker e esperava que minha busca não tivesse sido em vão.

CAPÍTULO 12

Gabriel

Não era costume eu acordar num sábado antes do meio-dia, considerando que, quase sempre, estava acompanhado na cama. Isso, no entanto, não impediu meu celular de tocar de forma estridente e me obrigar a atendê-lo com certa irritação quando constatei não ser nem onze horas.

— O que é? — perguntei enquanto virava o rosto para o lado e observava a ruiva que eu tinha comido de madrugada, bocejar toda preguiçosa.

— *Bom dia, Gabriel! Como foi sua noite?*

— Quem está falando?

— *Ah.* — A voz muito alta pigarreou. — *Sou eu, Maria Flor.*

O nome dela me fez despertar de uma vez e eu me vi deslizando a mão pelo abdômen até meu pau ereto. A ruiva ao meu lado já tinha se sentado na cama, ainda pelada, e eu adoraria ter tido mais tempo para meter na sua boceta mais uma vez. Porém, a garota com nome bonito conseguiu quebrar o clima entre nós dois.

— Flor, quando falei que você me procuraria, não quis dizer para me ligar tão cedo num sábado de manhã e me acordar — murmurei, envolvendo meu pau com meus dedos e imaginando a boca de lábios volumosos no lugar

da minha mão. — Já sentiu saudades, gatinha?

— *Desculpe se te acordei, não imaginei que ainda estivesse dormindo* — ela respondeu, suspirando em meu ouvido e eu parei de me tocar. Sabia que a conversa não iria para a direção que eu gostaria que fosse. — *Então, eu consegui falar com o pai da Lia.*

Não me surpreendi ao ver que era esse o assunto em questão. A menina demonstrou ser mesmo focada em seus objetivos.

— Como os encontrou? — perguntei, sentando-me na cama e observando a bunda da ruiva gostosa, enquanto ela se vestia.

— *Tenho um amigo que trabalha no Banco Itaú e conseguiu o número do telefone do Frederico Barros. Então, eu liguei para lá, fingi ser a Bárbara, aquela senhora que conhecemos ontem, e disse que estava com as correspondências deles.*

— E eles acreditaram?

— *Claro!* — disse ela, parecendo muito animada. — *Inclusive, eu pedi o endereço atual deles e avisei que mandaria meu sobrinho levar as cartas hoje à tarde.*

— Algo me diz que o sobrinho em questão, sou eu — murmurei, deixando escapar um sorriso ao notar que ela deu um jeitinho de se manter conectada a mim.

— *Achei melhor envolver você na história, pois já sabe de tudo, do que ter que procurar outra pessoa e precisar colocá-la a par de tudo. Mas adivinha só? Os pais da Lia têm um compromisso logo depois do almoço, então precisamos ir lá tipo, agora.*

Eu podia negar toda essa maluquice e continuar dormindo ou apenas manter minha rotina normal, sem me meter nos problemas da ninfeta. Só que não era assim que as coisas funcionavam. Uma vez que meu cérebro se

interessava por alguém, eu não conseguia simplesmente ignorar a pessoa. Mesmo que isso me custasse horas preciosas da minha vida.

Conferi o relógio no celular rapidamente e avaliei o tempo que levaria para jogar uma água no corpo, me vestir e sair de casa depois de me despedir da ruiva.

— Flor, dependendo de onde você more, posso até chegar rápido para te buscar — comentei, levantando-me e deixando que a gostosa da noite passada me beijasse no rosto ao se despedir. — Mas se o casal morar muito longe, aí não sei se chegamos antes que saiam.

— *Não precisa me buscar, eu estou na sua porta.*

Parei de andar pelo quarto e percebi que ela tinha conseguido me surpreender. Maria Flor era mesmo ligada na tomada e se tornava cada vez mais interessante aos meus olhos.

— Então, pode subir — avisei. — Sabe como chegar aqui em cima.

Desliguei o celular na cara dela para que não tivesse chance de discordar de mim e estalei os dedos para a ruiva que já quase passava pela porta do meu quarto.

— Deixe a entrada lá embaixo destrancada, ok? — pedi para a mulher cujo nome eu não lembrava.

Ela não pareceu tão feliz quanto estava no momento em que chegou aqui, mas foi embora sem dizer nada. Aproveitei para entrar de uma vez no banheiro e fiz o possível para não demorar muito debaixo do chuveiro. Quando saí com uma toalha enrolada na cintura e fui até a sala, encontrei Maria Flor sentada no sofá, com um porta-retratos na mão.

— Sua mãe era muito bonita — disse ela, olhando para mim.

— Era sim. — Passei direto para o lado da cozinha e tirei o pacote de café do armário, despejando um pouco na cafeteira. — E ela nunca foi

stripper, ao contrário da Cláudia.

Enchi o compartimento de água e liguei a cafeteira, depois peguei três ovos, levei a frigideira ao fogão e fiz ovos mexidos com um pouco de pressa.

— Quer café? Comer alguma coisa?

— Não, obrigada — respondeu a garota, levantando-se e parando do outro lado do balcão. — Vi sua namorada lá embaixo. Espero que ela não fique com ciúmes de mim.

Enquanto despejava os ovos num prato, movi apenas os meus olhos na direção da moreninha e sorri, sabendo que estava me provocando.

— Tenho mesmo cara de quem namora? Acho que quem está com ciúmes é você, Flor.

Ela revirou os olhos para mim e se debruçou sobre o balcão. Naquela manhã, estava vestindo um *jeans* claro de modelagem larga e uma blusinha azul que deixava boa parte da cintura fina à mostra. Era uma moleca, mas eu adoraria vê-la usando algo mais sensual e provocante.

— Era uma cliente da boate? — perguntou e eu tive que lembrar do que estávamos falando.

— Sim, mas não é sempre que durmo com uma frequentadora da casa — respondi, servindo-me uma xícara de café e puxando uma banqueta para me sentar e comer. — Fica tranquila, Flor, pois posso abrir uma exceção para você.

— Nos seus sonhos, né, GG?

— GG? — Sorri, tomando um gole do café bem quente. — Como você acertou se ainda não me viu pelado?

Flor revirou os olhos, mas não conseguiu evitar o rubor nas bochechas.

— Sabe muito bem que estou me referindo às suas iniciais.

Claro que sabia, mas provocar sempre tornava tudo muito mais gostoso. Mesmo assim, foquei em tomar meu café, terminar de comer os ovos e dei a volta pelo balcão, parando ao lado dela e sussurrando em seu ouvido, enquanto tocava sutilmente na altura de suas costelas.

— Quer me acompanhar enquanto me visto ou prefere esperar aqui na sala?

Sua mão pequena tocou o centro do meu peito ao tentar me empurrar e por pouco eu não a segurei para levá-la para dentro da minha toalha. Achei mais inteligente ir logo me arrumar e deixar o joguinho gostoso para outra ocasião, se não quisesse perder tempo e viagem.

•

— Me explica de novo — pedi, colocando o capacete na cabeça dela, depois de gastar dez minutos convencendo-a de subir na moto. — Por que você mesma não aparece para entregar as correspondências?

— Porque seria estranho eu chegar lá com as cartas deles e, de repente, começar a fazer um monte de perguntas sobre sua filha famosa — respondeu Maria Flor. — Quando eu aparecer para eles, será como eu mesma, e não fingindo ser outra pessoa.

— Por que simplesmente não entrega nada? Que diferença isso vai fazer?

— Eu não deixo furos, Gabriel. E também não custa nada levar as cartas.

Senti os braços finos apertarem minha cintura quando dei partida na moto, notando que, dessa vez, Flor estava mais à vontade para me agarrar. Não que eu estivesse reclamando. Fazia parte da minha rotina ter mãos femininas passeando pelo meu corpo e não era algo que me incomodava.

Primeiro, voltamos ao endereço de Bárbara, a senhora que visitamos no dia anterior, e Maria pegou as correspondências com ela, que se mostrou muito agradecida. Isso me fez perceber como as pessoas em geral eram tão inocentes. A mulher entregou cartas que podiam ser importantes para uma completa desconhecida que podia muito bem estar simplesmente inventando tudo — o que, em parte, era verdade — para aplicar algum golpe.

Ao sair de lá, como eu não conhecia o endereço dos pais da modelo, colocamos a rota no GPS do celular de Flor e a garota foi me guiando sempre que necessário. Não era um bairro ruim nem de difícil acesso, então levamos pouco tempo para chegar. Parei a moto na esquina da rua do casal, como a menina pediu, e repassei com ela a história que os contaria.

O homem que me atendeu pelo interfone do apartamento era o próprio Frederico, e quando ele desceu até a portaria para me receber, foi muito simpático. Não chegamos a conversar, eu apenas disse o que fui instruído e logo voltei para o local onde deixei Maria Flor e minha moto.

Ela estava toda sorridente e parecia não se aguentar de empolgação.

— Deu certo?

— Claro que sim — respondi, subindo na moto. — O que você acha que vai descobrir quando voltar lá amanhã?

— Qualquer informação é válida. Ei, por que está rindo?

— Só estou pensando no trabalho que está tendo. — Balancei a cabeça, voltando a dirigir pela cidade. — Você quer tanto contar a história do passado da mulher, mas não percebe que está procurando no lugar errado.

— E o que isso quer dizer?

— Flor, você acha que vai encontrar algum grande segredo sobre Eulália Barros, a *ex-stripper*, mas não sabe nada sobre a vida de uma pessoa do ramo. Por que não se dá a oportunidade de conhecer o universo em que Lia

ou Eulália viveu?

— Porque virar *stripper* nunca esteve nos meus planos — ela murmurou no momento em que parei num semáforo vermelho e pude ouvi-la bufar. — Grande conselho!

— Em nenhum momento eu disse para se tornar uma *stripper*, gatinha. — Apertei o joelho dela e senti que deu uma estremecida. — Você, por acaso, conhece uma boate que possui vários deles. Os *shows* são ótimos!

Queria muito ver Maria Flor toda orgulhosa assistindo de verdade a uma apresentação minha, bem perto do palco. Se ela pisasse novamente na *Red Kinky* em uma próxima noite, não conseguiria fugir de mim.

CAPÍTULO 13

Maria Flor

Ajustei minha roupa ao corpo mais uma vez, porque ela insistia em ficar subindo pelas coxas, e encarei o letreiro em *néon* vermelho. Tinha escolhido um vestido vermelho mais arrumadinho, para não me sentir tão deslocada quanto aconteceu na primeira vez em que estive na casa. Foi Laura quem me deu de presente no meu último aniversário e eu raramente o usava porque o achava muito vulgar por ser curto, justo, vermelho, e ter um decote muito grande nos seios.

Quando vi que naquele sábado à noite a boate estava ainda mais cheia do que na quinta-feira, acabei me arrependendo de ter embarcado na ideia de Gabriel. Ele me disse para que eu fosse até lá e aproveitasse como uma cliente normal faria. Claro que isso não significava que eu fosse passar a mão em todos os caras que subissem no palco, muito menos deixaria que balançassem minha cabeça contra seus paus ou me arrastassem para o palco. Deus me livre.

Um trio de garotas histéricas esbarrou em mim quando passou e eu as observei correrem para a entrada da casa, enquanto eu ainda estava parada perto do segurança. Como devia parecer patética ali, tomei coragem e me movi junto com a massa de corpos que adentrava a boate. Estava realmente lotada e não havia nenhum lugar disponível para me sentar perto do palco ou

até mesmo no bar.

Um homem se apresentava e atraía os gritinhos do público enquanto eu tentava achar um lugar não tão cheio, mas me lembrei que a casa possuía um segundo andar e eu gostaria de saber se ele também era aberto para circulação. Fui em direção ao corredor que dava acesso àquela escada e quando estava me aproximando do primeiro degrau, ouvi um assobio.

Parei e virei o rosto para o lado, apertando os olhos para conseguir enxergar no corredor escuro.

— Olha só quem resolveu aparecer! — Gabriel logo apareceu na minha frente, vestindo um roupão fechado e um boné e, apesar do disfarce, eu o reconheceria facilmente.

— Oi, GG.

Ele tocou minha mão e me puxou para longe da escada, entrando comigo na escuridão do corredor. Na certa, preferia não ser visto por nenhuma cliente antes do seu momento de glória.

— Escutou meu conselho, né? — perguntou, alisando meus dedos com o polegar. — Vai apreciar o meu *show*, Flor?

— Você vai parar de me chamar de Flor algum dia?

Paramos de frente para a porta que daria acesso aos camarins e coxia, então Gabriel se virou de costas para o corredor e sua posição fez com que a luz *néon* vermelha na parede atrás de mim, iluminasse o rosto sedutor. Ele parecia ainda mais impactante e perigoso com o sombreado vermelho em seu corpo.

Seu sorriso se tornou ainda mais cafajeste.

— Não, Flor. Não pretendo parar. — Gabriel passou os olhos pelo meu corpo de um jeito muito descarado e tocou minha cintura, me fazendo estremecer. — Você está gostosa esta noite. Adoro vermelho. E a cor

combina muito com você, sabia?

— Gostosa? — Estreitei meus olhos para ele. — Diz isso para todas que entram aqui?

O *stripper* abriu um sorriso divertido e balançou a cabeça, dando dois passos à frente de forma que eu fui obrigada a colar minhas costas na parede atrás de mim. Fiquei um pouco horrorizada quando seu joelho entrou no meio das minhas pernas conforme Gabriel se inclinava na minha direção.

— Não digo — respondeu, afastando meus cabelos ao redor da orelha para roçar os lábios ali. — Falo apenas para aquelas com quem vou foder.

Eu ri. Possuía um leque de reações para aquele momento, mas tudo que consegui fazer foi soltar uma risadinha bem escrota e sem graça, sentindo meu queixo levemente caído, enquanto encarava o ombro de Gabriel. Não sabia dizer ao certo o que senti, parecia uma mistura de medo, pavor, curiosidade, excitação e timidez. Homem nenhum costumava ser tão direto assim comigo. Isso, claro, se o *stripper* estivesse mesmo falando sério.

Ainda estava pensando em algo para responder, que fosse coerente, quando senti a boca safada depositar um beijo na curva do meu pescoço.

— Perdeu a voz, Flor? — sussurrou o provocador. — Quer que eu pare?

Não sabia o que queria. Por que não conseguia empurrar Gabriel e me afastar dele? Fechei meus olhos com força e respirei fundo, tentando controlar meus hormônios.

— Hm. Uhum — murmurei, feliz por ter conseguido pronunciar algum som.

Quando não senti mais a proximidade dele perto do meu rosto, abri meus olhos e o vi parado diante de mim, com algum espaço entre nós dois. Havia um sorriso convencido naquele rosto e eu me odiei por ser tão fraca.

— Esse foi o não mais duvidoso que eu já recebi — comentou, tocando

meu queixo. — Mas vou deixá-la em paz porque preciso me preparar. Você deu sorte porque duas vezes por mês a casa apresenta o *Red Carpet*, um *show* que reúne quatro *strippers* sobre o palco. E esse dia, é hoje.

Quatro ao mesmo tempo? Isso era novidade para mim, não sabia que faziam esse tipo de apresentação e confesso que fiquei muito curiosa. Mas antes que Gabriel passasse pela porta e me deixasse sozinha, lembrei de tirar minha dúvida a respeito do segundo andar.

— O que rola lá em cima? — perguntei, apontando na direção da escada.

— Nada de mais. São ambientes diferentes dos *shows* aqui embaixo, algo mais exclusivo para grupos fechados — ele explicou. — Geralmente, amigos que vem comemorar despedidas de solteiras ou apenas curtir.

— E você não dança lá?

— Meu cachê é mais alto e não abro minha agenda com frequência para o segundo andar. — O homem sorriu, estreitando os olhos. — Está interessada em uma *lap dance*, Flor?

— O que é isso? — perguntei, mas ergui um dedo quando o vi sorrir. — Não estou interessada, só quero saber o que é.

Gabriel gargalhou e abriu a porta que dava acesso para os camarins, virando apenas a cabeça na minha direção e piscando.

— Qualquer dia eu explico melhor. Por hoje, tente ficar pertinho do palco. Quero vê-la quando estiver dançando.

Eu até tentei encontrar um lugar bem na frente, mas parecia que todas as mulheres presentes ali já sabiam o que esperar, pois as melhores posições já estavam ocupadas. Caminhei na direção do bar para pedir alguma bebida e vi quando uma garota estava desocupando uma banquetta alta, portanto, fui até lá o mais rápido que consegui e tomei o lugar que ela acabara de deixar vago.

— Boa noite. — Um *barman* sorriu para mim e eu o reconheci do dia

em que a tal bartender me extorquiou. — Vai beber o quê?

— Algo barato e que não seja tão forte, por favor — pedi, sorrindo de volta.

O cara era bonito, tinha um sorriso fofo e possuía o diferencial de não trabalhar seminu como os que ficavam sobre o palco. Ele assentiu para meu pedido e começou a preparar algo para mim, enquanto o observava. Tinha ombros e costas largas, mas não era tão sarado quanto o Gabriel. Os cabelos e a pele também eram mais claras e eu nem entendia por qual motivo estava comparando os dois. Precisava parar de pensar no *stripper* o quanto antes.

Desviei o olhar quando o rapaz se voltou novamente para mim com a bebida na mão. Com um último sorriso, ele depositou o copo no balcão e se afastou para atender outra pessoa.

Minutos depois, a música parou de repente e, assim como da outra vez, todas as pessoas fizeram silêncio absoluto enquanto se viravam para o palco. Eu mesma me virei, com o *drink* na mão, preparada para o próximo *show*.

Estranhei a ausência da apresentadora com o microfone na mão, mas permaneci atenta para ver o que viria a seguir.

A música “*River*”, de Bishop Briggs, começou a tocar ainda com o palco todo escuro. Até que alguns segundos depois, apenas as luzes brancas se acenderam, num nível bem fraco, para mostrar que havia uma fila de quatro homens no palco, um atrás do outro. Todos de calça preta, camisa de botão aberta e boné escondendo o rosto. Três deles possuíam tatuagens, então eu soube que Gabriel era o primeiro, de pele toda lisa.

Cada movimento reproduzido por eles era cronometrado com as batidas da música e a cada músculo que se mexia, os gritos aumentavam. Era uma dança sensual, feroz. Quando eles se espalharam pelo palco e se jogaram no chão, as luzes piscaram para a cor vermelha e seus rostos se tornaram

impossíveis de serem visualizados.

Foi a minha vez de me mexer na cadeira ao perceber que meu corpo estava mais quente que o de costume. Suguei meu *drink* pelo canudo para aliviar minha garganta seca e arrumei minha postura para poder enxergar melhor. Os quatro homens estavam fazendo sexo com o tablado de uma forma tão selvagem que eu tive pena das pobres mulheres de frente para o palco.

Virei-me para o bar e chamei o rapaz, que se aproximou e eu estiquei meu copo para ele.

— Coloca mais gelo aqui dentro! — pedi, quase implorando.

— Mas você bebeu tudo.

O quê? Encarei o copo e constatei que ele dizia a verdade, o que me deixou em choque. A culpa era de Gabriel, então pedi que me preparasse outro igual.

— Não — falei quando ele pegou uma garrafa. — Tem algum que seja maior? Pra não acabar tão rápido?

— Deixa comigo. — O *barman* piscou e eu me virei para assistir ao *show*.

Pelo visto, perdi o momento em que os homens tiraram as camisas. Eles puxaram correntes que desceram do teto e, naquele instante, gotas de água caíram sobre cada um, escorrendo pelos abdomens que pareciam talhados à mão. Quando arrancaram as calças, até eu me flagrei comemorando e cheguei a olhar para os lados, com vergonha, mas logo entendi que não havia nenhuma mísera alma se importando comigo.

Quando o *barman* me cutucou para entregar meu novo *drink*, eu nem o agradei, para não perder nenhum momento a mais do *show*. Senti meu ventre se contorcer e uma queimação dominar o meio das minhas pernas

quando Gabriel levou uma mão até a cueca e segurou o pau por alguns segundos enquanto dançava. Como reflexo, cruzei as pernas com força e levei meu canudo à boca. A bebida, forte dessa vez, desceu rasgando, o que pareceu me deixar ainda mais excitada. Meu Deus, que loucura.

Diferente da outra apresentação que eu vi, a peça íntima era branca, o que parecia deixar o pênis ainda mais marcado. Meu ex-namorado Paulo foi o único homem que eu vi pelado pessoalmente, então havia uma grande curiosidade em saber como Gabriel seria sem aquela cueca.

Mais rápido do que eu desejava, o *show* chegou ao fim. Pelo menos, o *show* com os quatro juntos, pois um deles permaneceu no palco enquanto os outros saíram. Imaginei que fariam uma apresentação individual, então continuei no meu lugar.

Terminei minha segunda bebida sentindo vontade de ir ao banheiro, mas decidi me segurar um pouco e pedi uma terceira ao *barman*, aproveitando que Gabriel tinha retornado ao palco.

— Você bebe rápido — o rapaz bonito comentou ao me entregar o novo *drink*.

Sorri em resposta, mas não me ocupei com ele porque o Mister Sex estava fingindo que ia tirar a cueca branca. Os gritos aumentaram e eu suspirei, chocada em me ver tão concentrada naquela dança.

Quando ele se ajoelhou no palco ao som de “*Play With Fire*”, de Sam

Tinnesz, o jogo de luzes dançou em várias cores na direção de Gabriel, incendiando a casa e me fazendo até levantar da banquetta.

O corpo dele, curvado para trás, ondulava no ritmo sensual da música, enquanto sua mão deslizava pelo abdômen até entrar dentro da peça íntima. O filho da mãe estava se tocando em público, ao mesmo tempo em que gotas d'água voltavam a cair do teto, apenas sobre o Mister Sex.

Com as mulheres ao seu redor completamente enlouquecidas, Gabriel deslizou os joelhos pelo chão, aproximando-se da beira do palco, e tocou a mão de uma delas, levando os dedos da garota junto com os dele, para dentro da cueca. O público foi à loucura e ele logo se levantou, virando-se de costas quando a música já estava no fim e abaixando apenas a parte traseira da roupa íntima, expondo um pedaço da bunda, enquanto sumia pelos fundos do palco.

Não teve intervalo, pois o outro rapaz que completava o quarteto logo entrou e deu início à sua apresentação, mas para mim, não era a mesma coisa.

Suspirei e decidi ir ao banheiro jogar um pouco de água no rosto, já que eu devia estar vermelha como um pimentão, porque não ficava corada apenas quando estava com vergonha ou com raiva, mas quando estava excitada também.

Desci da banquetta rapidamente, e meu mundo pareceu girar. Segurei no balcão para me equilibrar, e então segui até o banheiro, cambaleando. Eu não era acostumada a beber, muito menos a beber tão rápido assim, e aqueles últimos *drinks* estavam bem fortes.

Entrei no banheiro, que estava vazio. Eu nunca tinha visto nem banheiro de bar vazio antes, quanto mais o de uma boate. Toaletes femininos estavam sempre lotados, mas não naquele momento. Eu entendia, todo mundo queria assistir ao *show*.

Apoiei-me na bancada da pia, abri a torneira e joguei água no rosto. Por

um momento, me senti melhor, mas logo em seguida, meu estômago começou a embrulhar.

— Hora de ir embora, Maria — disse para mim mesma.

Saí do banheiro cambaleando, enjoada, percebendo que eu ainda teria um longo caminho pela frente até chegar em casa. Mas não fui muito longe, no entanto, já que alguém apareceu na minha frente e bloqueou minha passagem.

Grande, largo e muito cheiroso. Olhei para cima e vi Gabriel me encarando com um sorrisinho sacana.

— Aí está você! — disse ele, arqueando uma sobrancelha. Ou as duas. Com minha cabeça girando de leve, eu não tinha tanta certeza. — O que achou do *show*?

Para minha decepção, não estava apenas com a cueca branca e sim, de calça e camisa pretas. Uma parte de mim, mais precisamente a parte entre as minhas pernas, queria que ele estivesse sem nada bem na minha frente.

— Achei que você estava muito gostoso — falei, ouvindo minhas palavras e tapando minha boca.

O que eu tinha dito? Por que eu tinha dito aquilo? Onde estava o meu filtro? Será que tinha ido embora junto com a minha sobriedade?

Gabriel riu.

— Você está bêbada, Flor?

Essa era a oportunidade perfeita para colocar toda a culpa no álcool, por isso, tirei a mão da boca e endireitei minha postura, torcendo para não vomitar em cima do Mister Sex. Fiquei chocada em perceber que a vergonha tinha passado em dois segundos, eu nem ao menos tinha sentido meu rosto esquentar. Ficar bêbada não era tão ruim assim, pelo visto.

— Eu estava sentada no bar — respondi, acenando para ele. — E agora, chegou a hora de ir embora. Parabéns... pelo *show*. Você é um bom profissional.

Tentei passar por Gabriel para não me comprometer ainda mais, porém, meu equilíbrio não estava dos melhores. Eu só queria sair logo daquele lugar antes que começasse a vomitar, porque não desejava passar por isso na frente dele, mas teria caído de bunda no chão se o dançarino não tivesse me segurado e me puxado contra seu peito.

— Vai com calma, gatinha — murmurou, tocando minhas costas. — Estou te achando meio tonta. Tem certeza de que está bem para ir embora sozinha?

Nesse momento, senti meu estômago embrulhar de novo, e notei a sensação de algo subindo pela minha garganta em direção à minha boca. Tive tempo apenas de empurrar Gabriel e me virar de lado para vomitar no chão. Vi toda aquela porcaria respingar em meus pés, minhas pernas e até na parede, o que embrulhou mais o meu estômago e me fez colocar mais líquido para fora.

Perdi as forças, nervosa porque nunca vomitava, e me senti prestes a desmaiar quando meu corpo foi virado de lado e braços fortes me ergueram do chão.

CAPÍTULO 14

Gabriel

Quando eu desejei que Maria Flor aproveitasse a noite, não foi bem dessa maneira específica. Sabia que a menina só precisava se soltar um pouquinho e, então, ia curtir as apresentações. Toda mulher curtia e nem estou me referindo exclusivamente a mim, mas aos *shows* em geral.

Sobre o palco, eu a procurei logo que meus olhos se acostumaram com a claridade dos holofotes e pude varrer o público em busca dela, mas não consegui encontrá-la por perto. Cogitei até mesmo que tivesse ido embora, então foi uma surpresa quando vi a ninfetinha entrando no banheiro.

Esperei que saísse e não demorei a notar sua leve embriaguez. O sorriso mais fácil do que costumava ser e os olhos que não focavam direito eram sinais muito claros para mim. Eu não a deixaria ir embora daquele jeito, mesmo que ela insistisse. Minha ideia era levá-la até o escritório e fazer com que bebesse água e comesse alguma coisa, pois me lembrava de Maria dizer que não tinha o costume de ingerir bebida alcoólica.

Agora, aqui estava eu, carregando a morena para a minha casa. Ela estava mole em meus braços, choramingando algo sem sentido, e vomitou mais uma vez assim que abri a porta da sala.

Coloquei-a sentada no sofá e fui pegar um pano para limpar sua boca e

seus pés, mas o tempo que levei para me afastar, ela vomitou de novo. Dessa vez, bem em cima do próprio vestido.

— Quanto você bebeu esta noite? — perguntei ao voltar e me inclinar em sua direção.

Flor estava com o corpo curvado para a frente, os ombros trêmulos e os dedos das mãos abrindo e fechando.

— Tô... morrendo... Gabriel...

Não, não estava. Se tinha algo com o qual eu vivia lidando, era com garotas bebendo demais e vomitando pelos corredores e banheiros da *Red Kinky*. Por isso, ajudei-a a se levantar e envolvi sua cintura com meu braço, carregando a mocinha pequena para o meu banheiro.

— Flor, primeiro vamos limpar você e tirar esse vestido nojento. — Eu a fiz se sentar sobre o vaso e levantei seu rosto para que me encarasse. — Vou pegar um copo d'água e um remédio para cortar o enjoo, ok?

Como balançou a cabeça em concordância, eu a deixei sozinha por alguns segundos. Tentei fazer tudo rápido. Peguei a água, o remédio, fui ao quarto buscar uma camisa minha e uma toalha limpa. Ao voltar para o banheiro, encontrei a garota na mesma posição, só que dormindo sentada.

— Ainda não é hora de tirar um cochilo — brinquei, me aproximando e tocando os cabelos dela. — Beba um pouco, depois coloque o remédio debaixo da língua.

A dona dos olhos bonitos obedeceu sem reclamar e quando me devolveu o copo, eu o deixei sobre a bancada. Observei o vestido sujo, procurando por algum zíper, mas a peça parecia ser do tipo que saía pela cabeça.

— Está de *lingerie* por baixo? — perguntei e ela assentiu. — Vamos tirar sua roupa, então?

Foi só então que Maria pareceu se dar conta de que estava com a saia do

vestido toda vomitada e fez uma careta ao perceber isso. Ela ergueu o corpo rapidamente para puxar a roupa e voltou a se sentar, demonstrando nojo enquanto eu puxava o tecido grosso pelos seus braços levantados.

— A parte positiva disso tudo é que você só sujou as pernas, pode usar o chuveiro para limpá-las.

Quando joguei o vestido no chão, Flor me encarou com o dedo indicador apontado para o meu rosto e uma expressão divertida.

— Sua vez! — balbuciou.

— O quê?

— De tirar... a roupa...

Gargalhei, observando-a usar as mãos para esconder a calcinha bege e feia. Fui até o *box* e abri o chuveiro, pensando se devia trazê-la ou ela viria sozinha.

— Eu já dei o meu *show*, Flor — respondi, piscando para a garota que tinha colocado novamente o dedo em riste. — Você já me viu sem roupa.

— Não vi. — Ela conseguiu se levantar, mas notei a dificuldade de andar em linha reta. — A cueca... branca... eu vi.

Segurei-a pelo braço para equilibrar seu corpo e a encostei contra uma das paredes do *box*, ligando o chuveirinho e o direcionando para suas pernas vomitadas. Senti seus dedos tocarem em meus cabelos enquanto se apoiava em mim sem cerimônia nenhuma, já que eu estava curvado limpando a madame.

Até os pés eram pequeninos e delicados, e seus dedos com esmalte rosa se agitavam conforme eu jogava água morna sobre eles.

— Safado... — ouvi um murmúrio e senti um puxão de cabelo.

— Por que eu sou safado, Flor? — perguntei, fechando o chuveiro

depois de terminar a limpeza. — Só estou cuidando de você, mocinha.

Eu realmente não tinha más intenções com ela. Não naquele momento. Nunca me faltava sexo para que eu precisasse assediar qualquer mulher, principalmente, quando não estavam em completo domínio de seus corpos. Claro que eu nutria interesse em Maria Flor, mas sabia separar as coisas. Não podia arrancar meus olhos e evitar que eles a vissem de calcinha e sutiã, mas aquele tipo de situação não me excitava nem um pouco.

— Devia. Ter. Tirado. A roupa. — Ela gargalhou e revirou os olhos. — GG.

Envolvi seu corpo com a toalha seca e a guiei para fora do banheiro, na direção do meu quarto, depois que ela bochechou com pasta de dente para tirar o gosto ruim da boca. Se o remédio fizesse logo efeito, os vômitos cessariam e ela poderia ter uma boa noite de sono.

— Quando estiver sóbria, basta pedir que eu tiro a roupa pra você — avisei, fazendo-a se sentar na minha cama e apertando sua bochecha. Passei meus dedos pelos cabelos pretos, jogando-os para trás de seu rosto, e a observei fechar os olhos. — Como se sente?

— Com sono...

— Pode deitar um pouco. — Puxei meu lençol para cobrir seu corpo e apaguei a luz do quarto, mas não tive coragem de deixá-la sozinha.

Passei os próximos dez minutos em pé, encostado na porta aberta, observando o início do sono de Flor. Tinha medo de que ela vomitasse deitada e se sufocasse, mas quando percebi que os vômitos realmente cessaram, encostei a porta do meu quarto e fui para o banheiro, pois também tinha me sujado.

Depois de tomar banho e me vestir para dormir, troquei mensagens com Nina, porque sabia que minha ausência lá embaixo seria notada por alguém.

Inventei que tinha começado a sentir um pouco de dor de cabeça e decidi subir mais cedo do que o horário de costume. Pedi para que ela ficasse até o fechamento da casa e me ligasse se alguma coisa acontecesse.

Por fim, dei mais uma olhada em Maria Flor, que dormia tranquilamente, e também fui me deitar. A noite tinha terminado bem diferente do que eu imaginei quando vi a garota chegar na boate. Pensei que, talvez, rolasse algo a mais entre nós, mesmo que não acabasse em sexo, mas a realidade era muito diferente. A dívida da jornalista comigo só aumentava.

CAPÍTULO 15

Maria Flor

Comecei a despertar aos poucos, sentindo um calorzinho agradável que me fazia querer ficar mais um tempo na cama, só que o sono tinha ido embora. Rolei o corpo para o lado, me aconchegando nos travesseiros, espreguicei-me com calma, e minha mão roçou em algo quente, liso e macio. Explorei um pouco mais, sem saber o que era. Não parecia um travesseiro, parecia...

Abri os olhos e observei minha mão pousada em um abdômen muito definido, cheio de gominhos. Gabriel estava de olhos bem abertos, me fitando com um sorriso petulante e vestindo apenas uma cueca.

— Bom dia, Flor.

Dei um pulo e me sentei na cama, logo percebendo que ele não era o único quase pelado, pois eu estava só de calcinha e sutiã. Um conjunto bem feio, inclusive, todo bege, porque eu jamais imaginaria que fosse acabar na cama com algum homem.

Com o susto, puxei o lençol e me embrulhei até o pescoço.

— O que eu estou fazendo aqui? — perguntei, sentindo o coração muito acelerado.

Gabriel riu e jogou os braços para trás, colocando as mãos sob a nuca.

Ao puxar o lençol todo para mim, eu o deixei inteiramente descoberto. Era a imagem do paraíso e do inferno ao mesmo tempo.

— Não se preocupe, Flor — ele disse, com uma calma absurda. — Não aconteceu nada entre nós.

— Eu estou só de *lingerie* na sua cama. Como isso foi acontecer?

Ele me fitou, ainda com o sorriso nos lábios. Aquele era o inferno sim, com certeza. Porque era pagar penitência olhar aquele homem a um palmo do meu nariz e não poder tocar. Não que ele fosse me impedir, conhecendo o pouco que eu já o conhecia, acreditava que Gabriel adoraria ser tocado. O problema era que eu não podia me deixar ir por esse caminho. Precisava resistir, pois não era tão fácil como as centenas de garotas que deviam se jogar sobre ele.

— Temos um caso de amnésia alcoólica aqui? — Ele se levantou, exibindo a bunda bonita. — Você bebeu bastante ontem, se vomitou toda e precisou ser socorrida.

— E o que aconteceu com o meu vestido? Ele saiu correndo?

— Você ficou toda vomitada, Flor. — Gabriel estreitou os olhos ao cruzar os braços. — Não está lembrando de nada mesmo? Fomos para o banheiro, tirei sua roupa, joguei água nas suas pernas... Depois viemos para a minha cama e nos amamos a noite inteira.

— O QUÊ?

Por sorte, eu estava sentada, então precisei apenas agarrar a borda do colchão. Mas assim que o filho da mãe abriu um sorriso debochado, eu entendi que a segunda parte era mentira.

— Eu dormi no outro quarto — ele me tranquilizou. — Sou cavalheiro, Flor.

— Então, por que estava deitado ao meu lado?

— Porque você é uma coisinha muito fofa quando está dormindo — disse, mordendo o lábio inferior e se aproximando de mim, inclinando-se e apoiando as mãos nos meus joelhos. — Eu acordei agora pouco e não resisti em ficar te observando.

Ver Gabriel no palco de cueca era impressionante, mas ver aquele homem tão perto de mim, encostando em minha pele, era algo insano. Dava para contar com precisão todas as veias que subiam dos seus dedos até os seus bíceps, a boca perfeitamente desenhada de um jeito muito sedutor e os olhos fatais sobre mim. Todo esse conjunto enviou alguns espasmos para a minha vagina e eu me senti molhar ao cometer o erro de descer o olhar pelo abdômen em alta definição. Ele também tinha muitas veias saindo pelo elástico da cueca e sumindo um pouco abaixo do umbigo. E o volume, apesar de não estar excitado, era ultrajante.

— Não é? — Gabriel tocou meu queixo e me fez levantar o rosto para encará-lo. — Perdeu alguma coisa por aqui, Flor? Estou falando sozinho?

Aquele seria o momento perfeito para ele me beijar. E eu não me importaria com isso. Mas então me lembrei que tinha vomitado na véspera e sequer me lembrava de ter escovado os dentes. Por isso, o pânico me atingiu em cheio e engatinhei para o lado, saindo do alcance de Gabriel e pulando da cama com o lençol enrolado no corpo.

— Não precisa se esconder. — Ele se sentou e me lançou o olhar mais cafajeste de todos. — Já vi essa bundinha branquela. Está precisando pegar um sol, Flor.

— Viu sem a minha permissão!

— Quanta ingratidão — murmurou ele, levantando e caminhando para a porta. — Da próxima vez, chamarei um táxi e a colocarei lá dentro toda vomitada pra lidar com o motorista. E o banheiro fica ali, rosinha.

— Rosinha?

Eu me arrependi de perguntar quando vi o sorriso gigante que se desenhou no rosto do Mister Sex. Ele me puxou, segurando o lençol, e passou a mão pelos meus cabelos.

— Rosinha por causa da flor e porque eu tenho certeza de que debaixo dessa calcinha — o filho da mãe desgraçado aproximou a boca do meu ouvido — há uma outra flor bem rosa.

Minha mão foi de encontro ao rosto dele no tapa mais forte que eu dei na minha vida. Aliás, foi o primeiro tapa que dei em alguém e não sabia que a palma da mão ficaria tão ardida. Mas ao mesmo tempo, eu me arrependi assim que percebi o que fiz.

— Desculpa — pedi, tapando minha boca, chocada com a minha atitude, em seguida, toquei o rosto de Gabriel. — Ah, meu Deus. Eu não quis fazer isso. Quer dizer, eu quis. Mas não sou agressiva. Você foi... muito... vulgar...

Por que ele estava me olhando daquele jeito?

— Caramba, Flor... — O homem suspirou, segurando minha mão que tocava o local do tapa e mordendo um dedo meu de leve antes de me soltar. — Assim eu gamo.

Nossa, eu estava tão desconcertada com tudo que não sabia como reagir. A frase em relação a minha calcinha ainda martelava na minha mente e me senti envergonhada por estar nessa situação com um cara que mal conhecia. Era algo que Laura e eu tínhamos em comum, apesar de minha amiga ser muito fogosa. Nós não conseguíamos ser desapegadas a ponto de irmos para a cama com um desconhecido ou com alguém com quem não tínhamos uma relação.

Passei por Gabriel sem saber o que dizer e me tranquei no banheiro dele. Ali dentro, pude relaxar um pouco e larguei o lençol, sentindo-me horrível ao

ver meu reflexo no espelho. A pouca maquiagem que eu usava estava borrada ao redor dos olhos, o batom tinha manchado o meu queixo e meu conjunto de calcinha e sutiã era mesmo horripilante. Aquele tipo bege e sem costura porque eu não queria que marcasse o vestido, que não contrastava nada com minha pele branca.

— Não é nada de mais — sussurrei para mim mesma, pegando o tubo de pasta de dente e espirrando um pouco no dedo. — Não é como se você precisasse que ele te achasse gostosa. Que se danem os homens.

Terminei de escovar os dentes daquela forma precária, bochechei bastante e, em seguida, comecei a lavar meu rosto para tirar toda a maquiagem borrada. Só saí daquele banheiro quando me sentia minimamente decente, apesar de ainda precisar me enrolar no lençol porque não fazia ideia de onde estava minha roupa.

Quando vi Gabriel na cozinha, preparando alguma coisa com cheiro gostoso, voltei a me sentir envergonhada e sabia que meu rosto estava pegando fogo.

— Onde está o meu vestido?

— Pedi para a Nina lavar — respondeu ele, apontando para o sofá. — Fique à vontade, estou preparando o café da manhã.

— Hum, obrigada. Mas eu adoraria me vestir agora. — Sorri para ele. — Pode pegar meu vestido?

Gabriel balançou a cabeça, negando meu pedido.

— Nina o levou para casa, Flor. Eu estava sem sabão em pó.

Não podia ser verdade. O filho da mãe estava de sacanagem com a minha cara? Ele teve a ousadia de entregar a minha roupa para outra pessoa levar embora?

— Posso te emprestar uma camiseta. — Ele riu de alguma piada interna.

— De novo, já que eu fiz isso ontem à noite e em algum momento da madrugada, você achou que não precisava dela.

Ignorei a informação porque não era tão importante e o fitei, chocada.

— Como você espera que eu volte para a minha casa, vestindo apenas uma camiseta?

— Não vai. — Gabriel tirou uma panela do fogo e se virou para mim. — Precisa esperar a Nina chegar aqui. Até o fim da tarde seu vestido estará em suas mãos.

— Fim da tarde?!

Algo me levava a crer que o idiota estava se divertindo com aquela situação, pois sorriu e apontou na direção do corredor, segurando uma faca na mão.

— Pode ir até meu guarda-roupas e escolher a camisa que desejar. Mas só para esclarecer, eu não me importo que fique apenas com a *lingerie* da sua avó.

Quis matar aquele homem infernal pela primeira vez na vida, mas não queria estar seminua quando isso acontecesse. Portanto, com muito ódio no coração, voltei para o quarto dele e fui pegar a porcaria de uma roupa qualquer. Cheguei, inclusive, a dar uma olhada em suas calças, na esperança de alguma coisa me servir, mas óbvio que eram muito maiores do que eu.

Derrotada, vesti apenas uma camiseta preta e me sentei na cama, pensando no que faria a seguir. Não podia passar o dia na casa de Gabriel, mas talvez conseguisse convencer Laura a trazer uma roupa para mim.

CAPÍTULO 16

Gabriel

Ela estava demorando muito no meu quarto e como a senti meio cabisbaixa desde que saiu do banheiro, achei melhor ver o que estava acontecendo. Encontrei Maria Flor sentada na cama vestida com uma camisa minha, roendo a unha do polegar, com os olhos voltados para o chão.

— Vem comer, Flor. — Pisquei para ela quando me encarou com as bochechas coradas. — Sei que deve estar com fome. Fiz ovos mexidos, tem torrada, queijo minas e peito de peru.

Os lábios dela se afastaram quando mencionei a comida, mas logo desviou os olhos e mexeu nos cabelos.

— Não tô com fome, obrigada.

Sabia que a mudança tinha acontecido desde que eu fizera alusão à sua boceta. Isso me fez perceber que o jogo que eu jogava não era o mesmo ao qual a ninfetinha estava habituada. Por isso, me aproximei e toquei sua mão, fazendo menção de puxá-la para que se levantasse.

— Não seja boba, vamos comer. — Ela era leve e não fez muito esforço para tirá-la do lugar, mas não soltei sua mão. — Ficou chateada com minha brincadeira? Vou me lembrar de pegar mais leve nas próximas.

Passei meu braço pela cintura dela e a trouxe para perto do meu corpo,

caminhando junto para a sala. Ela estava mesmo muito sem graça quando puxou a cadeira para se sentar à mesa, com uma das pernas dobradas sob o corpo.

— Prefere suco de laranja, café ou leite? — perguntei, pois como eu era o cara do café, só tinha colocado ele na mesa.

— Suco.

Abri minha geladeira e peguei a garrafa, depois me sentei de frente para a menina e a observei passar requeijão numa torrada.

— Eu preciso de um computador e um analgésico — murmurou ela, sem me encarar. — Se vou esperar pelo meu vestido, não posso ficar o dia todo à toa.

— Se é importante, pode usar o meu *notebook*.

— É o meu trabalho — disse, erguendo os olhos para mim. — Preciso escrever uma biografia, lembra?

Sim, eu me lembrava perfeitamente do motivo que a trouxe até minha boate, mas confesso que não entendia muito bem desse processo de um escritor. Seria interessante observá-la trabalhando, visto que ela já conhecia a íntimo o que eu fazia para ganhar a vida.

— Por que você mandou minha roupa para longe, afinal? Só pra me prender aqui por mais tempo? — Seus lábios se franziram e a garota parecia ter recuperado sua coragem. — Eu não sou quem você pensa, Gabriel.

— E o que você acha que eu penso sobre você? — perguntei, curioso para ver aonde aquela conversa chegaria.

Maria fez um sanduíche de torradas com recheio de queijo minas e revirou os olhos antes de dar a primeira mordida. Esperei que mastigasse com calma e depois limpou a boca com a mão.

— Você deve achar que sou igual a algumas dessas garotas que pagam pra vê-lo dançar — respondeu, bebendo o suco. — E que estão sedentas para irem pra sua cama. Só que *eu* não estou.

— E por que a mocinha tem tanta certeza de que eu a quero na minha cama? — perguntei, cruzando minhas mãos sobre a mesa e sorrindo para ela. — Estamos apenas passando o tempo e nos conhecendo, Flor. Se eu a quisesse neste exato momento na minha cama, eu garanto que seria lá que você estaria.

A morena soltou uma risada de escárnio e revirou os olhos mais uma vez, numa expressão petulante. Encheu a boca com o último pedaço do sanduíche e se recostou na cadeira, cruzando os braços, enquanto balançava a cabeça.

— Você se acha muito foda — murmurou, ainda de boca cheia, o que achei gracioso porque ela não fazia tipo. — Eu gostaria de vê-lo tentar.

Foi a minha vez de debochar com uma gargalhada gostosa e observar a morena diante de mim estreitar os olhos. Eu me levantei e fui ao quarto buscar meu *notebook*, deixando-a momentaneamente sem resposta, mas ao retornar para a sala, parei atrás da cadeira de Flor.

Coloquei o aparelho eletrônico sobre a mesa antes de tocar os ombros dela, massageando-os um pouco, então me curvei até colar minha bochecha na da menina.

— Não vou tentar, Flor, porque sua reação de hoje mais cedo deixou claro que não está preparada para mim.

Desci minhas mãos pelos braços finos até os cotovelos, em seguida, consertei minha postura, recuei um passo e puxei a cadeira dela até girá-la de frente para mim. Sua cabeça se inclinou levemente para trás para me olhar, mas eu me agachei diante de suas pernas e as afastei com pressa para que

Maria não tivesse tempo de pensar.

— No entanto, a não ser que você me diga *agora* que não gosta de homem, a sua hora vai chegar. — Coloquei-me no espaço entre as pernas brancas, notando os dedos pequenos e delicados segurarem firme no assento da cadeira. — Tem algo para me dizer, Flor?

— N-não. — Ela engoliu com dificuldade.

— Gosta de homem?

— Aham.

Lambi meus lábios, controlando a vontade de deslizar a camisa que era minha para cima e deixar a calcinha dela à mostra para conferir quão excitada estava.

— Você é virgem, Flor? — perguntei, entoando um mantra mental para que a resposta fosse negativa.

Para a minha felicidade, ela apenas negou com um gesto de cabeça, ainda nervosa e ansiosa. Só para deixá-la mais alerta, levei minhas mãos por baixo dos seus joelhos e a puxei para o meu colo, deixando que as pernas finas caíssem e se encaixassem ao meu redor.

Flor ofegou alto, assustada com o movimento brusco, mas eu segurei suas costas para mantê-la firme na posição. Gostei de sentir as mãos pequenas apertando meus ombros e adoraria senti-las deslizarem pelo meu corpo inteiro. Pelo menos, tinha sua bunda grudada em minha cueca, mesmo que eu estivesse evitando uma ereção.

— Quantos parceiros você já teve? — questionei, usando a mão livre para afastar os cabelos pretos do pescoço dela. — Conta pra mim?

Infelizmente, Maria Flor começou a sair do transe em que tinha entrado e começava a perceber que estava sendo interrogada. Foi quando estreitou os olhos e colocou uma expressão azeda no rosto.

— Acha que nasci ontem, GG? Não pretendo relatar toda a minha vida pra você.

Podia ter colocado a garota de volta na cadeira, mas de propósito, eu me levantei com ela no colo só para que escorregasse pelo meu corpo até pisar de novo no chão. Com pressa, Flor arrumou a camiseta de volta ao lugar e tentou esconder os mamilos enrijecidos, sem sucesso.

— Não queria saber de toda a sua vida — revelei, tocando a ponta do nariz dela. — Só sobre a parte do sexo.

— Você não tem direito de saber nada — resmungou, sentando-se novamente e abrindo o *notebook*. — Eu faço sexo. Satisfeito? Muito sexo. Sou sexualmente muito evoluída e realizada.

Agindo de uma maneira muito engraçada e fofinha, ela resolveu se levantar e saiu pisando duro até meu banheiro, voltando de lá com sua bolsa, que tinha sido deixada sobre a pia ontem. O meio metro de gente mexeu ali dentro, pegou a carteira e puxou uma embalagem de preservativo, vindo até mim e balançando o objeto diante do meu rosto.

— Viu? Eu carrego camisinhas na bolsa!

Não seria nada de mais, porque eu concordava que as mulheres também deviam se garantir. Sabia que sempre existia algum babaca que dava a desculpa de não ter nenhum preservativo por perto, só para não precisar encapar o pau. O problema com a Flor era que ela estava mostrando uma marca que eu costumava usar muito e me lembrava daquela edição limitada. Por isso, peguei-a da mão dela e olhei a embalagem de perto.

— Eu me lembro dessa edição, Flor — comentei, querendo rir. — Foi lançada há uns três anos, sabia? Olha aqui, já passou da data de validade. Nem existe mais pra vender.

Caminhei na direção do meu quarto, sentindo que ela vinha atrás de mim

bufando.

— É porque geralmente, os homens com quem saio sempre estão preparados — murmurou. — Acabo nunca tirando essa da carteira.

— É melhor jogar fora — avisei, abrindo a primeira porta do meu guarda-roupas e puxando a terceira gaveta. — Escolha uma para repor a sua.

Eu possuía de todas as marcas e texturas variadas. Básicas, coloridas, com sabor, tanto faz, só gostava de sempre ter uma boa diversidade à mão.

Maria Flor se aproximou, com os olhos arregalados e encarou a gaveta, pegando um pacote qualquer e se afastando.

— É claro que precisará ter cuidado com quem vai usar isso — avisei, apontando para a mão dela. — É extra grande, pode ficar frouxa num pênis de tamanho normal.

— Ah. — Ela franziu a testa, lendo a embalagem do preservativo, então voltou a se aproximar da gaveta. — Eu pego outra.

— São todas extra grandes — declarei, sorrindo e notando o rostinho de boneca ficar vermelho na mesma hora. — Por isso, eu não me importo que me chame de GG.

Dei um beijo no topo da cabeça dela antes de sair do quarto e deixá-la sozinha, porque achava que já tinha atingido o limite da provocação sem pressionar demais. Precisava tomar meu banho, vestir uma roupa e descer para ver como ficou o fechamento do caixa na noite de ontem, já que ainda não tinha falado com Nina desde que minha amiga passou aqui para pegar o vestido.

CAPÍTULO 17

Maria Flor

Pelo menos o *notebook* de Gabriel conseguia ser melhor do que o meu e não foi um sacrifício usá-lo. Precisei apenas fazer *login* no meu *Drive* para acessar minha conta e abrir o arquivo da biografia. Não seria fácil trabalhar na casa dele, ciente de sua presença, do cheiro impregnado por todos os cantos, e do sorriso que toda hora me lançava.

Ainda me sentia trêmula, quente e excitada por conta do que aconteceu minutos antes. Não esperava que fosse me afetar tanto com qualquer brincadeirinha dele, mas não estava preparada para uma investida como aquela. Quando me pegou firme e me colocou no colo, quase desfaleci. Sério, que chance eu tinha de me manter impassível? Eu era uma jovem de vinte e dois anos que renegava os hormônios em ebulição e o máximo de aventura que tinha era olhar um ou outro vídeo pornô compartilhado em grupos de amigas. Sequer me lembrava qual era a sensação de ter um pênis me penetrando, então, de uma hora para outra, tinha um homem de um metro e noventa e puro músculo, querendo me virar do avesso.

Naquele momento, no colo de Gabriel, meu cérebro entrou em pane temporária e precisei lutar para recuperar meu autocontrole. Eu não era muito experiente, não possuía uma vida sexual ativa durante os últimos anos, nem sabia o que fazer na cama com um homem daquele porte. Mesmo assim, só

conseguia pensar em implorar para que me carregasse para onde quisesse.

Só consegui me concentrar no computador depois que ele avisou que desceria à boate e me deixou sozinha. Precisava muito recuperar o tempo perdido, porque até então, mal tinha escrito dez mil palavras daquela biografia e precisava cumprir a meta de oitenta mil. Vinha me concentrando mais na parte de pesquisa sobre o passado de Lia Barker, do que no texto em si sobre a vida dela.

Tentei me desligar de tudo ao meu redor e pensar que estava em casa, no meu quarto, na minha paz. Por sorte, Gabriel ficou bastante tempo longe e eu consegui colocar dedos e mente para trabalharem. Depois de abrir um documento para anotar algumas ideias que se conectavam, comecei a escrever de verdade e deixar que as palavras fluíssem para o arquivo.

Só parei quando ouvi o barulho da porta da sala e o Mister Sex entrou, carregando uma sacola de papel de onde saía um cheiro fabuloso. Observei-o colocá-la sobre o balcão da cozinha e tirar dali de dentro três embalagens de hambúrgueres daqueles *gourmetizados*.

— Espero que coma carne vermelha — murmurou, puxando a cadeira de frente para mim.

Foi quando achei aquilo muito estranho e lancei um olhar até o horário do *notebook*, percebendo que passava de uma da tarde. Não tinha me tocado que fiquei tanto tempo escrevendo, pois era o tipo de coisa que só acontecia quando eu estava muito inspirada e relaxada. Mas, no final, aquelas horas tinham me rendido mais sete mil palavras.

— Eu como de tudo — respondi, sentindo a fome me atacar e pegando um dos sanduíches. — Obrigada, não vi a hora passar. E obrigada por não me deixar dormir vomitada.

Ele deu um sorrisinho torto, e dessa vez, não foi do tipo safado e nem

arrogante. Foi apenas um sorriso gentil.

— Conseguiu escrever tudo o que precisava?

— Tudo? — Ri, balançando a cabeça e procurando por algum guardanapo, pois senti o molho espirrar para fora da minha boca. — Não escrevi quase nada até agora. Parece fácil, mas não é.

— E quanto tempo você costuma levar para escrever um livro? — perguntou, muito interessado, puxando a cadeira para ficar ao meu lado e tentar fofocar o que havia na tela do *notebook*.

— Depende do tamanho do livro — respondi, encolhendo os ombros. — Essa biografia foi contratada pra ter oitenta mil palavras e tenho um prazo de dois meses pra concluí-la. Mas hoje eu levei esse tempo todo pra escrever sete mil.

Percebi que Gabriel fez um cálculo mental e já até sabia qual seria a conclusão dele.

— Sete mil por dia? — Sorriu, passando a mão nos meus cabelos. — Você então é um mini gênio, Flor.

— Só que eu não consigo sentar e escrever todos os dias, bonitão.

O homem franziu os lábios, mas estava prestando atenção no meu texto. Eu não gostava que lessem o meu trabalho enquanto ele não ficava pronto, com exceção do meu editor, lógico, já que ele pagava meu salário. Mas não tive escolha porque Gabriel era o tipo de pessoa que simplesmente fazia o que queria.

— Nossa, você escreve muito bem — murmurou, sorrindo para mim com orgulho, parecendo prestar mais atenção do que o normal em meu rosto. — Não fazia ideia do seu estilo de escrita, confesso que não te dei muita credibilidade, Flor.

— Por que eu sou mulher?

Gabriel negou, terminando de comer o primeiro sanduíche e pegando o segundo.

— Porque nunca conheci um escritor — respondeu. — Acho que ainda os imaginava como velhos eremitas que fumam cachimbos à luz de velas.

Foi impossível não rir daquela loucura, porque eu nem sabia o motivo para Gabriel visualizar um cachimbo. Mas já que estávamos falando sobre o livro, achei que era um ótimo momento para usar a experiência e sabedoria de Mister Sex. Eu me virei na cadeira de frente para ele, dobrando minhas pernas no assento, percebendo que até mastigando o homem era *sexy*.

— Eu não peguei ainda a coisa do *strep-tease* — falei. — Quero usar um capítulo para abordar o tema, contar como era o estilo da *Red Velvet*, os *shows*, mas preciso saber como é a sensação de estar em cima do palco. Por que não me concede uma entrevista?

— Se tivesse prestado atenção na noite passada, não precisaria de ajuda.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — rebati. — Mas eu assisti os shows.

— Esteve mais concentrada no bar.

— Eu só bebi três *drinks*, Gabriel. Não tenho culpa se seus funcionários exageraram na vodca.

Eu nem tinha terminado meu lanche e ele acabava com o segundo hambúrguer. Amassou o papel, deixou-o sobre a mesa e me encarou muito sério, com uma sobrancelha arqueada.

— Tenho uma ótima ideia que eu tenho certeza de que vai sanar seus questionamentos. E considere isso como parte da sua dívida comigo.

— Parte? — Temi o que ele tinha em mente. — Por que será que eu acho que não vou gostar da sua ideia?

— Você vai subir no palco comigo na terça-feira — declarou, recolhendo o lixo da mesa e se levantando para ir à cozinha.

Era só o que me faltava, de *ghostwriter* a *stripper* num estalar de dedos. Gabriel era muito louco, mas eu não deixaria que me arrastasse para junto da sua insanidade.

— Eu não vou, não senhor — respondi, salvando meu trabalho no *Drive* e fechando o *notebook*.

— Relaxa, Flor. Não estou pedindo que tire a roupa. — Ele piscou enquanto pegava uma garrafa de água de dentro da geladeira. — Vai ser igual eu faço quando chamo qualquer outra mulher da plateia.

— A diferença é que *eu* não quero subir no palco.

— Pense no seu trabalho — o filho da mãe sugeriu, se aproximando e dando um beijo inesperado no meu rosto, muito perto da boca. — Esqueci de avisar, a Nina chegou. Daqui a pouco ela sobe aqui. Considere-se livre do castigo.

Meu coração chegou a tropeçar de tanta alegria ao ouvir aquilo. Eu me levantei na mesma hora e comecei a recolher minhas coisas, pronta para quando tivesse meu vestido nas mãos. Finalmente me livraria daquela presença sufocante de Gabriel. Queria chegar em casa, tomar um banho bem demorado e dormir um pouco, sozinha na minha cama.

•

Lógico que num domingo à tarde minha amiga estaria em casa, na frente da televisão, assistindo algum seriado. Por isso, não pude fugir do olhar questionador quando passei pela porta do nosso apartamento e a encarei, deitada no sofá. Laura chegou a pausar o que estava assistindo e pegou o

celular, soltando um assobio.

— Caramba, a noite foi boa mesmo.

— Pena que não é o que está pensando — respondi, largando minha bolsa sobre a mesa e me sentando no braço do sofá. — O que vou falar é verdade, acredite em mim. Eu fui à boate de novo, bebi demais, passei mal e vomitei na frente do Gabriel Guerra e acabei dormindo na cama dele. Só de calcinha e sutiã.

Laura estava com os olhos arregalados e a boca aberta, e quando terminei meu relato bem resumido, ela soltou uma gargalhada. Sentou-se rapidamente no sofá e passou as mãos pelos cabelos bagunçados.

— Eu queria dizer que estou chateada por não ter me chamado pra ir junto de novo, mas meu choque por todo o resto da história é muito maior do que minha raiva. — Ela pegou seu celular e começou a digitar alguma coisa. — Vamos lá, preciso encontrar o *Instagram* desse *boy* para saber o nível de gostosura dele.

Nem tinha passado pela minha cabeça procurar pelo Gabriel nas redes sociais, porque eu mesma não era a maior fã delas. Mas fiquei curiosa e esperei para ver o resultado da busca de Laura, que logo se aproximou de mim e me mostrou a tela.

— É ele. — Apontei para uma das cinco fotos de perfis com o mesmo nome e sobrenome.

— Que pena... — Ela suspirou. — O perfil é fechado, mas vou pedir para segui-lo. Enquanto eu não sou agraciada com as fotos desse homem, que tal me contar como foi parar na cama dele.

— Não sei direito. Gabriel disse que eu vomitei minha roupa, então ele me deixou só de *lingerie*.

Ao dizer a última palavra, Laura arregalou os olhos e tapou a boca.

— Dona Maria Flor, a senhorita não tem uma única *lingerie* que preste!

— Eu sei — respondi, frustrada.

— Me diga, por favor, que não estava usando nenhuma calcinha furada.

Balancei a cabeça, negando, pois ainda tinha um pingo de orgulho em meu corpo que me impedisse de usar *lingerie* furada ou rasgada. Mas para mostrar a Laura o tamanho do meu problema, eu me levantei e ergui meu vestido até a cintura para que ela visse minha calcinha.

— Puta que pariu, Flor! É isso que você usa pra sair à noite?

— Eu só quero esquecer que esse momento existiu — pedi, ajeitando a roupa e me arrastando até o quarto. — Preciso de um banho e algumas horas de sono.

— Você não ouse voltar nesse lugar e não me levar. Está me ouvindo?

Ergui o polegar para ela antes de entrar pelo corredor e ir para meu quarto. Queria poder fingir que minha dívida com Gabriel não existia e simplesmente não pisar nunca mais na *Red Kinky*. Mas sabia que isso não ia acontecer tão cedo.

CAPÍTULO 18

Maria Flor

Ainda não conseguia acreditar que estava sentada no escritório de Gabriel, discutindo sobre minha presença no palco. Ele acabou me convencendo a ir até a *Red Kinky* naquela terça à noite depois de me ligar mais de cinco vezes e também me encher de mensagens.

Expliquei a real situação para Laura e ela veio me acompanhando, mais para se divertir do que para me dar apoio moral. Ficou sentada perto do palco para aproveitar que ainda tinha lugares vagos, enquanto eu aturava o chato que insistia em me fazer mudar de ideia.

— Gabriel, já falei que não vou dançar.

— Não estou te pedindo para dançar. — Ele sorriu. — Você já viu esse número antes.

Balancei a cabeça em negativa diversas vezes. Ele estava completamente louco se achava que eu toparia aquilo e me deixaria ser virada do avesso na frente de todo mundo.

— De jeito nenhum — declarei, cruzando meus braços.

— Flor, eu estou cobrando o que você me deve. Jura que é uma mulher sem palavra?

Não, eu não era. E ele dizer daquela forma acabou me atingido um

pouco. A culpa era minha, afinal de contas, eu tinha concordado em assumir uma dívida sem saber de que maneira ela poderia ser cobrada no futuro.

Não podia me acovardar. Precisava pensar que não era o fim do mundo, subir no palco durante uma apresentação em uma boate lotada de mulheres que gostariam de estar no meu lugar. Ninguém me conhecia, bastava cumprir meu papel e ir embora, seguir minha vida. Sendo assim, eu me levantei e estiquei minha mão na direção dele. Gabriel a apertou, sorrindo e correndo os olhos pelo meu corpo.

— Só para constar, você não está usando aquela calcinha bege não, né?

— Isso não é da sua conta — respondi, cruzando os meus braços. — Que eu saiba, você não vai tirar a minha calça *jeans* no palco. Ou vai?

Ele se aproximou de mim, segurando em minha mão e abrindo a porta do escritório.

— Minha dívida, minhas regras — murmurou antes de bater na porta do camarim que possuía o ícone feminino na frente e abrir para espiar o interior. — Nina! Arranja um vestido bacana para ela, por favor.

O quê? Eu me virei para a dançarina que tinha conhecido no domingo, quando me entregou minha roupa lavada. Ela era aquele tipo de mulher com corpo escultural, de parar o trânsito mesmo. A garota pareceu confusa com o pedido dele.

— O que eu perdi? — perguntou, com as mãos na cintura. — Ela vai se apresentar?

— Não! — respondi.

— Vou puxá-la para o palco — disse Gabriel.

Nina franziu a testa enquanto observava minha roupa. Eu tinha escolhido algo casual como um *jeans* escuro e um *body* preto, nada que chamasse a atenção.

— Acho que tem algo no armário que caiba nela... — A negra de tranças vermelhas foi até o móvel e mexeu ali dentro por alguns segundos. — Podemos colocar um cinto e não vai ficar tão largo.

Gabriel sorriu para ela carinhosamente, e ela retribuiu o sorriso. Olhei de um para o outro. Havia algo no sorriso e nos olhos do *stripper*, que era muito diferente. Quase adoração. Ou amor. E o olhar no rosto dela também dizia o mesmo.

— Vou deixá-las a sós — disse, caminhando para a porta. — Nina, você sabe o que fazer. E Flor, te vejo mais tarde!

Como estava na frente dela, evitei proferir um xingamento bem feio. Nina pendurou um vestido dourado em um cabide ao lado da porta e veio até mim, chegando bem perto e observando meu rosto.

— Você é muito bonita e tem maçãs do rosto bem ressaltadas. Quer que eu incremente a sua maquiagem?

Eu já tinha passado um rímel, *blush* e batom. O que mais ela queria fazer na minha cara?

— Eu não estou de acordo com isso de subir no palco — avisei, apontando na direção da porta. — Gabriel me convenceu à força.

— Ele é bom em convencer as pessoas. — Ela sorriu, falando aquilo com orgulho.

Então, Nina me fez sentar numa cadeira e me virou de frente para ela. Segundos depois, estava passando produtos na minha pele, concentrada no que fazia. Parecia uma pessoa simpática e gentil, ao contrário de Gabriel. Será que os dois tinham algum relacionamento ou algo parecido com uma amizade colorida?

Não que fosse da minha conta, mas fiquei pensando nas coisas que aconteceram na casa dele, as investidas e provocações. Se Nina estivesse com

Gabriel, então ele era mais safado do que eu imaginava.

— Você é sempre calada assim ou só está com medo? — perguntou ela, sorrindo.

— Não. Estou pensativa... E com medo, claro. — O olhar que Nina me lançou tentava me tranquilizar e eu me senti mal por ficar tirando conclusões precipitadas. Por isso, perguntei: — Você e o Gabriel...

Antes que eu terminasse a frase, a garota riu.

— Nós somos amigos — afirmou. — Temos um carinho enorme um pelo outro, mas é só isso. — Ela parou de me maquiar por um segundo e me encarou com uma das sobrancelhas erguidas. — Interessada?

— Não! — respondi rápido demais, então fiz uma pausa para desacelerar. — Não, claro que não. É só que eu não gostaria de ver nenhuma mulher sendo enganada por um homem que leva outra pra cama.

Ela inclinou a cabeça, me observando atentamente.

— Está se referindo ao lance de sábado? — Nina sorriu gentilmente. — O Gabs me explicou tudo quando pediu que eu lavasse seu vestido. Achei que ele foi bem fofo com você.

Eu me senti envergonhada por falar mal do cara que ela mesma tinha acabado de dizer que era seu grande amigo. Minha língua grande não cabia dentro da boca.

— Olha, posso te garantir que o Gabriel não é o homem mais romântico do mundo, mas ele não é sacana. — Ela endireitou a postura e fechou a tampa de uma sombra líquida. — Além disso, eu já o vi socorrer várias mulheres que bebem demais aqui na boate, mas nunca soube de nenhuma que ele tenha carregado lá para cima.

Ótimo, agora eu estava me sentindo ingrata. Estava pensando numa forma de fazê-la esquecer daquela conversa e pedir para que não contasse

nada para Gabriel, quando Nina girou minha cadeira de frente para o espelho após finalizar a maquiagem. Eu estava bem mais gata do que o de costume.

— Gostou?

— Sim — respondi, inclinando meu rosto em vários ângulos. — Você arrasou. Obrigada!

— Agora podemos colocar o vestido — disse ela, acabando com minha felicidade repentina. — Vou te ajudar com o zíper.

Quando pegou o pedaço de pano dourado, engoli em seco. Parecia ser bem mais curto do que os vestidos que eu costumava usar. Por sorte, no dia anterior eu tinha saído para renovar meu estoque de calcinhas porque jurei que nunca mais passaria aquela vergonha na frente de alguém. A que eu tinha escolhido para a noite era preta com pequenos detalhes em renda. Nada muito extravagante, mas bonitinha se eu sofresse um acidente e a equipe médica precisasse cortar meu *jeans*.

•

— *Leva ela para a frente do palco e não a deixe fugir de jeito nenhum.*

Essa frase de Gabriel ficou ecoando em minha mente durante muito tempo, enquanto eu permanecia bem ali, ao lado da cadeira onde Laura estava sentada, com o segurança do meu outro lado.

Foi a única coisa que o Mister Sex falou quando me encontrou do lado de fora do camarim. Ele ficou ali, parado, me olhando de cima a baixo, com um brilho forte nos olhos que, no corredor escuro, nem pareciam azuis.

Precisei parar de divagar quando finalmente chegou a vez dele. O *stripper* entrou com a música “*Watch Me Burn*”, de Michele Morrone, e eu

me arrepiei dos pés à cabeça. Gabriel estava sem camisa, apenas usando uma calça preta, chapéu estilo de mafioso e uma bengala que ele fazia parecer o objeto mais sensual que eu já tinha visto.

As mulheres ao meu redor iam ao delírio a cada movimento dele, inclusive Laura estava loucona, vibrando, pulando e batendo palmas. Quando ele se aproximou da beira do palco, a ponta da bengala apontou na minha direção e antes que eu piscasse, o segurança já estava me levantando.

Encarei Gabriel, olho no olho, e tentei esquecer de todas aquelas outras pessoas que me assistiam. Ele me guiou com gentileza até que as luzes se apagaram momentaneamente, e eu fiquei ali, com a respiração presa, esperando pelo que viria em seguida.

Quando as luzes piscaram em vermelho, meu coração acelerou. Vi Gabriel já sem a bengala e o chapéu, olhando para mim de um jeito fatal. Então, muito rapidamente, ele me girou em seus braços, sem soltar minhas mãos, e me puxou contra o seu corpo. Prendi a respiração. Seus braços estavam entrelaçados na frente do meu corpo, como correntes, pressionando minhas costas contra seu peito. O *stripper* soltou uma de suas mãos e a trouxe até o meu pescoço, afastando o meu cabelo delicadamente, deixando aquela região nua. Logo em seguida, senti sua boca ali, úmida e selvagem, provando o gosto da minha pele.

Não era aquele tipo de dança que eu tinha presenciado nas outras vezes em que estive na boate. Gabriel estava encenando um número diferente e improvisado.

Mordi os lábios com força e fechei os olhos em êxtase, sentindo borboletas dançarem no meu estômago. Em um movimento inesperado, o Mister Sex agarrou meus quadris com as duas mãos e empurrou o meu corpo para a frente. Levei um susto, jogando minhas mãos para baixo, achando que

cairia, mas não caí. Estava com os dedos quase tocando o chão, a cabeça balançando, enquanto ele segurava meus quadris com força.

Naquela posição, eu só conseguia ver suas pernas posicionadas atrás das minhas. Um segundo depois, sua calça roçar na minha bunda, vezes seguidas, indo e voltando lentamente, em movimentos sexuais. As borboletas no meu estômago foram parar na minha virilha, e uma ardência potente tomou conta de todo o meu corpo.

Suas mãos vieram para os meus cabelos, me puxando com força para cima. Soltei um gemido e tapei minha boca imediatamente. Ninguém podia ouvir por conta da música alta, mas sabia que tinha sido um gemido e tanto.

Gabriel me virou de frente para ele, e eu já não tinha fôlego para mais nada. Conduzindo minhas mãos, ele me fez alisar devagar o seu abdômen trincado e gostoso, até alcançar o cós de sua calça e me afastar.

Ele sorriu para mim, com o sorriso mais cafajeste do mundo, aproximou sua boca do meu ouvido e falou:

— Ajoelha.

Eu o encarei, sabendo exatamente o que estava para acontecer, mas sem ter certeza de que eu conseguiria fazer isso. Então, o filho da mãe prendeu meu olhar até que minhas pernas cedessem, e ajoelhar fosse minha única opção. Foi assim que fiquei cara a cara com os quadris dele, enquanto segurava meus cabelos e rebolava sem cerimônia, esfregando o tecido da calça no meu rosto.

Precisei me segurar em suas pernas para não me desequilibrar, porque já nem sabia mais qual era o meu nome. O volume do pau dele roçou várias vezes contra meus lábios e eu soube que a situação podia, sim, piorar, quando ele segurou as laterais da calça e a arrancou. Quase infartei quando vi que a cueca era branca e meu corpo inteiro tremia com toda aquela adrenalina.

Gabriel se agachou diante de mim, sem tirar os olhos dos meus, colocou a mão na minha nuca e, delicadamente, jogou meu corpo para trás até que eu me deitasse no palco. Aquele foi o meu declínio.

Com minhas costas grudadas no chão, Mister Sex afastou minhas pernas e se posicionou sobre mim, um braço de cada lado do meu rosto, enquanto mexia os quadris para cima e para baixo no ritmo da música. Seus olhos não se afastaram dos meus enquanto ele roçava, vezes seguidas, seu pau na minha virilha.

Eu sabia que era só o *show*, que era apenas uma dança sensual, mas o meu corpo não estava compreendendo isso tão bem. Sentia-me com a calcinha encharcada, pegajosa, desejando que ele se aproximasse mais um pouco e realmente fizesse o que estava fingindo fazer. Quando achei que meu desespero não poderia piorar, Gabriel deslizou por cima do meu corpo até posicionar o rosto entre minhas pernas. Era por isso que o desgraçado queria que eu estivesse de vestido.

Seus dedos apertaram minhas coxas e me fizeram dobrar os joelhos, aumentando ainda mais a abertura das minhas pernas. Graças a Deus, nesse momento eu não estava com a calcinha virada na direção da plateia ou o mataria com requinte. Sofri um espasmo quando senti seu rosto roçar no tecido da *lingerie* e meus joelhos fraquejaram.

Num piscar de olhos, meu corpo foi içado para o alto e eu acabei no colo dele, envolvendo seus quadris com minhas pernas, bem no instante em que as luzes se apagaram. Como sempre, a boate irrompeu em aplausos e gritos ensurdecadores. Não estava enxergando absolutamente nada, mas Gabriel andava pelo palco me carregando em seus braços, até finalmente eu poder ver a luz da coxia.

CAPÍTULO 19

Gabriel

Com Maria Flor no palco eu fui um pouco mais além do que costumava ir em apresentações normais, mas sentia essa necessidade de experimentar suas reações e explorar meu toque para também satisfazer minha vontade. Mesmo assim, eram movimentos que eu fazia quase no automático, só que não foi fácil me controlar ao perceber que a ninfeta que vinha mexendo comigo estava com a calcinha úmida. Foi proposital enfiar meu rosto ali entre as pernas dela e roçar meu nariz no tecido, pois eu precisava ter a certeza de que a afetava. Por sorte, o número estava chegando ao fim e eu evitaria cometer alguma gafe em público.

A claridade do camarim se abateu sobre nós quando a coloquei no chão e vi a menina cambalear, passando as mãos pelos cabelos bagunçados. Ela tinha o rosto todo vermelho e o pescoço também, quando me encarou por alguns segundos, sem dizer nada. Seus olhos desceram pelo meu corpo e vi nesse momento a oportunidade para pegá-la de jeito.

Puxei sua nuca, segurando firme para que não fugisse de mim e avancei contra sua boca, fazendo com que minha energia desenfreada deslocasse nossos corpos do lugar e eu precisasse segurá-la para não cair por cima dela. Beije Flor sem pedir licença, sobrepondo meus lábios aos seus, tão delicados e tímidos. Recebi a passagem que desejava quando ela correspondeu ao beijo

e tocou meu peito com as mãos geladas.

Peguei em sua bunda antes que pensasse muito e a trouxe para meu colo, ciente de que agora ela sentiria quem era o verdadeiro GG, pois meu pau inchava dentro da cueca, louco para se aliviar. Quando apoiei suas costas na parede ao lado da penteadeira do camarim, pressionei meu corpo contra o dela, ouvindo seu gemido baixo, e encarei o decote do vestido.

Maria Flor tinha seios bem pequenos e a roupa que estava usando deixava sobrar tecido naquela região, por isso, não foi difícil abaixar um lado da alça e expor um dos mamilos durinhos. Para a minha satisfação, era exatamente como imaginei, todo rosinha, delicado como ela, implorando para ser chupado.

Porém, bastou que eu o tocasse com a ponta da minha língua, para que Flor empurrasse minha cabeça para trás.

— Não, não, não... — Ela puxou a alça de volta para o lugar e fechou os olhos com força. — Isso não era pra acontecer...

— Você está tão excitada quanto eu — murmurei, tocando sua cintura e esperando que abrisse os olhos.

— Não importa. — Flor me encarou e eu pude enxergar muito receio tomando conta dela. — Me coloca no chão, Gabriel.

Claro que eu obedeci e recuei para lhe dar espaço, porém, peguei uma toalha que estava jogada sobre uma das cadeiras e a enrolei ao redor da minha cintura, pois minha ereção estava monstruosa.

Eu gostaria de entender o que tinha acontecido para que ela mudasse de atitude tão rápido, mas a porta do camarim foi aberta e uma Nina eufórica passou por ali, dando tapinhas no meu braço e, em seguida, encarando Maria Flor.

— A performance foi quente! Você gostou, Flor?

— Aham — respondeu ela, baixando os olhos e pegando suas roupas que tinham ficado dobradas no pequeno sofá. — Sim. Vou me trocar, com licença.

A garota passou como um foguete por nós, sem me olhar nos olhos, me deixando frustrado e de pau duro. Coisa que não passou despercebida por Nina quando a mesma encarou a toalha.

— Eu atrapahei alguma coisa?

— A coisa desandou antes de você chegar — respondi, me jogando no sofá. — Fique tranquila. A menina é escorregadia.

— Estava tentando comer a garota no camarim, Gabriel? — Levei um chute na canela e tirei minhas pernas do caminho para Nina passar e se sentar do meu lado. — A Maria Flor me pareceu gente boa, poxa. Ainda o defendi para ela, não me faça passar vergonha.

— Me defendeu? — Aquilo era novidade para mim, por isso, virei-me de frente para Nina e aguardei a explicação.

— Ela veio me perguntar se nós dois tínhamos alguma coisa. — Encolheu os ombros, arregalando os olhos. — Estava preocupada porque parece que o senhor foi meio abusado. Aí eu falei que éramos amigos e que você era um cara incrível.

— Então só falou verdades.

— Me poupe, Gabriel Guerra!

Nina se levantou e me deu mais um chute, porra. Minha amiga começou a recolher alguns itens de maquiagem sobre a penteadeira, enquanto eu encarava o volume sob a toalha e esperava que a ereção passasse para poder ir trabalhar.

— Eu preciso perguntar — murmurou Nina. — Te conheço há bastante tempo e sei de duas coisas: uma, você não costuma se envolver com garotas

novinhas, e duas, nunca te vi repetindo mulher. Ou seja, você, por acaso, está gostando da Maria Flor?

— Depende do sentido em que você está pensando. Estou interessado em transar com ela.

— Só isso? — Nina arqueou uma sobrancelha. — Só sexo e tchau?

— Por que eu nutriria algo mais do que isso? — perguntei, dobrando uma perna sobre o joelho. — Você mesma está cansada de saber que só servimos para sexo.

— Quem pensa assim é você. Não coloque palavras na minha boca. Você não dá chances pra ninguém te conhecer melhor, Gabs.

— Sim, porque sou o homem perfeito para ser apresentado aos pais de uma mulher — zombei, me levantando para encerrar aquele assunto no qual eu detestava entrar.

Só que Nina se aproximou de mim e me segurou pelo braço, beliscando meu mamilo e me fazendo querer recuar.

— Você não pode basear todo o seu futuro em apenas uma má experiência.

Minha amiga se referia à época em que saí algumas vezes com Pâmela, uma mulher que conheci fora da boate. Tinha demorado a contar minha profissão para ela, mas chegamos a dormir juntos umas cinco vezes, sempre na casa dela. Até que um dia, eu ousei mostrar o meu mundo para Pâmela e no dia seguinte ela estava bloqueando meu número, dizendo que jamais poderia apresentar um cara como eu para sua família.

Ainda era novo, tinha acabado de completar vinte e sete anos quando isso aconteceu, mas a partir daquele momento, eu aceitei meu verdadeiro papel no mundo. Era o objeto de desejo de cada uma das clientes que pisavam na *Red Kinky* e qualquer uma adoraria ir para a cama comigo, provar

de tudo que eu demonstrava ser sobre o palco. Conhecer o Mister Sex.

Porém, parava por aí. Eu vivia no imaginário, no mundo de fantasia que elas criavam para satisfazer o tesão que sentiam. E estava tudo bem, porque eu me sentia muito bem proporcionando qualquer tipo de prazer para aquelas mulheres. Mas a inocência que eu possuía antigamente, essa não existia mais. Não seria o cara que casaria e teria filhos.

Eu só queria levar Maria Flor para a cama, essa era a verdade. Conhecer o gosto dela, sentir seu corpo pequeno e delicado em minhas mãos e descobrir como ela gozava. Era uma garota interessante, inteligente, agradável, até gostava de ter a companhia dela, mas sabia que era apenas isso.

Quando entrei em meu escritório, vesti uma roupa e coloquei o boné para poder andar pelo corredor sem ser reconhecido de imediato. Da ponta até onde eu conseguia alcançar, tentei procurar Flor pela multidão de corpos, mas não a encontrei dentro do meu ângulo de visão.

Sabia que Nina não tinha culpa nenhuma de ter nos interrompido, mas mesmo assim, estava puto. Fijona como era, com certeza já devia ter ido embora para não ter que cruzar comigo por aqui de novo.

Voltei ao escritório, tranquei a porta e peguei meu celular. Liguei para o celular dela duas vezes, mas chamou até cair a ligação. Decidi então enviar uma mensagem e me sentei na minha cadeira, aguardando pela resposta.

Gabriel: *“Onde você está?”*

Maria Flor: *“Dentro do Uber.”*

Gabriel: *“Precisamos conversar, não acha? Deixamos algo mal resolvido.”*

Maria Flor: *“Desculpa, GG. Isso só aconteceu porque eu dei abertura pra que acontecesse. Eu não quero esse tipo de envolvimento, entende? Mesmo que meu corpo pareça dizer o contrário.”*

Refleti sobre cada uma daquelas palavras, imaginando a garota diante de mim dizendo aquilo. Sabia que devia ter agido com mais calma, mas o tesão que me tomou em cima do palco impediu que pensasse com clareza sobre a situação.

Gabriel: *“Tudo bem, Flor. Podemos esquecer que isso aconteceu. Me avise quando chegar em casa.”*

Achei melhor deixar o celular de lado e parar de pensar na garota, pois tinha trabalho a fazer e amanhã teria uma reunião com Cláudia. Respirei fundo, tentando tirar Maria Flor da cabeça, mas agora que tinha provado o beijo dela, tudo se tornava mais complicado.

CAPÍTULO 20

Maria Flor

— Eu juro que quero te apoiar, mas é difícil entender como você tem coragem de correr daquele homem — Laura murmurou ao meu lado enquanto eu enfiava a chave na fechadura da nossa porta.

— Você fala da boca pra fora, porque se estivesse no meu lugar, também faria o mesmo — retruquei, entrando em casa e acendendo a luz da sala.

— De jeito nenhum! — Ela largou a bolsa sobre a mesa. — Se um homem como esse Mister Sex me desse mole, esfregaria a piriquita a noite inteira na cara dele.

Parei e encarei a minha amiga, que tinha sido um sufoco para arrancar de dentro da boate. Ela queria ficar até o final e me xingou por eu ter pedido para virmos embora.

— Sério? — Cruzei meus braços ao encarar a loira. — Com quantos homens que mal conhece você já foi para a cama?

— É diferente.

— Como?

— O cara quase me fez gozar só em vê-lo dançar, Flor — Laura bufou. — É tipo aquela experiência que todo ser humano merece vivenciar, como andar de avião, ir à praia pela primeira vez, provar uma comida gostosa...

Dormir com um cara aleatório que seja bom de cama e vá me fazer ter orgasmos múltiplos, isso com certeza está na minha lista de coisas para fazer antes de morrer.

Enquanto ela discursava, tirei meus brincos, pulseiras e o cordão, deixando tudo em cima da mesa. Em seguida, descalcei as sandálias que estavam me matando. Respirei fundo, absorvendo as sensações que me consumiam e relembrando os últimos momentos daquela noite.

— E se eu estiver gostando dele?

Foi o suficiente para calar a boca de Laura e fazê-la arregalar os olhos.

— Você está?

— Não sei — respondi, frustrada, com essa sensação estranha no peito.
— Talvez.

Depois que meu namoro com Paulo terminou três anos atrás, nunca mais me relacionei com ninguém. Cheguei a sair para uns encontros aleatórios, mas que não passaram disso e em nenhum rolou sexo, porque eu não conseguia transar com desconhecidos.

Também comecei a gostar de dois rapazes, em épocas diferentes, é claro, que estudavam na mesma faculdade que eu, mas não fui correspondida por eles e acho que isso me traumatizou um pouco. Acabei não fazendo mais questão de sair com ninguém porque fiquei com medo de me machucar de novo. Então, um homem como o Gabriel aparecia na minha vida.

Claro que eu correria o máximo possível dele. Se não dava sorte com caras normais, quem dirá com uma pessoa que podia ter qualquer mulher num simples estalar de dedos. Eu não queria brincadeira. Não queria ficar com ele e me apaixonar.

— Amiga, eu me jogaria de cabeça. A vida é muito curta e esse gostoso quer você. — Voltei minha atenção para Laura, que estava mordendo o lábio

e fazendo uma dança sensual ridícula. — Pelo menos, você vai tirar as teias de aranha e ser amarrotada por aquela delícia de macho.

— O pau dele é extra grande — contei ao me lembrar desse detalhe. — Acho que eu sairia mais do que simplesmente amarrotada.

— Você já viu o material? — Laura bateu palmas. — Sua sortuda!

— Não vi nada. — Então, abri minha bolsa e joguei o conteúdo na mesa. Peguei o celular e o empurrei para o lado antes de segurar a carteira. Tirei o pacote de camisinha e mostrei para a minha amiga. — Mas peguei isso aqui no estoque dele. Eram todas do mesmo tamanho.

Boquiaberta, ela tomou o preservativo da minha mão para ler a embalagem e começou a rir e pular ao mesmo tempo. Era louca, de fato.

— Precisamos assistir uns vídeos pornô com homens pausudos para sabermos o que te espera — comentou, correndo até a nossa cozinha e voltando com uma garrafa de vinho. — Vamos beber pra comemorar. Você será a felizarda a sentar num pauzão!

— Não vou sentar no Gabriel, Laura.

— Hum, vai ser de ladinho, então? — zombou, usando o saca-rolhas.

— Se eu soubesse que ficaria debochando, não teria contado. — Peguei a camisinha de volta, alisando meu dedo na embalagem que eu nunca abriria.

Laura puxou uma cadeira e se sentou depois de trazer duas taças da cozinha.

— Sabia que existe uma teoria de que homens com paus muito exagerados acabam sabendo transar melhor do que os que têm paus de tamanhos normais? Porque eles precisam aprender a usar o material com precisão pra não arregaçar a mulher e fazê-la querer repetir a dose depois.

Encarei minha amiga que bebericava seu vinho.

— Nunca ouvi essa teoria — respondi, enchendo a minha taça. — Você está inventando.

Laura deu de ombros e me lançou um olhar safado, balançando as sobrancelhas.

— Você pode descobrir se é real ou não, sentando no extra grande do Gabriel.

— Fácil falar... Não é você que tem uma vagina que mal cabe um dedo. — Minha amiga cuspiu o vinho sobre a toalha branca e eu me levantei correndo para pegar papel e secar aquela bagunça. — Isso é preocupante, Flor!

Abri uma porta dos armários da cozinha para pegar o rolo de papel, enquanto Laura se ocupava de tirar a toalha da mesa e tentar salvar aquela mancha. Estava retornando à sala quando vi que minha amiga parecia ter congelado no lugar, com a cabeça encarando alguma coisa sobre a mesa. Quando se virou para me olhar, ela apontou o dedo para o meu celular.

— Venha ver isso — pediu.

Preocupada, pensando que tinha caído vinho nele ou algo do tipo, aproximei-me com pressa e encarei o aparelho. Nesse momento, um frenesi horrível percorreu meu corpo inteiro e senti meus joelhos ficarem bambos. Havia uma ligação em andamento, com duração de quatro minutos e contando, para o número de Gabriel. Toquei o ícone de viva-voz e preendi a respiração, com medo de descobrir se ele estava ou não do outro lado, ouvindo toda a nossa conversa.

— Acha que...

— Sh! — Tapei a boca de Laura e pensei rápido em algo que pudesse me dar essa confirmação. — Enfim, Gabriel beija mal e fez um *show* apático hoje. Essa é a verdade.

— *Flor, você é uma péssima mentirosa.* — A voz grossa e masculina se fez presente na saída de som do meu celular e eu me sentei, querendo morrer de desgosto. — *Sabemos muito bem que foi o melhor beijo da sua vida. Olá, meninas. Obrigado pela ligação, foi bacana passar um momento na companhia das duas. Laura, eu ainda não tive o prazer de conhecê-la, mas já gostei de você. Posso apresentá-la a alguns amigos, caso se interesse. Só me diga se tem preferência por comprimento ou espessura. Agora, sobre a sua teoria, eu tenho que concordar com a Flor, não é verdade. A maioria dos homens com pau grande não sabe usá-lo de forma adequada e acaba, sim, causando desconforto para a parceira.*

Toquei no botão que encerrava a chamada e me liberei de uma vez por todas daquela situação absurda. Laura soltou um grito e começou a gargalhar, mas eu estava apavorada. Quanto da nossa conversa ele tinha escutado, afinal de contas? Será que ouviu a parte em que eu dizia talvez estar gostando dele?

Porra, a noite não tinha como piorar.

CAPÍTULO 21

Maria Flor

Observei do outro lado da calçada a casa dos pais de Lia Barker e me preparei para o que viria. Estava rezando para que fossem tão gentis quanto aparentavam por telefone, pois a ex-modelo não havia contado muito sobre eles em sua entrevista. Tudo o que tinha dito foi sobre serem humildes, que passaram algumas dificuldades ao longo da vida, e que agora ela podia dar a eles uma velhice digna.

Reunindo coragem, atravessei a rua, apertei o interfone e respirei fundo. Ouvi uma voz feminina sair do aparelho em seguida.

— Posso ajudar? — perguntou.

— Boa tarde. Eu me chamo Maria Flor e trabalho na editora que está escrevendo a biografia de Lia Barker. Gostaria muito de conversar com os pais dela.

Depois de alguns segundos, o portão eletrônico se abriu e me surpreendi com o quanto aquilo tinha sido fácil. Entrei e fiquei ainda mais impressionada com a casa. Não era uma mansão, mas era muito bonita. Dois andares, varanda, piscina e garagem coberta.

A porta de entrada da residência foi aberta e um velhinho, que eu considerei ser o Frederico, apareceu com um sorriso no rosto. Sabia que era

ele porque já tinha visto algumas fotos antigas na internet.

— Obrigada por me receber, Senhor Barros. — Sorri e estendi minha mão para ele. — Eu sou a pessoa responsável por escrever a biografia.

Ele apertou a minha mão, entusiasmado.

— Seja bem-vinda, Maria Flor. A Eula... — pigarreou rápido. — A Lia comentou sobre a biografia, quando esteve aqui em casa há alguns dias.

— Perfeito! Que bom que estão cientes, fica mais fácil para fazer a entrevista.

Eu só esperava que a filha deles não tivesse o costume de aparecer sem avisar. Talvez ela não gostasse de me ver de intrometida na casa de seus pais.

— Você quer mesmo entrevistar a gente? — perguntou Frederico, com olhinhos esperançosos.

— Claro que sim! — respondi, entrando na casa quando ele me deu passagem e me indicou a sala. — Falar com os pais da pessoa é muito importante para obter algumas informações preciosas. Lia nos contou muita coisa, mas achamos que seria interessante também ouvir de vocês.

A casa por dentro era ainda mais bonita. Bem decorada, mobiliada e iluminada. Era tudo tão limpo e arrumado que eu duvidava muito que um casal com mais de oitenta anos pudesse deixar o lugar assim sem a ajuda de empregados. Eu apenas não os estava vendo.

Frederico Barros me guiou para uma sala nos fundos da casa, algo parecido com uma varanda muito ampla e com vista para um jardim lindo. Vi a mãe de Lia sentada em uma cadeira, tomando uma xícara de café, enquanto parecia aproveitar a paz do ambiente. Até eu queria morar ali com eles.

— Aline — Fred a chamou, se aproximando. — Temos uma visita.

Ela se virou para mim, então eu estendi a mão.

— Maria Flor — apresentei-me. — Sou da Editora Âncora e estou escrevendo a biografia da sua filha.

— Ah! — Os olhos da senhorinha brilharam de admiração, assim como os de Frederico, toda vez que eu tocava no nome de Lia. — Que ótimo receber você, querida.

Aline apontou para a cadeira ao lado, na qual me sentei. O marido ocupou o sofá de dois lugares que ficava de frente para mim, e olhando para os dois, notei como Lia se parecia com eles.

— Eulália falou do livro que vai sair sobre ela — Aline disse. — Ficamos muito felizes em saber que tanta gente vai conhecer a sua história.

Pensei que se dependesse de Lia, os leitores teriam um livro fictício, com coisas inventadas sobre seu passado. Mas não comigo na direção. Não mesmo.

Sorri gentilmente, pensando no que iria dizer.

— Eu também estou muito feliz e animada. Lia é um ícone mundial e me sinto honrada de poder contar sua história. — Sorri, tentando passar o máximo de credibilidade que podia. — Por isso, decidi visitar vocês. Queria conhecer sua perspectiva sobre a infância e adolescência da filha de vocês.

Aline sorriu e olhou para Frederico, tomando a mão dele de forma carinhosa.

— Você ouviu isso? — perguntou, empolgada, e eu quis colocá-la num potinho. — Vamos fazer parte do livro da Eulália.

— É claro que vão! Afinal, vocês são os pais dela.

— E o que você quer saber? — Aline indagou, mas logo pareceu se lembrar de algo. — O álbum de fotos! Temos um álbum de fotos dela! — Então, ela virou o rosto em direção à porta de vidro que dava para o interior da casa e gritou: — Carmem! Carmem, venha aqui!

Segundos depois, uma moça jovem apareceu na porta, secando as mãos em um avental, e tocou o ombro de Aline com muito carinho.

— Querem alguma coisa?

— Você pode pegar o álbum de fotos da Eulália no meu quarto, por favor? Ele tem a capa azul e está dentro do armário marrom.

Carmem se retirou e Frederico aproveitou aquele momento para ir até a cozinha e voltar com xícaras de café. Não demorou para que Aline começasse a contar histórias sobre a infância de Lia, praticamente desde o nascimento dela. Por horas a fio, ouvi amenidades sobre sua adolescência, sobre a casa onde viviam antigamente, como Lia era sapeca e que sempre teve gosto pela fama.

Eram histórias muito interessantes, mas nenhuma delas serviria ao meu propósito. O momento oportuno chegou quando eles passaram a falar da época em que ela decidiu seguir a carreira de modelo.

— Por acaso a Eulália — citei o nome de batismo, já que tinha percebido que Aline só se referia a filha dessa forma — teve outros empregos antes de se tornar modelo?

— Sabemos que ela trabalhou como *bartender* de uma boate quando tinha uns dezessete anos — disse Frederico. — Isso foi até motivo de briga, por ela ser menor de idade.

Bartender. Então eles não sabiam toda a verdade. Justo, eu também não contaria que era *stripper* para os meus pais.

— Não foi uma época muito boa — Aline murmurou, com certo pesar, os olhos baixos na direção do colo.

— Por que não? — perguntei.

— Ela saiu de casa nessa época — respondeu a mãe. — A gente não entendeu muito bem. Foi muito difícil para nós dois.

— O sonho dela era ser independente — Fred acrescentou. — Foi difícil no começo, mas a fase ruim mesmo veio no ano seguinte.

Me ajeitei, sentindo que estava perto de algo importante.

— O que aconteceu?

Ele deu de ombros, cabisbaixo. O passado de Lia realmente assombrava não só a ela, mas toda a família.

— A gente não sabe. Ela nunca nos contou o que estava acontecendo, apenas começou a agir estranho e parou de nos visitar. — Frederico encolheu os ombros. — Lia chegou a ficar meses sem nos ver. Ficava inventando desculpas.

— Nós ficamos muito preocupados — disse a senhora simpática e fofa. — Sabíamos que estava acontecendo alguma coisa com nossa filha, mas ela não nos dava acesso.

— Então, um dia, Lia apareceu aqui como se nada tivesse acontecido — disse o pai. — Avisou que tinha conseguido um emprego como modelo e que ia mudar de vida. Mas havia algo diferente nela, no olhar, não sei... Só é aquele tipo de coisa que marca a gente, entende?

— Ela tinha o olhar mais triste do mundo. — O rosto de Aline estava virado para mim, mas seu semblante mostrava que relembrava o passado. — E essa tristeza nunca mais foi embora.

Abaixei a cabeça, lendo as anotações que tinha feito no caderno. Ao que parecia, algo realmente tinha acontecido. Algo grave.

— Quantos anos ela tinha nessa época?

Eles trocaram um olhar, como se perguntassem um para o outro, na dúvida. Frederico enrugou a testa quando encolheu os ombros e respondeu:

— Acho que uns dezenove.

Para falar a verdade, aquelas datas estavam todas muito emboladas. A começar pela própria Lia que tinha mentido na cara dura para mim e Julian, dizendo que começou a trabalhar na *Red Velvet* aos dezoito anos. Sendo que agora, seus pais me afirmavam que ela entrou para a boate ainda menor de idade. Ou seja, não dava para confiar muito nas informações que a ex-modelo havia passado.

Suspirei e olhei minhas anotações novamente. Provavelmente, não conseguiria tirar muitas outras informações deles, já que Lia manteve segredo sobre o que possa ter acontecido de tão ruim.

— Sabem onde ela morou quando saiu da casa de vocês? — perguntei.

— Nunca soubemos o endereço — respondeu Frederico, sorrindo. — Acho que Lia tinha medo de que aparecêssemos lá e a fizéssemos voltar para casa. Mas sabemos que ela dividia um apartamento com uma amiga, a Laís.

Aline começou a mexer no álbum de fotos novamente, que até então não tinha sido útil para mim, parecendo procurar por alguma coisa.

— As duas eram amigas e estavam sempre juntas.

— Elas aprontavam todas! — O pai riu, com uma expressão muito saudosa.

— Aqui, achei! — Aline estendeu uma foto para mim. — Essa é a Laís. Ambas deviam estar com quinze ou dezesseis anos nesse dia.

Peguei a imagem antiga e observei com atenção. Era uma fotografia de Lia com uma garota alta, de cabelos loiros e lisos, um sorriso radiante no rosto. Sua pele era clara e seus olhos bem azuis.

— Vocês sabem onde posso encontrar a Laís?

Os dois balançaram a cabeça em negativa.

— Perdemos o contato há muito tempo — Frederico disse. — Ela nunca

mais apareceu aqui e Lia também nunca mais falou dela.

Encarei a foto mais uma vez.

— Sabem o nome completo dela?

— Laís Cavalcante — Aline respondeu.

Deviam existir milhares só na cidade de São Paulo, mas eu não desistiria logo agora. Era uma boa informação para ser guardada.

— Posso tirar uma foto da foto? — perguntei.

Eles assentiram, então peguei meu celular e fotografei a imagem que segurava. Com um nome e um rosto, talvez não fosse impossível encontrá-la. Afinal de contas, todo mundo tinha redes sociais nos dias atuais.

Por fim, eu me vi satisfeita. Frederico e Aline foram as pessoas mais simpáticas e acessíveis do mundo, e eu esperava que, se um dia descobrisse o que tanto a filha deles escondia, que a revelação fosse positiva para os dois. Não gostaria de ver o casal sair machucado nessa história.

— Muito obrigada por terem me recebido tão gentilmente — falei ao me levantar para me despedir. — A história de vocês será muito importante para montar a biografia e eu espero que gostem do resultado final.

Foi Frederico quem me levou até o portão da residência e eu saí de lá muito satisfeita. Ainda pensando em como poderia encontrar Laís, peguei o metrô para voltar para minha casa. Quarenta minutos depois, desci na estação e estava andando distraída pela rua, quando percebi que tinha alguém me seguindo de perto.

CAPÍTULO 22

Gabriel

Havia tirado o dia para ir até minha agência bancária e resolver umas pendências com o gerente, depois parei no *shopping* para comprar uma calça *jeans* nova e aproveitei para adquirir um novo perfume também, pois andava enjoado do meu atual. Na volta para casa, quando passava pela saída da estação do metrô que ficava na esquina da minha rua, notei uma figura de costas, muito parecida com a Maria Flor.

Bastou me aproximar um pouco mais para perceber que era ela sim, e a garota caminhava em direção à *Red Kinky*. Permaneci dirigindo devagar para poder acompanhar os passos dela, sempre me mantendo um pouco mais atrás. Ela olhou algumas vezes na minha direção, até que começou a correr. Tive que acelerar, sem entender o motivo da pressa, até que ela alcançou a porta da boate e estacou de repente.

— O que aconteceu? — perguntei ao parar a moto de qualquer maneira e saltar para socorrê-la. — Flor? Você está bem?

Só quando ela virou o rosto e me olhou é que percebi que estava sem sangue nenhum no rosto. Seus olhos se arregalaram e a bolsa de alça comprida que segurava, veio parar em cima da minha cabeça quando começou a me bater.

— Era você o tempo todo? — gritou. — Seu idiota! Eu pensei que estivesse sendo seguida por um assaltante!

Tentei me proteger dos ataques até que consegui segurar a arma cor de rosa e me esquivei. A garota levou a mão ao peito, massageando a região, e parecia mesmo assustada, fazendo eu me arrepender de tê-la seguido. Não parei para pensar que de capacete não seria reconhecido facilmente. Por instinto, eu a puxei e a abracei apertado, aproveitando a situação para tirar uma casquinha e ter a moreninha em meus braços.

— Não fiz para te assustar, Flor. Só achei curioso encontrá-la por aqui a essa hora e queria ver onde ia — expliquei, notando sua testa se franzir.

— Não sei como vim parar aqui — disse ela, se soltando do meu abraço e ajeitando os cabelos. — Estava a caminho de casa, mas acho que me distraí e fiz o percurso no automático.

— Isso se chama saudade. — Sorri, vendo seus olhos se revirarem. — Vamos entrar um pouco.

— Tenho que ir pra casa e trabalhar, Gabriel.

Eu ainda segurava a bolsa dela, então quando Flor a puxou das minhas mãos, abriu um dos compartimentos e tirou seu celular dali de dentro. Ela ligou a tela, mexeu um pouco nele e, então, virou para mim.

— Fui visitar os pais de Lia e tive muitas informações curiosas. Inclusive, descobri o nome da amiga que morava com ela na época. — Peguei o telefone da mão dela e dei zoom para olhar melhor as duas garotas na foto. — Descobri que algo realmente aconteceu no período em que ela trabalhou aqui na boate. E você sabia que ela era menor de idade?

— Não sei se você já fez as contas, mas Lia Barker é um pouco mais velha do que eu. — Pisquei para a garota, debochado. — Não cheguei a conhecer a moça. Não posso ser preso porque minha mãe contratou uma

menor de idade para tirar a roupa em cima de um palco.

— Talvez Lia tenha mentido, usado documentos falsos — disse ela. — Porque no dia da entrevista, a própria contou que tinha dezoito anos quando começou a dançar aqui.

— Acho que isso é o mais certo de ter acontecido. Minha mãe não gostava de deixar furos. — Olhei de novo a foto e sorri. — Acho que conheço ela. Tem pelo menos umas vinte desse tipo toda noite aqui na casa. Bem padrão.

Flor não ficou tão feliz com minha brincadeira e tomou o celular de mim, colocando-o no bolso da calça. Mas eu não tinha dado minha cartada final ainda.

— Tenho um amigo *hacker* com contatos na Polícia Civil. Acho que ele consegue encontrar seu alvo.

O rostinho bonito se iluminou e vi o sorriso crescer nos lábios perfeitos. Lembrei-me do nosso beijo e de como foi gostoso sentir aquela boca se mover contra a minha, mas não era nada agradável não poder repeti-lo.

— Sério? — Flor se animou. — Você faria isso por mim?

— Claro! — Cruzei meus braços. — Por um preço.

Ela me encarou com aquela expressão irritadinha, que me deixou ainda mais empolgado. Precisava admitir, gostava muito de provocar Maria Flor.

— Eu acho que já tenho uma dívida com você, que nem sei como vou terminar de pagar e tenho medo de descobrir.

— Prometo que não é nada tão cabuloso — falei, lembrando que tinha largado minha moto de qualquer jeito e aproveitando para colocá-la na garagem. — Basta você concordar em termos um encontro.

Eu nem sabia o que tinha dado em mim, só queria poder passar mais tempo com ela e tentar dobrar aquela criaturinha que parecia decidida. Ela, no entanto, me olhou como se eu tivesse sugerido que dançasse nua em um pole dance no meio da rua.

Fechei o portão de garagem e me encostei nele, esperando por uma resposta, enquanto Flor trocava o peso de uma perna para a outra.

— Gabriel, eu não vou...

— Transar comigo, eu sei. — Revirei meus olhos, rindo. — Já entendi que não está acostumada com coisas grandes, Flor. Prometo que não vou nem tentar apertar a sua bunda.

— Você acha que vai me convencer falando essas coisas? — perguntou, franzindo os lábios e cruzando os braços.

— Não vou fingir ser algo que não sou. Esse é Gabriel Guerra, desbocado, puto e debochado.

— Vai mesmo falar com seu amigo *hacker*?

— Sim, farei minha parte, mas não posso prometer que ele terá sucesso.

Ela assentiu, segurando firme na alça fina da bolsa, e esticou a outra mão para mim. Eu apertei, selando o novo acordo. Flor pegou seu celular novamente e me encaminhou a foto, depois foi embora prometendo me mandar uma mensagem mais tarde para combinar o dia do encontro.

•

Eu consegui fazer contato com Alexandre, o cara de quem eu cobraria esse favor para rastrear a tal Laís, só que Maria Flor sumiu do mapa pelos

quatro dias que se seguiram. Por mais que eu mandasse mensagem ou ligasse para ela, não era atendido ou respondido.

No sábado, eu já tinha decidido esquecer a garota. Encarei o fato de que ela não estava mesmo interessada e que eu havia me enganado ao pensar que era apenas tímida e medrosa. Estava no meu camarim, esperando o show do Rafa terminar, quando bateram na minha porta e Nina colocou a cabeça para dentro.

— Sabe quem está lá no bar? — perguntou, sorrindo.

— Não.

— Ih, temos alguém azedo por aqui — resmungou, estalando a língua.
— Ainda bem que vai voltar a ficar docinho quando olhar para a Flor.

Nina conseguiu chamar a minha atenção, que naquele momento, estava mais concentrada no celular em minha mão. Eu a encarei, observando sua expressão que dizia estar se divertindo comigo. Tinha mesmo acabado de dizer que Maria Flor estava na boate ou só tentou brincar com a minha cara?

— Ela está lá fora? — perguntei, me levantando. — Pediu pra me chamar?

Ia passar pela porta quando Nina me parou com uma mão no meu peito e me empurrou com a força de um filhote de passarinho.

— Vai sair assim, Gabs? — Riu da minha cara e eu percebi que estava só de cueca. — Ela não está procurando por você, sossega o rabo. A Flor está lá no bar, curtindo os *shows*.

A filha da mãe veio me provocar? Depois de dias me ignorando, simplesmente quis aparecer por aqui para assistir algumas apresentações?

Assenti para Nina, tranquilizando-a e recuando, começando a me vestir para entrar logo em seguida. Eu ia trocar a ordem dos *shows* da noite, porque não aguentaria esperar tanto tempo mais para encarar a safada. Só que

quando minha amiga saiu do camarim, eu acabei não resistindo. Enfiei o boné na cabeça, terminei de me vestir e saí para o corredor, me esgueirando até o início dele e olhando na direção do bar.

A filha da mãe estava lá, sentadinha, com um *drink* na mão, balançando os pés no ritmo da música, com os olhos grudados no palco. Vestia o que parecia ser uma saia preta e um *top* rosa, os cabelos estavam meio presos e meio soltos.

Tirei meu celular do bolso e liguei para o número dela, observando-a pegar seu aparelho e olhar a tela. Então, automaticamente, seus olhos correram pelo salão e chegaram em mim. Mesmo na escuridão que me protegia no corredor, eu sabia que conseguia me enxergar.

Ela desceu da banqueta com cuidado, pendurou a bolsa pequena no ombro e começou a cortar o mar de corpos para chegar até onde eu estava. Sendo assim, recuei para dentro e esperei na porta do camarim, vendo-a me alcançar.

— Veio conferir os *shows* da noite ou provar novos *drinks* no meu bar?

— Vim para o nosso encontro — disse ela, sorrindo de forma angelical demais.

— No meu trabalho?

— Você não especificou como seria. — Flor encolheu os ombros e piscou, atrevida. — Eu deixo que me pague uma bebida depois.

Estava tocando “*Not Afraid Anymore*”, de Halsey, quando Flor esticou o corpo todo para poder roubar o meu boné e expor o meu rosto. Só que ela se desequilibrou para cima de mim, e vi a oportunidade perfeita de passar um braço meu ao redor de sua cintura e prendê-la junto ao meu corpo. Com a mão livre, peguei o *drink* que ainda segurava, com medo de que deixasse o copo cair, e provei a bebida pelo canudo.

Não tinha uma gota sequer de álcool ali, o que me deixou extremamente surpreso, mas também percebi que ela era responsável, considerando o que acontecera da última vez em que bebeu os *drinks* da *Red Kinky*.

— Você prometeu — murmurou, os dedos se enroscando na minha camiseta.

— O quê?

— Que não tentaria nem apertar minha bunda. — Sua sobrancelha se arqueou e eu ri da boa memória que possuía.

Eu me curvei na direção de seu rosto e deixei que meus lábios roçassem contra a pele dela ao me preparar para responder. Senti alguns dedos resvalarem para dentro da manga da minha blusa e as unhas apertarem minha carne.

— Não cheguei nem perto dessa sua bundinha pequena — respondi, dando um beijo em seu pescoço. — O que é uma pena, Flor, porque eu tenho certeza de que você gostaria de me sentir apertá-la, antes de dar uns tapas gostosos nela.

Ouvi uma risada baixinha e a senti jogar um pouco de seu peso sobre mim, encostando nossos corpos ao tentar esconder o rosto. Talvez nem mesmo fizesse de propósito, mas eu conseguia perceber pequenos sinais de abertura, que me fizeram deslizar a boca pelo queixo dela, devagar, sentindo a pele do seu braço ficar arrepiada sob meu toque.

Sabia que meu *show* estava prestes a começar, mas não queria perder o momento. Apertei ainda mais o meu braço em volta da cintura dela e a puxei para o alto, encarando sua boca e a obrigando a me olhar. Flor mordeu o lábio inferior antes de tomar a iniciativa e me beijar. Esperei alguns segundos para reagir, deixando que ela provasse minha boca com calma, até que a chupei com vontade, puxando sua língua para mim e pressionando a parede com as

minhas costas.

Foi rápido, porque sabia que precisava voltar ao camarim e trocar de calça, mas antes de descê-la ao chão de novo, deixei uma trilha de beijos por seu pescoço e colo. Flor usava algum perfume leve com cheiro de baunilha e eu amava fragrâncias doces em mulheres.

— Preciso ir — avisei ao finalmente soltá-la e passei o polegar pelo canto de sua boca para limpar o batom borrado. — Avise a quem estiver no bar, que seu consumo está liberado essa noite.

Devolvi seu *drink* e entrei rápido no camarim antes que perdesse mais tempo ali do lado de fora, porque minha vontade mesmo era carregar Maria Flor para a minha casa. Porém, tinha entendido que precisava ser paciente e ir com calma com ela, pois não seria no meu tempo, como geralmente era. A mocinha de um metro e meio parecia muito disposta a me dar trabalho, mas eu sempre curtia um desafio.

CAPÍTULO 23

Maria Flor

Ao som de “*The Hills*”, de The Weeknd, eu observei Gabriel segurar a mulher pela mão e posicioná-la de frente para ele, assim como tinha feito comigo. Cruzei os braços, levemente incomodada. Balancei a cabeça, discutindo comigo mesma que isso não importava, afinal, ele fazia isso praticamente todas as noites.

No entanto, comecei a perceber que os movimentos não estavam tão invasivos quanto foram na minha vez. Gabriel praticamente não encostava o seu corpo no da loira, e tentei me lembrar se era assim das outras vezes, com outras pessoas. Comigo, ele não fez questão de se conter.

Desviei o olhar do seus quadris para seu rosto e descobri que ele estava olhando para mim. Eu não tinha ido me sentar no bar porque ficava longe do palco, então permaneci ali perto do corredor e me surpreendi por ele ter conseguido me achar na multidão. Por um momento, achei que estivesse apenas olhando na minha direção, mas não era. Gabriel me encarava sem nem ao menos desviar a atenção.

Senti meu ventre se contrair e um arrepio subir pela minha espinha. As borboletas no estômago começaram a voar e minhas pernas amoleceram enquanto me lembrava da sensação de estar no lugar daquela mulher. O que

eu deveria fazer era sair dali, mas simplesmente não conseguia tirar os olhos de Gabriel.

Ele trocou a mulher de posição, sempre me observando, e a deitou no chão, afastando as pernas dela. Fazia todos os movimentos com a maestria de quem já tinha reproduzido a cena mil vezes e não precisava prestar atenção, já que ela estava toda voltada para mim. Minha vagina se contraiu e eu precisei cruzar as pernas com força para me conter. Senti que minha calcinha ficava cada vez mais úmida à medida que os olhos intensos me fitavam e amaldiçoei Gabriel, por me deixar assim. Ele não precisava nem me tocar, só o seu olhar já era o suficiente para me fazer arder em brasas.

Quando o *show* chegou ao fim, o palco ficou escuro, de repente, e eu perdi meu contato visual com Gabriel. Sem demora, saí de onde estava e me dirigi às pressas ao bar. Dessa vez, precisava de qualquer coisa que possuísse um pouco de álcool. Por sorte, o público ainda permanecia eufórico por conta do final da apresentação dele e, com isso, consegui um lugar vago diante do balcão.

O *barman* que dançou antes do Mister Sex apareceu, sorridente.

— Quero um drink que não seja tão forte, por favor — pedi, e então me lembrei de um ótimo detalhe. — O Gabriel disse que meu consumo hoje está liberado.

— Ora, ora se não é a estrela da *Red Kinky*.

— Estrela? — perguntei, confusa.

— Você causou o maior alvoroço no nosso grupo, sabia? — respondeu, pegando um copo e começando a preparar minha bebida.

— Que grupo?

— Nosso grupo do *WhatsApp*. Gabriel não conseguiu enganar ninguém fingindo que você era uma cliente comum.

Claro que não iam acreditar que eu tinha sido escolhida diretamente da plateia. O próprio dono da boate me obrigou a usar um vestido que era figurino de uma de suas *strippers* e num lugar como aquele, fofoca corria solta e de graça.

O barman estendeu a mão para mim e quando a apertei, senti que estava gelada por conta do preparo das bebidas.

— Sou o Rafa.

— O assunto do grupo teve o nome exposto? — perguntei e ele riu.

— Sim, Maria Flor.

Ele deslizou o copo pelo balcão e eu provei o *drink* gostoso e docinho. Era exatamente disso que eu precisava, um suco com drogas.

— O *show* da Nina vai começar — Rafa avisou.

Girei na banquetta para poder ficar de frente para o palco. Talvez fizesse bem para mim assistir à apresentação de alguém que não me fizesse perder a cabeça. Era engraçado perceber a diferença da reação da plateia. Imaginei que a maioria ficasse mesmo só pra curtir e se divertir com mais um *show*, mas era notável que pouquíssimas realmente se interessavam a ponto de querer interagir com a mulher no palco.

Observei Nina de longe, tomando minha bebida de gole em gole para não correr o risco de passar outro vexame. A dançarina era muito boa e bonita demais, possuía movimentos suaves e delicados, além de um corpo escultural. Sem que eu esperasse, ela arrancou o sutiã e expôs os seios com os mamilos pintados em *glitter* dourado, levando a plateia que assistia, à loucura.

Devia fazer muito sucesso nos dias abertos para o público masculino e, pensando nisso, eu me vi curiosa para saber como eram as noites dos homens aqui na *Red Kinky*. Considerando que estava escrevendo a biografia de uma

stripper, deveria ter visitado a casa para assistir apresentações femininas e não masculinas. Isso significava que eu me deixei envolver tanto com Gabriel, que até perdi o foco sobre o que tinha ido fazer ali pela primeira vez.

Meu celular apitou com a chegada de uma notificação e li a mensagem dele, pedindo que eu fosse até o camarim. Terminei de beber meu *drink*, começando a sentir as borboletas no estômago, e pulei da banquetta, reunindo coragem para encará-lo depois de termos nos beijado.

Cheguei no final do corredor quando o *show* de Nina tinha terminado e cruzei o caminho dela, que tinha a pele suada e brilhante. Eu tinha certeza de que só gostava de homens, mas a mulher era tão exuberante que, por um instante, senti-me atraída por tanta beleza e pelos peitos enormes diante dos meus olhos. Ela provavelmente possuía silicone por conta do formato muito duro e arredondado.

— Ei! Você ainda está aqui! — Ela sorriu, passando um braço pelos meus ombros. — E aí, gostou da minha dança?

— Você é maravilhosa no palco — respondi com sinceridade. — Parabéns!

— Obrigada. Você é um amor.

Uma das portas atrás de mim se abriu e eu sabia que era o camarim masculino. Nem precisava olhar para ele para sentir sua presença sufocante em minhas costas e algo me dizia que ele tinha se aproximado bastante.

— Aí está ele! — disse Nina — O homem da noite!

— De todas as noites — murmurou.

Senti as mãos pesadas tocarem meus ombros e Gabriel me puxou até que minhas costas se colassem em seu corpo.

— Eu queria só metade da sua autoestima — disse Nina, rindo, e eu fiquei pensando como ela podia se sentir tão à vontade com os seios de fora.

— As próprias mulheres gritando o nome dele fazem esse ego inflar — foi minha vez de comentar. — Percebo agora como elas se contentam com tão pouco.

— Pouco? — Gabriel riu, passando o antebraço forte ao redor do meu pescoço. — Não foi o que o seu corpo achou quando foi sua vez sobre o palco.

Senti meu rosto esquentar, porque eu poderia negar eternamente, mas sabia que o *stripper* tinha notado minha excitação naquele dia. Mas era horrível ter ele falando aquilo em voz alta, principalmente, na frente da Nina. Ela me lançou um sorriso complacente, talvez percebendo que eu tinha ficado sem graça.

— É normal sentir tesão no palco — comentou, piscando para mim. — Até eu ficaria, no seu lugar. O Gabs manda bem na dança.

Ela jogou um beijo no ar e se virou para entrar no camarim feminino, me deixando a sós com ele naquele corredor parcialmente iluminado. O braço que estava ainda no meu pescoço me apertou um pouco mais e meu corpo se desequilibrou na direção de Gabriel, que nem mesmo se moveu.

— Vamos lá em casa? — sussurrou no meu ouvido e me fez estremecer. — A não ser que prefira ter o encontro ali no bar. Será interessante, vamos ter bastante companhia feminina.

— Podemos subir — respondi, nervosa, recebendo um beijo no rosto.

Foi o bastante para Gabriel me soltar, mas ele segurou minha mão e me rebocou pelo corredor até a escada que dava acesso aos outros andares. Pude notar que o segundo pavimento estava ainda em funcionamento e uma mulher quase correu até nós quando viu o Mister Sex, porém, ele foi mais rápido e abriu a porta que levava à parte dos fundos até sua casa.

— É necessário você ter um ego muito grande para essa profissão? —

zombei, esperando ele destrancar sua porta e me deixar entrar. — Porque você se dá muito crédito, eu fico impressionada.

— Vai negar que não se afeta quando eu danço, Flor?

Não respondi, apenas observei quando foi até a cozinha e pegou uma garrafa de vinho. Colocou-a sobre o balcão, depois pegou duas taças sem me perguntar se eu queria beber, então as serviu em silêncio. Com a porta da casa fechada, não dava para ouvir a música da boate, mas não demorou para que Gabriel mexesse no celular e o conectasse a uma caixinha de som pequena que havia sobre um aparador na sala.

— Eu não tomo vinho — falei quando me entregou uma taça.

— Mentira. — Gabriel riu, balançando a cabeça. — Quer que eu relembre toda a conversa que ouvi sua com a Laura?

Revirei meus olhos, xingando-me por não ter me dado conta de que até disso Gabriel sabia. Levei um susto quando ele me pegou pela cintura e me colocou sentada sobre a bancada que separava a cozinha da sala. Meu coração martelou no peito pela surpresa e achei que fosse me beijar, mas apenas se inclinou na minha direção para pegar sua taça.

— Acho válido ficarmos nivelados porque em algum momento, um dos dois vai ganhar um torcicolo — brincou, piscando e passando a mão pela cabeça quase raspada. — Gostou do *show* dessa noite?

— Foi legalzinho — provoquei, sentindo-me muito nervosa sob o olhar intenso dele.

Seus dedos tocaram meus joelhos e eu os encarei, prolongando o silêncio entre nós. Bebi mais um pouco de vinho, percebendo que não devia ter subido com Gabriel porque entendia muito bem para que direção a noite iria se eu não me controlasse. Por mais que ele ficasse fazendo promessas disso ou daquilo, sabia que se não colocasse um freio na situação, eu acabaria indo

parar na cama com ele.

— Você está sempre muito tensa, Flor — murmurou, recuando um pouco e me encarando. — O que posso fazer pra que relaxe um pouco?

— Que tal me contar se o seu amigo *hacker* teve alguma sorte? — Gabriel riu, com certeza não era bem aquele tipo de interação que estava sugerindo. Notei uma música gostosa que começou a tocar, muito sensual, e perguntei: — Qual o nome dessa canção?

— Se chama “*Bad Drugs*” — respondeu, tirando a camisa devagar. — Gostou?

Assenti, prestando atenção no que ele fazia. Sua intenção era me dar um *showzinho* particular? Só fiquei ainda mais nervosa, olhando os dedos grandes e pesados deslizarem o tecido por cima da cabeça, até que ele deixou que caísse no chão. Observei o tanquinho moreno conforme Gabriel se aproximava de mim, com os dedos no botão da calça.

Minha boca secou enquanto eu esperava sua próxima ação, mas o Mister Sex não continuou. Ele apenas trouxe o rosto até mim e beijou minha clavícula ao enfiar o corpo largo entre minhas pernas que fez questão de abrir. Logo me arrependi de não ter vestido um *jeans* aquela noite. Minha saia era de veludo, portanto, o tecido deslizava muito facilmente para cima.

— Sou um homem de palavras, Flor — murmurou ele com os lábios tocando meu ombro. — Portanto, hoje só vou dar o que você quiser.

— Eu quero um *show* particular. — Fechei a boca ao perceber que disse aquilo em voz alta e olhei para minha taça de vinho, notando que ela já estava vazia. Merda.

Até mesmo Gabriel ficou surpreso com minha ousadia, pois sorriu, afastando-se bruscamente, passando a língua safada pelo seu lábio inferior. Em seguida, soltou uma gargalhada baixinha e esfregou a cabeça, dando-me

as costas ao caminhar pela sala.

— Por essa eu não esperava.

— Ah, n-não. — Pigarreei ao sentir minha voz falhar. — Estou brincando, não precisa.

Talvez fosse tarde demais para negar, porque o homem pareceu ignorar meu último comentário, pegando uma das cadeiras pesadas que ficavam ao redor da mesa e a colocando no meio da sala. Quando levantou o rosto na minha direção, ergueu o dedo indicador e o dobrou, chamando por mim, para que fosse me sentar ali. Eu podia inventar uma desculpa e ir embora, encerrando a noite antes que me encrencasse. Ou podia arriscar me divertir só um pouquinho e ver o que aconteceria a seguir.

CAPÍTULO 24

Gabriel

Sentada na cadeira, Maria Flor não parecia ter me levado muito a sério, até que apaguei todas as luzes e deixei apenas iluminado o corredor que levava aos quartos. Dessa forma, a sala caiu numa penumbra gostosa, perfeita para o clima que eu precisava.

Eu não dançava fora do meu trabalho. Nunca fiz isso, não gostava de misturar as coisas, principalmente porque já era naturalmente estereotipado. Mas o pedido inocente de Flor acabou mexendo comigo e não consegui negar, pois de verdade, adoraria brincar com os sentidos dela e ver a garota derretida por uma *lap dance*.

Fui até meu quarto, tirei meus sapatos, peguei uma gravata no armário e voltei à sala.

— Não vai ser um *show* como o que se acostumou a ver — avisei, parando atrás dela. — Vou deixá-la vendada por um tempo, para ter uma experiência diferente.

— Vendada? — O pânico normal de toda garota tomou conta dela quando virou o corpo para me olhar, segurando minha mão. — Não sei se quero isso.

— Confie em mim — pedi, me inclinando e beijando seu ombro nu. —

Não vou sacanear você.

— E por que preciso ficar assim?

— Porque de olhos fechados os nossos sentidos se intensificam — expliquei. — Flor, se eu quisesse abusar de você, teria feito isso quando estava dormindo na minha cama.

Ela sabia que era verdade, mas eu compreendia seu medo de ficar à mercê de um homem que não conhecia tão bem. Por isso, não quis insistir mais, apenas esperei por uma resposta, que veio quando se ajeitou novamente na cadeira e manteve o corpo ereto. Entendendo como um sinal para ir em frente, amarrei a gravata diante dos olhos dela e dei um nó frouxo para aquilo não se tornar incômodo.

Mexi na minha *playlist* e selecionei “*I See Red*”, de Vella, notando o peito de Maria Flor subir e descer com mais força numa respiração ofegante. Voltei a me posicionar atrás da cadeira e desci minhas mãos lentamente até seus ombros, subindo-as na mesma velocidade pelo pescoço fino e massageando sua nuca com leveza. Meus dedos entraram pelos cabelos macios, sem me preocupar se estragaria o penteado dela, sentindo que sua cabeça pendeu um pouco para trás com o contato gostoso.

Gastei alguns segundos naquele cafuné e depois deslizei os dedos até as orelhas quentes, continuando a massagem. O corpo pequeno estremeceu de leve diante dos meus olhos e sorri, atingindo o objetivo inicial. Minhas mãos voltaram a se fechar ao redor do pescoço de Flor e como o *top* que usava era bem decotado, tive um bom acesso ao colo nu, fazendo com que sua pele se arrepiasse sob meu toque.

Inclinei-me para a frente, afastei os cabelos para o lado e toquei sua cabeça para puxá-la com delicadeza e beijar a curva do pescoço. Flor suspirou de forma pesada e gemeu quando brinquei com minha língua em sua

pele sensível. Chupei a carne macia sem muita força porque ainda não queria deixar nenhuma marca e, em seguida, assoprei contra a região.

Lambi toda a linha do maxilar de Maria Flor, coloquei a ponta do queixo entre meus lábios, e puxei a cabeça dela toda para trás, dando um beijo invertido na boca gostosa. Aproveitei a posição para roçar meus dentes na ponta do queixo e usei minha mão para apertar seu pescoço, mantendo-a no lugar e ouvindo a respiração pesada que saía por entre os lábios.

Então, eu a libertei da venda nos olhos e deixei que me encarasse naquela posição. Segurei em suas mãos e puxei seus braços para o alto, deixando as palmas lisas deslizarem pelo meu peito nu, depois foi minha vez de acariciar a parte interna perto de suas axilas até alcançar a curva dos seios pequenos.

Apesar do tecido grosso do top, era possível ver os mamilos excitados, durinhos à espera de um toque. Mas ainda não era o momento, pois o *show* era meu. Sendo assim, eu me afastei e dei a volta pela cadeira até parar de frente para Flor. Seus olhos percorreram meu corpo conforme meus dedos se aproximavam do botão do *jeans*, mas não o abri. Em vez disso, afastei minhas pernas e me posicionei sobre seu corpo, quase encostando meu abdômen no rosto bonito. Trouxe as mãos delicadas para a minha barriga e degustei daquele contato.

— Assim está bom pra você? — perguntei, apertando os dedos dela contra minha carne.

— Assim como? — Flor ergueu os olhos, ofegante.

— Duro. — Sorri, levando seu toque para mais perto da minha calça e ousando ao fazê-la encostar na altura do meu pau.

A garota riu, fechando os olhos e balançando a cabeça em confirmação.

— Abra — pedi, pousando seus dedos sobre o botão. — Abra e puxe o

zíper.

— Você está sem cueca? — Neguei para tranquilizá-la, e Flor obedeceu, prendendo o lábio inferior com os dentes.

Quando ela abaixou de leve o cóis da calça, eu recuei para poder me livrar logo da peça, mas fiz tudo com calma. *Jeans* não era algo que tornava um *streap-tease* muito sensual por não ser um tecido que deslizava com facilidade pelas pernas. Mas após ficar só de cueca, voltei a me aproximar dela e, dessa vez, sentei em seu colo, com uma perna para cada lado do corpo pequeno.

Trouxe suas mãos até minhas coxas e Flor se soltou um pouco, sentindo meus músculos sob seu toque, me acariciando com receio, mas mesmo assim, me fazendo arrepiar. Segurei o queixo dela e a beijei lentamente, no ritmo da música, gostando que seus dedos ainda exploravam minhas pernas e suas unhas me arranhavam.

Sentia meu pau inchar dentro da cueca que já era apertada, estava ansiando há dias pelo momento em que eu o enfiaria entre as pernas delicadas de Flor. Eu me lembrava de vê-la de calcinha, a boceta parecia tão pequena quanto a dona, mas havia um pouco de carne que fazia volume na *lingerie* bege. Não era uma imagem difícil de tirar da mente e eu tentava não pensar muito nisso para não me torturar, mas a vontade estava sendo torturante.

Ergui um pouco o meu corpo e coloquei as mãos pequenas na minha bunda, ondulando meus quadris na direção dela. Seus olhos foram parar na minha cueca e eu sabia que agora era impossível não ver o tamanho da minha ereção.

Então, quando ela menos esperava, impulsionei meus pés no chão para me firmar e virei sua cadeira para trás, colocando-a de costas no chão. Maria Flor soltou um gritinho e tapou a boca, com os olhos arregalados. Puxei-a

pelas mãos para o meu colo e caminhei com a garota para nos afastarmos da cadeira. Quando a deitei de novo de costas, Flor já estava completamente mole nos meus braços.

Grudei nossos corpos, simulando uma penetração lenta com ela ainda de pernas fechadas, deslizando minha boca pelo decote sensual. Os olhos redondos estavam fixos em cada movimento meu e quando lambi sua pele, ouvi o gemido baixinho escapar de seus lábios. Desci pelo corpo magro e segurei em seus joelhos, dobrando suas pernas ao flexioná-los e encarando a calcinha preta que apareceu para mim.

Aquela noite eu morreria de tesão porque Flor tinha escolhido colocar uma *lingerie* toda de renda, que contrastava muito com a pele branca. Porra, não ia conseguir me controlar. Sabia que não estava em cima de um palco, que aquele momento não fazia parte do meu trabalho e, por isso, eu não era obrigado a manter o profissionalismo. Por anos, desenvolvi um autocontrole impecável para lidar com o que acontecia durante as apresentações. Aprendi a levar minha mente para longe, mesmo se ocorresse de me excitar com alguma garota.

Como eu sentia que perderia a cabeça em segundos e passaria por cima da minha promessa de ir com calma com Flor, decidi encerrar o *show* particular.

CAPÍTULO 25

Maria Flor

Quando Gabriel se levantou devagar e me puxou para ficar de pé, continuei esperando pelo próximo movimento. Ele não veio, até porque o Mister Sex se afastou de mim e trocou a música por um estilo completamente diferente do que estava tocando antes. Então, as luzes da sala se acenderam e precisei de uns segundos a mais para me acostumar com a claridade.

— Se curtiu a apresentação, pode deixar a gorjeta na saída — ele brincou, passando a mão pelos cabelos curtos e se curvou para pegar a calça *jeans* do chão.

Ainda permanecia parada no mesmo lugar em que me deixou, em transe, meio anestesiada, sem entender como tinha acabado tão rápido. Ou será que demorou uma eternidade e eu não vi o tempo passar?

Notei que Gabriel parou perto do balcão da cozinha e apoiou as mãos ali, de costas para mim, e nesse momento, percebi que ele não tinha nem me olhado nos olhos desde que se levantou. Entendi que alguma coisa tinha acontecido e temi que tivesse feito algo errado. Será que eu havia, sei lá, soltado um pum sem perceber? Não era todo dia que eu tinha o rosto de um homem enfiado no meio das minhas pernas.

— Este não foi o seu melhor *show* — alfinetei, sentindo meu corpo

dormente e minha calcinha melada.

Consegui fazer com que se virasse e me olhasse, e com a sala toda acesa, a ereção dele se tornava surreal dentro da cueca branca. Ela não era aquele modelo *boxer* que usava no palco. A peça íntima era mais cavada, do tipo que pegava mais na virilha, o que fazia parecer que o membro rígido ficava ainda maior e mais delineado. Gabriel tinha um pênis muito grande e muito grosso. Senti medo na mesma medida em que me senti pulsar dentro da vagina.

— Não comece um jogo que não pode ganhar, Flor. — Ele sorriu, caminhando na minha direção. — Parei por respeito a você.

Tocou minha nuca, soltando uma risada e se inclinando para beijar minha boca. Então, senti seus dedos em minhas coxas e olhei naquela direção. Gabriel estava abaixando a minha saia, que eu não tinha notado que estava toda embolada ao redor dos quadris e deixava minha calcinha inteira à mostra.

— Eu prefiro que volte a usar a *lingerie* de vovó — sussurrou para mim, me arrepiando. — Fica mais fácil de me controlar.

Que ótimo que ele estava preocupado com autocontrole, depois de ter deixado meu corpo pegando fogo. Com o coração batendo acelerado no peito, ousei tocar os antebraços fortes e sentir o caminho que suas veias faziam em direção aos pulsos. Gabriel era tão grande que fazia eu me sentir frágil só em olhar o tamanho de suas mãos perto das minhas.

— Até a sua mão é enorme — murmurei, virando a palma dele para cima e colocando a minha junto. — Ou talvez a minha é que seja muito pequena.

— Acho que é uma mistura das duas coisas, Flor. — Ergui meus olhos e vi o desejo que o consumia quando me pegou pela cintura e me puxou para o seu colo. — Você é pequenina. Cabe em qualquer lugar, acho que por isso se

entranhou na minha mente.

Eu arfei com o choque entre nossos corpos e a sensação da sua ereção pressionada entre as minhas pernas. Minha vagina convulsionou com a fricção que causei ao me ajeitar quando abracei a cintura dele com minhas coxas. Não consegui resistir e beijei a boca de Gabriel, porque ela era muito convidativa. Seus dedos entraram por dentro dos meus cabelos e senti um puxão firme como se quisesse me dominar, enquanto enfiava a língua para dentro dos meus lábios. O beijo era selvagem, bruto, mas logo pareceu que o Mister Sex percebeu que ia com muita pressa e pisou no freio, desacelerando nosso contato.

Eu me sentia tão molhada que temi que ele mesmo notasse a minha lubrificação, e não me lembrava da última vez em que fiquei daquele jeito. Talvez nunca. Com Paulo eu me animava, mas não havia esse tesão encubado que parecia flutuar entre nós dois. Como eu era virgem na época em que começamos a namorar, tudo era feito com muita calma e cuidado. Eu nunca me senti arder em chamas como me sentia naquele instante.

— Gabriel... — murmurei, chocada ao recuar o rosto e encostar a testa no ombro dele.

Suas duas mãos seguraram minha bunda, pele com pele, e alguns dedos correram para dentro do tecido da minha calcinha. Ofeguei com o toque inesperado, sentindo-o alisar minhas nádegas, e gemi alto demais quando Gabriel alcançou a minha região perianal.

— Temos alguém toda melada aqui — ele murmurou, gemendo ao morder meu ombro. — Que tortura, Flor...

Como ponto positivo, sua mão se afastou logo que constatou isso, ao contrário do que pensei, pois achei que fosse tentar tocar minha boceta. Eu apertei mais as minhas pernas ao redor dele, aumentando a pressão da sua

ereção contra mim, e procurei por sua boca. As mãos pesadas voltaram aos meus quadris e começaram a me movimentar para cima e para baixo, causando uma fricção proposital entre nossos corpos e me enlouquecendo.

— Não quer mesmo transar? — perguntou, mordiscando meu lábio, com o olhar carregado de luxúria.

Fechei meus olhos, o peito transbordando de dúvidas e insegurança, sentindo que ele estava me carregando pela sala. Meu corpo foi inclinado para trás e minhas costas tocaram em algo macio, até que voltei a abrir os olhos e vi que Gabriel deitava sobre mim no sofá.

— Tudo bem. — Ele sorriu e aproximou sua boca da minha. — Você não me conta os seus motivos, mas a gente vai gozar mesmo assim, sem penetração.

Só entendi a que ele se referia quando tocou meus joelhos e afastou minhas pernas, encaixando nossos quadris e estocando contra mim. Tentei esconder o tremor em minhas mãos com a sensação que me atingia por causa do pau de Gabriel, preso na cueca, roçando no meio da minha calcinha. Imaginei nós dois na mesma posição, sem nenhuma peça de roupa atrapalhando, e o momento em que me penetrava devagar.

— Não tenho experiência — confessei, com o coração acelerado, e ele parou de se mover. — Eu menti naquele dia pra você.

— Já imaginava isso, Flor.

Meu rosto começou a esquentar com a vergonha que passou a me consumir e eu me culpei por ter simplesmente contado.

— Mas não sou virgem — esclareci antes que ele entendesse errado e Gabriel franziu a testa.

— E qual o problema com a falta de experiência? — questionou, mexendo nos meus cabelos. — Eu tenho o suficiente por nós dois.

— Por isso mesmo. Você tem muita. — O moreno estreitou os olhos, parecia tentar me ler. — Não vai ser o que imagina e isso vai causar um clima péssimo.

Não compreendi o sorriso no rosto dele, mas parei de pensar muito porque voltou a se esfregar em mim, o pau grosso causando ondas de contração por todo o meu corpo. Seus movimentos eram curtos, evidenciando que a única intenção era mesmo gerar o atrito entre a cueca e a calcinha, e eu sentia o fogo consumindo minhas veias.

— Flor, você só tem vinte e dois anos — disse, beijando o vão do meu decote e passando a ponta da língua ali. — É uma menina. Ser inexperiente na sua idade, é normal.

— Tenho amigas da minha idade que transam tanto quanto você...

— É um direito delas. — Gabriel sorriu. — Assim como é um direito seu não transar. Agora pare de pensar um pouco e relaxe.

Ele me beijou devagar, rebolando os quadris, movendo seu volume no centro da minha boceta que babava e piscava implorando por mais atenção. Decidi fechar os olhos por um momento e me entregar um pouco, pois mal não faria permitir que Gabriel me fizesse gozar apenas com a fricção entre nossas peças íntimas.

Engoli em seco com o calor que me consumia e me vi sendo obrigada a mover meu corpo no ritmo do dele, erguendo os meus próprios quadris em sua direção e encontrando o ponto ideal que o fazia se esfregar em meu clitóris.

— Nossa... — gemi, ofegante, sentindo o meu ritmo cardíaco aumentar ainda mais conforme a sensação se aproximava.

Apertei meus dedos ao redor dos braços de Gabriel, ouvindo-o gemer junto, quando meu ventre latejou segundos antes de o orgasmo me atingir em

cheio. Abri meus olhos, encarando o homem sobre mim, que prestava atenção em cada movimento meu. Ele me lançou um sorriso orgulhoso durante o tempo em que me observou gozar e abriu a boca, deixando escapar um gemido mais rouco e forte.

Então, o *stripper* se ajoelhou entre as minhas pernas, exibindo a cueca branca levemente úmida na região que apertava sua glândula. Em milésimos de segundos, fui presenteada com a visão da sua ejaculação sob o tecido, tornando-o mais transparente conforme a mancha se espalhava e evidenciava o líquido esbranquiçado.

Como se aquele *show* não fosse o bastante para me fazer infartar, Gabriel ainda teve a coragem de abaixar só um pouco o elástico da cueca e deixar alguns centímetros da cabeça do pau para fora, toda suja, com o sêmen ainda escorrendo por ela.

Aquela era a cena mais vulgar e maravilhosa que eu já tinha presenciado na vida. E eu quase estiquei minha mão para arrancar logo a peça inteira.

— Que delícia de esfrega-esfrega — ele murmurou, e quando percebeu que meus olhos estavam vidrados no seu pau, soltou uma risadinha e o ajeitou dentro da cueca. — Viu como sempre há um jeito de aliviar o têsão?

Seu corpo se inclinou para a frente e o safado me deu um selinho antes de se levantar. Esse era o tipo de momento no qual eu não tinha a menor ideia do que devia fazer, visto que não vivenciei muitas dessas ocasiões. Por isso, me sentei no sofá, puxando a saia para baixo, contei até dez tomando coragem, e me levantei para usar o banheiro.

Se fôssemos namorados, igual era com Paulo, continuaríamos juntos, namorando, conversando, fazendo qualquer coisa. Mas no caso de Gabriel, o que ele esperava que eu fizesse? Devia dar boa noite e ir embora? O encontro chegara ao final? Ou precisava demonstrar que queria permanecer mais um

pouco ali?

— Essa vida de solteira não é fácil pra você — murmurei de frente para o espelho e, em seguida, fui usar o vaso sanitário.

Urinei, me limpei, vesti a calcinha de novo e abaixei a tampa, sentando sobre ela para pensar um pouco e ganhar tempo. Essa troca de intimidade sem ser realmente íntima da pessoa, tornava tudo meio constrangedor para mim. Mas tudo bem, eu era adulta e precisava agir como tal. Sendo assim, depois de alguns minutos, abri a porta e voltei para a sala.

O *stripper* pauzudo estava sentado no sofá, vestido com sua calça e mexendo no celular. Quando me viu, deu um tapa sobre suas pernas, como se me convidasse para me sentar em seu colo. Eu obedeci, um pouco receosa, e me posicionei de lado, observando a mensagem que ele acabava de digitar para um possível amigo, sobre aniversário.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou, enfiando o nariz nos meus cabelos e alisando minhas costas.

— Não, obrigada. Estou pensando em ir para casa, está bem tarde.

— Flor, não sou o cara babaca que chuta a mulher pra fora depois do sexo — disse ele, arqueando uma sobrancelha. — Você pode dormir aqui.

Eu encarei Gabriel para ver se estava mesmo sendo sincero. Para falar a verdade, eu gostaria de dormir na casa dele porque já passavam das três da manhã e tinha medo de voltar sozinha naquele horário. Porém, ao mesmo tempo, não queria que me visse como um fardo.

Seu olhar não vacilou enquanto o estudava. Ele alisou meu braço, observando o meu corpo, e achei fofo quando percebi que estava colocando a etiqueta da minha saia para dentro.

— Se estiver com medo de mim, eu durmo no outro quarto — comentou, com uma expressão engraçada.

Naquele momento, o que mais estava me causando medo, eram os meus sentimentos.

CAPÍTULO 26

Gabriel

Sabia que estava me colocando numa situação complicada, pois me envolvia cada vez mais com Flor. Fui sincero quando disse que jamais mandaria uma mulher embora no meio da noite, depois de transar com ela, mas também nunca tinha feito o contrário, de sugerir para ficar uma garota que deixava claro que não dormiria comigo.

O mais sensato era esquecer o sexo para não aumentar o tesão reprimido e só curtir a companhia dela. Veria até onde aquela situação se estenderia e quando Maria Flor resolveria que tinha coisas mais importantes para fazer na vida do que perder tempo com um *stripper*.

— Eu preciso de um banho, Flor — avisei, colocando-a em pé para me levantar. — Você pode ir ao meu armário e pegar uma camisa para não ter que dormir com essa roupa. Se também quiser tomar banho, pode usar o banheiro principal.

Vi os olhos redondos brilharem quando sugeri isso e antes de me trancar no banheiro da suíte que era de minha mãe, peguei uma toalha para que a garota usasse. Levei um certo tempo no banho porque aproveitei para bater uma punheta e dormir em paz e quando terminei, fui recolher as taças e o vinho que ficaram sobre a bancada.

Flor saiu do banheiro logo depois, contaminando a sala com o cheiro de sabonete, e apareceu diante de mim vestindo só uma camisa cinza que ia até a metade de suas coxas.

— Quer ajuda com alguma coisa? — perguntou ela quando eu terminava de lavar a louça do meu almoço, parando ao meu lado e roçando o braço no meu.

— Não, gatinha. Está tarde, vamos dormir.

— Eu posso usar seu *notebook*? — perguntou quando saímos juntos da cozinha e eu apaguei a luz. — Não estou com muito sono, queria aproveitar para escrever um pouco no meu *Drive*.

— Claro, pode usar. — Parei na porta do quarto que era de minha mãe e agora servia como o de hóspedes, onde eu passaria a noite, e a puxei para um beijo.

Flor apoiou a mão no meu peito, parando o que eu estava prestes a fazer, e me encarou com a testa franzida. Suas bochechas estavam levemente coradas quando encolheu os ombros e apontou na direção do meu quarto.

— Não vou tirá-lo da sua cama — disse. — Não me importo de dormir do seu lado.

— Se eu ficar lá, vou tirar sua concentração e não vai conseguir escrever. Além do que não quero sofrer com sua bunda branca na minha cara a noite inteira, sem poder tocar.

Flor revirou os olhos, mas ficou nas pontas dos pés para me dar um beijo, o que eu achei uma grande evolução, visto que geralmente, era eu quem precisava arrancar alguma demonstração de afeto dela.

— Durma bem e sonhe comigo — murmurei, tocando sua cintura. — Pense no dia em que você se permitirá viver a melhor experiência sexual da sua vida.

Ela gargalhou, dando um tapa no meu braço e recuando.

— Você se acha muito, GG.

— Tenho certeza de que você vai achar também. — Pisquei para ela. — Depois de mim, todos os homens que passarem pela sua vida você vai comparar comigo. Não sou fácil de esquecer, Flor.

Ela franziu os lábios, lançando um olhar estranho para mim, e eu joguei um beijo no ar antes de entrar no quarto e fechar a porta. Deixaria que ela ficasse à vontade, porque se tinha algo que eu sempre respeitava, era o trabalho de qualquer pessoa, e Flor queria trabalhar.

•

Ela não estava mais ali quando acordei, por volta das oito e meia. Minha cama estava perfeitamente arrumada, o *notebook* fechado sobre a mesinha de cabeceira e na sala, um pedaço de papel de pão com um recado escrito com o que só poderia ser a letra dela.

“Obrigada pela hospitalidade, GG. Não quis te acordar, levantei muito cedo. Boa semana pra você!”

Hospitalidade? Não parecia a mensagem que eu escreveria para alguém com quem gozei na noite anterior. Mas de qualquer forma, estava me acostumando com o jeito escorregadio da garota. Deixaria para ligar pra ela mais tarde e tentar marcar alguma coisa, que não envolvesse eu tirando a roupa no meio da sala.

Peguei meu *notebook* no quarto e me sentei à mesa para trabalhar um

pouco. Precisava ver se a distribuidora que fornecia uma parte das bebidas da *Red Kinky* tinha emitido a nota fiscal do último pedido, mas quando abri o navegador para acessar meu e-mail, percebi que Flor deixara algumas abas abertas.

Não seria nada de anormal, se não fossem as coisas que ela tinha pesquisado ali. Precisei tapar minha boca, chocada, querendo soltar uma gargalhada. Não podia ser verdade. Podia? Ela tinha mesmo usado o *meu notebook* para pesquisar sobre vaginas muito pequenas para pênis muito grande? Numa das abas abertas, inclusive, o título da matéria era **“Dicas de sexo para transar com homem com pênis GG”**.

Continuei explorando aquela brincadeira e vi que tinha uma aba aberta num site pornô. Dei *play* no vídeo para ver uma mulher sendo arrombada por um pau até maior que o meu. Flor ia surtar quando soubesse que deixou todos esses rastros para trás, mas agora, eu tinha muito conteúdo para azucrinar o juízo dela eternamente.

CAPÍTULO 27

Maria Flor

Estava sentada na minha cama, com meu *notebook* no colo, enquanto gerenciava uma aba aberta no documento do livro e a outra na chamada de vídeo que fazia com a Laura. Como minha amiga não estava em casa quando cheguei de manhã, precisei ligar para ela e desabafar o que estava sentindo.

Desde a primeira vez em que pisei na *Red Kinky* e senti Gabriel dar em cima de mim, eu soube que não podia me permitir ser envolvida na teia dele. Sabia que precisava me manter longe e proteger meu coração, mas essa vinha se tornando uma tarefa cada vez mais difícil. A noite de ontem foi derradeira e eu perdi de vez minha resistência. Confesso, eu gostei. Gostei de cada segundo daquela nossa interação, por mais que não estivesse acostumada com tanta intensidade e não me envolvesse com nenhum homem há tanto tempo. Eu amei a forma como ele me respeitou mesmo deixando claro que queria me comer e foi fofo com alguns cuidados comigo, mesmo que essa palavra não combinasse tanto com Gabriel.

A parte ruim veio um pouco antes de ir dormir, na hora em que estávamos dando boa noite um para o outro.

— *Depois de mim, todos os homens que passarem pela sua vida você vai comparar comigo. Não sou fácil de esquecer, Flor.*

Essa foi a frase dita por ele, que martelou na minha mente o resto da noite e me fez perder o sono. Ali, Gabriel deixou bem claro que o que estava rolando entre nós era apenas algo muito passageiro. Afinal de contas, qual homem que nutria interesse de construir algo com alguma mulher, falaria para ela que outros homens ainda passariam por sua vida?

— *Amiga, eu acho que você não fez nada de errado* — disse Laura depois que contei tudo o que rolou na noite e as minhas frustrações. — *Os dois são solteiros e estão se divertindo.*

Eu sabia disso. Gabriel não tinha nenhuma obrigação comigo nem eu com ele, além disso, o *stripper* sempre deixou muito claro que sua vontade era apenas transar comigo. Essa era a vida de um homem solteiro gostoso, disputado, que gostava muito de sexo. E eu era uma idiota por ficar remoendo aquilo, mas sentia meu peito muito abafado desde que me deitei para dormir.

— Você está coberta de razão — murmurei, tentando colocar um sorriso no rosto para ela pensar que eu não estava tão mal.

Encarei a tela do *notebook* ao mesmo tempo em que conversávamos, tentando avançar um pouco na biografia, já que na noite anterior não consegui escrever nada. Passei mais tempo pensando na frase de Gabriel e pesquisando sobre sexo na internet, do que trabalhando.

Estava terminando de rolar o arquivo até a última página para conferir onde parei, quando tomei um susto com uma palavra sendo escrita em tempo real no documento.

“Esse livro não está muito atrasado não???”

Congelei e prendi a respiração. Havia um intruso no meu arquivo, bisbilhotando o que eu estava fazendo. Meu coração foi parar na boca quando

considerarei a possibilidade desse alguém ser o Julian. Mas como ele teria conseguido acesso? Eu ainda não havia enviado o *link* para meu editor.

Enquanto Laura tagarelava no celular, olhei para o canto superior da tela do *notebook*, procurando o nome do usuário que tinha invadido e estava *online*, e descobri que era eu mesma. Sim, eu era a única que estava logada na minha conta. Será que havia sido hackeada?

— *Você está me escutando?* — Laura chamou minha atenção, e percebi que não estava mais prestando atenção em nada do que dizia.

— Amiga, preciso desligar para resolver um problema — avisei, sem querer deixá-la preocupada. — Nos falamos quando estiver em casa, ok? Amo você!

Encerrei a ligação sem esperar que ela se despedisse, porque estava muito em pânico. Estava me preparando para digitar no documento e perguntar quem era o invasor, quando ele mesmo me deu a resposta.

“Não finja que não está aí, Flor.”

Filho da puta. Petulante. Cretino. Babaca.

Só então eu lembrei que havia deixado meu *Drive* logado no seu computador desde o dia em que realmente peguei o aparelho para escrever um pouco. Como eu podia ser tão burra?

“Pelo amor de Deus, Gabriel! Desconecte o meu Drive agora mesmo do seu computador!”

Eu não acreditava que estava discutindo com o Gabriel por meio do

Google Docs, mas estava. Seria cômico se não fosse trágico.

“Vai ter que vir aqui fazer isso você mesma, Flor.”

Respirei fundo. Tudo bem, ele estava me provocando como sempre, e eu não precisava me submeter a isso. Tudo o que eu precisava era fazer *logoff* do meu e-mail em todas as máquinas que estivessem logadas e pronto, expulsaria o fofoqueiro do meu *Drive*.

“Tchau, Gabriel!”

Dito isso, fui até as configurações e desconectei a conta de todos os aparelhos em que estava conectada. Em seguida, fiz *login* novamente, esperando que tivesse resolvido o meu problema. A minha paz, no entanto, durou apenas dois minutos, e logo Gabriel voltou a digitar.

“Não adiantou fazer isso, Flor, pois a senha ficou salva aqui no notebook.”

Calma, Maria Flor. Repeti vezes seguidas para mim mesma, como um mantra, e então decidi fazer o óbvio: trocar minha senha. Assim, ele não conseguiria acessar com a antiga. Porém, quando acessei as configurações da conta e cliquei para alterá-la, fui jogada para uma página me pedindo para fazer login novamente. E aí quando fiz isso, uma mensagem de erro apareceu, dizendo que a minha senha estava incorreta. Tentei novamente, e mais uma vez, mas a mesma mensagem continuava aparecendo.

Desgraçado!

Peguei o meu celular imediatamente e liguei para o número de Gabriel, sentindo meu sangue ferver. No primeiro toque, o filho da puta atendeu, rindo da minha cara.

— *Tão previsível, Flor* — ele disse. — *Pena que eu fui mais rápido.*

— Eu vou matar você! Qual é a senha nova, Gabriel?

— *Se quiser recuperar o seu livro, vai ter que vir até a minha casa.*

Mordi os lábios com raiva.

— Eu não vou fazer nada disso, porque não sou obrigada — avisei. — Sabe que posso pedir recuperação de senha, né? Quero ver você ter acesso ao código que será enviado para o meu celular.

— *Até lá eu já posso ter baixado uma cópia offline do documento e ter excluído a online. O que acha de eu sequestrar o seu livro?*

Quase sofri uma parada cardíaca diante dessa possibilidade de ser chantageada por conta do livro. Fiz silêncio por um minuto, pensando nas minhas opções que não incluíam ter que me submeter às vontades dele. Eu sabia que tudo não passava de brincadeira e provocação só para me ver novamente, mas também sabia que precisava muito trabalhar o quanto antes e cada hora que Gabriel me enrolasse, me atrasaria mais.

— Te vejo mais tarde — avisei, desligando na cara dele.

Joguei o celular em cima da cama, peguei um travesseiro e o pressionei contra o meu rosto com força, abafando o grito de ódio que tinha ficado entalado na garganta esse tempo todo.

•

Bufando de ódio, subi as escadas que davam acesso à casa de Gabriel e

abri a porta destrancada sem nem me dar ao trabalho de bater, encontrando o cafajeste sentado no sofá, assistindo televisão.

— Cadê seu *notebook*? — perguntei, sem rodeios.

Ele me olhou e lançou um sorriso cínico de lado.

— Boa tarde, Flor. Você saiu muito cedo, devia ter me acordado com um beijinho.

— Estou começando a duvidar que tem mesmo trinta e oito anos — respondi.

— Trinta e sete — ele consertou, sorrindo.

— Você me disse que tinha trinta e oito. — Cruzei meus braços sem sair do lugar. — É mentiroso ou não sabe fazer contas?

Gabriel gargalhou e se levantou para se aproximar de mim, com um olhar muito intenso e a língua passeando pelo canto da boca.

— É que farei trinta e oito em alguns dias, então já me considero com essa idade.

Naquele momento, quantos anos o *stripper* tinha era a coisa que menos importava para mim. Estava muito interessada em resolver o problema que me levava até lá e voltar para casa, a salvo daqueles olhos, daquele corpo, daquele sorriso sacana.

— Cadê o computador? — perguntei novamente.

— No meu quarto. Onde mais estaria?

Sem esperar por autorização, parti naquela direção que eu já conhecia muito bem e entrei no cômodo, pegando o *notebook* que estava sobre a cama e me sentando ali mesmo com ele no colo. Quando abri a tela, no entanto, me deparei com um site de pornografia. Eu me lembrava daquele vídeo...

Ah, não.

Conferi as várias abas que tinha deixado abertas no navegador de Gabriel, com todas as pesquisas idiotas que fiz de madrugada depois que perdi o sono, e senti meu rosto esquentar. Não, meu corpo todo esquentou, só que não foi de tesão.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou o filho da mãe ao parar encostado na porta do quarto. — Além, é claro, disso tudo que você esqueceu para trás.

CAPÍTULO 28

Gabriel

Consegui o que queria quando a vi sentada na cama, de rostinho vermelho e olhos arregalados para a tela do computador. Maria Flor não sairia de minha casa sem que eu antes a tocasse do jeito que desejava há um tempo, porque eu precisava sentir seu corpo ondular em minhas mãos, mesmo que ainda não tivesse chegado o momento de a garota conhecer meu pau.

— E daí que eu digitei coisas sem sentido ontem à noite? — murmurou, ainda sem me encarar, correndo os dedos pelo meu teclado. — Meu medo é real, seu pênis parece ser muito grande.

— Não precisa procurar essas informações na internet, Flor — comentei. — Você pode conversar com o dono do pau.

Ela suspirou, ignorando meu olhar que queimava em sua direção, e continuou mexendo no *notebook*.

— Qual foi a senha que você colocou? — perguntou sem me encarar.

Se ela continuaria fingindo que eu não estava presente, daria um jeito de fazer me notar. Sendo assim, parei diante de Maria Flor, inclinando meu corpo e apoiando minhas mãos no colchão, ao redor de seus quadris. Dessa vez ela não conseguiu resistir e ergueu os olhos para encontrar os meus e

como nossos rostos estavam muito próximos, eu aproveitei para aproximar minha boca e roçar em seus lábios.

— Eu quero chupar a sua bocetinha.

Adorei ver a forma como ela reagiu, as pupilas se dilatando rapidamente e a boca se entreabrindo. Acredito que não tenha me levado tão a sério nos primeiros segundos em que registrava a informação, mas logo até mesmo o nariz dela ficou vermelho como um pimentão.

— Eu estou falando sério, Gabriel — disse, desviando o olhar. — Preciso resolver esse problema.

— Eu também — sussurrei em resposta.

Gentilmente, tirei o *notebook* do colo dela e o fechei, colocando-o sobre a minha mesa de cabeceira. Toquei suas coxas nuas devido ao vestido curto que estava usando e beijei o pescoço cheiroso, sentindo o tremor percorrer seu corpo. As mãos de Flor vieram parar nos meus braços quando a inclinei levemente para trás, subindo meus dedos por baixo da roupa até alcançar sua virilha.

Quase a deitei na cama, mas de repente, a gata arisca me empurrou e conseguiu se desvencilhar de mim. Ela se levantou da cama num pulo e cruzou os braços, me encarando com uma expressão autoritária.

— Eu sabia que isso era uma armadilha — acusou, franzindo os lábios. — Olha só, Gabriel, alguns mortais não podem se dar ao luxo de pensar em sexo vinte e quatro horas por dia.

— Apenas uni o útil ao agradável, Flor — respondi, me defendendo e levando uma mão ao peito. — Não pense algo tão terrível de mim.

— Eu só vim mesmo recuperar o meu livro.

Eu podia acreditar, se ela não tivesse dado uma boa encarada no meu abdômen e, em seguida, na minha bermuda. Quando percebeu que foi pega

no flagra, pressionou um lábio contra o outro e levou as mãos ao rosto para se esconder.

— Não quero conversar agora, Gabriel — murmurou. — Eu tô meio confusa.

Encurtei a nossa distância e parei diante dela, tocando suas mãos e as abaixando para poder observar o rostinho bonito. Beije a ponta do nariz arrebitado e respirei fundo, me odiando por ficar correndo tanto atrás dessa garota que tinha me enfeitiçado.

— Do que você tem medo? — perguntei, levando meus braços para trás do corpo.

— De muitas coisas — respondeu, num sussurro, abaixando a cabeça.

— Cite só uma.

Flor inspirou profundamente e não resisti em passar os dedos pelos cabelos pretos. Ela deixou a cabeça inclinar para o lado, se apoiando na minha mão, e levantou os olhos para me encarar.

— Me machucar — confessou, encolhendo os ombros.

— Medo de que eu a machuque? — perguntei e ela assentiu. — Fisicamente?

— Não. — Ela fechou os olhos e sorriu, balançando a cabeça. — Ok, um pouco, também.

O receio de Maria Flor era de ser magoada, estava bem claro levando em consideração a sua confissão e a soma de várias pequenas atitudes que demonstrou diante de mim em vários outros dias.

Eu recuei até me sentar na cama, mas sem soltar sua mão. Trouxe-a para perto de mim e ergui minha cabeça para encontrar seus olhos me observando com atenção e curiosidade.

— Flor, eu sou *stripper* e não posso mudar isso. Sei que minha profissão não me torna um cara tão confiável, mas não tenho motivos para te machucar. Talvez esteja insegura por causa do meu jeito insistente, mas é porque não tenho medo de demonstrar quando quero alguém. — Bati a mão livre no meu colo, para que ela se sentasse, mas não a puxei para deixar a decisão por sua conta. — Sexo pra mim é uma coisa muito natural, muito mesmo, e eu saio com mulheres que já possuem uma vida sexual muito ativa e bem resolvida. Confesso que isso esteja atrapalhando um pouco na minha abordagem com você, porque acho que coloquei muita expectativa, achando que você reagiria numa boa como qualquer outra. Mas a verdade é que você é quase uma criança.

— Também não precisa esculachar — ela murmurou, se sentando nas minhas pernas. — Não sou criança.

— Não é uma crítica. — Ri porque sabia que ela não veria dessa forma. — Sua idade não é um problema pra mim, não sou uma pessoa que liga pra isso. Já fui pra cama com mulheres bem mais velhas do que eu, inclusive. O que estou querendo fazer você entender é que não sou escroto, não brinco com o coração de ninguém.

— É difícil pra mim... — disse ela, raspando suas unhas umas nas outras. — Eu e a Laura, a gente brinca como naquele dia que você ouviu a conversa pelo telefone, mas a verdade é que nós duas estamos encalhadas. Eu tenho vergonha do sexo, só tive o Paulo como parceiro, me sinto meio brega de ter vinte e dois anos e só ter transado duas vezes na vida. E isso tem três anos.

Dessa vez, Flor despejou uma montanha de informações em cima de mim, eu até me surpreendi por vê-la falar tanto sobre sua intimidade. O que era ótimo, por isso, a incentivei, beijando seu ombro e sorrindo quando me lançou um olhar rápido.

— Paulo é o seu ex?

— Sim. Foi com ele que perdi a virgindade. — Encolheu os ombros. — Não foi ruim, eu era apaixonada por ele. Mas foi... normal.

— As duas vezes foram com ele? — Ela assentiu. — E depois, nunca mais? — Flor confirmou meneando a cabeça.

Eu nem conseguia pensar o que era ficar três anos sem sexo, mas compreendia que, para uma garota sem muita experiência, talvez não fosse um bicho de sete cabeças. Uma mulher como Nina surtaria, quebraria a casa toda, transaria até com o corrimão da escada. E precisei prender o riso ao imaginar a cena.

— Pra início de conversa, eu acho difícil que você esteja encalhada, porque é linda, inteligente, divertida, simpática... — Ela sorriu para mim. — Continuo com os elogios?

— Fique à vontade — respondeu, com as bochechas coradas.

— Acho que apenas não dá muita abertura para que cheguem em você. Quando nos conhecemos, sua postura era extremamente arredia, parecia um porco-espinho.

A garota franziu a testa e revirou os olhos, trazendo sua mão delicada ao meu pescoço e fingindo que me enforcaria. Mas então, eu me derreti quando passou os dois braços sobre os meus ombros e me abraçou, depositando um beijo no meu rosto.

— Eu gostei mais da parte dos elogios, GG.

— Em breve a gente chegará na parte boa — falei, apertando a coxa lisa e macia. — Homens têm medo de mulheres fortes e independentes, Flor. E por menor que você seja, mesmo pesando vinte quilos — brinquei, recebendo um beliscão —, você não é alguém submissa e não demonstra fragilidade. A sua personalidade repele a maioria dos homens, mas precisa encarar isso

como um ponto positivo, porque esses, sim, são os babacas. Eles só tentariam te calar.

— Uma vez saí pra almoçar com um cara, era o nosso primeiro encontro, ele escolheu o restaurante, o meu prato, a minha bebida, e quando o garçom veio sugerir a sobremesa, nem tive tempo de abrir a boca porque ele foi dizendo que não queríamos nada. Aí eu retruquei, falando que queria sim, e pedi um *petit gateau*. Ele passou o resto do tempo carrancudo e quando nos despedimos, me mandou uma mensagem dizendo que eu o fiz passar vergonha em público, que jamais seria uma boa namorada. Como se eu fosse querer namorar aquele babaca.

— É a tal masculinidade frágil — comentei, tocando e apertando sua nuca. — Acomete muitos homens. Eu a deixo escolher até a cueca que vou vestir no nosso segundo encontro, com a condição de que prometa que vai tirá-la.

— Que segundo encontro? — Ela riu.

— Aguarde. — Pisquei, beijando seu rosto. — Ele vai acontecer no momento certo.

Gostei de ouvir sua gargalhada gostosa, pois era sinal de que estava um pouco mais relaxada. Eu sempre tive muita facilidade em conversar com as mulheres, sabia que elas gostavam e precisavam ser ouvidas. Principalmente porque, na hora do sexo, era imprescindível que se sentissem à vontade e confiantes para usarem sua voz. Uma mulher que não tem medo ou vergonha de apontar o que lhe dá maior prazer, como gosta de foder, que brinca com as conversinhas na cama e gosta das palavras que acionam os bons gatilhos, era algo irresistível. Os dois lados saíam felizes e satisfeitos.

Talvez por ter sido criado apenas por uma mulher, com a ajuda de outra, e vivido em meio a *strippers* — na época em que eu era criança, a *Red Velvet*

era um clube voltado exclusivamente para o público masculino —, eu aprendi a ouvi-las com atenção. Minha adolescência foi baseada em bater punheta pensando nas garotas que via no palco, porque para mim, elas eram incríveis. Conversavam sobre tudo, não tinham nenhum pudor, gostavam de sexo e respiravam sexo.

— Está pensando no quê? — pergunto Flor, tocando meu rosto e deslizando os dedos pelo meu maxilar.

— Adivinha? — Arregalei os olhos e sorri.

— Em sexo? — Assenti e a garota balançou a cabeça. — Andei pensando em procurar um profissional pra me ensinar algumas coisas, aí depois vou me sentir mais preparada pra você.

Soltei uma gargalhada alta, inclinando minhas costas para trás.

— É o famoso caso das pessoas que limpam a casa antes de receberem as faxineiras — comentei, me esquivando de sua mão que tentou tapar minha boca. — Faz muito sentido. Nota zero pra você.

Flor sorriu e tirou as mãos que estavam ao redor do meu pescoço, me fazendo já sentir falta do contato. Ela se ajeitou no meu colo e me surpreendeu ao tocar meu abdômen, explorando minha pele e meus músculos ao redor do umbigo como se tentasse decifrar um mapa.

Senti meu pau pulsar solto dentro da bermuda e eu sabia que seria mais um dia de sofrimento para ele, pois depois de toda aquela conversa, estava claro que Flor queria esperar mais um pouco para transar. Isso se ela realmente, um dia, decidisse transar comigo.

CAPÍTULO 29

Gabriel

— Eu sei que você é um cara legal — murmurou, sorrindo. — Vulgar, meio cafajeste e bastante tarado, mas legal.

— Pensei que fosse ser elogiado como fiz com você.

— Não sei se devo. — Ela riu, apertando as unhas contra minha pele. — Você é convencido o suficiente sem ouvir elogios. Sabe que é bonito.

— Bonito? — Eu me senti ultrajado. — Sério, Flor?

— Gostoso. — Ela revirou os olhos. — O que tem de gostosura tem de prepotência.

Aproximei meu rosto do dela, tocando as pontas dos nossos narizes, e encarei bem sério a sua boca. Vi quando passou os dentes pelo lábio, ansiosa, e sussurrei:

— Gostoso o bastante para te convencer a me beijar?

Segundos se passaram enquanto permanecemos naquela batalha silenciosa, onde apenas nossas respirações podiam ser escutadas. Observei um pequeno sorriso se formando na boca de Flor e aguardei, até que seus dedos tocaram a minha nuca e um leve arrepio percorreu minha espinha.

— Nunca imaginei que fosse querer sentar num cara tão velho.

A filha da mãe me beijou ao mesmo tempo em que ria, mas a provocação dela me deixou excitado pra caralho. Sem deixar de chupar sua boca, eu a peguei firme pela nuca, enfiando os dedos pelos cabelos curtos e afastando seu rosto do meu. Olhei-a de cima e vi sua expressão debochada que aguardava retaliação.

— Você *não* vai sentar, Flor. Agora você vai deitar e apanhar na bunda pela ousadia. Um dia, quando *eu* permitir, eu deixo que sente.

Ela abriu e fechou a boca, mas para deixar claro de que podia confiar em mim, dei um beijo mais calmo na provocadora e cheguei um pouco mais para trás no colchão. Dessa forma, pude segurá-la pela cintura e a colocar de bruços sobre as minhas pernas, deixando que tivesse o apoio da cama por baixo para não cansar sua coluna.

Acaricieei suas coxas, erguendo seu vestido aos poucos, sentindo meu pau latejar muito por antecipação.

— Hoje, você vai apanhar e vai gozar na minha mão, apenas — avisei, ouvindo um suspiro baixo, enquanto terminava de levantar sua roupa e expor a calcinha branca de algodão. — Não precisa temer que role algo mais, porque eu mesmo vou continuar vestido. Você não merece me ver nu.

— Isso é um problema bem grande...

Dei um tapa na bunda branca que a assustou, mas a fez rir logo em seguida.

— Não me lembro de ter dado permissão pra falar comigo — adverti a safada. — Fale apenas quando eu perguntar.

— Sim, senhor.

Levou outro tapa, um pouco mais forte dessa vez.

— Quando chegar em casa hoje, você vai ao banheiro tirar uma foto da sua bunda com as marcas da minha mão e vai enviar pra mim. Entendido? —

Como ela não respondeu, bati de novo. — Entendido?

— Sim.

Sorri, vendo-a se remexer no meu colo, e puxei a calcinha até transformá-la em um fio-dental. Maria Flor era pequena, mas tinha uma bunda bonita e redondinha, lisa, macia e empinada. A pele já apresentava uma cor rosada dos tapas iniciais, então eu a acariciei devagar, usando os meus dedos para afastar as nádegas e deixá-la sentir ser tocada.

— Você me deixa com um tesão absurdo, Flor. Mas acredito que não seja preciso te dizer isso, já que está deitada em cima do meu pau duro.

Desci a mão até sua boceta, sentindo a calcinha encharcada. Coloquei-a toda para o lado e toquei a região que eu mais ansiava em conhecer. Era uma boceta delicada, mas com os lábios externos gordinhos, com os quais brinquei com os dedos, apertando-os, sentindo sua textura e tamanho. A lubrificação intensa me fazia deslizar com facilidade por sua pele e arrancar gemidos gostosos da morena deitada de bruços.

— Não se mexa, Flor — ordenei, dando um tapa nela. — Quanto mais você se mexe, mais eu fico excitado. Você não vai me chupar hoje.

Ela retesou o corpo, inclusive a bunda que eu alisei para relaxar.

— Já fez boquete antes? — perguntei. — Responda.

— S-sim.

— No Paulo?

— Sim.

— Então tem três anos que você não chupa um pau? — Ela ficou em silêncio e eu dei um tapa forte. — Responda!

— Sim. Ele foi o único. — Ouvi sua respiração pesada. — Gabriel, por favor...

Deslizei um dedo pela fenda quente e molhada, ouvindo-a gemer, mas logo puxei a mão.

— O Paulo te fez gozar?

— Sim...

— Com penetração? — perguntei e aproveitei para enfiar um dedo dentro da boceta pequena e apertada. Bem apertadinha mesmo.

Meu dedo foi engolido pelo canal estreito e Flor gemeu alto, tentando afastar as pernas. Mas não ouvi nenhuma palavra sair de sua boca além do gemido. Por isso, lancei mais um tapa gostoso na bunda que já ficava marcada.

— Responda, Flor!

— Não! — ela gritou quando dei um tapa mais leve em sua boceta e, em seguida, enfiei dois dedos nela. — Gabriel!

— O que foi? — questionei, puxando e enfiando os dedos, lentamente, sem pressa nenhuma. — Algum problema? Possui algum compromisso?

Vi suas mãos esfregarem o meu lençol e o puxarem ao prender o tecido dentro delas. Flor escorria de tesão em meus dedos e o som de sua boceta sendo fodida pelo meu indicador e dedo médio deixava isso bem claro, caso ainda restasse alguma dúvida.

Eu também estava alucinado e desejava muito trocar nossa posição, abrir minha calça e puxar suas pernas para mim, até que meu pau latejante se encaixasse dentro dela. Por mais que a garota evitasse se mexer, o próprio impacto da minha mão estocando de encontro aos seus quadris já era suficiente para fazer seu corpo roçar no meu.

Aquela boceta apertada esmagava meus dedos em seu interior e quando tentei colocar o terceiro, Flor reclamou e tentou alcançar minha mão. Teríamos trabalho com a minha piroca no dia que eu fosse comer aquele

corpo, porque isso já me adiantava que a ninfetinha não teria resistência para receber meu tamanho todo. Era um pau de vinte e dois centímetros, considerado muito acima da média, mas como se não bastasse, ele também era largo.

Sem deixar de foder a bocetinha quase virgem, usei minha mão livre para tocar seu clitóris delicado. Por reflexo, ela tentou se levantar, mas a mantive presa na mesma posição, gemendo e empinando a bunda para mim. Passei a estocar mais rápido e mais forte, arrancando gritos que eu muito desejava ouvir, e me inclinei para beijar sua bunda deliciosamente vermelha.

Lambi e mordi a pele quente e sensível, fodendo a boceta pequena e gemendo junto com ela de tanto tesão que me consumia. Não tinha o menor problema de ficar prendendo minhas vontades, por isso, permiti que meu pau latejasse de encontro ao corpo de Flor pressionado no meu. Estoquei com meus quadris, apreciando o contato mais intenso, e me senti gozar na bermuda quando a morena em meu colo começou a soltar gritinhos curtos e abafou o rosto contra o colchão, enquanto comia meus dedos com a boceta que gozava forte.

Porra!

Deixei os lábios bem afastados e dei tapinhas no clitóris, alongando o prazer dela, mas depois de alguns segundos, eu me deixei cair para trás no colchão e curtir a exaustão deliciosa. Flor permaneceu na mesma posição em meu colo por um momento, mas depois eu a senti escalar o meu corpo e se jogar em cima de mim, melando minha pele com a boceta gostosa e beijando minha boca.

Apenas degustei do momento, mas ela parecia ter outras intenções quando se sentou sobre o meu abdômen e começou a me alisar. Senti dedos espertinhos procurarem pela minha calça e abri meus olhos quando percebi

que Flor estava segurando o botão da bermuda.

— Posso te ver? — perguntou, tímida, mas sorrindo.

Eu possuía alguma resistência porque apesar de ter gozado, ainda estava duro e pronto para durar mais algum tempo. Porém, sabia que não seria o caso, era apenas curiosidade.

— Você vai se assustar — avisei, observando seu semblante ansioso. — Abra.

Flor umedeceu os lábios enquanto agia para satisfazer a curiosidade e quando desceu o zíper da bermuda, eu mesmo puxei meu pau para fora. Seus olhos grandes se arregalaram, chocados, e por fim, ela me encarou.

Eu sorri, me tocando devagar, sentindo meu sêmen acumular entre meus dedos conforme pressionava a cabeça larga, que alcançava meu umbigo.

— É normal? — perguntou ela ao me tocar. — Como você sabe, eu vi uns vídeos.

— Sou dotado, mas não sou o único no mundo — respondi, achando graça.

— É bonito. Bem bonito. Eu já imaginava que fosse cheio de veias.

— Gosta delas? — perguntei, recuando minha mão e deixando que ela fizesse o que tivesse vontade.

Flor revirou os olhos e riu, passando o polegar pela minha glândula e me fazendo respirar fundo.

— Ah, sim. Com veias é meu tipo preferido entre os duzentos que já provei. — Soltei uma gargalhada pelo atrevimento e preendi a respiração quando a ninfetinha gostosa se inclinou aproximando a boca do meu pau, mas apenas deu um selinho na ponta. — Não pense que vai ganhar alguma coisa, GG. Você me encheu de tapa na bunda.

Ela beliscou meu mamilo antes de se levantar da cama e carregar meu *notebook* nos braços, andando com pressa para a porta. Com a piroca pra fora e ainda cheio de tesão, não consegui ser tão ágil como a filha da mãe, que parecia prestes a roubar o meu computador. Eu não sabia se ria ou fechava meu zíper enquanto corria atrás de Flor, que já tinha saído da minha casa.

— Volta aqui agora com meu computador! — avisei quando a vi abrir a porta que dava para a boate.

— Eu o devolvo depois, GG! — respondeu, acenando para mim. — Boa sorte por aí!

Claro que fui atrás dela, mas encontrei com Cláudia no caminho, que me pediu para parar porque precisava falar comigo sobre um dos funcionários que estava doente. Não passou despercebido pela minha sócia o tamanho da minha ereção e a pessoa que tinha saído às pressas da minha casa, e vi quando esboçou uma careta. Não que eu me importasse. Cláudia sempre me trataria como filho e acharia qualquer mulher ruim demais para mim. Mas aquela Maria Flor era especial. Um pouco mais de um metro e meio de puro abuso e sagacidade, porque não era qualquer uma que me deixava de pau duro e doido de tesão, fugindo de dar para mim.

CAPÍTULO 30

Maria Flor

Estava sentada na minha cama, fitando o relógio do meu *notebook* e pensando se devia ou não dar um pulo na *Red Kinky* hoje à noite. Cinco dias tinham se passado desde que fugi da casa de Gabriel com o computador dele e não o via desde então, porque minha mãe havia sofrido um acidente de carro naquele mesmo dia e eu fui para Campinas visitá-la. Aproveitei para ficar por lá durante esse tempo, trabalhar na calmaria da casa dos meus pais e pensar em tudo que andava vivendo ultimamente.

Ainda não tinha me recuperado da tarde na casa do *stripper*, das coisas que me fez sentir como ninguém mais fez e do quanto eu quis, naquele momento ali com ele, me entregar de corpo e alma. Nunca senti tanta vontade de transar como senti ao ver o pau de Gabriel em toda a sua glória, mas a minha consciência me aconselhava a ir com calma e proteger meu coração. Por isso, foi bom me afastar por uns dias para me desintoxicar da química que existia entre nós e que estava impregnada em meus poros.

Recebi várias mensagens e ligações dele na primeira noite que passei em Campinas e respondi apenas por texto, uma única vez, avisando que estava visitando os meus pais e que não gostava de ficar no telefone quando podia matar a saudade dos dois. Sendo assim, ele me deixou em paz, por incrível que pareça.

Agora, já na minha casa e no meu cantinho, eu podia dizer com todas as letras que senti muito a falta dele. Desde que nos conhecemos tivemos contato quase que diário e sempre era tudo muito intenso entre nós. Isso me fez perceber que eu estava mais envolvida do que gostaria e que quando Gabriel enjoasse de mim, o meu tombo seria ainda maior.

No entanto, decidi aparecer na *Red Kinky* esta noite, talvez permanecer incógnita, observá-lo de longe e descobrir o que iria sentir. Mas só pensaria nisso depois, pois recebi uma notificação de Julian, perguntando como estava o andamento do livro e avisando que gostaria de ler os primeiros capítulos. Respondi avisando que estava evoluindo bem e encaminhei o *link* do Drive para que pudesse conferir com seus próprios olhos. Graças a Deus, meu retiro quase que espiritual nos últimos dias serviu para que eu avançasse bastante na biografia.

Aproveitei a tarde para hidratar meus cabelos, pintar as unhas com um esmalte novo de um tom de azul-escuro lindo e dei uma geral na depilação. Quando Laura chegou do trabalho, matamos a saudade no nosso sofá, assistindo dois episódios de *Ozark* uma de nossas séries favoritas.

Eu a chamei para ir comigo na boate, mas ela disse que estava cansada e declinou do convite. Eu suspeitei que não fosse verdade, pois sabia que vinha conversando pelo celular com um rapaz que conheceu no aniversário de uma colega do trabalho, e algo me dizia que Laura só queria ficar sozinha para poder passar a noite toda batendo papo com ele.

Cheguei bem tarde à *Red Kinky*, porque queria ver a apresentação de Gabriel e sabia que ele era sempre o último, salvo algumas raras exceções. Passava da meia-noite quando me sentei diante do bar e vi Rafa servindo duas garotas. Nat estava na outra extremidade, bastante ocupada, então eu aguardei pelo atendimento dele, que se aproximou tão logo se viu livre.

— Deixe-me adivinhar — murmurou, sorrindo e apoiando os braços sobre o balcão. — Um *drink* docinho e fraquinho.

— Se chegou a decorar, significa que eu vim mais vezes aqui do que deveria — respondi, vendo sua sobrancelha se arquear. — Sim, por favor, faça a sua mágica.

Rafa riu, mas começou a preparar minha bebida e eu fiquei reparando no trabalho meticuloso. Era até bastante sensual os movimentos com as garrafas, a habilidade que ele possuía misturando os líquidos, sem contar o rosto e corpo bonitos.

— Posso te perguntar uma coisa? — ele soltou no ar ao me encarar. Assenti, curiosa. — O que rola entre você e o Gabriel?

Ainda bem que eu ainda não estava bebendo ou teria me engasgado com a pergunta tão direta. Era tão óbvio assim que alguma coisa estava acontecendo entre mim e o Mister Sex? Será que Nina andou espalhando fofocas ou alguém nos viu agarrados em algum canto?

— Nada — respondi, sentindo o rosto esquentar. — Não tem nada rolando. Por quê?

O *barman* não era idiota, ele sabia que eu estava mentindo descaradamente. Mesmo assim, não falou nada pelos próximos segundos enquanto terminava de preparar meu *drink*. Quando colocou o canudinho no copo e o empurrou na minha direção, voltou a me encarar e sorriu.

— Se você diz, talvez eu acredite.

Agradei pela bebida e a provei, sentindo a sensação maravilhosa me inundar ao engolir o líquido. Precisaria tomar cuidado para não desenvolver o gosto pelo álcool, pois estava se tornando uma constante em minha vida tomar aqueles *drinks* docinhos que sempre me deixavam um pouco alegre.

Como Rafa foi atender outras pessoas, eu me virei para o palco e assisti

o *show* que rolava naquele momento. Já conhecia o rapaz das outras vezes, mas não sabia seu nome, só que era muito bonito como todo mundo que trabalhava naquele lugar. Ele estava ajoelhado, deixando que duas mulheres passassem as mãos em seus corpos, e ainda se inclinou para sussurrar alguma coisa no ouvido de uma delas. Era fácil mesmo se derreter por esses homens, eu nunca mais julgaria nenhuma daquelas garotas.

— Ei, Flor! — Girei minha cadeira ao ouvir a voz de Nina e sorri para ela, que se debruçou ao meu lado no bar. — Rafa, prepara um *mojito* pra mim!

— Não sabia que você perambulava aqui pela frente — falei quando ela me encarou, sorridente.

— Ah, eu posso. — Nina encolheu os ombros. — Não sou eu que as garotas estão preocupadas em agarrar. É bem fácil me misturar entre vocês, ninguém liga.

Ela tinha mesmo razão. Ao nosso redor, nenhuma daquelas mulheres parecia minimamente interessada em Nina, talvez nem soubessem que ela era uma das dançarinas da casa, pois a garota estava vestida com roupas normais.

— Gabriel está lá em cima — disse. — Falou com ele?

— Não sabia que estava em casa. Não vai dançar esta noite?

— Ah, não. — Ela riu. — Eu me refiro ao segundo andar. Ele está num *showzinho* privado.

Compreendi, lembrando de quando perguntei para ele o que acontecia lá em cima e Gabriel contou que eram grupos que fechavam os ambientes para terem mais privacidade. E me lembrava também que o *stripper* havia explicado que raramente pegava esses trabalhos, pois cobrava um cachê bem alto.

— Quer espiar? — perguntou Nina, movendo as sobrancelhas, com cara

de quem gostava de aprontar. — Ele nem vai saber.

— Eu posso?

— Não exatamente. — Ela revirou os olhos. — Mas você não vai participar e ficará de longe, ninguém nem vai notar.

Antes que eu respondesse, Nina pegou minha mão e me arrancou do bar, carregando-me na direção dos fundos até a escada. Meu coração acelerou com a ansiedade e a curiosidade que me tomou naquele momento, sem saber o que esperar.

— Ele não está transando, né? — questionei, parando no primeiro degrau. — Se estiver, não quero presenciar.

— Não! Claro que não. — A garota riu como se eu tivesse dito uma bobeira. — Lá em cima rola basicamente o que rola aqui embaixo, só que as meninas se fecham em grupinhos, cada cômodo comporta no máximo quinze pessoas.

Ela subiu os degraus e eu decidi segui-la, visto que não correria o risco de ver Gabriel em uma cena comprometedora.

— Só que aqui em cima, não tem palco. Ele fica acessível a elas e interage muito mais, é claro. Rolam umas brincadeirinhas mais provocantes, mas nenhum *stripper* chega sequer a tirar a cueca. É proibido.

Graças a Deus, porque uma parte minha sabia que sentiria ciúmes se soubesse que Gabriel apresentava mais do que algumas danças como as que eu conhecia.

— É legal — disse Nina quando chegamos ao segundo andar. — Se você quiser trazer algumas amigas, pede pro Gabs dar um desconto. Só não sei se ele vai querer outro cara sarrando em você.

O corredor possuía vários cômodos que não tinham portas, portanto, apesar de haver paredes separando todos eles, os espaços eram abertos nesse

sentido. As salas eram completamente diferentes do que eu tinha imaginado, pois as decorações eram luxuosas e requintadas, não pareciam um inferninho decadente. Sofás em tecido, poltronas aconchegantes, cortinas requintadas e cores vibrantes tornavam o segundo andar muito diferente do primeiro, todo escuro.

— É bonito aqui em cima — comentei, depois de passar por um cômodo com cinco garotas vibrando enquanto um bombeiro tirava a camisa.

Nina também olhava para dentro de todas por onde passávamos, procurando por Gabriel, até que chegamos ao final e não o encontramos.

— Acho que o tempo dele acabou... — ela murmurou, frustrada. — Fiz você perder o seu tempo.

— Não tem problema, foi legal conhecer — respondi quando ela passou um braço pelo meu ombro. — Quando alguma amiga se casar, eu a trago aqui.

Nós nos encaminhamos para fora, na direção novamente das escadas, e soltei uma risada baixinha quando vi um *stripper* fantasiado de Capitão América, rebolando a bunda numa tanga vermelha. Porém, meu sorriso morreu ao chegar na base da escada e olhar para o outro lado, que daria acesso à porta para a casa de Gabriel. Bem naquele instante, ele estava passando por ali, segurando na mão de uma garota loira e de corpo escultural. Quando trancou a porta, a beijou na boca e ela ainda desceu a mão até a bunda dele, falando alguma coisa que não era possível ouvir na distância em que estavam.

Nina percebeu que parei de andar e olhou na mesma direção, em seguida, me encarou e estalou a língua.

— Vamos descer? O Rafa já deve ter preparado meu *drink*.

Entre mim e Gabriel não havia absolutamente nada além de umas boas

pegações que rolavam de vez em quando. Então, eu não tinha nenhum direito de me sentir mal com o que estava vendo. Mas foi exatamente desse tipo de sentimento que tentei fugir, o motivo principal para não querer, desde o início, dar corda a ele.

— Eu também preciso de outro drink — falei, sorrindo para ela, tentando afastar as lágrimas dos meus olhos.

Antes que a gente se virasse para a escada, Gabriel virou o rosto na nossa direção, como se tivesse sentido que estava sendo observado. Quando me viu, não esboçou nenhuma reação que me ajudasse a entender o que se passou em sua cabeça.

Eu desci rápido atrás de Nina, sem deixar transparecer que estava chateada, e a segui para o bar, onde nem mesmo o meu lugar eu consegui recuperar.

— Rafa! — ela o chamou. — Preparou?

O *barman* a entregou o copo bonito com folhas verdes e piscou para mim, observando que o meu estava vazio.

— Mais um, princesa? — Assenti e ele sorriu.

Nina me abraçou por trás e me beijou no rosto antes de sussurrar:

— Eu vou para o camarim me arrumar. Você está legal?

— Claro! — respondi. — Vou ficar para assistir seu *show*. Arrase, por favor!

— Se ficar perto do palco, balanço meu rabo na sua cara.

Ela sorriu, soprando um beijo para mim e eu acreditei que era mesmo capaz disso. Achei o máximo e decidi que me aproximaria de lá na hora que ela entrasse no palco, para dar muito apoio moral.

— Seu elixir está pronto. — Rafa reapareceu com meu copo, mas não o

soltou quando tentei pegá-lo. — Você está solteira?

Opa, que mudança drástica de assunto. Eu não estava esperando por aquela abordagem e fiquei nervosa com seu olhar intenso sobre mim. Rafa era mesmo muito bonito.

Botei um gole do *drink* pra dentro, sabendo o que viria em seguida. Ele iria me chamar para sair. Eu aceitaria?

— Sim — respondi.

O rapaz se inclinou por cima do balcão até aproximar bem o seu rosto do meu e, por um instante, achei que fosse tentar me beijar.

— Tem um filme muito bom em cartaz — ele disse. — O que acha de irmos assistir amanhã à tarde?

Eu o encarei com cautela. O que andava acontecendo no universo para ter dois *strippers* me dando mole? Dois! Tudo bem que um parecia não estar mais tão interessado em mim, mas mesmo assim, tive uma baita experiência com ele. A diferença era que Rafa não parecia o tipo de cara que tentaria me levar pra cama no primeiro beijo que me desse. Sei lá, algo no rosto dele o fazia ser muito fofo, aparentemente.

Enxerguei nele a oportunidade de me desvincular do apego a Gabriel e, de quebra, tentar descobrir se a minha vagina gostaria de tirar o atraso com ele. A vantagem era que as probabilidades de Rafa possuir um pau que arrombaria o meu útero eram bem pequenas, afinal, dois raios não costumam cair no mesmo lugar.

Sorri para ele e puxei a bebida pelo canudinho rosa.

— Tudo bem, eu aceito ir ao cinema — respondi, me sentindo muito corajosa e dona do meu destino, enquanto Rafa anotava o número do meu celular.

CAPÍTULO 31

Maria Flor

Fiquei para esperar pelo *show* de Nina e pretendia ir embora assim que terminasse a apresentação dela, porém, fui surpreendida quando foi Gabriel quem apareceu no palco em seu lugar. Sua entrada foi bem diferente do habitual, pois dessa vez, não havia música alguma e ele estava apenas de cueca.

Em sua mão, havia um microfone e ao se encaminhar para a beira do palco, passando o olhar pela multidão, notei como seu semblante estava sério.

— Boa noite, moças. — A plateia foi ao delírio ao ouvir a voz do Mister Sex e meu coração deu um pulinho. — Hoje eu pretendo inovar e ousar um pouco mais, então, espero que gostem do que vou apresentar pra todas vocês.

Ousar? Ele ficaria pelado? Era uma dúvida coerente, visto que nem tinha mais nenhuma roupa para ser arrancada. As mulheres ficaram eufóricas, animadas com a possibilidade de serem chamadas ao palco, algumas quase pulando sobre ele. Mas Gabriel não parecia prestar atenção nelas, pois seu olhar estava exatamente em cima de mim, como se soubesse onde me encontrar.

Senti-me nervosa, pensando se deveria me levantar e ir embora, mas não consegui sair do lugar porque o homem simplesmente pegou todo mundo

desprevenido ao pular do palco em meio à plateia. Ele era alto e forte, sendo assim, por mais que oito a cada dez mulheres tentassem agarrá-lo, ainda conseguia se desvencilhar para continuar a caminhada na minha direção.

— Quero chamar uma pessoa especial ao palco esta noite, porque sei que ela vai arrasar junto comigo.

Ele só podia estar de palhaçada. Eu nunca mais subiria num palco na minha vida inteira, nem que fosse para recitar um poema. Virei-me para o balcão e encontrei Rafa com a sobrancelha erguida e um sorriso no rosto.

— O que o Gabriel está fazendo? — perguntei. — Isso é comum?

— Nunca vi — respondeu ele.

Um caminho foi aberto ao meu redor quando o Mister Sex parou diante de mim. Primeiro, percebi que lançou um olhar para o *barman*. Depois, me encarou, passando a língua pelo lábio. Ele encostou o microfone no peito para abafar o som e se inclinou, sussurrando para mim:

— Não sabia que tinha feito amizade com outro *stripper*. Gostou do Rafa?

Não respondi, apenas devolvi o olhar e me mantive plena. Ou pelo menos, menti para mim, dizendo que estava tudo bem.

— Flor, me concede esse *show*? — ele perguntou ao levar o microfone novamente à boca para que todo mundo escutasse.

Neguei com a cabeça e ouvi alguns murmúrios frustrados, outros chocados. Gabriel apenas sorriu, sem se abalar.

— Vamos, Flor. Você vai gostar, pois será muito divertido.

Divertido. Eu duvidava muito, mas o safado não me deu escolha porque pegou minha mão e me puxou da banquetta. Voltando a abafar o microfone, passou um braço pela minha cintura e trouxe os lábios até minha orelha,

enquanto me guiava pela multidão.

— Achei que tivesse me esquecido — murmurou. — Já estava até dando meu *notebook* como perdido. Por que não me respondeu mais?

Ignorei as perguntas porque estava muito nervosa, preferindo focar no que viria a seguir. Gabriel subiu no palco sem dificuldade, em seguida, estendeu a mão para mim e quando eu a segurei, ele simplesmente me puxou para cima. Meu coração perdeu o compasso, e meu estômago se contraiu de nervosismo. “*Raise Hell*”, de Dorothy, começou a tocar muito alto quando as luzes coloridas se agitaram sobre as nossas cabeças.

Fui posicionada de frente para ele e esperei para que me guiasse até aquilo acabar. Contrastando com a música agitada, sua mão deslizou com carinho pelo meu rosto, e por um segundo, achei que iria com calma dessa vez. Mas eu estava completamente enganada.

O Mister Sex logo começou a acompanhar o ritmo das batidas, me girando em seus braços e, em seguida, me puxando contra o seu peito com força. Parecia com o início da outra coreografia, e me senti aliviada por saber o que esperar. Só que Gabriel, é claro, não facilitaria as coisas para mim.

Uma de suas mãos foi parar no meu seio esquerdo, apertando-o sem pudor e com vontade. Levei um susto, não esperando que ele fosse agir de forma tão explícita, temendo pelo que mais aconteceria. Sua outra mão começou a passear pelas minhas coxas, subindo o meu vestido azul lentamente, até que senti seus dedos roçarem em minha virilha.

Meu coração foi parar na garganta. Abri a boca para reclamar, para lembrar a ele que nós estávamos no palco e em público, mas minha voz ficou perdida porque a excitação começou a me atingir em cheio. Em alguns segundos, eu já havia esquecido que havia tantas pessoas nos assistindo.

De repente, uma corrente desceu do teto e ele a puxou com pressa,

fazendo chover sobre nós dois. Quis gritar de raiva, mas a água, pelo menos, era morna. Só que me molhou quase por inteira e continuou escorrendo para o chão, ensopando todo o tablado. Gabriel me girou novamente, agora de frente para ele, e então se ajoelhou diante de mim, devagar, sem desfazer o contato visual, como se me desafiasse a pará-lo. Mas eu não o fiz.

Dois segundos depois, a boca bonita tocou minha coxa, beijando, chupando e mordendo minha pele. Suas mãos foram parar na minha bunda, uma de cada lado, e ele me apertou com força, puxando meu corpo contra seu rosto.

Mordi os lábios e rezei baixinho para que Deus me desse forças o suficiente para suportar aquele *show*, pois a língua do filho da mãe deslizou pelas minhas pernas como se ele provasse um sorvete, e avançou em direção à minha virilha. Naquele momento, eu estava de costas para boa parte do público, já que o formato do palco era em V, e felizmente, ninguém poderia ver a minha calcinha, pois senti meu vestido se erguer alguns centímetros.

Eu me senti horrorizada, mas incrivelmente excitada. Não sabia o que fazer nem como agir. Se devia dar uma joelhada na cara dele ou afastar minhas pernas para lhe dar mais acesso. E toda a minha noção foi pelo ralo quando Gabriel lambeu minha *lingerie*. Ela era um dos modelos de renda que eu tinha comprado recentemente, muito fina, então pude sentir sua língua empurrar o tecido para dentro da minha fenda e me fazer pulsar de tesão.

Sentindo-me tão molhada na boceta quanto no resto do corpo, mordi minha bochecha para evitar gemer quando ele atingiu meu clitóris. Tudo acontecia tão rápido ao ritmo da música, que quando meu cérebro processava uma informação, o *stripper* já estava cometendo uma nova indiscrição.

Encenando, Gabriel conseguiu me lamber mais algumas vezes, com vontade, e então afastou o rosto e ficou de pé novamente. Enquanto se

levantava, suas mãos passeavam pelo meu corpo, explorando todos os cantos existentes. As borboletas no meu estômago pareciam duelar para ver quem sobreviveria, enquanto minhas pernas ficavam cada vez mais fracas.

Ele me fitou, os olhos injetados de desejo, enquanto posicionava uma mão na minha coxa e a outra no meu pescoço. Devagar, começou a me inclinar para trás até que meu corpo estivesse deitado sobre a água acumulada no piso. O safado escalou o meu corpo e depositou um beijo no meu pescoço.

— Posso fazer tudo que tenho em mente? — sussurrou a pergunta para mim.

— Só não me deixa pelada.

— Posso te tocar como eu quero? Confia em mim.

— Pode — respondi, entregue. — Eu confio.

Com muita agilidade, ele se sentou sobre mim, apoiado em seus joelhos, e fez um movimento para trás até libertar minhas pernas. Arfei de surpresa e desejo quando as colocou para o alto, curvando os meus joelhos e me abrindo para ele. Tentei me desvencilhar, mas minhas coxas foram apoiadas em seus ombros quando se curvou até aproximar nossos rostos. Com o palco todo molhado, eu deslizava com muita facilidade para onde ele quisesse me levar. Minha roupa, minha pele e meus cabelos estavam ensopados, assim como o próprio Mister Sex inteiro.

Com a maestria de quem conseguia improvisar qualquer coisa, Gabriel começou a mover os quadris, e não foi nada delicado. Dessa vez, nem tentou disfarçar. Ele estocava com pressão, empurrando seu pau duro contra a minha boceta várias vezes. Não havia penetração, mas roçava em mim com força, deixando-me enlouquecida. Tentei abafar um gemido, querendo me contorcer embaixo dele, mas me lembrei de que ainda estávamos no palco, pois conseguia escutar os gritos excitados das demais mulheres.

Quando parou e se afastou, minhas pernas foram puxadas e meu corpo girou com desenvoltura até que eu ficasse de bruços. As mãos pesadas ergueram meus quadris, empinando minha bunda na sua direção, e um tapa foi desferido contra minha pele. A plateia estava amando o *show*, energizada, provavelmente, desejando o meu lugar. Enquanto eu tentava apenas sobreviver àquela tortura.

Como se não fosse o suficiente ele estar fingindo me foder na frente de todo mundo, Gabriel puxou meus cabelos e forçou minha cabeça para trás. Precisei erguer meu corpo até me ajoelhar de frente para o público e apoiar minhas costas em seu corpo duro. Uma de suas mãos foi parar na minha virilha com destreza, deslizou para dentro da minha calcinha e estimulou meu clitóris. Eu acreditava que o comprimento do meu vestido fosse suficiente para impedir que todo mundo visse minha calcinha, mas sabiam que eu estava sendo tocada.

Então, gemi de verdade. Tão alto, que se não fosse a música estourando nas caixas de som, todo mundo presente na *Red Kinky* teria ouvido. Me contorci sob o seu corpo enquanto sua ereção roçava na minha bunda, vezes seguidas. Senti aquela pressão se acumular entre as minhas pernas, e soube que ele seria capaz de me fazer gozar ali mesmo, em cima do palco, sem pudor algum.

Cravei minhas unhas na perna dele, com medo de ter um orgasmo em público, e Gabriel se afastou, mas tinha outros planos para mim. Ele me ergueu pela cintura e se virou de costas para a plateia, jogando-me para o alto até me pegar no ar e colocar minhas coxas encaixadas em seus ombros, só para enfiar o rosto no meio das minhas pernas.

A música parecia chegar ao fim quando o desgraçado conseguiu puxar minha calcinha para o lado e meter a língua na minha boceta, batendo ela com pressa em meu clitóris que pulsava. Graças a Deus, toda a boate caiu na

escuridão para indicar o fim do *show* e essa foi a oportunidade que Gabriel encontrou para me chupar com mais afinco. Não me reprimi mais e gozei na cara dele, muito excitada, alucinada, esfregando minha boceta na língua grande que me lambia com vontade. A pressão se acumulou até explodir e me fazer aliviar, entrando em estado de falência dos músculos.

O *stripper* conseguiu me virar de ponta-cabeça, num 69 em pé, enquanto entrava comigo pela coxia. Um braço apertava a minha cintura para que eu não caísse e o outro era usado para enfiar dois dedos na minha boceta que ainda convulsionava, parecendo querer trazer todos os meus fluidos para fora.

A luz forte do camarim atingiu meu rosto, um choque que meu corpo parecia precisar para sair do transe em que estava. Após fechar a porta, eu senti que Gabriel me deu mais uma chupada antes de me virar e me colocar de pé.

Ainda estava abalada e não tive reação quando ele avançou com selvageria e me imprensou contra a penteadeira. Fui agarrada pelas coxas e colocada sentada sobre a superfície lisa da madeira, derrubando tudo que havia em cima dela.

— Quero muito você, Flor — disse, me comendo com os olhos.

Quando me dei conta, sua boca já estava sobre a minha, e meu corpo, totalmente entregue. Se o universo quisesse me ajudar, teria que mandar alguma distração que afastasse Gabriel de mim, porque eu mesma não queria isso, por mais que soubesse que devia ir embora.

Com movimentos rápidos e agressivos, o homem delicioso abaixou as alças finas do meu vestido e revelou os meus seios. Sua boca abandonou a minha para dar atenção aos gêmeos, primeiro o direito, depois o esquerdo. Joguei a cabeça contra o espelho e gemi, enquanto ele chupava e mordiscava os meus mamilos. Não tinha mais controle nenhum sobre o meu corpo nem

cérebro, e sentia que Gabriel podia me dominar por inteira, que eu permitiria.

— Gostosa — sussurrou, ainda com a boca mamando em mim.

Suas mãos foram parar na barra do meu vestido, subindo-o até a minha cintura, e deixando as minhas pernas livres para serem abertas no ângulo em que desejasse. Soltei um grito, chocada, quando agarrou as laterais da minha calcinha nova e a puxou com força, rasgando o tecido e o jogando no chão. Então, abandonou os meus peitos e se afastou um pouco para me observar.

Eu me sentia pegar fogo da cabeça aos pés quando ele voltou a aproximar o rosto do meu, até nossos lábios se encontrarem, e sussurrou com desejo:

— Vou foder você todinha, Flor. — Respirou fundo, puxando meus cabelos e esfregando a palma da mão toda aberta em minha boceta. — Seu clitóris vai inchar de tanto tesão.

Se aquilo era uma promessa, acho que me sentia muito preparada para vê-lo tentar.

Senti minha boca muito seca quando Gabriel me beijou antes de se agachar à minha frente e afundar o rosto entre minhas pernas. Precisei segurar sua cabeça quando senti a língua molhada tocar meu ponto mágico e vi minhas estruturas ruírem uma por uma. Não havia mais forças para me sustentar nem resistir.

— Gabriel! — Ouvimos batidas na porta e a maçaneta se moveu, mas ele tinha trancado a fechadura quando entramos. — Está rolando briga!

Aquele, definitivamente, era o maior e mais luminoso sinal que o universo podia me mandar.

CAPÍTULO 32

Gabriel

Eu me deixei envolver demais por Maria Flor e soube que tinha me apegado mais do que devia, quando ela simplesmente sumiu. No dia anterior a gente havia trocado uma ideia bem legal aqui em casa, rolou aquela conversa, aquele momento mais quente em que a fiz gozar, tudo parecia tranquilo quando foi embora. Então, foi uma surpresa ela não ter dado mais sinal de vida depois de avisar que estava na casa dos pais e que precisava espairecer a mente, sem celular.

Para mim, era mais um caso de uma garota que percebia a merda que estava fazendo com sua vida e decidia que um *stripper* não dava futuro nenhum. O melhor a fazer era virar a página e deixar que Flor seguisse a vida dela. Era uma boa garota e eu respeitaria seu afastamento. Mas então, fui surpreendido quando a vi na boate ao lado de Nina, bem no momento em que eu estava saindo de casa com a mulher que me chupou minutos antes.

Meu *show* seria o último da noite, mas quando a vi de conversinha com Rafa lá no bar, através das câmeras de segurança em meu escritório, resolvi trocar de horário com a Nina e entrei no palco de cabeça quente. Ela não foi a única a ser pega desprevenida, todo o público que estava na *Red Kinky* aquela noite ganhou uma apresentação incomum, completamente nova, que improvisei na hora. A única coisa que arquitetei antes foi com o técnico

responsável pelo palco, para que jogasse a água sobre nós dois no tempo certo.

Flor se excitou tanto que gozou em minha boca enquanto eu a carregava para o camarim. Meu pau latejava dentro da cueca conforme sua boceta deliciosa melava o meu rosto e seu corpo estremecia em minhas mãos.

Quando a coloquei sentada sobre a penteadeira e finalmente arranquei sua calcinha, pude ter uma visão privilegiada do conteúdo. Lábios pequenos, levemente afastados, que deixavam a pontinha do clitóris à mostra e imploravam para serem chupados.

Ela gemeu e segurou minha cabeça quando deslizei a língua por sua intimidade, tomando seu néctar do orgasmo recente e finalmente provando seu gosto. A boceta quente, macia e melada me recebeu piscando de tesão quando coloquei os delicados lábios internos na boca e os chupei, lambendo o clitóris junto.

Até que começaram a bater na porta do camarim, que eu de forma inteligente, tranquei quando entramos, e isso quebrou todo o clima que eu tinha construído. Respirei fundo antes de largar a boceta de Flor, então me levantei, puto da vida, com raiva do mundo inteiro.

A garota se livrou do transe em que tinha entrado e pulou da penteadeira, ajeitando a roupa e pegando a calcinha rasgada que joguei no chão. Passei os dedos pela minha boca, enxugando a confusão que aquela bocetinha bonita causou em mim, e fui atender a porta sem me importar em estar de pau duro.

— Qual é o problema? — perguntei, olhando Nat e um dos seguranças no corredor, amontoados com mais alguns funcionários, que olhavam na direção do camarim feminino.

— Três mulheres começaram a brigar e alguém jogou um copo no palco — disse Cláudia, abrindo passagem e entrando ali. — Nina, como você está,

querida?

Nina? Avancei naquela direção e entrei no camarim, encontrando minha amiga sentada com muito sangue saindo de sua mão. Que merda tinha acontecido?

— Estava ajoelhada e não vi o caco de vidro — ela comentou ao perceber que eu esperava uma explicação. — Na hora que apoiei as mãos no chão, me cortei.

— Cadê a briga? — perguntei, me virando para a porta, mas o segurança balançou a cabeça.

— Já foi controlada e as envolvidas, expulsas da casa.

Fui até Nina e me agachei diante dela, pegando sua mão para observar o corte. Parecia profundo, não sei, não entendia porra nenhuma de medicina, mas o pano que estava enrolado contra sua pele, não tinha servido para estancar o sangramento.

— Se machucou em mais algum lugar? — perguntei, tocando seu rosto.

Ela era a melhor pessoa que eu conhecia nesse mundo, a irmã que eu nunca tive. Passei meus dedos pelos olhos borrados por conta de um choro e me sentei no sofá ao seu lado, puxando-a para dentro dos meus braços e beijando sua testa.

— Acho que vou levá-la ao hospital pra ver se precisará de pontos — avisei para ninguém em especial, mas meus olhos pararam sobre Flor, que observava com curiosidade e preocupação, espremida entre os outros que se concentravam naquele espaço.

Cláudia fez com que todos dispersassem e voltassem a trabalhar, e isso me fez levantar para ir trocar de roupa. Vi quando a menina se aproximou de Nina e ocupou o meu lugar antes de eu sair do camarim. Havia percebido que as duas pareciam se dar bem e gostava disso, inclusive, aproveitaria quando

estivesse a sós com minha amiga a caminho do hospital e perguntaria o que aconteceu naquele momento em que as vi no segundo andar da *Red Kinky*.

Não demorei mais do que cinco minutos para me vestir e quando retornei com a intenção de buscar Nina e me despedir de Flor, esta não estava mais ali.

— Para onde ela foi? — perguntei para a que tinha se machucado.

— Embora. — Ela encolheu os ombros e se levantou, pegando sua bolsa.
— Flor me ajudou a trocar de roupa e avisou que ia pra casa. Acho que ela está chateada com você, viu?

Eu tinha certeza disso, mas não daria para resolver nossos problemas naquela noite.

CAPÍTULO 33

Maria Flor

Aquele era um puta sinal enorme para me avisar da merda que estava fazendo. Eu nem mesmo me importei quando Gabriel parou de me chupar, porque foi uma providência divina. Além disso, eu gostava de Nina e me preocupei ao saber que ela tinha se machucado por causa de uma briga de terceiros.

Mas o tombo veio mesmo quando vi Gabriel e ela no sofá. Não por ciúmes, pois entendia que a relação deles não envolvia esse tipo de amor, mas foi por uma constatação de que o *stripper* era alguém muito diferente comigo. A atenção dele com Nina, beijando o rosto dela, com muito carinho, e a envolvendo nos braços, se tornou comovente. Não conhecia muito esse seu lado cuidadoso, mesmo que, no último dia em que estive em sua casa, ele tivesse agido com cautela e atenção comigo.

No fim das contas, eu era só uma garota com quem Gabriel queria transar e que estava dando um pouco mais de trabalho do que a maioria. Por isso, ele precisava se reinventar e insistir. A realidade se abateu sobre mim e pesou nos meus ombros, sendo que eu ainda me sentia melada por conta do que aconteceu entre nós, só agravava meus sentimentos ruins.

Sentia-me suja, fácil, muito disponível e sem resistência nenhuma, visto

que sempre dizia que não faria determinada coisa, mas bastava um toque diferente de Gabriel para me derreter por ele. Por isso, quando terminei de ajudar Nina a se vestir para ir ao hospital, dei um beijo nela, desejei que tivesse uma boa recuperação e fui embora da *Red Kinky* o mais depressa possível.

Se voltasse a pisar naquela boate, precisaria ser forte e impor limites entre mim e Gabriel. Eu não era como ele, e jamais seria. Comigo nunca seria algo de uma noite só, porque apesar de ter evitado ao máximo e negado o que começava a sentir, sabia que estava me apaixonando. Gabriel não possuía interesse em me oferecer nada além de sexo, e eu não poderia me dar ao luxo de transar com ele ciente disso, pois não conseguiria lidar com o depois.

Pisei na calçada e parei por um segundo, deixando o vento fresco da noite bater nos meus cabelos. Respirei fundo, organizando os meus pensamentos, e pedi um Uber para me levar em casa.

•

Tomei um banho, vesti um pijama e me esgueirei para debaixo do cobertor de Laura, passando meu braço pela cintura dela e fechando os olhos. Estava tarde e não ia acordá-la para conversar, mas precisava de companhia porque tinha chorado um pouco dentro do banheiro.

Infelizmente, ela acabou despertando com meu movimento e se virou de frente para mim depois de acender a luz da luminária.

— O que foi?

— Tô triste... — murmurei, enfiando minhas mãos por baixo do travesseiro. — Acho que estou gostando muito do Gabriel.

— E isso é ruim?

Sorri para ela, que tinha a testa franzida.

— Quantos *strippers* famosos que possuem namoradas, você conhece?
— perguntei.

— Amiga... Desencana disso. — Laura estalou a língua e apoiou a mão no meu rosto. — Faz o que tem vontade, transa bastante, depois se não der em nada, segue sua vida.

— Você fala assim porque não está no meu lugar, Lala. Qual o sentido de ter um sexo incrível com alguém que vai me chutar quando conseguir o que quer? Se for só pra gozar, prefiro comprar um vibrador.

Laura gargalhou, chutando a coberta e descobrindo suas pernas, então passou uma delas por cima dos meus quadris e me puxou, esboçando uma expressão safada enquanto ria.

— Na seca que me encontro, serve até sarrar em você. — Brincou. — Ai, amiga... Sei lá. Eu acho que se *eu*, Laura Buarque dos Santos, tivesse um *stripper* querendo me comer, aceitaria viver essa experiência única.

— Hum, talvez eu tenha dois *strippers* querendo me comer — confessei.

Minha amiga arregalou os olhos e puxou o próprio travesseiro para empurrá-lo contra o meu rosto, enquanto uma gargalhada escapava pela minha boca.

— Sai daqui, Maria Flor! Eu te odeio! Passou mel nessa xereca cheia de teia de aranha?

— Para! — gritei, tentando me defender do ataque, mas as risadas me consumiam. — Cala a boca, Lala! Quer provar pra descobrir?

Quando ela finalmente se jogou de novo de costas na cama e abraçou seu travesseiro, eu puxei de novo a coberta para cima de nós duas e me aconcheguei ao seu lado. Laura virou apenas o rosto e sorriu.

— Se sobrar algum por lá, você me apresenta um *stripper* gostoso? Não sou exigente, pegaria qualquer um dos que conheci no dia em que fui lá.

— Pensarei no seu caso — respondi.

— Ele precisa gostar de mulheres com mais carne, porque sou uma grande gostosa.

Gargalhei, revirando meus olhos quando Laura deu um tapa na própria boceta por cima da coberta. Ao contrário de mim, minha amiga era muito bem servida naquela região e a gente até costumava brincar dizendo que a xoxota testuda dela chegava nos lugares primeiro que ela. Infelizmente, por mais que Laura fosse uma garota cheia de autoestima e muito dona de si, ela sempre ficava meio insegura quando se tratava da região íntima. Chegou até em pensar a fazer cirurgia plástica e eu precisei tirar essa ideia louca de sua cabeça, mostrando que ela era linda e gostosa de qualquer jeito.

— Vou pensar em te apresentar alguém bem pirocudo pra te dar a surra que você merece! — comentei, arrancando uma risada dela e passando meu braço por dentro do seu. — Boa noite, Lala.

— Boa noite, amiga.

Voltamos a ficar no completo escuro e me permiti fechar os olhos sem levar minha mente para Gabriel. Queria descansar e não pensar nele por um tempo. Com essa decisão tomada, peguei no sono até mais rápido do que esperava.

No dia seguinte, fui surpreendida por uma ligação de um número que não conhecia, quando estava preparando o meu almoço. Atendi prendendo o celular entre a orelha e o ombro e ouvi uma voz bonita ao fundo:

— Bom dia, Maria Flor. Tudo bem?

— Rafa? — Arrisquei, porque era a única pessoa para quem eu tinha passado o meu telefone recentemente. — Bom dia.

— Que bom, porque estou ligando para saber se o cinema está de pé — disse ele. — Como sabe, trabalho todos os dias à noite, então precisamos nos encontrar na parte da tarde.

Encarei a panela no fogão, em dúvida do que fazer. Era certo sair com outra pessoa da *Red Kinky*, mesmo que não houvesse nada entre mim e Gabriel? O barulhinho do alho e da cebola sendo refogados chamou a minha atenção e me tirou do transe, fazendo-me lembrar do Mister Sex de mãos dadas com a loira na noite anterior.

— Veja o horário da sessão e me manda uma mensagem, Rafa — respondi, decidida. — Eu posso te encontrar quando for melhor pra você, já que tenho mais flexibilidade com meu trabalho.

— Perfeito! Vou ver aqui e aviso, mas só para deixar claro, faço questão de ir buscá-la, ok?

— Tudo bem. — Sorri, mordendo o meu lábio por instinto, e me despedi dele.

Terminei de preparar o almoço e recebi a mensagem de texto do *barman*, quando estava sentada, colocando a comida no prato. Nosso encontro estava marcado para dali a duas horas e meia, portanto, precisei me apressar.

Tomei banho, coloquei um vestido bonito e decotado porque o dia estava muito abafado, e quando Rafa apareceu em seu carro, nós seguimos para o cinema. Durante o percurso, conversamos um pouco sobre o acontecido da noite anterior e ele contou que viu o momento em que a briga começou. Parecia que uma garota tinha tropeçado em cima de um grupinho e sujado a roupa de uma delas com a bebida. Foi então que a discussão deu início e, com ânimos alterados e embriaguez envolvida, tudo piorou.

No cinema, compramos pipoca e refrigerante, e assistimos ao filme de forma muito comportada. O máximo que Rafael fez foi colocar o braço ao

redor do meu ombro. Se fosse Gabriel, sua mão já estaria dentro da minha calcinha.

Curtimos a tarde nos divertindo com a sessão, depois fizemos um lanche e, só na volta para casa, quando estacionou na frente do meu prédio, ele me beijou. Sequer pensei em recuar, apenas me entreguei ao momento e retribuí o seu avanço. Seus lábios eram macios e o beijo era bom, mas não me causou nenhuma sensação, nem mesmo chegou a me arrepiar. Eu sabia que não era culpa do *barman* e, sim, da pessoa que ele estava beijando, que tinha o coração ocupado por outro.

Quando uma de suas mãos tocou minha cintura e subiu, roçando a curva do meu seio, eu recuei o rosto um pouco e sorri para ele.

— A gente pode ir devagar? — perguntei.

Rafa não pareceu ficar chateado, na verdade, parecia esperar essa resposta. Apenas balançou a cabeça de forma positiva, sem tirar o sorriso do rosto, e passou os dedos pelos cabelos claros.

— Claro que sim — respondeu. — Vamos no seu tempo.

Eu podia dizer que não tinha dado certo, que o ideal era nos mantermos amigos apenas, mas achava que valia a pena me esforçar um pouco para tirar Gabriel da cabeça. Não descartaria o rapaz diante de mim porque ele era fofo e eu gostaria de ter a chance de conhecê-lo melhor.

Inclinei-me em sua direção e dei mais um selinho em seus lábios.

— Preciso entrar, pois tenho que adiantar meu trabalho — falei, dando uma boa desculpa para não convidá-lo para subir. — Nos falamos depois?

— Pretende ir à boate nos próximos dias?

— Acho que não. — Fui sincera, pois não conseguiria tirar Gabriel da cabeça, se continuasse frequentando a *Red Kinky*.

— Então a gente marca alguma coisa no final de semana — sugeriu, piscando e beijando minha mão. — Pode ser?

Assenti e avisei que aguardaria o contato dele. Depois saí de seu carro, bati a porta com delicadeza, muito feliz por não ter andado de moto, e entrei no prédio depois que Rafa foi embora.

CAPÍTULO 34

Maria Flor

Passei a manhã toda de sábado na Editora Âncora, conversando com Julian e recebendo o *feedback* dele sobre os capítulos que pegou para ler. Ele não apenas queria apontar e sugerir algumas modificações no meu texto como também desejava saber se fiz algum avanço a respeito do passado sombrio de Lia Barker.

E não, eu estava empacada nessa questão. Desde que fui à casa dos pais dela e peguei a informação sobre a Laís, não havia mais para onde correr. Dependia que o tal amigo *hacker* de Gabriel — que eu vinha duvidando da existência — encontrasse a mulher, mas eu estava há seis dias fugindo do *stripper* e não tinha como saber se conseguiu alguma resposta.

Transformei-me na pessoa patética que passa o dia procurando por alguém no *Instagram*, entrando em perfil por perfil para comparar as fotos, na esperança de achar Laís. Ou seja, até o momento, o que constava sobre o passado da ex-supermodelo na biografia era apenas o que ela própria havia contado e as poucas histórias narradas por seus pais. Nada de exclusivo nem emocionante.

Na volta para casa, recusei uma ligação de Rafael quando estava para entrar na estação de metrô. Sentia-me cansada e frustrada com meu trabalho,

não queria conversar com ninguém.

Sabia que ele não merecia isso, pois estava sendo muito fofo comigo. Tínhamos saído duas vezes e o *barman* sempre agia como um cavalheiro. Evitava entrar na conversa sobre o emprego dele, porque temia que dissesse algo sobre Gabriel e fizesse meu coração acelerar. Eu realmente queria esquecer o Mister Sex de uma vez por todas.

Infelizmente, a vida não contribuía para isso. Quando cheguei em casa meu celular apitou com a chegada de uma notificação e vi que era mais uma mensagem de Gabriel. Como ele não era de muitas palavras nem ficava me enchendo o tempo todo, decidi abrir para ver do que se tratava.

Gabriel: *“Flor, sei que está fugindo de mim, mas eu preciso do meu notebook. Pode me devolver, por favor?”*

Meu rosto ardeu de vergonha ao perceber que eu parecia uma ladra. Tinha esquecido completamente que estava com o computador dele porque havia deixado o aparelho no nicho do *rack* da televisão.

Maria Flor: *“Oi, Gabriel. Me desculpe, eu vou devolver. Passo aí mais no fim da tarde, ok?”*

Gabriel: *“Ok. Obrigado. Você está bem?”*

Maria Flor: *“Sim. E você?”*

Gabriel: *“Com saudade, mas estou bem.”*

Não respondi mais para não dar motivos para que ele pensasse que eu queria continuar aquele joguinho. Até deixei meu celular de lado pelo resto dia para não cair em tentação e fui trabalhar. Porém, enquanto reescrevia um dos trechos apontados por Julian, no qual eu falava um pouco sobre a rotina de um *stripper*, minha mente voou para a *Red Kinky*.

Eu relembrei os shows de Gabriel, a forma como se movia sobre o palco, sua sensualidade natural, o corpo sarado, o pau grande. Minha vagina se contraiu quando voltei ao dia na casa dele, em que me colocou de bruços e bateu na minha bunda. Senti a ardência nas nádegas pelo resto daquela noite, mas também me sentia plena pela forma como gozei nas mãos dele.

Diante do computador, tirei meus dedos do teclado, empurrei minha cadeira um pouco mais para trás e afastei minhas pernas. Ainda estava com o vestido que usei para ir até a editora, então só precisei enfiar os dedos dentro da calcinha e começar a me tocar. Fechei os olhos, pensando em Gabriel, em seu toque pesado, estimulando meu clitóris pequeno e deixando minha cabeça pender para trás.

A boca secou, o coração acelerou e gemi quando enfiei dois dedos dentro da boceta. Três anos sem sexo me fazia conhecer meu corpo perfeitamente e alcançar o orgasmo muito rápido. Sozinha em casa, me permiti gemer tudo que quis, enquanto imaginava-me na cama com Gabriel. Foi gostoso, mas solitário como sempre, e cinco minutos depois, estava chorando.

Queria que ele gostasse de mim e não me visse apenas como uma pessoa com boceta para se satisfazer. Eu não queria o Rafa, ficar com ele não estava ajudando a esquecer o outro.

Levantei-me e tirei minha roupa diante do espelho, encarando meu

reflexo. Eu não tinha o corpão voluptuoso da Laura nem a elegância de uma mulher como Nina, mas eu era bonita, gostava do que via. E sabia que Gabriel também gostava ou não teria tentado transar comigo. Ele estava sempre em contato com mulheres maravilhosas e podia escolher quem desejasse, portanto, se sentia tesão em mim, era porque meu corpo o agradava.

Eu podia tentar dar o famoso chá de boceta nele, se fizesse tudo certo. Pelo menos, o suficiente para que quisesse me ver no dia seguinte ao sexo e não me dar um chute na bunda. E era isso que faria, foi o que decidi. Se desse errado, pelo menos teria uma noite inesquecível, pois não duvidava em nenhum momento do potencial de Gabriel, e então seguiria minha vida sabendo que tentei. Se desse certo, bastaria ser feliz!

Animada com meu plano, peguei meu celular, fui para a cama e comecei a digitar.

Maria Flor: *“Estará ocupado essa noite, depois do show? Posso ir mais tarde? Queria conversar sério com você.”*

Gabriel: *“Não tenho nenhum compromisso, Flor. Fiquei curioso sobre o papo sério, mas te espero de noite.”*

Respirei fundo e abri minha conversa com o Rafa, porque queria ser justa e não pretendia sacanear ninguém.

Maria Flor: *“Oie! Tudo bem? Vou passar na Red Kinky hoje à noite. Podemos conversar quando eu chegar lá?”*

Rafa: *“Oi, gata. Hoje é sábado, o movimento vai ser grande e tenho medo de não conseguir te dar tanta atenção. Não quer me adiantar o assunto?”*

Eu sabia que ele tinha razão, o bar era muito disputado todas as noites, mas nos finais de semana a casa enchia muito mais. Mas não podia falar aquilo por telefone, ficaria parecendo que eu estava fugindo dele.

Maria Flor: *“É coisa rápida, não vou te ocupar muito. Nos vemos mais tarde!”*

Rafa: *“Tudo bem, princesa. Vou adorar te ver hoje! Vista uma roupa bem bonita pra mim.”*

Encerrei aquela conversa me sentindo muito culpada por ver que o barman estava animado. De qualquer forma, saímos apenas duas vezes e nem tinha rolado quase nada, não havia nenhuma obrigação entre nós, assim como nunca houve entre mim e Gabriel.

Como não pretendia chegar cedo na boate, resolvi sair para comprar um conjunto de *lingerie* bem impactante. Escolhi peças de renda vermelha que contrastava com minha cor, e ao sair da loja, passei na frente da vitrine de outra, onde me apaixonei por um vestido preto e lilás. O decote era daquele tipo que se alongava entre os seios e os deixava levemente expostos, e havia uma fenda lateral bem chique, nada vulgar, que com certeza chamaria a atenção do Mister Sex. O preço era bacana, nenhum assalto, então entrei para experimentar, me apaixonei por ele no corpo e saí do *shopping* muito feliz.

Fiz o pacote completo quando cheguei em casa: lavei e escovei os cabelos, depilei pernas e virilha, passei perfume e recebi um assobio quando saí do quarto e encontrei Laura deitada no sofá, vendo televisão.

— Eu pediria para ir junto, mas gata do jeito que você está, algo me diz que a noite será longa.

— Hoje não é mesmo o melhor dia pra me acompanhar — falei, levando as mãos à cintura e girando para ela olhar o visual completo. — Pretendo acordar na cama do Gabriel.

Minha amiga deixou o queixo cair e se levantou do sofá, correndo para me abraçar e me sacudir enquanto pulava junto comigo. Quase torci os pés em cima dos saltos finos, mas finalmente fui libertada em segurança e a acompanhei na comemoração.

Puxei o decote para cima e alisei o vestido de tecido gostoso, sentindo-me muito poderosa.

— Eu tenho um plano — comentei.

— E qual é?

— Fazer ele se apaixonar por mim. — Sorri. — Na cama.

Laura estreitou os olhos e franziu os lábios. Ela apoiou as mãos nos meus ombros, lançando um sorriso amarelo e em seguida, franziu a testa.

— Amiga, achei que tínhamos combinado de pegar sem se apegar — murmurou, suspirando. — Não vá machucar o coração, por favor.

— Eu tô bem, Lala. Estou indo preparada para desapegar se for preciso.

Beijei o rosto dela e peguei minhas chaves sobre o aparador, saindo de casa com os batimentos cardíacos acelerados tamanha a minha ansiedade. Passava das onze e meia, portanto, aguardei a chegada do *Uber* dentro da portaria do meu prédio e quando o motorista me buscou, parti rumo à *Red*

Kinky.

CAPÍTULO 35

Gabriel

Dei mais uma olhada no meu reflexo no espelho, ainda no camarim, observando meu corpo de atualmente trinta e oito anos recém-completados na noite passada. Eu me cuidava muito, estava em ótima forma e possuía uma resistência física de dar inveja em muitos moleques de vinte e poucos anos.

Infelizmente, eu me resumia a ser um pedaço de carne, dos mais suculentos. Não podia ousar pensar em largar a academia, a suplementação intensa, os cuidados com a aparência, pois era com meu corpo que pagava minhas contas. Mulher nenhuma queria pagar ingresso para ver um homem comum no palco, e isso nos tornava escravos da aparência.

Porém, mesmo com toda a dedicação, eu andava meio frustrado. Tinha muito tempo que não me colocava à mercê de uma mulher e esse meu envolvimento com Flor acabou me fazendo mais mal do que bem, visto que eu não tirava a garota da cabeça e era constantemente ignorado.

Não pretendia mais ser tão insistente e encher o saco dela, pois demonstrei meu interesse o quanto pude. Mas precisava do meu computador, mesmo que ele fosse apenas para o uso pessoal, já que tinha um *desktop* no escritório. Então, quando mandei aquela mensagem pedindo que Flor me devolvesse o aparelho, esperava apenas a devolução.

Sua resposta algumas horas mais tarde, avisando que passaria aqui de noite e que gostaria de conversar, me tirou um pouco a concentração. Estava surpreso pela sugestão ter partido dela e fiquei bem empolgado em poder vê-la de novo. Sim, tinha passado a gostar demais da ninfetinha linda e, mais uma vez, me entregaria por inteiro durante o tempo em que estivesse comigo.

Recebi uma mensagem no celular e vi o nome dela na tela, avisando que tinha chegado e que queria me entregar logo o *notebook*. Vesti uma camisa e pedi que viesse até o camarim, mas fui esperá-la no corredor porque estava ansioso pelo reencontro.

A morena se vestiu para matar naquela noite, provavelmente a mim, do coração. Ela nunca tinha usado uma roupa tão fatal como aquela. Um vestido muito justo, com um decote enorme que me deixava ver metade de cada seio pequeno, e muito curto com direito a uma fenda, como se precisasse mostrar mais pele do que já estava mostrando. Meu pau pulsou dentro da calça ao apreciar o *look* e deixei que ela se aproximasse.

— Oi — murmurou, sorridente, com os cabelos ondulados por *baby-liss* e presos de um lado por uma presilha bonita.

— Você está deslumbrante.

Enfiei minhas mãos nos bolsos para evitar agarrar a garota e recebi em resposta um sorriso que mostrou todos os seus dentes. Flor me entregou a bolsa que carregava no ombro, pesada, com meu *notebook* dentro, depois cruzou os braços.

— Obrigada. Vou ficar por aí, esperando você terminar, ok?

Estava prestes a responder, concordando, quando Rafael apareceu no corredor, provavelmente para vir usar o banheiro. Ele pareceu surpreso ao encontrar a Flor comigo, mas abriu um sorriso e se aproximou de nós dois. O que eu não esperava era o beijo na boca que o *barman* filho da puta deu na

minha garota, que não revidou com um tapa na cara dele.

— Não foi falar comigo? — perguntou para ela, alisando sua bochecha.

Eu notei que Maria Flor ficou visivelmente desconfortável com a situação e me preparei para arrancar Rafa de cima dela e meter a porrada naquele rostinho que eu achava ser confiável. Até que meu funcionário falou:

— Aproveitei que você disse que viria e trouxe sua jaqueta *jeans* que ficou no meu carro.

Inspirei, olhando para as costas dele, e expirei devagar. Podia arreventá-lo e mandar o babaca embora, mas Flor não o desmentiu, o que significava que Rafa não estava inventando nada daquilo. Os dois estavam juntos.

— Obrigada — ela murmurou, sem conseguir me encarar. — Eu pego depois.

— O que queria falar? — perguntou o *barman*.

— Falo depois — a garota respondeu, com o rosto corado de vergonha.

Rafael assentiu e se inclinou para dar mais um beijo dela, só que Flor foi mais rápida e moveu a cabeça ao mesmo tempo, fazendo com que a boca do idiota colidisse com os cabelos dela. Ele pareceu desconcertado por um momento, então pigarreei só para que se lembrasse da minha presença antes que eu desse um soco na sua nuca, e o *barman* passou por nós, abrindo a porta do camarim e se enfiando lá dentro.

Novamente sozinhos, eu a encarei, imóvel diante de mim. Flor estava tão sem graça que não conseguia me encarar e o que mais me deixou incomodado nessa situação não foi saber que estava saindo com outra pessoa. Meu problema era ela ter escolhido alguém com a mesma profissão que a minha, que trabalhava para mim, e que eu seria obrigado a ver todos os dias.

— Decidiu colocar sua ideia em prática? — perguntei, sentindo-me entalado.

— Que ideia? — Ela finalmente me olhou.

— De praticar com outra pessoa — respondi, notando seus olhos se arregalarem e sua boca abrir. — A não ser que seja mais sério o que há entre vocês.

— Não é isso, Gabriel. — Ela pressionou os lábios e balançou a cabeça.

Fomos mais uma vez interrompidos quando o filho da puta saiu do camarim, mas dessa vez, ele não parou e voltou ao trabalho. Eu ergui a alça da bolsa que ainda segurava e dei um tapinha no *notebook*, sorrindo para ela.

— Vou subir para guardar isso, depois preciso me preparar para o *show*. Eu a chamo quando terminar, se ainda quiser conversar.

— Eu não estou com o Rafa.

Arqueei a sobrancelha.

— Ele parece pensar o contrário — avisei, percebendo um brilho discreto em seus olhos.

— A gente saiu só duas vezes e...

— Flor — eu a interrompi, tocando seu braço. — Não precisa dar nenhuma explicação, você é solteira. Agora, preciso mesmo me preparar, ok? A gente se vê mais tarde.

Quis sair dali antes que falasse algo que me arrependesse, como soltar alguma piadinha ou uma indireta para ela. Por mais incomodado que eu estivesse, mesmo assim não tinha direito de exigir nada. A garota sempre deixou claro que não queria se envolver e quem correu atrás o tempo todo fui eu. Tinha passado da idade de ficar remoendo ciúmes, portanto, esqueceria esse assunto.

Observei enquanto Flor voltava pelo corredor e se misturava à multidão da boate, em seguida, subi para minha casa e coloquei a bolsa sobre a mesa.

Aproveitei para beber uma água e esfriar a cabeça antes de descer de novo. Estava chateado, era verdade, mas precisava focar no trabalho, pois a noite era de *Red Carpet* na casa e essas apresentações eram sempre intensas e muito coreografadas.

O tempo se passou e não resisti a observar as câmeras de segurança do meu escritório, confirmando que Flor passou longos minutos no bar, bebendo e conversando com Rafael. A imagem não era tão boa, claro, mas conseguia ver perfeitamente os gestos animados da garota, demonstrando intimidade com o *barman*.

Chegou o momento do *show* e entramos ao som de “*Bad Guy*”, de Billie Eilish, agitando a plateia com os movimentos ousados. Joguei-me no chão, deslizando com facilidade até a beira do palco e empurrei meus quadris para a frente, apertando meu pau por cima da calça e arrancando gritos histéricos. Todos os quatro reproduziam a mesma coreografia, cada um em sua posição ali no palco.

Uma garota esticou o braço e tocou meu abdômen, enquanto eu inclinava meu corpo para trás, deitando-me ainda com os joelhos dobrados. Ao virar meu rosto para o lado, visualizei Flor pertinho de onde eu estava, indicando que tinha se aproximado para assistir a apresentação. Era surpreendente, pois ela sempre ficava mais afastada, porém, esta noite observava com interesse cada movimento meu.

Curvei o corpo para a frente, levando minhas mãos ao chão e engatinhando, até que investi nos movimentos lentos de estocadas, mordendo o lábio, então me levantei. A camisa foi arrancada, enrolada em minhas mãos e lançada em direção ao público, que duelava para ver quem conseguiria capturar o prêmio.

Reproduzi os passos decorados, apliquei as acrobacias mais leves que

costumávamos acrescentar nos *shows*, e comecei a tirar minha calça sob gritos emocionados.

Flor já não estava mais no mesmo lugar e eu me peguei procurando pela figura dela entre a multidão, mas de onde eu estava, era difícil demais enxergar o bar por conta de toda a iluminação em cima da gente.

Não foi a minha melhor apresentação porque minha mente não estava focada na dança, eu confesso. Não vi a hora de encerrar o *show* quádruplo e como eu seria o último a voltar ao palco para a dança solo, aproveitei e fui ao escritório, procurar pela Flor nas câmeras.

Para a minha frustração, ela estava novamente no bar. Rafael preparava uma bebida ali perto e eu o observava porque estava com ranço do cara. Mas naquele momento, sem querer, eu o flagrei puxando alguma coisa do bolso e colocando dentro do copo que empurrou na direção da Flor.

Não podia ser. Podia? Temi que minha mente estivesse alucinando por causa do ciúme, sendo assim, achei melhor acessar o disco rígido onde as gravações eram armazenadas em tempo real. Selecionei a faixa mais recente e acelerei para chegar ao momento específico. Aproximei meu rosto da tela do computador e senti um aperto no peito ao confirmar o que temia. O filho da puta tinha colocado alguma coisa na bebida da garota, que tomava tranquilamente o líquido sem imaginar que fora drogada.

Levantei tão rápido e com tanta raiva, que a cadeira pesada caiu para trás. Procurei por Cláudia, que felizmente estava na boate aquela noite, e a encontrei no camarim conversando com Nina. As duas se levantaram quando entrei empurrando a porta com força e minha amiga veio até mim.

— Tire o Rafael do bar agora e o leve para a sua sala — avisei, cerrando meus punhos. — Acabei de vê-lo drogar a bebida da Maria Flor e estou com medo do que pode acontecer se eu enfrentá-lo.

— O quê? — Nina segurou meus braços quando eu me encostei à parede. — Calma. Tem certeza disso?

Vi que Cláudia caminhava com pressa para a porta, porque ela sabia que eu não cometia erros de julgamento. E por mais que eu já tivesse notado que minha sócia não ia muito com a cara de Flor, isso não era motivo para passar pano pro *barman*. Quem fazia com uma, fazia com várias.

— Nina, pegue a Flor e traga para cá — pedi, sentindo-me tremer de raiva. — Não sabemos o que ela está ingerindo.

— Gabs, o que vai fazer? Deixa a Cláudia cuidar disso.

— Pegue a Flor. — Toquei o rosto dela. — Eu não vou encostar a mão nele.

Sabia que não manteria a minha palavra, porque quando Nina acatou meu pedido e me deixou sozinho no camarim, precisei socar a parede para extravasar a raiva que estava sentindo. O que Rafael fez era crime.

Respirei fundo, encostando minha testa contra a parede e tentando me acalmar, mas bastou ouvir o burburinho no corredor, para meu sangue ferver. Saí correndo do camarim e vi minha sócia empurrando o *barman* na direção da sala dela, e aquela movimentação acabou chamando a atenção de outros funcionários.

— Eu não fiz isso, Cláudia! — ele se defendeu, virando a cabeça para trás para olhá-la. — É sério!

— Filho da puta! — Avancei contra ele, que ainda não tinha me visto, e dei um soco em seu nariz, arrancando um filete de sangue. — Eu vi, Rafael! Com meus próprios olhos, e posso voltar a gravação pra você ver também!

Não consegui esperar que estivéssemos dentro da sala, nós três a sós. Ali mesmo eu o puxei pela gola da camisa e aproximei nossos rostos. Ele não tinha metade da minha força e sabia que eu o quebraria se quisesse, por isso,

não me enfrentou.

— O que você colocou na bebida? — perguntei, enquanto Cláudia tentava me puxar para dentro da sala. — Fala, escroto!

— Nada!

Na outra ponta do corredor, eu vi quando Nina se aproximou com Flor logo atrás e não queria que ela presenciasse nada daquilo. Sendo assim, entrei na sala de Cláudia, carregando o Rafael e chutando a porta atrás dele. Senti a mão da minha sócia em meu ombro e deixei que me puxasse para longe, mas antes de me afastar, dei mais um soco na boca do estômago dele.

— Rafael, diga a verdade — pediu ela, cruzando os braços. — Você será demitido de qualquer forma.

— Não era nada de mais — ele murmurou, curvado e segurando o nariz que sangrava sem parar. — Ok, eu pretendia levá-la em casa e coloquei um estimulante sexual na bebida.

Cláudia tapou a boca com as duas mãos, horrorizada, mas meu sentimento era outro bem diferente. E quando ele viu que eu estava prestes a partir de novo pra cima dele, se encolheu e gritou:

— Não era nada que a fizesse apagar, tá certo? Eu não pretendia estuprar a Flor nem nada do tipo. Só queria que ela ficasse um pouco animada.

— Quantas vezes você já fez isso aqui na *Red Kinky*? — minha sócia perguntou.

Eu não me importava mais com a resposta do desgraçado, só queria fazer com que sentisse dor. Avancei sobre ele de novo, segurando seu rosto entre minhas mãos e erguendo meu joelho. Dei mais um soco, então outro, até que os braços de Cláudia envolveram minha cintura e senti que ela fazia força para me tirar de cima dele.

— Não posso deixar que você vá preso também, Gabriel! — ela gritou.

— Pare, por favor! Pense em você!

Eu me afastei, levantando meus braços para indicar que tinha parado, e me virei de costas para o infeliz. Cláudia estava com o rosto vermelho, esbaforida, preocupada e tão em choque quanto eu. Nunca passamos por nenhum problema parecido com esse, ou pelo menos, nada que tivesse sido de nosso conhecimento.

— Chame a polícia — sugeri, tocando o ombro dela. — Vou levar a Flor lá para cima e cuidar dela.

CAPÍTULO 36

Maria Flor

Não foi fácil sentar diante de Rafa e me preparar para o que diria em seguida. Mas depois que ele entregou meu primeiro *drink*, eu mexi o canudinho, tomando coragem, e o encarei.

— Eu gosto do Gabriel — falei num tom de voz alto para que ele ouvisse mesmo com a música estridente da boate. — Muito.

O *barman* não esperava pela minha confissão, porque ficou alguns segundos me encarando com uma garrafa de vodka na mão, até que piscou e voltou a preparar a bebida da garota ao lado.

— Queria deixar pra falar pessoalmente porque acho que você merece um mínimo de consideração minha.

— Você me disse que não tinha nada rolando — ele murmurou, com a sobancelha arqueada.

— Nada sério — consertei, arrependida por ter mentido. — Mas naquela época a gente estava ficando e eu não queria admitir, porque tinha medo de me envolver demais.

Ele assentiu em silêncio, entregando a bebida bonita para a cliente, então se virou para mim e apoiou os braços no balcão. Com os lábios franzidos e uma expressão de garoto carente, eu me culpei por não ter muito tato para

falar dessas coisas de um jeito mais ameno.

— Tudo bem, Flor — disse, encolhendo os ombros. — Eu entendo e respeito, mas deixo claro que vou ficar de olho e entrar na disputa se achar que tenho abertura pra isso.

Fiquei levemente surpresa, mas apenas sorri e ergui meu copo indicando um brinde invisível. O bar estava muito cheio, então ele me deixou para ir atender outras pessoas, visto que Nat e o outro rapaz não estavam dando conta.

Eu me virei de frente para o banco, girando a banquetta, e aproveitei para assistir aos *shows* da noite. Entre um *drink* e outro, sempre mais fracos do que o normal, sentia que Rafa me observava com atenção.

Confesso que estava me sentindo empolgada quando chegou o momento tão esperado da noite, o *Red Carpet*. Tomei coragem para me aproximar do palco, abrindo espaços pequenos entre as mulheres que se debatiam para tentar arrancar pedaços dos *strippers*, e me arrepiei quando Gabriel me enxergou. Seu olhar intenso demonstrava que tinha gostado de me ver ali e eu observei, excitada, cada um de seus movimentos.

Depois que nos despedimos no corredor e ele foi guardar o *notebook*, eu fiquei muito triste porque meu plano parecia ir por água abaixo. Gabriel ter presenciado o momento em que Rafael me beijou podia ter quebrado todo o clima da noite, que eu preparei com tanto cuidado. Mas tentei não me deixar abalar por enquanto e bebi um pouco para me sentir mais corajosa. Estava funcionando!

Voltei para o bar depois de receber duas pisadas fortes em meu pé, porque as mulheres ficavam enlouquecidas ali na frente. Deixei meu copo vazio sobre o balcão e pedi para o Rafa preparar meu último *drink* da noite.

— Vai embora? — perguntou, com um paninho na mão.

— Daqui a pouco — menti, porque não queria contar que ainda me encontraria com Gabriel. Não achava que tinha que dar mais explicações e nem queria que se sentisse mal.

— Se me esperar até o final, eu a deixo em casa. — Piscou, dando um sorriso. — Como amigo.

Eu não podia dizer a ele que não pretendia dormir em casa, se tudo desse certo. Portanto, apenas sorri em resposta, pois assim eu não considerava que estava mentindo mais uma vez.

O show dos quatro *strippers* chegou ao fim e eu me virei para o palco, ovacionando a apresentação. Sabia que agora, cada um voltaria para uma dancinha solo e só depois Gabriel estaria livre para me encontrar. Só me lembrei da bebida que tinha pedido para Rafa quando ele cutucou minhas costas e eu virei a cabeça para trás.

Agradei, pegando o copo e provando o gosto pelo qual eu me viciiei. Era sempre docinho e não muito forte, o que me permitia degustar sem culpa e medo de ficar bêbada.

A partir daquele momento, tudo aconteceu muito rápido, uma grande confusão. Eu só vi a Cláudia surgir de repente, cochichar algo no ouvido de Rafa com uma expressão bem séria, e o *barman* sair do bar, seguindo-a para os fundos. Menos de dois minutos depois, levei um susto quando seguraram meu braço e vi que se tratava de Nina, parecendo preocupada.

— Você está se sentindo bem? — ela perguntou.

— Sim.

— Vem comigo, Flor — pediu e eu me levantei, carregando meu *drink*. — É importante, vamos até o camarim.

— Aconteceu alguma coisa, Nina? — perguntei, caminhando atrás dela, sendo que nossas mãos ainda estavam unidas.

— Sim, aconteceu, mas o Gabriel depois explica, tá?

O corredor de acesso estava movimentado como eu nunca vi e notei dois *strippers* parados diante de uma das portas, tentando ouvir o que acontecia do lado de dentro. Eu achava que seria difícil, considerando a música alta que tocava na boate.

Entrei no camarim feminino com a Nina e logo a garota fez eu me sentar, tirou o copo da minha mão e abriu o frigobar, pegando uma garrafa de água e me entregando.

— É bom se hidratar um pouco — disse, piscando para mim.

Então, começou a puxar assuntos aleatórios, até mesmo querendo saber como meus pais eram, e eu não conseguia entender que maluquice era aquela. Quando finalmente o Gabriel apareceu no camarim, a primeira coisa que notei foi o sangue em seus dedos. Observei com atenção, percebendo que não era dele, pois não havia nenhum corte na pele. Quando se aproximou de mim, tocou em meus cabelos e se inclinou na direção do meu rosto, parecendo me estudar.

— Você está bem?

— Por que todo mundo está me perguntando isso? — respondi, vendo seu sorriso surgir.

O Mister Sex pegou em minha mão e eu me levantei quando me puxou. Deixei que me guiasse pelo corredor até as escadas, e em seguida, subimos para a casa dele. Só quando trancou a fechadura, me soltou e se virou de frente, segurando o meu rosto entre as mãos e me olhando nos olhos.

— O Rafael drogou a sua bebida, Flor.

— O quê? — Balancei a cabeça e acabei rindo. — Quem disse?

— As câmeras. — Gabriel passou a mão pela nuca e desviou os olhos.
— Eu vi o exato momento em que aquele filho da puta derramou a droga no

seu copo enquanto preparava o *drink*.

Abri e fechei a boca, sem reação. Sentia-me dentro de um filme porque era o tipo de coisa que eu só via acontecer na televisão, por mais que soubesse ser algo tão real, que vitimizava tantas mulheres. Levei a mão ao peito, esfregando a região, preocupada e com um pouco de medo. Eu nunca ingeri nenhum tipo de droga por conta própria, sequer provei um cigarro, então era péssimo isso ter acontecido sem que eu tivesse consciência. Sentia-me violada.

— Não estou sentindo nada. É normal?

— Ele te deu um estimulante sexual — disse Gabriel, quase me fazendo rir. — Cada pessoa reage de uma forma, mas não acho que chegue a ser um risco à sua saúde. O problema é o motivo pelo qual ele fez isso...

Minhas costas encontraram a madeira da porta quando me senti sem forças e me apoiei ali. Não conseguia acreditar que Rafa tinha sido capaz de uma coisa grotesca como aquela.

— Ele queria... — murmurei, com o coração acelerado. — Queria que eu apagasse pra poder me estuprar?

— Ele queria deixá-la com tesão, aumentar a sua libido. — Gabriel cruzou os braços e só então eu me dei conta de que vestia apenas a cueca. — Na certa, deve ter pensado que assim conseguiria te levar pra cama com mais facilidade. Mas nada impede que você sinta outros efeitos colaterais, por isso, é bom ficar atenta.

Em choque com toda aquela conversa, eu passei por Gabriel e fui me sentar em seu sofá. Ele me deixou sozinha por alguns segundos e, quando voltou para a sala, estava vestindo uma calça de moletom e uma camiseta branca. Gostoso de qualquer maneira.

— Do jeito que está, não posso deixar que vá embora sozinha, Flor —

comentou, mexendo em sua carteira sobre a mesa. — Vou levá-la para casa.

— Quem disse? — questionei, vendo-o me lançar um olhar surpreso. — Esqueceu da conversa que marcamos? Eu estou bem, não me sinto nem um pouco afetada. Na verdade, a única coisa que estou sentindo é o efeito do álcool que me deixa um pouquinho alegre.

Seus olhos escrutinaram o meu rosto e permaneci firme. O que ele pensava? Que eu simplesmente ia embora mesmo que não estivesse me sentindo mal? Para início de conversa, eu nem bebi todo o conteúdo do copo porque Nina me impediu logo que entramos no camarim. Devia ter tomado pouco mais de um terço e só me sentia com mais calor do que o normal.

Gabriel puxou uma cadeira da mesa e se sentou na minha frente, dobrando uma perna sobre o joelho e me encarando com atenção, como se a qualquer momento eu fosse tomar seu lugar e me transformar numa *stripper*.

— Considerando que as coisas entre nós sempre saem do controle, não sei se é inteligente mantê-la aqui em casa — falou, esfregando a nuca. — Mas o que queria conversar, Flor?

— Certo. — Pigarreei e respirei fundo. Gabriel me encarando tão sério me deixava insegura. — Eu vim pedir desculpa por ter sumido com o seu *notebook* e... terminar o que começamos.

Sua sobrancelha direita se arqueou ao ouvir aquelas palavras, mas foi a única reação que esboçou.

— Não paro de pensar em você — confessei, sentindo meu rosto pegar fogo. — Então acho que a gente deveria... você sabe... fazer logo sexo pra encerrar essa questão.

A seriedade do homem durou alguns segundos, foram poucos, mas eu senti cada batida do meu coração enquanto o encarava. Por fim, acabando com toda a minha postura, Gabriel riu. Riu mesmo, balançando a cabeça e a

jogando para trás. O filho da mãe se levantou, pegou de novo a carteira e a colocou no bolso lateral do moletom.

— Vamos, Flor. — Meneou a cabeça na direção da porta. — Acho que já constatamos o efeito do estimulante.

Meu Deus, eu queria dar na cara dele! Não ia tolerar ter gastado meu tempo à toa para ver meu planinho infalível escorrer pelos meus dedos por causa do filho da puta do Rafael.

CAPÍTULO 37

Gabriel

A baixinha se levantou e cruzou os braços depois de dar um tapa no meu peito. Confesso que naquele momento, minha mente estava dividida entre cuidar de Flor e descer para esperar a polícia chegar, mas sabia que ela precisava mais de atenção do que o desgraçado lá embaixo.

No entanto, a garota parecia decidida a não ir embora, com aquela sua expressão petulante desenhada no rosto que eu queria tanto beijar.

— Isso não é o efeito do estimulante, seu cabeçudo! Eu gastei dinheiro comprando *lingerie* bonita, comprei essa droga de vestido, fiz depilação e hidratação, tudo pra vir aqui!

— Pra transar comigo? — perguntei e ela assentiu. — A conta não bate, Flor. Não parece o seu estilo, por isso, tenho o direito de duvidar.

Ela abriu e fechou a boca, mas permaneceu em silêncio, encarando a mim. Notei seus olhos ganharem um brilho a mais e podia jurar que estava lacrimejando. Então, abaixou a cabeça e puxou o vestido para baixo, mesmo que ele já estivesse no lugar.

— Não foi assim que eu previ essa noite — murmurou, com os braços caídos ao lado do corpo. — Sei que fui burra, mas me apaixonei.

— O quê?

— Então aceitei sair com o Rafa pra ver se tirava você da cabeça, mas não estava adiantando nada. Portanto, pensei que se a gente transasse eu conseguiria quebrar essa ilusão de que você é perfeito e tal, então poderia chutar a minha bunda e eu ia seguir em frente.

Foi a minha vez de passar por ela e me sentar no sofá, digerindo seu discurso rápido e confuso. Flor tomou o lugar ao meu lado, descalçando as sandálias e puxando as pernas para cima do assento, o que me levava a crer que estava ficando muito à vontade e me daria trabalho na hora de levá-la para casa.

— Mentira — disse ela, tapando o rosto. — Acabei de contar algumas mentiras. Na verdade, eu queria te dar um chá pra que gamasse em mim logo e quisesse repetir outras vezes.

A garota ficou séria, com os olhos encarando a parede atrás da minha cabeça, então riu.

— Nossa, eu devia ter parado no primeiro *drink*.

— Chá? — Não era o que eu imaginava que era, né?

— Você sabe... — Flor apontou na direção da boceta, arregalando os olhos.

— Entendi, mas se essa é realmente a sua decisão, não tem problema esperarmos para colocarmos em prática amanhã.

Ela balançou a cabeça em negação e se ajoelhou no sofá, montando no meu colo e passando as mãos pelo meu pescoço. Tentou me beijar, mas virei o rosto a tempo.

— Flor, nós não vamos transar hoje.

— Eu gastei duzentos e trinta reais com esse conjunto de calcinha e sutiã — ela resmungou, dando um tapa no meu ombro. — Tem noção? Qual o problema com as calcinhas básicas de algodão de dez reais?

— Mas eu não preciso de *lingerie* bonita pra querer te comer — respondi, achando graça de sua revolta, louco para ver o conjuntinho, mas me controlando.

— Não importa... Havia todo um esquema, um plano infalível.

Segurei a cabeça dela para dar um beijo em sua bochecha e passei meus braços ao redor do seu corpo quando formou um biquinho fofo com os lábios. Ainda não tinha certeza se o que dizia era sincero ou efeito do estimulante, mas entendia que, na cabeça dela, a situação podia ser frustrante.

— Quer comer alguma coisa? — perguntei. — Talvez seja bom. Posso preparar algo leve pra você.

— Quero ser a comida, GG... — Flor jogou a cabeça para trás e rebolou no meu colo. — Não me faça implorar!

— Hoje não vai rolar, Flor — avisei, alisando os cabelos pretos e notando seu olhar decepcionado. — Não sou moleque. Além de estar alcoolizada, você ainda ingeriu estimulante. Pode não ter sido uma dose tão forte, mas eu nunca teria como saber se estaria me aproveitando ou não da situação.

— Posso ligar pra Laura e fazê-la te contar a verdade.

Tirei a garota do meu colo e me levantei para entrar na cozinha e abrir a geladeira. Tirei a caixa de *nuggets* do congelador, coloquei alguns dentro da fritadeira elétrica e a coloquei em funcionamento, enquanto Maria Flor se ajeitava no lugar que antes eu ocupava.

Eu também estava com fome e uniria o útil ao agradável, porque achava bom que ela comesse alguma coisa.

— Aqui no Google diz que o efeito de drogas estimulantes dura algumas horas. — Com o celular em mãos, eu me espantei que ela realmente estivesse pesquisando sobre o assunto. — Parece que de quatro a seis horas.

Sem dar atenção, peguei o pote onde guardava o queijo prato fatiado, separei quatro fatias e as joguei dentro da fritadeira, sobre os *nuggets*.

— Vou colocar o celular pra despertar daqui a seis horas — murmurou para si mesma, eu acho, já não estava entendendo mais nada.

— Então nós temos hora marcada para transar? — zombei, prendendo a risada. — Que excitante!

Separei um prato, garfos e facas, peguei uma caixa de suco da geladeira e coloquei tudo na mesa. Flor veio se sentar numa das cadeiras, cabisbaixa após deixar o celular de lado.

— Eu sei que você confiava nele — comentei com ela. — Mas é sempre bom ficar de olho em quem está preparando a nossa bebida. Não estou dizendo que é culpa sua, tá? Porque não é. — Beijei sua cabeça, alisando seus cabelos. — Só quero que fique atenta de agora em diante porque, geralmente, essas coisas não acabam bem para as vítimas.

— Eu confio em você. Devo ficar de olho no meu suco?

Agachei-me diante dela, tocando seus dedos e ganhando sua atenção.

— Não estou brincando, Flor. É sério. Bebidas batizadas acontecem com mais frequência do que você imagina. — Apoiei minha testa no joelho dela e suspirei, chateado. — Não esperava que acontecesse dentro da minha boate, principalmente por um funcionário meu, e isso significa que casos como esse acontecem onde e quando a gente menos espera. Nunca dê as costas para o seu copo, nunca o perca de vista. Num encontro com alguém que não conheça direito, não vá ao banheiro se o seu copo ainda tiver bebida dentro. São detalhes que fazem diferença. Pela câmera, eu vi que você estava olhando para o palco bem na hora em que Rafael colocou a droga.

— Gostaria que o pau de Rafa caísse. — Observei uma lágrima escorrer solitária pelo rostinho bonito e a sequei com o polegar. — Ele estragou minha

noite que tinha tudo pra ser incrível.

A fritadeira apitou e eu me levantei para tirar os *nuggets*, que estavam lindos com o queijo derretido sobre eles. Coloquei todos juntos no mesmo prato e me sentei ao lado de Flor, que encarava a comida sem muita animação.

— A conversa que você queria ter, era sobre isso? — indaguei, vendo-a suspirar.

— Não tinha nada pra conversar, eu só ia agarrar você quando chagássemos aqui em cima.

— Não parece a Flor que conheci — comentei, porque chegar me agarrando não parecia em nada com o tipo de atitude que ela teria.

— Passei o dia todo me preparando, GG.

— E que negócio é esse de ter se apaixonado? — Resolvi sondar a garota, porque ela havia soltado a informação de forma muito aleatória.

Flor estava segurando um *nugget* entre os dedos, observando-o com atenção, até que o levou para a boca e mordeu um pedaço. Mastigou rápido quando percebeu gostar do sabor e abocanhou de novo, e de novo, até comer tudo. Fiquei esperando sua resposta, mas ela simplesmente repetiu o processo com um segundo *nugget*, permanecendo em silêncio, até que notei seus lábios tremerem de leve e seus olhos voltarem a ficar marejados.

Quando a primeira lágrima caiu, ela parou de comer e abaixou as mãos, ainda segurando metade do petisco.

— Por que está chorando? — perguntei, roçando meus dedos em sua nuca.

— Porque não é justo... — Ela passou as costas das mãos pelos olhos. — Eu estava toda animada. Agora fui rejeitada e ainda por cima tô com a calcinha molhada porque você fica muito *sexy* cozinhando.

Soltei uma gargalhada, mas me arrependi quando vi a cara de Flor, querendo me assassinar. Quando soltou o *nugget* mordido em cima da mesa, eu peguei a mão dela e a levei até minha boca, beijando sua palma macia e alisando seus dedos pequenos. A garota estava mesmo deslumbrante aquela noite, era uma pena que toda a produção não seria aproveitada.

— Vamos terminar de comer, dormir um pouco e, se quando você acordar ainda me quiser, estarei à disposição. — Pisquei para uma Flor com o lábio preso entre os dentes. — Sexo matinal é uma delícia.

Na mesma hora, ela pegou a comida e voltou a mastigar, sem me responder, comendo três *nuggets* seguidos e, por fim, bebendo metade do copo de suco de uva. Limpou a boca com o guardanapo que deixei na mesa e ajeitou a postura, apoiando as mãos no colo.

— Estou pronta para ir dormir — declarou, ansiosa.

— Se quiser tomar um banho, sabe onde ficam as toalhas e o banheiro — avisei, sem me apressar, porque eu ainda não tinha terminado. — Pode pegar uma blusa minha se quiser.

A menina aceitou minha sugestão e se levantou, mas antes de me deixar sozinho, Flor se inclinou e me abraçou pelo pescoço antes de me roubar um selinho. Dei um tapa em sua bunda quando se virou e ela correu para o corredor da casa.

Quando finalmente pude respirar em paz, encarei o prato de comida e pensei naquela loucura toda. Por causa de Flor a minha raiva tinha dissipado um pouco, já que minha mente se ocupou em fugir das investidas da moreninha, mas agora que eu voltara a pensar no assunto, minha vontade era descer e ver se o filho da puta escroto ainda estava lá.

Sabia que precisava me manter longe e deixar que Cláudia e a polícia cuidassem do caso, porque eu me alterei demais e, naquele momento dentro

do escritório, quis matá-lo com as minhas próprias mãos.

Terminei de comer e levei tudo para a cozinha, deixei a louça suja dentro da pia pra lavar a amanhã e apaguei todas as luzes. Fui até meu quarto pegar uma toalha porque também tomaria um banho, e ao passar pela porta do banheiro principal, a porta se abriu e Flor saiu lá de dentro só com a *lingerie*.

— Quero te mostrar antes de tirar o conjunto — disse, com os lábios franzidos. — Gostou?

Aquele só podia ser o meu inferno astral. Não bastava ter que fugir da garota que estava com fogo no rabo por causa de Rafael, ainda era torturado com visões como aquela.

Claro que tudo ali era lindo. Não só a calcinha e o sutiã, mas ela por inteiro. O conjunto de renda vermelha era ousado e deixava pouco para a imaginação, quase não escondendo nada da bocetinha depilada onde eu adoraria esfregar meu rosto. O tecido parecia tão fino e delicado que o meu próprio dedo faria um furo nele, se eu o enfiasse ali para roçar seu clitóris.

— É muito bonito, Flor — respondi, mordendo minha bochecha interna. — Foi uma bela aquisição. Você já tomou banho?

— Vou tomar. — Ela tirou o sutiã na minha frente, sorrindo, depois começou a descer a calcinha pelas pernas. — Quer me acompanhar, GG?

Balancei a cabeça, negando, e me aproximei dela até tocar sua nuca. Massageei a região com meus dedos enquanto depositava um beijo casto em sua testa.

— Meu amor, eu trabalho com mulheres se esfregando em mim — relembrei-a do que parecia ter se esquecido. — Se eu decido que não quero, não perco o controle facilmente. Vai tomar seu banho, Flor.

Irritadinha, ela saiu batendo o pé e se trancou no banheiro depois de me mostrar a bunda branca. Era a primeira vez que eu via seu corpo nu por

inteiro e claro que não podia negar ter ficado excitado. Nunca escondi o quanto ela me afetava e o quanto a desejava na minha cama. Se tudo que Flor disse sobre suas intenções ao vir aqui fosse verdade, eu teria sido o homem mais feliz da noite.

No entanto, meu instinto protetor estava muito ativado em relação a ela e, tudo que eu queria, era cuidá-la para que ficasse bem física e emocionalmente, e que não tivesse nada do que se arrepender quando acordasse.

CAPÍTULO 38

Gabriel

Bati uma punheta no banho para poder relaxar um pouco e quando terminei de me vestir, liguei para o celular de Cláudia para ter notícias da situação lá embaixo. De minha casa eu não conseguiria ouvir o som das sirenes do carro de polícia porque minhas janelas davam para os fundos.

Minha sócia não atendeu a ligação, mas não demorou a enviar uma mensagem de texto, informando que estava na delegacia com Rafael e me tranquilizando. Não que eu me sentisse mais calmo por isso, afinal de contas, eu era o homem, devia ter pegado essa responsabilidade para mim e não deixar que Cláudia resolvesse essa merda toda.

Sabia que no fundo, o *barman* logo seria liberado, mesmo com a gravação como prova, porque no nosso país nada era levado a sério.

Cláudia: *“A garota está bem? Talvez ela precise prestar depoimento.”*

Gabriel: *“Tudo bem por aqui, apenas um pouco alterada.”*

Vi que tinha uma mensagem de Nina, preocupada com Flor, e enviei uma resposta genérica só para avisar que ela estava em segurança.

Tinha decidido dormir ali mesmo no quarto de hóspedes e deixar que a menina ficasse no meu, mas fui até minha porta para ver se estava tudo normal e se Flor tinha dormido. O quarto estava aberto e ela tinha se deitado de lado, com as costas viradas para mim. Vestia uma camiseta cinza e estava coberta até a cintura. Para não acordá-la, puxei a porta devagar, encostando-a um pouco, e voltei para o outro quarto.

Me preparei para ter algumas horas de descanso, mas deixei o celular carregando na mesa de cabeceira do meu lado, caso Cláudia me ligasse. Apaguei a luz do quarto ao deitar, estiquei-me na cama e encarei o teto, esperando o sono chegar.

•

Eram nove horas da manhã de domingo quando espiei para dentro do quarto e vi que a garota ainda dormia. Fui preparar o café da manhã, imaginando qual seria a versão de Flor que eu veria naquele dia. Fiz tapioca de queijo minas com peito de peru e coloquei geleia e torradas na mesa.

Quando a cafeteira terminava de encher a jarra, ouvi o barulho da descarga no banheiro e logo Maria Flor surgiu na sala com o rosto todo marcado da fronha do travesseiro.

— Bom dia — murmurou, sonolenta. — Que cheiro bom!

— Bom dia, Flor. Sente-se e coma, já vou levar o café.

Mas ela não me obedeceu e passou direto pela mesa, dando a volta pelo balcão e entrando na cozinha. Fez menção de esticar a mão, acho que ia me tocar, mas acabou cruzando os braços, com o rosto corado.

— Obrigada por cuidar de mim — disse ela, franzindo os lábios. — Tudo o que eu disse não era efeito da droga, mas compreendo o que fez.

— Continua mantendo a sua decisão? — perguntei, me aproximando dela, que assentiu. Inclinei-me para a frente, roçando meus lábios em seus ombros antes de sussurrar no ouvido dela: — Ainda quer ser fodida por mim, Flor?

A ninfetinha soltou um suspiro forte e longo, passando os dedos pela minha camisa e os enfiando por baixo dela. Seu toque delicado em minha pele me fez arrepiar e eu estava pronto para pegá-la no colo quando saiu correndo. Achei que estivesse fugindo mais uma vez, mas ela foi até sua bolsa que tinha sido deixada no sofá, abriu e pegou a carteira. Lá de dentro, tirou uma camisinha e veio até mim com a embalagem entre os dedos.

— O cara que me deu isso disse que não podia usar com qualquer um — comentou, me fazendo sorrir. — O seu pênis cabe aqui?

Fui tirando minha camisa, sem me preocupar mais com a porra do café da manhã, com os olhos de Flor em cima de mim. Ela lambeu os próprios lábios e eu a puxei quando percebi que deu uma leve recuada.

— Vou mostrar direitinho pra você, como cabe tudo aí dentro — murmurei, erguendo seu corpo e a colocando sentada sobre o balcão que, do lado de dentro da cozinha, era um pouco mais baixo, da altura de uma mesa. — Cabe na camisinha e cabe na sua boceta pequena.

— Tenho minhas dúvidas.

Segurando seu rosto entre minhas mãos, beijei a boca com gosto de pasta de dente e ela alisou meus braços com carinho. Desejei tanto aquele momento que precisava até tomar cuidado para não atropelar os momentos, na pressa de meter em Flor. A garota merecia uma atenção a mais e eu não queria que tudo se limitasse a uma rapidinha.

Passei minha língua pelo pescoço fino e senti seu corpo estremecer ao mesmo tempo em que soltava um gemidinho. Dessa vez, aproveitei para

chupar a região cheirosa, sem me importar se deixaria marcas. Minha mão alisou uma das coxas macias, percorrendo o caminho para cima, para baixo da camisa que ela vestia, e então, fui presenteado com a descoberta de que Flor estava sem calcinha.

Lancei um olhar sedento para a menina, que sorriu e fechou os olhos. Ainda bem que não dormimos na mesma cama ou eu seria torturado a porra da madrugada inteira.

— Achei que valia a pena facilitar o trabalho — comentou enquanto eu acariciava os lábios da bocetinha. — Surpresa!

— Eu poderia pensar que você andou tomando mais estimulante escondida.

Ela gargalhou, mas logo fechou a boca e se contorceu quando atingi o pontinho pequeno que era seu clitóris.

— Só... faça com que seja... — murmurou, arranhando as unhas em meus braços — o melhor sexo... da minha vida.

Usei um dedo para estimular a entrada da vagina, que me apertou assim que me enfiei ali. Flor gemeu forte dessa vez e fechou os olhos, enquanto eu usava outra mão para me masturbar por dentro da calça. Estava sem cueca e o próprio moletom roçando no meu pau que crescia me deixava com tesão redobrado.

Suspirei, feliz por sentir a boceta mais ensopada a cada segundo e puxei meu dedo para levá-lo até a boca. Maria Flor abriu os olhos bem nesse instante e me encarou com curiosidade e lábios entreabertos. Ela era linda, uma criatura delicada, apimentada, inteligente, um conjunto muito fácil de gamar.

Depois de secar meu dedo eu estoquei de novo em sua lubrificação e voltei a lamber cada centímetro da minha pele, provando o gosto de Flor bem

aos poucos, para degustar. Notei um filete de baba escorrendo de sua boca, bem no cantinho, enquanto ela admirava cada gesto meu.

— Tudo bem? — perguntei, começando a tirar a camisa dela. Flor assentiu em silêncio. — Preciso saber dos seus limites. O que você *não* gostaria de fazer?

O rosto vermelho anunciou a reação que eu gostava de causar naquele rostinho e, após arrancar a camisa e deixar minha gostosa nua, curvei meu corpo para beijar seus seios.

— Sabe que não sou experiente... — ela murmurou, suspirando pelo meu toque. — Desde que não me machuque de verdade, eu faço qualquer coisa.

Dizer isso para um cara pervertido como eu que adorava ousar no sexo era quase o mesmo que andar cheio de joias pelo corpo numa rua famosa pelos assaltos. Por isso, eu recuei um pouco para observar a expressão de Flor e entender o que ela incluía como qualquer coisa.

— Anal? — perguntei, sem desfazer o toque nos seios excitados.

— Nunca fiz.

— Mas faria?

— Se você quisesse mesmo, eu ficaria com medo por causa do seu tamanho. — Ela encolheu os ombros, direcionando o olhar para a minha calça. — Mas aceitaria porque sei que seria cuidadoso.

Sorri, apertando os dois seios antes de tirar minha calça de uma vez, deixando que Flor presenciasse, finalmente, o que a esperava de verdade. Ela suspirou e seus olhos encontraram os meus quando deixou os ombros caírem.

— Talvez não hoje — declarou com a testa franzida. — Ou nunca.

Sorrindo, alisei meu pau devagar, mantendo o nosso contato visual e observando a boceta depilada que estava louco para chupar. Eu a foderia ali

mesmo na cozinha, depois na sala, no banheiro, na porra do quarto e até na escada do sótão.

— Em alguns momentos, eu não serei nem fofo nem cuidadoso, mas sempre que precisar parar, basta me avisar.

Com isso, encerrei o momento de diálogo e parti para a ação porque não queria mais perder tempo. Puxei os quadris de Flor para colocá-la mais na beira da bancada e me agachei com a cara em sua boceta, afastando suas pernas para ter uma melhor visão. Ela era tão gostosa com aqueles lábios rosas melados, escorrendo de tesão, e os internos que se moviam cada vez que contraía a vagina.

Desisti dos dedos e caí direto de boca na boceta quente que ansiava por ver inchada de tanto ser fodida pelo meu pau, meus dedos e minha língua. Decorei com minha língua larga o caminho inteiro do clitóris à entrada apertadinha, lambendo para cima e para baixo, antes de começar a chupar o ponto durinho que lhe dava tanto prazer.

— Você é deliciosa bem aqui, Flor — falei, beijando seu púbis depilado e erguendo meus olhos para ela. — Como é gostoso te chupar... Geme pra mim.

Usei meus dedos para afastar bastante os grandes lábios e mamei em sua boceta, fechando meus olhos e apreciando o momento maravilhoso. Sentia seu corpo se contorcer e seus gemidos soarem como música para os meus ouvidos.

Quando levei dois dedos para dentro da boceta e os girei devagar, os tremores aumentaram e as contrações se tornaram mais frequentes. Alcancei o ponto G, curvando-os em seu interior e sentindo a região enrugada bem na ponta dos meus dedos, entregando um orgasmo gostoso para Flor, que tentava se segurar em vão na bancada lisa.

— Ai, Gabriel! — ela gemeu, o corpo se movendo sob as ondas de prazer e as pernas se afastando mais por um reflexo instantâneo.

Esperei até que se acalmasse e beijei sua boca devagar, acariciando a parte interna de suas coxas para mantê-la ligada.

— Fique aqui, eu já volto — pedi.

Fui rapidamente até meu quarto, peguei uns apetrechos e retornei com pressa para a cozinha, onde Flor me aguardava na mesma posição, de olhos fechados e sorriso no rosto. Beijei seu ombro enquanto abria o frasco de lubrificante e passava um pouco em sua boceta sensível. Por fim, rasguei a embalagem da camisinha e deslizei o preservativo pelo meu pau, notando que a garota acompanhava tudo.

Voltei a enfiar dois dedos nela, mexendo um pouco mais, depois levei o terceiro, que causou uma reclamação. Flor apertou meus braços, com a testa franzida, mas não recuei porque não pedi.

Eu a fodi daquele jeito primeiro, só com eles, até que estivesse entregue e um pouco mais dilatada. Passei mais lubrificante e a puxei pelas pernas, apoiando a cabeça enorme do meu pau em sua entrada. Empurrei devagar, observando sua pele se alargar para me receber, os pequenos lábios afastados e esticados conforme meu pau deslizava com dificuldade.

— Nossa... — Ela jogou a cabeça para trás e apoiou as mãos na bancada sem reclamar, por mais que eu soubesse que a rasgava pedindo passagem.

Não enfiei tudo, obviamente, precisava fazê-la se acostumar, mas foi o suficiente para começar a estocar e deixar que seu gozo melasse a camisinha, que eu via brilhar cada vez que puxava meus quadris. Nosso encaixe era bonito e gostoso, puro fogo e tesão a imagem de sua boceta sendo arrombada pela minha piroca grande.

Flor era muito apertada mesmo, mas sua vagina dilatava mais e mais ao

meu redor, me permitindo sempre ir um pouco mais além.

Dei um tapa no seio esquerdo porque eu era louco por isso e a vi arregalar os olhos para mim, surpresa. Então, as coisas entre nós se intensificaram quando foi sua vez de bater no meu rosto. Logo ela apertou os lábios, receosa pela agressão, então gargalhou.

— Acho que você gosta, né?

— Gosto — respondi, curvando-me para a frente e mordendo o ombro dela. — Pode bater, me arranhar, xingar, o que quiser.

Dito isso, fechei minha mão ao redor do pescoço fino, arrancando um gritinho de Flor, enquanto a puxava com força e metia um pouco mais fundo na sua boceta. Aumentei o ritmo das estocadas, com movimentos curtos, e trouxe seu rosto para perto do meu.

— Quis te fazer minha putinha desde que entrou na *Red Kinky* com esse jeitinho petulante. — Mordi sua boca, puxando o lábio inferior entre meus dentes.

— Grosso! — Com o rosto vermelho, ela cravou as unhas nos meus ombros.

Sorri, excitado demais, e a peguei no colo, deslizando meu pau até o fundo daquela boceta pequena e apertada. Eu sabia que Flor estava me sentindo tocar seu útero agora, mas a queria com essa sensação de ser arregaçada pelo menos uma vez na vida.

— Grosso, sim, mas dono da piroca na qual você queria sentar desde sempre.

Com uma mão, mantive seu corpo preso pela cintura e com a outra, levei seus braços para trás das costas e preendi os pulsos dela, enquanto saíamos da cozinha. Flor gemia baixinho, moendo meu pau dentro dela, com a testa apoiada no meu ombro.

CAPÍTULO 39

Maria Flor

Eu morreria empalada na casa de Gabriel porque sentia que a qualquer momento o pau dele sairia pelo meu umbigo. Nenhum dos vídeos que assisti me preparou de forma adequada porque, por motivos óbvios, não era possível sentir o que se via pelo computador.

Minha vagina inteira queimava a cada estocada do Mister Sex e eu temi que minha musculatura nunca mais voltasse para o lugar. Ele era gostoso, não dava para negar isso, mas confesso que não imaginava que seria tão intenso. Sua pegada me desestabilizava e fazia eu esquecer meu nome quase sempre.

Gabriel se sentou comigo no sofá e me manteve sobre seu colo, mas imediatamente eu me ajoelhei e procurei erguer um pouco os meus quadris, porque tinha medo de sentar até o talo.

— Chegou seu momento, Flor. — Levei um tapa na bunda que me fez espremer o pau dentro de mim.

— Nunca fiz assim — avisei, nervosa, apoiando minhas mãos em seus ombros e tentando me mexer. — Você é grande demais, Gabriel.

O Mister Sex segurou em meus quadris com aquelas mãos enormes e me encarou, de um jeito muito sexy, todo excitado e duro dentro de mim.

— Relaxa, meu amor. — Ele me movimentou devagar, suspirando, e

usando um dedo no meu clitóris. — Nessa posição você pode controlar o sexo e não precisa descer até o final. Vai no seu tempo.

Tentei cavalgar da melhor forma possível, um pouco sem jeito, observando a expressão de prazer que nunca deixava o rosto bonito. Seu olhar sobre mim era sempre intenso e sedento. Naquele momento, estava encarando meus seios e começou a apertar um deles, brincando com meu mamilo.

— Isso, Flor... — Sorriu, tomando conta dos meus movimentos, enquanto eu subia e descia em seu pau grosso. — Rebola, agora vem esfregar esses peitinhos duros na minha cara.

Suas mãos me puxaram para que me chupasse e o contato causou um *frisson* em mim, enviando um arrepio bom à minha coluna e contrações à minha vagina, que parecia se abrir mais para o tamanho do Mister Sex.

— Vou dominar um pouco agora, ok? — avisou, levando as mãos até minha bunda e apertando minhas nádegas.

Gabriel passou a estocar com velocidade dentro de mim e eu precisei abraçar o pescoço dele para me firmar em algum lugar. Era uma sensação indescritível, que eu jamais imaginaria viver porque não sabia que era possível existir um contato como esse. Estava inteiro dentro de mim, conquistando tudo que eu podia entregar a ele, todo o meu corpo, meus sentimentos, meus medos e inseguranças. Dali não teria mais volta, porque nada no mundo me faria esquecer dos nossos corpos unidos, meus peitos esmagados contra sua pele, minha voz gemendo no ouvido dele e seus quadris se chocando contra o meu a cada vez que suas mãos pesadas me desciam com força em seu pau.

Com Paulo eu não gozei durante a penetração, mas enquanto a fricção violenta me levava às estrelas, comecei a gritar ao sentir o orgasmo

enlouquecedor me atingir. Era a coisa mais estranha do mundo me contrair ao redor de algo tão volumoso, me sentir perder as forças, e continuar sentindo o pau inchado indo e voltando sem diminuir o ritmo. Tudo o que eu queria era me levantar e ter um minuto de descanso, mas continuava sendo fodida pelo homem mais incrível que conhecia.

— Flor... que gostosa! — Ele me desceu uma última vez, colando pele com pele e abrindo a boca para deixar escapar um gemido prolongado.

De olhos fechados, testa franzida e pele arrepiada, Gabriel Guerra era um tesão. Precisei beijar o pescoço dele e passar minha língua pelos pelinhos sensíveis, sentir seu calor e gosto, ansiando pelo momento em que tomaria coragem para chupá-lo. Por fim, quando me soltou, eu saí de seu colo e experimentei aquela sensação de vazio dentro de mim.

O *stripper* ainda estava em êxtase, deslizando a própria mão pelo peitoral, até que abriu os olhos e começou a tirar a camisinha gozada. Levantou-se para descartá-la e me deu uma bela visão de sua bunda redonda, dura e perfeita. Muito mais bonita que a minha.

Não podia perder a oportunidade de passar minha mão por ela, sentir suas curvas e dar um tapa para devolver todos os que ele me dera. Mas quando Gabriel voltou para o sofá, caminhando de frente para mim, o pau grande e grosso entrou em foco e me fez salivar. Antes que eu pensasse em agir, o homem forte se inclinou para me beijar e agarrou minha cintura, me pegando no colo.

— Você está bem? — perguntou quando cruzei minhas pernas ao redor de seu corpo.

— Sim.

Nós entramos no quarto dele e logo fui colocada na cama, vendo-o se afastar até o guarda-roupas e abrir a gaveta cheia de camisinhas. Pensei em

sua pergunta e refleti o que estava sentindo, como me sentia. Gabriel era tudo e mais um pouco, então dessa parte eu não podia reclamar.

Eu me sentei, dobrando minhas pernas e puxando o lençol para cobrir a minha nudez, pois minha autoestima não era tão grande como a dele, que parecia gostar de desfilhar pelado.

Quando se virou, com três preservativos na mão, jogando as embalagens sobre o colchão, senti as borboletas no estômago. Ainda sentia meus músculos fracos e o homem já se preparava para a segunda rodada, sem mal ter perdido a ereção.

— Conversa comigo, Flor — pediu, subindo na cama e beijando meus seios. — Você gostou? Era o que esperava? Eu fui forte demais? Podia ter ido além?

Gabriel se ajoelhou na minha frente e me puxou pelas mãos até que eu imitasse sua pose. Toquei a cintura dele quando me beijou devagar, alisando minhas costas e alcançando minha bunda. Eu fiz o mesmo e explorei o traseiro irresistível, sentindo a pele rígida sob os meus dedos.

— É claro que gostei — respondi ao colocar o meu cérebro para funcionar. — Mas foi tudo muito novo e louco pra mim.

— Vou ser mais delicado dessa vez. — Ele afastou os cabelos do meu rosto e depois levou a mão até minha vagina. — Está sensível aqui?

Se estive um dia, não lembrava, porque quando Gabriel esfregou a palma aberta entre meus lábios, eu me senti ferver. Nem sabia se era essa a intenção dele, mas ansiei por um dedo me penetrando ou por sua língua me lambendo. Três anos era tempo demais para ficar na seca e eu precisava reagir.

— Só estou sentindo uma leve queimação lá dentro — avisei, alisando seu abdômen e tocando seu pau com meus dedos. — Por causa dele.

— Coloque uma camisinha em mim.

Isso eu sabia fazer, ainda bem! Quando namorava com Paulo passei dias treinando para quando chegasse a hora. Portanto, não titubeei ao pegar um preservativo e deslizar o látex pelo membro rígido e pesado, sentindo os olhos intensos sobre mim a cada suspiro que eu dava.

— Deite-se de bruços — ele pediu, ou ordenou, era o mais certo, depois pegou um travesseiro e o colocou no meio da cama. — Apoie seus quadris aqui em cima e abra bem suas pernas.

Com o coração batendo na boca, eu fiz o que deveria e me posicionei, apoiando minha cabeça em meus braços cruzados e aguardando. Levei um tapa forte e minha boceta piscou em êxtase. Mais um tapa que me fez gemer, depois mais outro, até que senti os lábios de Gabriel deslizando pela minha pele ardida.

— Linda. Gosto muito de ver a marca da minha mão nessa bundinha.

— Posso ver também? — perguntei, curiosa e empolgada, fazendo-o rir.

— Onde está o seu celular, Flor?

— Na bolsa... Por quê?

Senti Gabriel se afastar de mim e virei a cabeça para ver o homem deixar o quarto de repente. Quase me levantei para ir atrás dele, mas logo reapareceu, com meu telefone na mão. Ele me entregou o aparelho e pegou o seu sobre a mesinha, sorrindo para mim.

— Quer ver tudo? — perguntou. — Vou fazer uma chamada de vídeo com você. Atenda.

Meu Deus! Como eu nunca pensei nisso? Meu coração acelerou assim que o celular começou a tocar com o nome de Gabriel na tela e ao atender, a câmera já estava filmando meu corpo. Primeiro, me bateu uma vergonha pela exposição do meu biotipo pequeno sem tantas curvas sobre a cama do *stripper*. Mas depois que ele filmou a minha bunda, cheia de marcas

vermelhas, eu me senti latejar de tesão.

Gabriel usou a mão livre para abrir minha boceta que também estava da mesma cor, em seguida, enfiou um dedo dentro de mim, devagar, puxando e enfiando de novo, sem deixar de filmar. Era a coisa mais excitante que eu já tinha visto, assistir minha própria transa ao vivo. Não sabia que minha vagina se abrindo para o dedo do Gabriel era tão bonita.

— Quer ver meu pau aqui? Fodendo bem gostosinho?

— Quero — respondi quase gemendo.

Ele puxou meus quadris mais para o alto e abriu mais as minhas pernas, levando a cabeça grossa até minha bunda e a fazendo deslizar para baixo. Enquanto eu assistia pelo meu celular, conseguia ver perfeitamente a entrada da minha vagina se contraindo de ansiedade.

O pau enorme parou bem ali e foi pressionado lentamente para dentro, e como a câmera estava bem perto, eu podia ver em detalhes a maneira como me alargava. Gabriel não parou até que tivesse enfiado tudo e quando recuou os quadris, eu me sentia tão melada, tão excitada, que ele não parecia encontrar muita dificuldade para me penetrar.

Naquela posição, cada estocada que dava me fazia sentir que gozaria muito rápido. O atrito era incrível, o pau roçava em terminações nervosas que eu nem sabia que existiam e o vídeo levava meu tesão a outro nível. Ele estava mais calmo agora, como se apenas me degustasse, devia estar observando a filmagem e apreciando assim como eu.

A tela então, de repente, ficou escura e olhei para trás para ver que tinha colocado o celular com a câmera virada para o colchão e veio se deitar sobre mim, movendo os quadris com um pouco mais de pressa e força.

— Poderia comer essa bocetinha o dia inteiro, Flor — murmurou em meu ouvido e lambeu minha pele, enquanto eu o empurrava com minha

bunda e ganhava novas sensações. — Vai dar ela pra mim outras vezes?

— Vou — respondi, agarrando o lençol. — Nossa, Gabriel!

O pau dele encontrou um ângulo sensacional dentro da minha boceta e me vi gritando de prazer cada vez que vinha bem fundo e rebolava ao final da estocada. Suas mãos se sobrepuseram às minhas e sua boca tocou o canto dos meus lábios quando virei o rosto de lado.

— Goza pra mim de novo, Flor — pediu, empurrando gostoso dentro de mim, rebolando, causando tremores pelo meu corpo. — Está sentindo meu pau inchado e pulsante? Estou louco pra gozar.

A sensação era muito boa, mas eu não me sentia prestes a gozar, só que Gabriel tinha outros planos quando me puxou pelos quadris, voltando a se ajoelhar na cama e me deixando de quatro. Os movimentos sensuais de antes deram lugar a um bate-bate intenso e escandaloso. Ele agarrou minha cintura, me apertando com força contra seu corpo, e levou dedos ágeis até minha boceta, passando a me tocar sem pressa no clitóris.

Com o estímulo certo, não demorou para que o orgasmo atingisse cada nervo do meu corpo e fizesse meus músculos convulsionarem de prazer. Soltei meu peso, sem me preocupar com isso, ciente de que Gabriel não me largaria.

Ainda me sentia letárgica quando ele voltou a me deitar na cama, saiu de dentro de mim e me entregou de novo o meu celular. Só então me lembrei de que a chamada de vídeo estava em andamento e prestei atenção em seus gestos. O *stripper* se filmou arrancando a camisinha e a deixando de lado antes de aproximar o pau da minha bunda e ejacular bem ali, sobre a minha pele ainda marcada por suas mãos. O sêmen escorreu devagar, entrando um pouco pelas minhas nádegas e pingando até minha boceta.

Gabriel ainda gemia enquanto manuseava o pau lindo, lotado de veias

impressionantes, largo e comprido. Eu salivei com a cena e decidi que não sairia daquela casa antes de provar sua textura em minha boca.

CAPÍTULO 40

Maria Flor

Ouvi o barulho de um celular tocando e reconheci como sendo o meu, mas o sono estava tão bom que demorei a abrir os olhos. Quando o fiz, vi Gabriel pegando o aparelho que estava embaixo de seu corpo ainda nu. Depois daquele sexo incrível a gente simplesmente tirou um cochilo com nossas pernas emboladas umas nas outras e eu nem estava acreditando nisso.

— Tem um tal de Julian te ligando — disse, encarando a tela e enrugando a testa. — Eita. Com essa, são dez chamadas perdidas.

Soltei mais um gemido, e dessa vez não foi pela dor, mas sim pelo emprego que eu perderia em breve por não atender meu editor.

— É algum contatinho, Flor?

— Acha que eu estaria há três anos sem fazer sexo se tivesse contatinhos correndo atrás de mim? — perguntei, arrancando o celular da mão dele e me sentando na cama.

Deixei o meu telefone de lado e dei uma olhada geral pelo quarto de Gabriel. Os lençóis estavam uma confusão, assim como meus cabelos também deveriam aparentar. A manhã tinha sido insana e meus músculos das coxas estavam doloridos, como se eu tivesse voltado a malhar depois de meses longe da academia.

Sabia que precisava vestir minha roupa e voltar para casa, aproveitar o domingo para adiantar o livro. Mas ver Gabriel todo nu do meu lado, esperando que eu reagisse, era uma tentação enorme.

— Julian é o meu editor — expliquei quando percebi que ele ainda parecia curioso. — Nós nos falamos ontem, ele provavelmente só quer me perturbar e cobrar mais agilidade.

— Pode colocar a culpa em mim, se quiser. Diga que atrasou seu trabalho porque sequestrei seu *Drive* por algumas horas.

Revirei meus olhos ao relembrar dessa ocasião e senti um pouco de vergonha por ter sido tão idiota a ponto de deixar, inclusive, vários rastros pelo computador de Gabriel.

— Qual foi a senha que você colocou, afinal? — perguntei. — Naquele dia em que trocou para que eu não acessasse o *Drive*, até hoje não faço ideia do que colocou. Precisei pedir recuperação de senha.

— Quero chupar sua bocetinha.

— Quê?

— A senha era, quero chupar sua bocetinha, tudo junto — declarou, me deixando pasma. — Fui original, não é? A menina tímida nunca pensaria em tamanha vulgaridade.

Por um instante, pensei em dar um tapa nele, mas depois, dei um beliscão no mamilo. Gabriel riu enquanto afastava minha mão e subiu por cima de mim, bloqueando meus movimentos ao enfiar um joelho entre as minhas pernas e segurar minhas mãos acima da cabeça.

— Valeu muito a pena me esforçar pra que isso acontecesse — sussurrou com a boca roçando a minha. — Gostei muito de provar cada pedacinho seu.

— Você é safado demais — comentei, fechando os olhos quando me

beijou devagar, roçando o pau entre minhas pernas.

— Que tal me contar aquela história sobre estar apaixonadinha, Flor? — Senti um arrepio quando passou a língua pela minha orelha. — Estou muito curioso.

— O que quer ouvir? Não vou ficar repetindo isso igual uma idiota.

— Mas é verdade? — Gabriel me encarou bem sério dessa vez, o que me fez prender a respiração por uns segundos. — Seja sincera.

Eu não era alguém que vivia se apaixonando, só vivi esse sentimento uma vez, com Paulo, e depois nunca mais me envolvi o suficiente com uma pessoa para que nutrisse um sentimento tão poderoso por ela. Portanto, sim, eu tinha certeza de que era verdade, pois meu coração não tinha como se enganar. Eu também não possuía motivos para mentir, porque se não fosse para dar certo, eu ainda não me arrependeria por ter dito em voz alta.

— É verdade, sim — respondi o que ele tanto queria saber e senti um aperto no peito. — Não pretendia contar daquele jeito, foi culpa da empolgação do momento. Mas eu não disse isso pra que você se sentisse pressionado a nada.

Gabriel se sentou ao me soltar, passando a mão pela cabeça para depois apoiar as duas na beira do colchão. Suas coxas grossas e muito musculosas chamaram a minha atenção quando ele colocou os pés no chão.

— Eu nunca faço nada por me sentir pressionado, Flor. — Ficamos em silêncio por um tempo porque eu não sabia o que responder. Então, ele virou o rosto para me olhar. — Você entende que sou um *stripper*, né? Não é uma profissão muito respeitada e eu não tenho nada interessante para oferecer a uma garota como você.

Aquele discurso para mim era igual ao famoso “não é você, sou eu”. Mesmo assim, me mantive o mais plena que consegui e coloquei um sorriso

no rosto, confirmando ao menear a cabeça.

— É um sentimento meu e não posso controlá-lo baseado em profissões — respondi. — Ontem eu saí de casa bastante conformada e ciente de tudo, Gabriel. Sei que nem sempre nossas expectativas são correspondidas.

— Sinto muito, Flor. — Ele suspirou, causando um disparo diferente no meu coração, um sentimento que antecedia a rejeição que ninguém gostava de sofrer. — Venha cá.

Sua mão tocou a minha e fui rapidamente puxada para me sentar no colo dele, mas agarrei o lençol e o levei junto comigo. Eu já escutaria coisas que não queria ouvir, não precisava passar por essa situação completamente pelada.

— Eu não sou uma pessoa fácil de lidar porque sou seco no quesito amor e relacionamentos — disse Gabriel, tocando minha perna de forma distraída. — Não sou o tipo de homem que é escolhido como prioridade ao se pensar em algo sério, então, aprendi a me fechar para isso.

— Por causa da sua profissão? — perguntei e ele assentiu. — Acho horrível quem julga o próximo pelo trabalho. Eu já passei por isso quando comecei a trabalhar como *ghostwriter*. Tipo, alguns podem pensar que eu sou fracassada e frustrada por escrever livros pelos quais outras pessoas vão ser reconhecidas, mas eu me sinto bem fazendo isso.

— No meu caso, é um pouco pior, Flor. Muitos confundem *stripper* com garoto de programa.

— Eu sei, mas não escolhi gostar de você. — Encolhi os ombros e fitei meus pés. — Não precisa se preocupar comigo, Gabriel.

Ele riu e beijou minha mão, depois alisou minhas costas por baixo do lençol, arrepiando a minha pele. Nossos olhos se encontraram e seu sorriso aumentou até que deu um beijo na ponta do meu nariz.

— Você é muito inocente, Flor. Eu estou completamente louco por você há semanas. Quero pegar tudo que você quiser me oferecer, inclusive essa tal paixão.

Fiquei surpresa com a revelação porque não esperava que Gabriel se declarasse para mim. Não que eu pudesse mesmo considerar aquela uma declaração, mas era fofo e me dava esperanças de não ter o coração despedaçado. Não me importava que ele não soubesse lidar com esses sentimentos, eu entendia seus motivos, mas o fato de querer alguma coisa a mais me deixava muito feliz.

Por isso, não reclamei quando me pegou pela cintura e me puxou com força para cima. Por conta do movimento brusco, meus pés se embaralharam e eu perdi o equilíbrio, caindo com tudo em cima de Gabriel. Deixei um gritinho escapar enquanto ele me segurava contra seu corpo.

— Seu bruto! — Ri, dando um tapa no ombro dele.

— Fica quieta — pediu, caminhando comigo. — Quero transar no chuveiro.

Por incrível que pareça, eu não senti vergonha. O cansaço logo desapareceu quando ele ligou a água ao entrar comigo no *box* e a única coisa que eu sentia era um calor se acumulando no centro do meu estômago e se espalhando pelas minhas pernas.

Gabriel me fitou intensamente, porém, com ternura no olhar. Ele se aproximou ainda mais, colando nossos corpos um no outro. Senti suas mãos no meu pescoço, me puxando em sua direção com carinho, e abri a boca instintivamente. O beijo foi lento e caloroso. Suas mãos começaram a passear pelo meu corpo suavemente, sem a brutalidade costumeira de sempre. Seu pau endureceu, pressionando minha barriga, e eu deixei um gemido escapar, sedenta para tocá-lo.

Ao apalpar aquela região, eu o senti pesado, pulsando em meus dedos. Fechei minha mão direita ao redor do membro grosso, explorando toda a sua extensão, do talo até a cabeça. Gabriel respirou de forma mais pesada, sedento de desejo. O beijo ficou mais intenso, mais agressivo, assim como suas mãos. Ele apertou minha bunda com força, me fazendo gemer contra os seus lábios, e me puxou para cima. Agarrei o seu pescoço e entrelacei as pernas ao redor dos seus quadris quando me jogou contra os azulejos da parede.

Eu me contorcia no colo dele, esfregando meu clitóris contra o seu pau duro, me masturbando. Ele movia o quadril junto comigo, me incentivando, enquanto chupava o meu pescoço. Suas mãos passearam pelo meu corpo até encontrar os meus seios e repousarem ali, me apertando com força.

Prendi minhas pernas ao redor do seu corpo com força quando me senti escorregar pela parede molhada e, por instinto, levantei as mãos, procurando por um apoio em que eu pudesse segurar para içar novamente o meu corpo. Acabei me agarrando à primeira coisa que encontrei e com a força que fiz, o objeto cedeu e caiu no chão. O barulho alto de vidro se espatifando fez tanto eu quanto Gabriel nos sobressaltarmos, assustados. Ele me segurou com força, me protegendo, e afastou o rosto para ver o que tinha acontecido.

— Porra! — praguejou ao ver a bagunça.

O chão estava cheio de cacos de vidro e embalagens de sabonete e *shampoo*. O que eu tinha acabado de quebrar era uma prateleira de vidro, que não aguentou o meu peso e cedeu.

Gabriel fechou o chuveiro com pressa e analisou o chão, eu sabia o que pensava. Estávamos ambos descalços e ao nosso redor não havia lugar seguro para pisar. Ele me agarrou ainda mais forte, para não me deixar cair, e com passadas largas, saiu de dentro do *box*. Tentei reclamar, pedir para que não

fizesse aquilo, mas ele não me deu atenção, soltando grunhidos pelo caminho.

Assim que estávamos seguros, ele me colocou no chão e se sentou no vaso sanitário, apoiando o pé direito sobre o joelho para ver o enorme de pedaço cravado em sua sola. Estava sangrando, é claro, e o corte parecia profundo, o que me deixou ainda mais nervosa porque eu detestava ver sangue.

Como se estivesse tirando um cílio caído dentro do olho, o maluco agarrou a ponta do pedaço de vidro e o puxou com força. Mais sangue começou a sair pelo corte e eu me agachei diante dele para dar uma olhada mais de perto, torcendo para não desmaiar.

— Está tudo bem — ele disse. — Não foi nada.

— Vai precisar levar ponto.

Virei-me para sair do banheiro e partir em busca das minhas roupas para ir com ele ao hospital, mas Gabriel me agarrou pelo pulso e me puxou para seu colo.

— Flor, não é nada. Deixe isso pra lá e vamos continuar de onde paramos, ok?

— Você está sangrando! — resmunguei, afastando a mão dele da minha coxa.

O filho da mãe que só pensava em sexo me lançou um olhar frustrado, mas me soltou quando pedi para que me deixasse levá-lo a um hospital ou eu não ficaria em paz. O tesão de minutos antes tinha ficado de escanteio, pois eu realmente me preocupava com ele. Tanto a ponto de não ter me sentido enjoada enquanto via seu sangue, nem mesmo quando ele foi deixando pegadas vermelhas para trás, conforme andava pela casa para poder se vestir.

Só comigo acontecia coisas assim. Pronta para transar no chuveiro com

o cara mais gostoso que eu já conheci, para então sofrer um acidente de percurso. Por isso fiquei encalhada por tanto tempo, porque o universo simplesmente me odiava.

CAPÍTULO 41

Gabriel

Nem fodendo eu ficaria uma semana sem trabalhar só porque o médico que me atendeu e me deu os cinco pontos havia recomendado que eu não pisasse no chão por sete dias. Dentro do *Uber* no retorno para minha casa, Flor não parava de dizer que cuidaria de mim se eu precisasse, que a culpa era dela por eu ter me cortado, e mais um monte de baboseira.

A última coisa que eu desejava era atrapalhar sua rotina e atrasar ainda mais seu trabalho. Na *Red Kinky*, a garota cismou em me ajudar para que eu não entrasse mancando e no meio do nosso caminho, a Cláudia apareceu. Precisava mesmo falar com ela sobre o caso do Rafael, mas ao ver meu pé enfaixado, sua expressão se alterou de sorridente para alarmada.

— O que aconteceu? — ela perguntou, preocupada.

— Um acidente. Cortei o pé, mas está tudo bem.

Cláudia lançou um olhar estranho para Flor, em tom acusatório, e eu não gostei muito disso.

— Mal consigo imaginar como tenha acontecido — resmungou, de olho na garota.

— Eu vou ficar bem.

— É claro que vai. — Sorriu, dando um tapinha no meu ombro. — Sabe

que sempre cuido de você. Suba e descanse, daqui a pouco eu vou te ver.

O que Cláudia queria dizer era que me encheria o saco como uma mãe protetora que acha que o filho ainda é uma criança. Só que ela sequer era a minha mãe, e por mais que eu fosse grato por sempre ter estado ao meu lado, já era adulto e muito velho para me cuidar sozinho.

— Não precisa, pois eu me ofereci pra ficar com ele — disse Flor, enfrentando a mulher.

Naquela disputa de território, eu decidi não me intrometer mais. Queria me sentar e esticar a perna, comer alguma coisa porque não ingerimos nada desde que acordamos, e finalmente descansar. Por isso, guiei Maria Flor pelo caminho e deixamos Cláudia para trás, sem dar chance para que retrucasse e tentasse se impor de novo.

Dentro da minha casa, finalmente me joguei no sofá. Flor entrou na minha cozinha e começou a mexer em tudo como se mandasse em alguma coisa ali, mas eu decidi deixá-la à vontade.

— Por que a Cláudia me detesta?

— Ela jura que sou o filho que não teve — respondi. — É ciumenta, só isso. Não significa que te odeie.

— Ela é desagradável assim com todas as mulheres que se aproximam de você?

Quando veio até mim, estava revirando os olhos, irritadinha. Puxou uma cadeira e colocou uma almofada do sofá sobre ela para que eu apoiasse meu pé machucado. Muito atenciosa, mas também muito gostosinha e eu me lembrei que não a comi no chuveiro.

— Acho que Cláudia está com medo de você, Flor.

— Medo? De mim? — Ela riu. — Claro, porque eu sou alta, forte e perigosa.

— Ela não está acostumada a me ver interessado em alguém — confessei quando a garota se virou e voltou à cozinha. — Cláudia sabe que eu não me apego e quase nunca repito mulher.

— Então nunca teve uma mulher que tenha durado tanto tempo?

— Você — respondi, atraindo o olhar dela. — Você é a única nos últimos anos que voltou aqui vezes suficientes para ter a audácia de mexer na minha cozinha e usar minhas roupas.

Vi seu sorriso e ouvi a risadinha baixa, enquanto parecia cortar alguma coisa que eu não podia enxergar de onde estava.

— Em minha defesa, eu invadi sua cozinha para fazer alguma coisa pra comermos, pois estou morta de fome.

Flor cozinhar para mim era algo incrível, pois eu não costumava ter isso de ninguém. Culpa exclusivamente minha, é claro, visto que não permitia que as mulheres que frequentavam a casa se acostumassem e se sentissem tão à vontade para isso.

Eu não resisti e acabei me levantando, arrastando meu corpo até lá e entrando na cozinha sob os protestos da baixinha. Ela estava picando o alho e tinha deixado uma cebola do lado, além de ter tirado um pedaço de frango da geladeira. Apoiando meu pé apenas no calcanhar, parei atrás de seu corpo e beijei seu pescoço cheiroso, passando meus braços ao redor da cintura fina.

— Quantas mulheres você conhece que assumiriam um *stripper*? — perguntei, sentindo seu suspiro pesado.

— Eu — respondeu, me arrancando um sorriso. — Porém, não sei se o *stripper* quer ser assumido. Ele é meio misterioso.

Flor jogou a cabeça para trás até encostá-la em meu peito e liberou melhor acesso ao pescoço. Esfreguei meu nariz em sua pele, acariciando sua barriga sobre o vestido sensual que não tinha combinado nem um pouco com

a porcaria do hospital. Foi terrível notar os olhares masculinos em cima dela por causa daquele decote que ostentava seus seios. Por mais que eles fossem pequenos, nenhum homem resistia a olhar para peitos bonitos.

— Meu amor, quando você se declarou ontem pra mim, praticamente assinou sua sentença. Acho que falei em algum momento, entre um orgasmo e outro, que a quero pra mim.

Antes que me empolgasse muito e começasse a distrair Flor de sua função, decidi deixá-la um pouco em paz para que pudesse cozinhar. Teríamos tempo para resolver nossas pendências, nos conhecermos melhor e aproveitarmos mais o tempo na cama. Pelo menos, na primeira oportunidade que surgisse, porque naquele momento, ela precisava trabalhar.

Depois de comermos seu frango temperado com arroz e batatas em rodelas, ela tirou um tempo para usar meu *notebook* e escrever um pouco. Ficou sozinha na sala por algumas horas enquanto eu dormia no quarto, porque aos domingos evitava marcar qualquer tipo de compromisso e tirava o dia para relaxar em casa.

Tinha escurecido quando acordei e me levantei para dar uma olhada nela, e me surpreendi ao encontrar a escritora no mesmo lugar, ainda com os dedos correndo soltos pelo teclado do computador. Parecia muito concentrada e, de vez em quando, parava de escrever e lia o texto.

Quando notou minha presença, alongou o pescoço, esfregou o rosto e bocejou. Cheguei perto dela, apoiando minhas mãos em seus ombros rígidos e fiz uma leve massagem para que se sentisse melhor.

— O que acha de eu pedir um *sushi*, você desligar o *notebook*, tomar um banho e relaxar pelo resto da noite?

— Eu acabei por hoje — disse, encostando a cabeça no meu abdômen.
— Não consigo mais escrever nem uma frase, pois meus olhos já estão

embaralhando as letras na tela.

— Então vá fazer o que eu falei, enquanto peço a comida e também ligo pra Cláudia. Quero saber como foi ontem na delegacia e o que ficou resolvido sobre o Rafael.

Flor aceitou minha sugestão e foi tomar banho. Eu liguei para o restaurante japonês do qual gostava e fiz meu pedido, depois liguei para a minha sócia e conversei um pouco com ela. Precisei tranquilizá-la a respeito do meu pé, mas avisei que deveria procurar alguém para dançar na próxima semana, considerando que os *shows* estariam desfalcados não só por minha conta, mas também pelo filho da puta do Rafael.

Por falar nele, Cláudia explicou que o desgraçado saiu da delegacia na maior tranquilidade, principalmente porque não possuía antecedentes criminais. Que a polícia ficou de vir buscar a gravação da câmera e também aguardaria pelo depoimento de Maria Flor. Era óbvio que Rafael tinha sido demitido por justa causa e expressamente proibido de colocar os pés nem que fosse na nossa calçada, mesmo assim, eu ainda me sentia com tanta raiva que adoraria vê-lo aparecer aqui.

No fim da noite, Flor se deitou ao meu lado na minha cama, vestindo apenas a minha camiseta, como sempre. Ela negou meus avanços quando tentei esquentar o clima, alegando que estava dolorida por conta do sexo da manhã, mas algo me dizia que era mentira. Tinha quase certeza de que Maria Flor estava me evitando por culpa do médico babaca que me mandou fazer repouso e fez a garota prometer que não me deixaria arrebentar os pontos. Como se eu precisasse do meu pé para foder. Francamente.

— Amanhã eu vou pra minha casa — disse, ao meu lado, se virando de lado e apoiando a cabeça no meu braço. — Preciso terminar o livro o quanto antes e vou ter que tirar um ou dois dias pra me trancar de verdade e só

trabalhar.

— Eu acho ótimo que faça isso.

— Não significa que é pra você começar a dançar assim que eu virar as costas, Gabriel.

— Prometo ficar quietinho em casa se você subir agora em cima de mim — fiz a chantagem, sorrindo para ela. — A gente não precisa foder, só vem esfregar essa bocetinha em mim, por favor.

— Só se eu puder fazer outra coisa.

Observei a diabinha me montar sem pressa, arreganhando as pernas ao se sentar sobre os meus quadris e passar as mãos pelo meu abdômen. Respirei fundo com o toque delicado, mas que era o bastante para me arrepiar, e aguardei que explorasse o que quisesse em mim.

— Você tem o corpo mais bonito que já vi — murmurou sem tirar os olhos dos meus músculos, tocando meu umbigo e descendo até o baixo ventre. — Parece mesmo esculpido.

— Você não fica atrás — respondi, tocando sua perna. — É extremamente linda.

— Tipos diferentes. — Flor riu, revirando os olhos. — Se eu andar do seu lado, até os homens vão prestar mais atenção em você do que em mim.

Ela estava falando sério? Não percebia o quanto chamava atenção por ser toda perfeita?

— Você tem uma percepção muito errada da realidade — comentei. — Quase cogitei costurar também a minha mão, porque queria dar umas porradas em vários babacas no hospital.

— Eu sei que sou bonita e gosto do meu corpo, mas não sou gostosona, e sabemos que o brasileiro adora peitos e bunda grandes.

— Ainda bem que me apaixonei primeiro pela sua personalidade — confessei, sorrindo quando seus olhos se arregalaram em choque. — Tive mais tempo para descobrir o quanto você é gostosa, mesmo que não se considere. Mas será que vou ter que me curvar e buscar essa boceta, ou você vai trazê-la até mim?

A gente se encarou por alguns segundos, ela sorridente e eu ansioso. Sabia que ia gostar de ouvir o que eu tinha a dizer e não era mentira. Estava totalmente envolvido por Maria Flor e louco para viver mais experiências com ela, compartilhar qualquer coisa de interessante na minha vida com aquela garota baixinha. A ninfetinha que me cativou.

Suas mãos voltaram a se movimentar pelo meu corpo e ela saiu do meu colo para se ajoelhar ao lado dos meus quadris. Os dedos pequenos me tocaram por cima da cueca, estimulando minha ereção que dava sinais de vida e me prometiam que vinha coisa boa por aí. Eu era homem, amava um boquete, mas evitei insistir para que Flor fizesse porque sabia que até as mais experientes tinham dificuldade de me engolir inteiro. E eu costumava ser um pouco mais intenso quando chupavam o meu pau.

Quando ela puxou o elástico e liberou o membro duro, respirei fundo e me preparei para a maravilha que seria aquele primeiro contato com sua boca. Flor inclinou o corpo para a frente e colocou a língua para fora, lambendo minha glândula sensível numa cena linda.

Queria muito tocá-la enquanto fazia o oral, então puxei meu corpo para trás até me sentar e encostar na cabeceira. Com sua bundinha empinada para o alto e sem calcinha, eu levei minha mão até lá, entrando por baixo da camiseta e sentindo a pele macia.

— Chupa bem gostoso, Flor — pedi, dando um tapa em sua bunda e apertando sua carne. — Me leve ao orgasmo.

Ela abocanhou a cabeça volumosa, abrindo bem a boca para me receber.

— Não precisa tentar engolir tudo, use a mão pra manipular onde não consegue chegar.

Observei sua obediência, sentindo uma onda de prazer ao pensar que Flor seria uma ótima parceira para um momento de dominação. Não que eu fosse um adepto e praticante do estilo, mas de vez em quando, curtia algo mais *hardcore*.

Fechei os olhos enquanto a sentia me chupar devagar e procurei por seu cuzinho com minha mão, até encontrar o botão fechadinho que piscou para o meu dedo. Desci mais um pouco e encontrei a boceta melada e a esfreguei gentilmente, apenas para causar mais tesão.

— Cospe no meu pau, Flor — pedi ao observá-la. — Me deixe vê-la cuspindo.

Ela acatou minha ordem e um filete de saliva caiu devagar sobre minha glândula latejante e molhada, e eu apreciei cada segundo, até que a ninfetinha cuspiu de novo, então passou a língua em mim.

— Caralho... — Toquei em seus cabelos, sentindo minha boca secar. — Vai no seu tempo, mas aproveita pra massagear minhas bolas. Com cuidado.

Ela me lançou um olhar desacreditado e eu sorri como incentivo, porque sabia que algumas mulheres mais inexperientes acreditavam que pagar boquete consistia apenas em chupar o pau. Não tinha nada mais gostoso do que sentir minhas bolas sendo chupadas do jeito certo, alternadas com minha piroca.

— Quero gozar com minha língua dentro da sua boceta — avisei. — Monta em mim ao contrário.

— Não.

A safada continuou seu trabalho, aumentando a minha ansiedade para ter

meu momento de chupá-la. Eu amava ter meu rosto entre as pernas de uma mulher, fazia qualquer homem se sentir a pessoa mais sortuda e importante do mundo, e Maria Flor estava me negando aquele momento.

Esperei que fizesse o trabalho em seu tempo, deslizando a boca pequena até a metade do meu pau e se concentrando bastante na cabeça com chupadinhas gostosas que me tiravam do eixo, mas eu a afastei por rápidos segundos para bater uma punheta rápida ou ficaríamos ali muito tempo, cansando a boquinha linda.

— Eu tenho um pouco de dificuldade para gozar com oral — expliquei ao ver sua expressão frustrada. — Não é culpa sua, Flor.

— Por causa do tamanho?

— É um dos motivos — respondi, gemendo. — Não pelo membro em si, mas não é toda mulher que consegue fazer uma garganta profunda com um pau desse.

Sem se abater, ela levou a mão de volta às minhas bolas e me estimulou enquanto eu me masturbava. Quando me senti próximo do orgasmo, toquei seus cabelos e tirei minha mão, indicando para que ela voltasse.

— Onde você quer que eu goze? Nos peitos, na barriga, na boca, na bunda... — Sorri, sentindo que ele estava chegando. — Escolhe agora.

— Na boca.

O primeiro jato saiu antes que ela colocasse a língua para fora, mas foi rápida e assim o fez, deixando minha ejaculação escorrer e pingar pelo seu queixo. Deixei minha cabeça cair para o lado e fechei os olhos, sentindo-me expelir ainda os últimos jatos mais fracos que caíam sobre minha barriga.

Curtindo o momento gostoso, na letargia, deixei que Flor me montasse de novo e me beijasse devagar, esfregando sua bocetinha em mim e gemendo baixinho, excitada pelo clima do momento.

CAPÍTULO 42

Maria Flor

Ou eu era muito safada e só tinha descoberto isso agora ou o tempo que fiquei sem sexo estava fazendo meu cérebro — e meu corpo — desejar aproveitar o máximo possível para tirar o atraso. Não sabia qual das duas opções era a correta, mas pelo amor de Deus, eu me sentia no cio com Gabriel.

O pobre homem estava com pontos no pé e mesmo assim não consegui desgrudar dele a noite toda. Apesar de não ter rolado penetração porque eu me sentia realmente dolorida, fiz questão de roçar meu clitóris em seu pau durante a noite. O filho da mãe nem reclamava, parecia feliz em me ver ligada no modo turbo da putaria.

Infelizmente, eu precisava viver minha vida de adulta independente com boletos a serem pagos.

Dormíamos de conchinha, seus braços ao redor da minha cintura, e minha bunda perfeitamente encaixada na virilha masculina. Ele me agarrava com força, e eu estava encolhida contra seu corpo, sentindo a ereção presa dentro da cueca. Eu me movi com cuidado para não acordá-lo, tirando seu braço da minha cintura, delicadamente. Ele se moveu, mas não despertou. Nas pontas dos pés, para não fazer barulho, fui até o banheiro.

Tranquei a porta e me encarei no espelho, suspirando. Abri a torneira e joguei água fria no meu rosto, tentando clarear melhor a minha mente. A minha vida estava uma bagunça. Estava sendo irresponsável com meu único trabalho, perdendo tempo atrás de um segredo que parecia impossível de ser desvendado. Precisava encerrar a biografia de uma vez por todas e parar de enrolar. O amigo de Gabriel não havia descoberto nada até agora e eu achava que nem ia.

Gabriel ainda estava dormindo, quando saí do banheiro e fui me vestir. Ainda era muito cedo, não tinha dado sete horas da manhã, então era normal que estivesse num sono profundo. Eu mesma só acordei porque senti vontade de urinar.

Peguei um pedaço de papel e uma caneta no quarto dele e deixei um bilhete para que não se sentisse abandonado. Coloquei-o em cima da mesa de centro, peguei minha bolsa e fui embora.

“Obrigada pela noite, GG. E pelo dia inteiro também, foi inesquecível. Mas preciso de dois dias pra colocar meu trabalho em ordem e não posso fazer isso perto de você porque acabo perdendo o foco.

Isso não é uma fuga, pode me ligar quando quiser e eu vou atender hehehe. Já estou ansiosa pra sentir de novo o martelo do Thor na minha caverna. Eu sei, isso soou estranho.

Beijo!

NÃO COLOQUE O PÉ NO CHÃO.

É SÉRIO!”

Cheguei em casa quarenta minutos depois e não perdi tempo. Abri o computador e comecei a trabalhar no livro. Precisava revisar o texto de umas

cem páginas, de alterações que tinha feito após a sugestão do Julian, pois só queria retornar as ligações dele depois que tivesse feito isso.

Algumas horas mais tarde, recebi uma mensagem de Gabriel no *WhatsApp*. Era a foto do meu bilhete com um furo no meio do papel, onde seu pau duro estava encaixado. Na legenda, ele tinha colocado um emoji de coração preto e escrito:

Gabriel: *“ESTOU COM SAUDADE, GOSTOSA.”*

Gargalhei com a criatividade dele e lamentei que nunca mostraria aquela foto para Laura. Era comum compartilharmos imagens de paus bonitos que recebíamos em grupos de amigas, mas a rola do Gabriel ela jamais veria, porque era toda minha.

Maria Flor: *“O buquê mais bonito que ganhei na vida.”*

Gabriel: *“Já que te dei o buquê, agora você pode me dar o botão.”*

Maria Flor: *“Que botão?”*

Gabriel: *“O famoso cu. Prometo comê-lo com cuidado.”*

Eu devia ter sérios problemas, porque não podia ser normal meu coração acelerar tanto diante daquele pedido. Qualquer outra no meu lugar, em sã consciência, estaria apavorada com a ideia. Eu mesma ainda me sentia dolorida por conta do sexo com Gabriel, mas aqui estava, curiosa e ansiosa

para que o momento do anal chegasse. Talvez fosse o fato de que passei tempo demais sem me divertir e aproveitar a vida, e agora, queria experimentar tudo com ele. Ou era simplesmente porque estava muito apaixonada.

Empolgada com a conversa, eu me levantei e fui para a frente do espelho. Abaixei meu short só um pouco e bati uma foto da minha bunda sem me importar de estar com uma calcinha simples de andar em casa.

Enviei para Gabriel, com a resposta:

Maria Flor: *“Eu quero dar tudo pra você. Acho que fiquei louca e perversa.”*

Gabriel: *“Que bundinha gostosa, Flor. Vou bater uma punheta pra ela.”*

Maria Flor: *“Boa punheta! Preciso trabalhar, não tenho a vida de certas pessoas. Bjs!”*

Larguei o celular sobre a cama e desliguei o *wi-fi* para não correr o risco de procrastinar ainda mais. Deitei minha cabeça no *notebook*, tentando recuperar minha concentração e fechei os olhos por um momento.

Naquele dia, parei apenas para comer, tomar banho e ir ao banheiro. Nem mesmo quando Laura chegou em casa e bateu na porta do meu quarto, eu dei brecha para conversarmos. Ela sabia da minha rotina e entendia que quando eu me trancava, não podia ficar sendo incomodada. Deixaria para atualizar minha amiga das últimas novidades da minha vida quando chegasse ao fim da minha meta de dois dias focada no trabalho.

Fui dormir cansada depois de mandar uma mensagem para meu editor, avisando que o arquivo com as alterações estava no Drive para que desse uma conferida. Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem dele me elogiando e dizendo que o texto estava excelente e sem necessidade de mais modificações. Era ótimo receber um *feedback* como esse depois de tanto esforço e dedicação.

Tomei um banho e um café da manhã reforçado, mandei uma mensagem desejando um ótimo dia para Gabriel, que estava bem quieto, então aproveitei a energia que Julian me deu, para começar meu dia de escrita intensa. De noite, minha amiga deslizou um bilhete por baixo da minha porta com a frase “*eu te amo, força na peruca*” em letras coloridas.

Quando cheguei a um ponto da história em que me senti bloqueada de novo, levei as mãos ao rosto e respirei fundo três vezes, para me acalmar. Estava faltando coisa, eu precisava entregar mais do que aquela biografia sem sal.

Peguei o celular e mandei uma mensagem para Gabriel, perguntando se seu amigo *hacker* tinha dado notícias. Ele disse que falaria de novo com ele, mas até o momento, o cara não o havia informado de nada. Perguntei se poderia ir até seu sótão e mexer em tudo o que estivesse guardado, na esperança de encontrar mais alguma coisa sobre Lia Barker.

Ele não recusou meu pedido e naquele fim de tarde mesmo eu apareci em sua casa. Quando abriu a porta para mim, um sorriso enorme surgiu em seu rosto e eu senti que o mesmo aconteceu comigo. Parecia que a gente tinha ficado duas semanas sem se ver, mas foram apenas dois dias.

— Eu espero que você não tenha apoiado esse pé no chão — falei, observando só o calcanhar no apoio.

Ele me respondeu com um beijo na boca ao puxar minha cintura e me

colar em seu corpo. Suas mãos pesadas desceram até a minha bunda e me puxaram para cima enquanto devorava a minha boca. Aquele calorzinho no centro do meu estômago se apossou de mim e eu precisei parar, pois não queria perder o foco.

— Estava com saudade — confessei, sorrindo para ele. — Mas não vim aqui atrás do seu corpo sarado.

O filho da mãe me colocou no chão e deu um tapa na minha bunda antes de se afastar. Ele estava delicioso usando apenas uma calça branca que contrastava com a cor linda da sua pele, e eu imaginei que estivesse sem cueca porque o volume do pau estava um pouco mais visível do que o normal.

— Pode subir e se divertir com as caixas velhas e empoeiradas — disse ele, piscando para mim. — Mas quero deixar claro que a senhorita não vai dormir na sua casa esta noite. Eu vou fazer meu *show* um pouco mais cedo e subir pra ficar com você.

Eu me encaminhava em direção à escada que dava acesso ao sótão quando parei e me virei para trás. Um rápido olhar para o pé de Gabriel me fez arquear a sobrancelha para o *stripper* e cruzar meus braços.

— Não acredito que você vai dançar. O médico pediu repouso de uma semana.

— Eu estou bem, Flor. Não sinto dor, os pontos estão secos e vou apresentar algo mais light esta noite.

— Você não tem jeito não — resmunguei, virando-me para ir fazer o que tinha me trazido aqui antes que sentisse vontade de dar uns tapas em Gabriel.

Passei quase duas horas enfurnada no sótão, espirrando enquanto mexia na papelada antiga, olhando tudo que encontrava pela frente, mas minha

esperança ruiu quando percebi que estava perdendo meu tempo. Talvez, o tal momento estranho da vida de Lia tenha sido apenas uma fase depressiva ou rebelde, algo que a tenha feito mudar e querer se afastar das pessoas que amava. Não precisava significar que alguma coisa grave aconteceu, estava me dando conta disso da pior forma possível.

Desci para jantar com Gabriel quando ele me avisou que tinha feito *strogonoff* e o observei com atenção enquanto preparava tudo. Percebi que ele gostava de cozinhar, cuidar da casa e alimentar as pessoas. Era fofo ver que se preocupava comigo todo o tempo em que eu permanecia em sua presença. Desse jeito, era difícil não nutrir sentimentos fortes por ele.

Mais tarde, quando desci com ele para a *Red Kinky*, fomos logo interceptados por Cláudia, que primeiro me lançou um olhar de desagrado, depois segurou os ombros de Gabriel e sorriu.

— Sabe quem está aqui? — ela perguntou e ele negou. — Arthur Salazar. Com a esposa, mas não sei o nome dela.

— Onde?

— Bem, estão no bar, mas vieram procurar por nós dois.

— Vamos recebê-los então — Gabriel respondeu. — Faz alguma ideia do que querem?

A loira assentiu, mas parecia muito animada. Ela avisou que iria buscá-los e levá-los ao escritório do *stripper*, então saiu em disparada pelo corredor. Ele logo entrou na sala comigo e passou as mãos nos assentos das cadeiras onde as pessoas se sentariam, para limpar o estofado.

— Quem é esse Arthur?

— O dono do maior puteiro de São Paulo — respondeu, concentrado no que fazia. — Talvez um dos maiores do país. O cara é milionário porque a parada dele é exclusiva, um lugar secreto que só a nata da sociedade pode

pagar.

— Secreto? — Gargalhei, cruzando meus braços. — Meio difícil manter um puteiro em segredo.

— Já ouviu falar na *Caixa Preta*?

— Não.

— Apareceu em alguma de suas pesquisas quando estava procurando pela boate onde a Lia trabalhou?

— Não.

— Pois é. O lugar não precisa e nem pode ter esse tipo de propaganda.

A porta atrás de mim foi aberta e por ela passou um casal deslumbrante. Ele, aparentava ser alguns anos mais velho do que Gabriel e era um coroa gostoso e elegante. Ela, a mulher com o corpo mais bonito que meus olhos presenciaram. Usava um vestido vermelho com recorte na cintura e sua pele morena brilhava tanto que parecia ter tomado banho de *glitter*.

Eu me senti sobrando no ambiente e sabia que devia ser uma reunião de negócios, por isso, achei melhor me retirar o quanto antes para deixá-los ter mais privacidade. Por isso, apenas dei um sorriso para o casal e fui em direção à porta. Antes de sair, ainda pude escutar o homem se apresentar como Arthur Salazar e a mulher, que possuía o mesmo sobrenome, se chamava Marina.

CAPÍTULO 43

Gabriel

Meu escritório nunca viu tanto dinheiro junto quando Arthur entrou, com as mãos nos bolsos e um terno impecável, observando tudo ao seu redor. A *Caixa Preta* devia faturar num mês o que a *Red Kinky* faturava um ano inteiro, portanto, era normal que eu e Cláudia estivéssemos nervosos quando os recebemos.

Não conhecia a esposa dele, que logo foi apresentada, mas o que havia escutado por aí era que ela também ficava à frente dos negócios. A mulher era linda, de cabelos pretos e lisos, olhos amendoados e escuros, corpo esguio e pernas esbeltas. Muito sensual e o marido parecia saber exatamente o efeito que o olhar dela causava.

— Fiquem à vontade — disse Cláudia, sentada em minha cadeira que cedi para ela. — O que desejam?

— Homens — declarou a Marina, revirando os olhos e sorrindo quando Arthur apertou sua mão. — Queremos expandir.

— Eu venho observando a *Red Kinky* há algum tempo por conta de toda a tradição que envolve esse lugar — disse o empresário, cruzando as pernas ao se sentar. — Vocês possuem um público que a gente não alcança porque possui um apelo diferente da *Caixa Preta*.

— Nossos dançarinos apenas dançam — frisei, apoiando meus quadris na mesa. — Não rola prostituição aqui dentro, coisa que sei que acontece no estabelecimento de vocês.

— Sabemos disso, Gabriel. — O homem sorriu com olhos atentos. — Mas mesmo assim, queremos comprar sua boate e propor uma sociedade. Minha esposa acredita que devemos explorar o mercado que atenda aos desejos do público feminino e nada melhor do que começar pelo lugar que já é referência nesse segmento.

— A *Red Kinky* possui os melhores *strippers* e os *shows* mais comentados da cidade — disse Marina, entrelaçando a mão com a de Arthur. Percebia que entre eles havia uma diferença de idade tão grande quanto entre mim e Flor. — Por isso, não é nossa intenção competir com vocês. Somaremos muito mais e faremos muito dinheiro se nos juntarmos.

— Estão propondo uma sociedade igualitária? — perguntou Cláudia.

— Não. — Arthur sequer esboçou reação, como o famoso advogado que era. — Vocês teriam participação de quarenta por cento. Reformaríamos o lugar, aumentaríamos o preço de entrada, mas colocaríamos a bebida um pouco mais barata, porque o que traz lucro é a quantidade de *drinks* que elas vão pedir. Compraria a clínica de estética aqui do lado, montaria uma fachada de empresa de segurança e faria ali, a boate de acesso restrito para sócias que desejem manter o anonimato. E é aqui, que vocês ficam ricos.

Confesso que não esperava que o homem tivesse pensado em tudo antes de vir falar conosco. Ele possuía tanta convicção de que sua proposta seria aceita que sequer fazia perguntas, apenas apresentava as informações.

Olhando rapidamente para Cláudia, eu percebia que ela tentava esconder sua empolgação, assim como eu. Eram sentimentos mistos que me atingiam naquele momento. A proposta parecia insana e podia mudar minha vida,

porém, eu cresci neste lugar e era estranho pensar em ceder uma parte dele para outras pessoas.

— Acho que minha sócia e eu precisamos conversar sobre a proposta por uns dias — declarei, esticando minha mão para ele. — Podemos nos falar de novo na sexta?

Arthur me cumprimentou antes de tirar um cartão do bolso, pois já estava preparado para isso. Queria ter apenas metade do poder que ele tinha, pois até o perfume cheirava como coisa cara.

— Quando tiverem uma resposta para nos dar, me liguem — declarou, se levantando junto de Marina. — E parabéns pelo lugar. O que me chamou mais atenção é que existe há décadas, fatura bem, e mesmo assim nunca passou por nenhum escândalo. Isso é raro de encontrar, significa que possui uma boa administração.

Pensei logo no que aconteceu com Rafael e respirei fundo, feliz por não ter acontecido nada pior que fosse parar nos jornais. Apesar de não podermos simplesmente aceitar e sair assinando contratos, eu admitia que a proposta do casal Salazar era tentadora e merecia ser discutida por mim e Cláudia.

Assim que eles deixaram o escritório, eu fechei a porta e me virei para minha sócia, que estava de pé e com as mãos no peito.

— Você tem noção de quanto dinheiro a *Caixa Preta* movimenta? — perguntou ela, com um sorriso radiante. — Gabriel, se a *Red Kinky* lucrar pelo menos a metade, já é muito maravilhoso.

Sim, eu sabia. Parecia inacreditável, mas senti muita confiança nas palavras de Arthur Salazar.

Mas por enquanto, precisava deixar o sonho de lado e ir trabalhar, pois tinha um *show* para fazer. Saí do escritório e entrei no camarim para me preparar e me vi com ciúmes quando encontrei Flor sentada no sofá,

conversando com Marcelo e Jonas, dois *strippers* da casa. Eu os flagrei conversando sobre músicas boas para dançar, não parecia ser nada absurdo, mas me incomodei com a presença dela tão perto deles, e tão à vontade.

Sorri para ela, mas evitei conversar porque não estávamos sozinhos, então apenas troquei de roupa e me vesti para o espetáculo, que começaria em alguns minutos. Flor me seguiu pela coxia, ansiosa, e quando paramos, ela tocou meus braços e sorriu.

— Cuidado com o pé.

— Quero que você vá até a plateia, escolha uma mulher e pare do lado dela — falei, beijando seu pescoço. — Vou dançar com ela, pensando na sua bocetinha. E quando o show terminar, eu quero te comer aqui na coxia.

Seus lábios se afastaram quando Flor emituiu um suspiro e engoliu com dificuldade. Passei os olhos pelo seu corpo dentro de um vestido bem de menininha, rosa com pequenas flores amarelas, de alcinha e saia rodada. Ela não esperava que eu viesse à boate, então não tinha se arrumado para a noite. Mesmo assim, me deixava cheio de tesão imaginar que em alguns minutos eu levantaria sua roupa e foderia seu corpo delicado contra a parede da *Red Kinky*.

CAPÍTULO 44

Maria Flor

Parecia uma loucura pensar que estava ansiosa para que Gabriel cumprisse sua promessa. Eu deveria achar absurda a ideia de transar em público, mas estava bem ali, diante do palco, sentindo minha calcinha molhada apenas por pensar na sugestão. Observei a entrada dele ao som de “TiO”, de ZAYN, e pela forma como se movia sobre o palco, nem parecia que estava com pontos no pé.

Tentei ignorar a animação exagerada de todas aquelas mulheres que queriam dar para ele assim como eu. Não podia me deixar ficar com ciúmes, afinal, eu o conheci justamente por causa de seu trabalho. Além disso, não havia nenhum termo de exclusividade entre nós — apesar de que eu adoraria que houvesse.

Como Gabriel pediu, tinha parado ao lado de uma mulher que aparentava ser um pouco mais velha do que ele. Em todos os *shows* em que estive presente, sempre vi os *strippers* levarem novinhas para o palco, então percebi que as mais maduras não pareciam ter vez. Sendo assim, a loira de uns quarenta anos teria a vez dela por esta noite.

Dançando de forma sensual, esfregando sem pressa as mãos pelo corpo, levando-as até a calça e apertando o pau, ele conseguia colocar fogo na casa.

Passou a língua pelo polegar e o deslizou pelo lábio, depois enfiou a mão por baixo da camiseta e a ergueu para mostrar que seus dedos manipulavam seus mamilos.

Minha vagina piscou e reclamou por não estar se esfregando nele naquele momento. O homem era muito gostoso e, agora que eu tinha provado por inteiro, me perguntava o que havia na minha cabeça para ter resistido por tanto tempo. Eu não devia ser desse planeta.

Sorri para Gabriel quando seu olhar encontrou o meu ao me procurar pela plateia, e suspirei quando lambeu os próprios lábios. Ele se jogou no chão de joelhos, bem perto de onde eu estava, e quando segurou minha nuca, eu me apressei e aproveitei para lamber um dos mamilos rígidos, dando um leve chupão em seguida.

Algumas mulheres usaram a oportunidade para passar a mão no corpo dele, mas a minha boca foi a única que Gabriel permitiu tocá-lo. O gostoso pegou minha mão e alisou seu corpo com ela, ondulando as costas saradas enquanto levava meus dedos até sua calça. Era impressionante o autocontrole dele, pois não havia ereção ali, apenas seu volume natural, sendo que eu já tinha visto um dos outros rapazes dançando e com o membro um pouco duro.

Então, Gabriel se afastou ao se levantar e observou a mulher para quem apontei discretamente. Ele sorriu, fez mais uns passos sensuais e, por fim, se aproximou e esticou a mão para a loira, que custou a acreditar no que estava acontecendo.

— Vai lá! — gritei junto com outras mulheres que vibravam.

O gostoso ajudou que ela subisse no palco que não era alto e começou sua brincadeirinha quente. A moça estava de calça, ainda bem, assim seria menos uma calcinha para Gabriel olhar. Tentei fingir que não me afetava em vê-lo com outra pessoa depois do que tinha experimentado com ele, mas era

bem difícil presenciar cada ação mais intensa. Sabia que fazia tudo no automático, mas a mulher alisando o corpo dele sempre que tinha uma chance, não era encenação.

Não esperei a apresentação acabar porque estava com fogo e queria saber o que aconteceria entre nós quando deixasse o palco. Sendo assim, fui na direção da coxia e esperei ali, encontrando a Nina encostada à parede, esperando pelo momento da sua entrada.

— Ei, garota! — Ela me abraçou e beijou meu rosto. — Como estão as coisas?

— Melhor impossível — respondi, sorrindo e olhando o *look* dela. Um maiô de paetês brancos, muito cavado e decotado, além da *lace* com mechas rosas que davam um ar incrível a ela. — Você está linda! Uma pena que desperdice essa beleza toda dançando pra outras mulheres. Não faz *shows* em dias masculinos?

— Eu faço. — Nina gargalhou, colocando a mão na cintura e piscando. — Mas eu gosto de mulher, Flor. E de homens também.

— Você é bi? Jura?

— Sim. Tem interesse? — Ela sorriu, dando uma rodadinha para que eu admirasse seu corpo. — Não sinto tesão pelo Gabs, mas adoraria pegar a mulher dele.

Ela pulou quando ele apareceu bem naquele momento e bateu em sua bunda com força. Em seguida, passou o braço forte pelo pescoço de Nina e a fez se desequilibrar quando a puxou, mas tudo em brincadeira.

— Tira o olho da Flor, sua peste! — o *stripper* ameaçou. — Ela é proibida pra você. Ouviu bem, Nina?

— Hétero chato! — Ela deu de ombros, revirando os olhos.

— Sai daqui porque quem vai comer a Flor, sou eu — disse Gabriel,

soltando a garota depois de dar um beijo em seu rosto e deixar que ela entrasse no palco.

— Nunca fiquei com mulher, mas acho que abriria uma exceção para a Nina — comentei, provocando o homem diante de mim, todo suado. — Ela é tão gostosa! Você não gostaria de participar de um *ménage*?

Gabriel gargalhou, se aproximando de forma ameaçadora e me agarrou pela cintura quando fingi que recuaria. Ele me grudou ao seu corpo para que sentisse seu volume e percebesse que agora sim, a ereção estava se formando.

— Adoraria realizar uma fantasia sua, mas jamais irei pra cama com a minha melhor amiga — avisou, roçando os dentes em meu maxilar. — Escolha outra.

— Só faço se for com a Nina. — Sorri e alisei a nuca de cabelos curtos.

Eu estava provocando, era fato, porque na verdade nem sabia se encararia algo do tipo. Talvez sim, porque Gabriel me deixava com muito fogo e tesão e eu me sentia pronta para experimentar de tudo com aquele homem. Além disso, a Nina era mesmo uma gata com um corpo escultural e eu imaginava que devia ser muito excitante tocar alguém tão bonita assim.

O meu *stripper* não quis mais conversar, apenas segurou firme os meus cabelos e girou comigo até grudar minhas costas na parede da coxia. Não havia ninguém ali por perto, mas era um lugar de passagem e dava para o corredor, o que significava que qualquer pessoa que se aproximasse para entrar em um dos camarins, poderia nos ver se virasse a cabeça para o lado de cá.

— Eu falei que iria te comer bem aqui — ele sussurrou, esmagando seus lábios contra os meus. Senti seus dedos em minha calcinha quando me pegou no colo e cruzei minhas pernas ao redor de sua cintura. — E eu vou, agora.

Meu coração acelerou com a ansiedade e expectativa, sentia-me tão

molhada para ele, pois esperei por isso desde o instante em que prometeu. Enfiei minha língua em sua boca, gemendo enquanto o beijava e rebolando em sua mão. Um de seus dedos me penetrou e precisei abafar o gemido mais forte.

— Vai ser sem camisinha e sem lubrificante — murmurou, gemendo comigo. — Você quer?

— Eu não tenho nenhuma doença — comentei, me esfregando contra a cueca inchada. — Depois tomo um remédio.

— Também estou limpo. — Quando me beijou de novo, mexeu o dedo dentro de mim e logo senti a cabeça de seu pau em contato com minha boceta.

Meu tesão estava tão latente que se ele pedisse meu cu naquela hora, eu daria de bom grado. Meu clitóris doía de tão excitado e minha vagina esmagava o ar dentro dela, ansiosa por sentir algo a mais quando Gabriel tirou o dedo. Então, ele me penetrou devagar, empurrando os quadris contra mim, abrindo passagem com o pau grosso.

Sem querer, deixei escapar um gemido alto, mas ele nem parecia se importar de sermos vistos.

— Caralho de boceta apertada, Flor! — resmungou, mordendo meu pescoço. — Não quero te machucar, mas vai ficar assada esta noite.

Gabriel levou a mão à boca e despejou muita saliva em seus dedos, depois recuou os quadris e os esfregou na minha entrada, repetindo o processo mais duas vezes até que eu me sentisse escorrer pelas coxas.

Quando meteu de novo, veio mais forte até me empalar por inteira, bem fundo, me alargando e me fazendo trincar os dentes. Estocou mais uma vez, devagar, e nossos corpos apertados um contra o outro geravam um atrito gostoso na minha boceta toda aberta com o clitóris exposto.

— Faz isso de novo — pedi, empurrando meus quadris na direção dele e tentando abrir mais as minhas pernas. — Gabriel!

Precisei gritar de novo quando seus movimentos se intensificaram e fizeram minhas costas esmagarem a parede conforme socava o pau dentro de mim. Eu o apertava sem querer porque não existia uma forma de abrir mais espaço dentro da minha boceta.

Ele gemeu, metendo fundo e rápido, abaixando a cabeça e chupando a pele acima do meu seio esquerdo, causando-me uma dorzinha gostosa com o ataque. Naquele momento, vi Nina entrar na coxia e arregalar os olhos ao testemunhar o que acontecia. Ao mesmo tempo, outro *stripper* chegava para começar seu *show*, e ao nos ver, lançou um sorriso sacana.

— Boa, Gabriel! — comentou antes de entrar no palco e fez com que ele levantasse a cabeça.

Essa porcaria de exposição aumentou meu tesão e eu movi meus quadris no ritmo dele, segurando firme em seus ombros. Quando percebeu que Nina ainda estava parada no lugar, Gabriel riu.

— Está gostando? Flor quer dar pra você.

Juro que não passava de uma brincadeira com provocação minha, não esperava que a *stripper* linda fosse se aproximar de mim, puxar minha nuca e me dar um beijo na boca. Gozei no pau de Gabriel enquanto retribuía o avanço da mulher e o ouvi gemer e inchar mais dentro da minha boceta. Toquei o peito dela por cima do maiô, sentindo-me pingar de tesão ao notar que o *stripper* observava a tudo com atenção.

— Porra! — ele gemeu. — Vocês estão de sacanagem comigo?

Gabriel estocou mais uma vez, fundo, e começou a gozar, movendo o pau mais devagar agora, em movimentos mais demorados, respirando com força em meu pescoço. Nina afastou o rosto, rindo baixinho e piscando para

mim, correndo os olhos entre meu corpo e o de Gabriel. Ela levou a mão no espaço entre nós e levantou a saia do meu vestido para olhar minha boceta, que ainda estava com o pau enfiado nela.

— Não a solte, Gabs. Nem saia do lugar — pediu com uma cara de safada e começou a tocar meu clitóris.

Ah, caralho! Ele obedeceu, mantendo-se dentro de mim e voltando a se movimentar, sem ter perdido a ereção. Nina manipulou meu nervo sensível com precisão, como se fizesse aquilo com maestria a vida toda, me fazendo estremecer de forma mais brusca. Meu queixo caiu quando o grito não saiu, mas mantive a boca aberta, estrangulando os gemidos, conforme a sensação intensa me dominava.

Assim, gozei novamente, sendo atingida por um orgasmo muito forte que me dominou dos pés à cabeça. Talvez fosse por conta também do local, da exposição que aumentava a libido, de toda a ocasião. Eu me senti desfalecer nos braços de Gabriel quando Nina recuou e ele me colocou no chão, beijando minha testa com carinho.

— Vê se casa com ela! — A garota se pendurou no ombro dele e beijou seu rosto antes de se afastar. — Mulherão da porra! Agora quem precisa de uma chupada sou eu. Droga!

Ela se virou e saiu da coxia, nos deixando a sós e resmungando algo pelo caminho. Encarei Gabriel, que parecia atônito, e ele ajeitou as alças tortas do meu vestido.

— Acho que sou bi — comentei, sentindo meu rosto queimar. — É muito errado querer chupar a Nina?

Sua gargalhada me fez relaxar e fui beijada quando me apertou nos braços, depois de ajeitar a cueca. Olhando-me de cima, com uma expressão gostosa, ele sorriu e balançou a cabeça.

— Nada é errado, você pode tudo no sexo.

— Já sentiu atração por outro homem? — perguntei porque sua resposta me deixou curiosa.

— Atração, não, mas também não tenho medo ou nojo. Participei de algumas orgias com mais de uma mulher e mais de um homem. Não cheguei a ter relação com nenhum, mas dividimos as mesmas mulheres. — Gabriel encolheu os ombros, alisando meu rosto com uma mão, enquanto a outra ia até minha calcinha e a colocava no lugar, sobre a minha boceta toda melada com a porra dele. — Não sinto a menor vontade de dar o cu, nem de comer um homem, mas acho que permitiria que me chupassem, por exemplo.

— Interessante...

— Não a dividirei com homem nenhum, Flor — ele avisou, muito sério. — Tenho ciúmes de você. Esquece essa ideia, se por acaso estiver pensando nisso.

Achei bonitinho que ele admitisse seu territorialismo e fiquei nas pontas dos pés para beijar sua boca.

— E com a Nina? — perguntei, arregalando meus olhos. — Não vou me apaixonar por ela nem nada.

— Foi quente, confesso. — Gabriel riu, jogando a cabeça levemente para trás enquanto eu acariciava sua nuca. — Você está se tornando uma bela de uma safada. Vai até lá, veja se Nina quer subir.

Chocada, eu recuei e o encarei com atenção, para ter certeza de que não era uma pegadinha.

CAPÍTULO 45

Gabriel

Se eu estava cometendo um erro? Não sabia dizer, mas esperava que não. A única certeza que tinha era que necessitava ver Flor feliz e satisfeita. Vivi muitas experiências sexuais minha vida toda, fodi várias bocetas ao mesmo tempo, enfileiradas para mim, chupei de todos os formatos e cores e me divertia sempre que estava dentro de uma mulher.

Mas foi alucinante ver a baixinha em meus braços sendo beijada pela Nina e demonstrando sentir tanto prazer com isso. Ela estava vivendo tudo novo, então possuía aquele fogo que contagiava, aquela necessidade de experimentar e querer mais. Eu conheci uma Flor tímida e fujona, portanto, ver a garota desabrochando e aproveitando as belezas do sexo, me deixava ainda com mais tesão.

Não conseguia ver Nina com esses olhos, nunca sequer cogitei qualquer coisa sexual com ela, mas eu não precisava participar ativamente, podia apenas observar as duas se divertirem. Por isso, falei para que a escritora fosse chamar minha amiga e subi para minha casa.

Quando minha porta foi aberta e as duas entraram na sala, senti o frio na boca do estômago. Ia mesmo acontecer, com a Nina bem ali. Nós dois nos encaramos e ela sorriu, encolhendo os ombros.

— Seu pau não vai tocar em mim, Gabriel — ameaçou, balançando as unhas longas. — Ou eu o arranco fora.

Sorri ao ver as duas de mãos dadas e pisquei para ela quando se aproximou, passando um braço pelo meu pescoço e beijando meu rosto.

— Não se importa mesmo? — perguntou num sussurro só para mim. — Não quero que fique estranho entre nós.

— Sabe que lido muito bem com isso — respondi, beijando a mão dela. — Só concordei porque é você.

Nina me soltou e sem largar a mão de Flor, caminhou com ela na direção do meu quarto. Fui atrás, apagando as luzes da sala e as observando ao pé da cama. Partiu da minha amiga o primeiro contato, beijando a boca da minha garota e deslizando o vestido para cima, que eu me aproximei e ajudei a tirar.

Pegou as mãos de Flor e as levou até sua bunda, enquanto descia a boca até os peitos pequenos que eu gostava de chupar. O gemido baixinho escapou e atrás da baixinha, eu deslizei minha mão por sua barriga, parando dentro da calcinha ensopada. A boceta estava quente, toda melada do sexo de minutos antes, e o clitóris inchadinho. Decidi dar um descanso a ele e brincar apenas em seus lábios, redescobrimo cada curvinha da região íntima, ao mesmo tempo em que via Flor tocar os seios de Nina. Esta se despiu ao levar as mãos aos ombros e puxar as alças do maiô, tirando a peça devagar até deixá-la cair pelas pernas.

Não era a primeira vez que a via pelada, afinal, não havia pudor nos camarins, mas não deixei de lançar um olhar para Nina, para que soubesse o quanto era bonita e especial. Suas mãos seguraram as de Flor e ela guiou a garota até a cama. Esperei no mesmo lugar, deixando que se deitassem sozinhas por enquanto.

— Você disse que queria me chupar, Flor — ronronou, abrindo as

pernas e revelando a boceta de lábios marrons, pele lisa e um brilho que indicava sua excitação.

Ver minha amiga nua era uma coisa, mas aberta na minha frente, era a primeira vez. Precisei me controlar para não salivar e direcionei meus olhos para o rosto dela, assim meu cérebro entenderia quem era e pararia de pensar em putaria.

Flor se virou para mim, me observando por um momento, como se esperasse por alguma coisa. Eu me aproximei, ainda de cueca, alisei os cabelos dela e sorri, meneando a cabeça e indicando que podia continuar. Ela se ajoelhou na cama e passou os braços ao redor do meu pescoço, beijando minha boca devagar. Apertei a bunda gostosinha e dei um tapa na pele sensível, ouvindo seu gritinho.

Quando aproximou a boca da minha orelha e me lambeu ali, fiquei todo arrepiado. Mas não estava esperando ouvir o que falou, com a voz toda manhosa:

— Meu botão é todo seu.

Porra! Que filha da mãe! Ela sorriu e se deitou no meio das pernas de Nina, empinando a bunda para o alto e a balançando, ao mesmo tempo em que colocava a língua para fora e dava a primeira lambida na boceta da minha amiga.

Resolvi me livrar da cueca de uma vez por todas e fui até o móvel pegar o tubo de lubrificante e a camisinha, mesmo que tivéssemos fodido sem ela na coxia. Amanhã, eu aproveitaria para mostrar meus últimos exames para Flor e até faria outro se quisesse.

— Você lambe bem — Nina disse, gemendo e se contorcendo, com o dedo médio e o indicador sendo usados para manter os grandes lábios afastados, enquanto observava o oral da minha garota. — Isso, Flor... Nossa!

Meu pau latejou ao observar as duas, a língua safada da baixinha deslizando bem no meio da boceta encharcada de Nina, e parei atrás da que estava de quatro, tocando a bunda pequena e dando tapinhas indolores no traseiro pelo qual eu estava apaixonado.

— Caralho, Gabs! Que pau enorme é esse? — Sorri, balançando a piroca para Nina, que parecia horrorizada. — Não sabia que era tão grosso.

Ela gemeu e fechou os olhos quando Flor arriscou levar um dedo para dentro da boceta, e eu aproveitei para besuntar seu cuzinho lacrado com bastante lubrificante. Roci meu polegar ali, só colocando um pouco de pressão, mas enfiei meu pau na xoxota aberta para mim. Como não estava esperando, acabou soltando um gemido alto antes de rebolar.

Puxei meus quadris e saí de dentro dela para enfiar de novo, sem deixar de usar o dedo para fazer seu cu acostumar com meu toque. Enfiei a pontinha dele pelo buraco minúsculo e o mantive ali, voltando a comer a boceta vermelha.

Vi as pernas de Nina estremecerem quando ela chegou ao orgasmo, gemendo baixinho e levando a mão até os cabelos de Flor. Estoquei gostoso observando aquela interação das duas, uma cena deliciosa de se ver, enquanto minha amiga usava a mão livre para massagear os próprios seios. Então, ela se levantou com agilidade e mudou sua posição, deitando-se de costas e entrando por baixo de Maria Flor, criando o 69 perfeito para vir lamber a boceta da minha garota. Suas mãos agarraram os quadris delicados da escritora e precisei ter cuidado para não machucar Nina quando vi seu rosto perto das minhas bolas.

Ela era experiente, sabia como agir, e logo estava com a ponta da língua para fora, lambendo Flor e arrancando gemidos dela. A ninfetinha parecia perder as forças, deixando que as mãos deslizassem pelo lençol, apoiando a

cabeça contra o vente de Nina, levando alguns tapas meus e esmagando a boceta no meu pau. Parei com as estocadas e saí de dentro dela quando meu dedo já estava inteiro em seu cu, então meti mais um, girando-os devagar.

— Porra, meu amor... — murmurei, com muito tesão. — Vou te comer muito gostoso aqui.

— No cu? — perguntou Nina, soltando uma risada. — Desse tamanho? Flor, você é corajosa.

— Cala a boca — pedi, balançando minha cabeça quando ela sorriu. — Está desocupada? Tenho algo bem grande pra te calar, se quiser.

Surpreendendo-me porque eu realmente não esperava, principalmente depois de sua ameaça ao entrar em casa, Nina passou a língua pela cabeça do meu pau. Estremeci de pavor por um instante, mas quando fechou os lábios ao redor da glândula, eu me permiti suspirar. Não consegui me mover porque era minha melhor amiga, mas quando me soltou, deu um sorriso safado e estalou a língua.

— Não pense que vai fazer garganta profunda na minha boquinha com essa rola gigante. Eu vomito em cima de você.

Gargalhei, descontraindo depois de um segundo de tensão e voltei a me concentrar na bundinha de Flor. Coloquei o preservativo no membro rígido, passei mais lubrificante e comecei a rodear a região com meu pau, mirando a entrada pequena e deixando que a glândula esfregasse ali sem que eu empurrasse.

Nina intensificou as chupadas na boceta dela agora que eu tinha parado de fodê-la, então isso ajudava bastante na minha missão, permitindo que ela relaxasse e se excitasse cada vez mais. Empurrei devagar o suficiente para que reclamasse e fechasse o cu, mas acariciei suas costas e me curvei para beijar a bunda. Brinquei com minha língua bem ali, na entrada, vendo-a

piscar e gemer de prazer. Por fim, voltei com meu pau e empurrei mais até que vi a cabeça abrindo passagem pelo orifício.

— Isso dói... — resmungou, choramingando, mas sem deixar de rebolar na cara da Nina. — Não pode ir de uma vez, GG?

— Não peça por isso, Flor — minha amiga aconselhou. — Deixa o Gabs ir no tempo dele.

— Eu vou me sujar?

Nina lançou um olhar confidente para mim e eu balancei a cabeça para ela, negando que respondesse a pergunta. Sabia que toda mulher ficava tensa pelo medo de fazer sexo anal e se cagar um pouco, e se Flor ousasse saber que poderia sim se sujar, trancaria aquele cu pra sempre.

— Tenta relaxar, amor — pedi, usando meus polegares para afastar bem suas nádegas e entrar um pouco mais.

Nem hoje, nem da próxima vez, eu conseguiria foder o cu de Flor com meu pau até o talo, porque por mais tesão que sentisse, tinha noção de que seria muito incômodo para ela. Pretendia ter calma e paciência, deixando que se acostumassem com o anal com o tempo. Por isso, conforme deslizava para dentro da bunda carregada de lubrificante, parei pela metade.

Estoquei lentamente, daquele jeito, sem colocar tudo, mas mesmo assim sentindo um prazer enorme por ter a menina só pra mim daquele jeito, sendo o primeiro homem a explorar a região. Apertei seus quadris e a comi sem pressa, o rabo pequeno e bonito sendo penetrado era uma visão e tanto. Ela gemia sem parar, misturando prazer e dor, entre estocadas minhas e chupadas da Nina, que começou a enfiar três dedos em sua boceta.

Quando senti que ia gozar, puxei meu membro, tirei a camisinha e ejaculei em cima do cu incrivelmente apertado, só pra apreciar a porra que escorria lentamente pelas pregas ligeiramente arrombadas. Fui ao banheiro

descartar o preservativo usado e quando retornei, a encontrei ainda na mesma posição, gozando com os dedos de Nina dentro da sua boceta.

— Que coisa mais linda — falei, beijando suas costas e me deitando na cama entre as duas que se esparramaram. — Você foi perfeita, Flor.

Ela estava tão sem forças que só esticou a mão até meu peito e ficou parada, letárgica, abrindo e fechando os olhos com o rabo para cima. Ao meu lado, minha amiga deitou a cabeça na minha barriga, sorrindo com cara de quem tinha gozado, e eu aproveitei para tocar os peitos bonitos.

— Tudo bem entre nós? — perguntei, observando sua expressão.

— Por mim, sim. Mas ainda tô com tesão e a Flor tá morta... — Ela suspirou, rindo.

— Não consigo me mexer, sinto muito — a ninfeta murmurou, quase desmaiada e ergueu um dedo. — Pode usar o pau do GG, eu deixo.

— Tô fora — Nina respondeu. — Tem que sentir muito tesão por ele pra sentir nesse pau gigante. Eu tenho amor ao meu útero.

— Para de reclamar e vai buscar uma camisinha. — Dei um tapa na coxa dela, que virou o rosto e me encarou. — Vai ficar com tesão incubado? Eu aguento outra facilmente.

Ela choramingou, apertando uma perna na outra e se virou de lado para mim, passando um braço por cima do meu corpo e alisando a bunda da Flor.

— Prefiro dedinhos — comentou, suspirando.

Não forçaria nada com Nina, então a deixei decidir o que quisesse e passei meus dedos pelos cabelos de Flor. Ela ergueu os olhos na minha direção e sorriu quando pisquei, então se esfregou no lençol para se aproximar do meu rosto. Beijou minha boca e desceu a mão pelo meu corpo até tocar meu pau que ainda precisava de um pouco mais de atenção.

— Que tal você sentar bem aqui no meu rosto e esfregar sua boceta melada em mim?

— Preciso de uma pausa — murmurou, franzindo os lábios. — Está tudo sensível.

— Não vou fazer nada, prometo. Só quero sentir seu cheiro.

— Droga! — Nina xingou, se levantando da cama com as mãos na cintura. — Vocês dois estão me deixando com mais tesão ainda. Vou me esfregar no seu pau, Gabs, mas não o enfie em mim!

Minha garota finalmente acatou meu pedido enquanto eu sentia a boceta quente da minha amiga roçar em meus quadris ao mesmo tempo em que Flor abria as pernas e encaixava a xoxota deliciosa no meu nariz. Ela estava suja do meu gozo na coxa, dos seus vários orgasmos e de muita saliva. Uma combinação excitante que molhou minha pele, minha barba, meus lábios e meu nariz, enquanto a menina se esfregava em mim.

As mãos de Nina apertavam meu abdômen enquanto ela se esfregava na minha piroca, rebolando e roçando o clitóris na minha pele.

— Vou gozar muito rápido — gemeu. — Ah, porra...

Prometi para Flor que não faria nada, mas foi impossível resistir e coloquei minha língua para fora, lambendo com delicadeza a boceta suculenta, que começou a babar na minha boca. Bebi tudo que ela me dava com prazer, mas sem que eu esperasse, a garota saiu de sua posição e se virou de costas para mim, aproximando-se de Nina para beijar minha amiga na boca até que ela gozasse.

Foi tudo intenso, gostoso e completamente surpreendente. Eu mesmo me deixei relaxar e descansar quando minha amiga saiu de cima de mim, apagou a luz e veio se deitar, abraçando a Flor numa conchinha sexy.

CAPÍTULO 46

Maria Flor

Acordei com um beijo nas costas e virei o rosto para ver Gabriel se jogar no colchão ao meu lado e sorrir para mim. Sentia-me exausta de verdade, toda assada entre as pernas e um incômodo na bunda, impossível de ignorar. O filho da mãe tinha passado por cima de mim como um grande rolo compressor e eu estava morta.

— Bom dia, gostosa — disse, tocando meu nariz. — Fiz café da manhã. Só não trouxe na cama porque não sou chique e não tenho bandeja.

Notei que Nina não estava mais ali, deve ter ido embora em algum momento quando eu ainda estava desmaiada, porque a resistência deles era muito melhor do que a minha.

Pensar na *stripper* fez meu rosto esquentar e deitei a testa no braço de Gabriel, gemendo baixinho pela vergonha.

— Quanta loucura eu fiz ontem...

— Não fique assim. — Ele beijou minha cabeça e me puxou para um abraço. — Somos todos adultos e tudo que rolou teve consentimento. Não há motivo pra você ter vergonha.

— Vai ficar tudo bem entre vocês dois? — perguntei ao levantar a cabeça para encará-lo.

— Claro que sim, Flor. Ontem foi só sexo. — Gabriel arqueou a sobrancelha e franziu os lábios, alisando minhas costas. — Se eu soubesse que você se arrependeria, teria evitado a noite.

— Não me arrependi! — expliquei, montando em seu corpo gostoso e beijando seu queixo. — Não foi isso que quis dizer, só é tudo novo pra mim e ainda estou digerindo. Mas gostei da noite... foi tão diferente...

— E a bundinha? — Ele tocou minhas nádegas com carinho e me causou um arrepio. — Está bem?

— Acho que sim. — Soltei uma risada e me sentei na cama quando tive que controlar a vontade de beijar sua boca, pois ainda não tinha escovado os meus dentes. — Mas posso te adiantar o aviso de que não faremos sexo anal com frequência.

Estiquei o braço para pegar meu celular que estava sobre a mesa de cabeceira, mas esbarrei sem querer no caderno que estava ali em cima e ele foi ao chão. Com a queda, um papel se soltou de dentro das páginas e parou bem aos meus pés. Meus olhos focaram com atenção o conteúdo porque havia uma foto impressa nele. Era o rosto de uma mulher loira, branca, de olhos azuis, muito parecida com...

Estreitei os olhos, peguei o papel do chão e o aproximei do rosto para ver se não estava alucinando. Aquela era a Laís e logo abaixo havia seu nome completo, CPF, RG e o endereço. No final, escrito a mão numa letra horrível, o recadinho do *hacker* amigo de Gabriel.

“Camarada, aí está o que precisava. Deu trabalho pra encontrar essa doida. Espero que a boceta da tal Florzinha valha a pena. Se ela ainda não deu pra vc, agora vai dar. Confia!”

Meu estômago embrulhou por vários motivos. Primeiro, por causa do bilhete escroto e segundo, porque não sabia há quanto tempo o Gabriel estava em posse daquela informação e não me disse nada.

— O que é isso? — perguntei, me levantando imediatamente.

— O quê? — Quando entendeu o que eu estava segurando, seus olhos se arregalaram e ele empalideceu. — Flor... Não é o que parece.

— Há quanto tempo você tem isso guardado?

— Faz uns dias, mas eu coloquei aí quando recebi, porque o Junior escreveu esse recado idiota que não tem nada a ver e eu pretendia cortar só o que interessa. Acabei esquecendo, juro.

Eu não sabia exatamente o que estava sentindo naquela hora. Não estava com raiva, mas sim triste porque me sentia mal por ter sido enganada.

— Talvez ele tenha motivos para ter escrito isso — murmurei, soltando o papel sobre a cama para pegar minha roupa no chão. — Talvez você tenha pedido para que agilizasse, pois assim ganharia pontos comigo e me comeria.

Gabriel me fitava com um olhar muito cauteloso enquanto parecia pensar no que dizer. Durante esses breves segundos, vesti minha calcinha e coloquei o vestido amarrotado, procurando pelas minhas sandálias.

— Foi só um erro de percurso — disse ao se levantar e vir até mim. — Com a rotina agitada, eu realmente esqueci de entregar o papel.

— Ou não entregou porque já tinha me comido?

— Flor, não faça isso.

Encarei ele, com o olhar ferido, e senti as lágrimas se acumularem nos meus olhos.

— Eu estava prestes a entregar o meu livro, Gabriel. Sem me sentir satisfeita com ele, mas mesmo assim, aceitando que não havia mais o que ser

feito. É o meu trabalho, poxa.

— E eu peço um milhão de desculpas por isso — murmurou, segurando minha mão e a levando ao peito. — Não entenda do jeito errado, foi sem querer.

Senti um gosto amargo na minha boca. Será que quando transei com ele pela primeira vez, o papel já tinha sido entregue? Será que ele pretendia mesmo usar a seu favor?

Terminei de me calçar, lutando para não começar a chorar na frente dele, porque me sentia sensível e insegura. Era por isso que eu tinha que ir embora.

— Onde está indo? — perguntou ele quando peguei o papel com o endereço de Laís e saí rumo à sala, passando a mão pela minha bolsa. — Flor, podemos parar e conversar como adultos?

— Não venha me tratar como criança — pedi, guardando meu celular. — Preciso ir para a minha casa, ok? Depois nos falamos.

Gabriel não veio atrás de mim e eu agradeci aos deuses por isso. Eu não conseguiria olhar para ele nem mais por um segundo, não sem chorar.

Parei por um segundo na calçada da boate e levantei a cabeça para o céu, respirando fundo, tentando recuperar o controle. Enxuguei os cantinhos dos meus olhos e respirei fundo, sentindo minha cabeça começar a latejar. Estava doendo fisicamente. As palavras do amigo dele, escritas no papel como se eu fosse uma qualquer, me machucaram mais do que sua omissão.

Quando cheguei em casa, meu celular acumulava cinco ligações de Gabriel e dez mensagens de texto que eu não quis abrir para não sentir mais nada. Precisava de um tempo sozinha para pensar no que aconteceu e tentar entender melhor.

Fiquei na minha e nem mesmo quando Laura chegou em casa no fim da tarde, eu comentei sobre o assunto, mentindo que estava ocupada com o

trabalho. Não queria ouvir conselhos, apenas ficar quieta. A parte boa de tudo isso era que Gabriel não sabia meu endereço, portanto, não seria o tipo de macho que ficaria fazendo hora extra na minha portaria, esperando para falar comigo quando eu saísse de casa.

Passei aquele dia inteiro no quarto, mais especificamente na cama, curtindo a minha fossa. Meu corpo ainda possuía as marcas do nosso sexo e eu me sentia péssima que ultimamente ele nem precisava se esforçar muito para me levar pra cama, pois eu me sentia sedenta e me jogava em seus braços o tempo todo. Tinha sido fácil, era a verdade.

Na manhã seguinte, fiquei na cama até sentir as costas doloridas e me obrigar a levantar pra fazer xixi. Encarei o meu reflexo no espelho e me senti pior ainda. Eu tinha chorado na noite passada, e não tinha sido pouco. Meus olhos estavam inchados e vermelhos.

Virei de costas e liguei o chuveiro, pois precisava de um banho para recuperar pelo menos um pouco da minha dignidade. Não demorei muito ali e voltei logo para meu quarto, jogando-me na cama novamente, com minha mente se tornando um turbilhão de pensamentos, e meu coração, um turbilhão de emoções.

Como eu tinha chorado tudo e mais um pouco na noite anterior, agarrada em meu travesseiro e abafando o barulho para que Laura não escutasse, hoje eu me sentia seca. Mesmo triste, não consegui derramar nenhuma lágrima. Fiquei apenas alimentando aquele sentimento, pensando nos meus dias com Gabriel e nos possíveis sinais que eu poderia ter visto.

Foi por volta das três da tarde que me permiti pegar o telefone e pedir comida pelo *delivery*, pois não queria ir para a cozinha. Enquanto esperava o *motoboy* chegar, decidi não perder mais tempo com meu livro. O prazo estava se esgotando e eu não queria me queimar com a editora.

Peguei o papel com o endereço de Laís que ainda estava na minha bolsa, acessei o Google Maps e procurei pela rua onde ela morava. Não era perto da minha casa, mas saberia chegar facilmente pegando o metrô e, depois, um ônibus que passava a duzentos metros do prédio dela.

Almocei com pressa para sair, pois não queria andar de noite em um bairro que não conhecia. Por volta das quatro e meia, peguei o metrô e atravessei à cidade, até o endereço de Laís. A desculpa que eu usaria com ela seria a mesma que usei com os pais de Lia. Se desse a mesma sorte, eu descobriria o segredo da ex-modelo naquele mesmo dia.

Quando cheguei ao edifício, interfonei para o número de seu apartamento e esperei. Uma voz feminina atendeu logo depois.

— Oi, boa tarde! — respondi. — Meu nome é Maria Flor, eu trabalho para a Editora Âncora e estou escrevendo a biografia da Lia Barker. Você teria alguns minutos para conversar comigo?

Do outro lado, silêncio absoluto. Depois de segundos sem resposta, eu achei que ela havia desligado na minha cara.

— Olá? — falei de novo, angustiada. Não podia perder essa oportunidade. — Laís? Está aí?

— O que você quer? — A voz tinha um tom levemente ríspido.

— Apenas fazer algumas perguntas que possam contribuir com o livro — expliquei, tentando controlar a ansiedade na minha voz. — Quem me deu o seu nome e o seu endereço foram os próprios pais da Eulália.

Achei que citar o nome verdadeiro de Lia, além de indicar que eu vim de fontes confiáveis, convenceria a mulher a abrir a porta para mim. E eu estava certa, porque segundos depois, a porta foi destravada. Subi os dois lances de escada até o apartamento de Laís, que me esperava na entrada.

Apesar de bem mais velha, ainda lembrava muito a menina na foto do

meu celular. Seus cabelos estavam curtos agora, havia várias rugas ao redor dos seus olhos azuis, e estava mais corpulenta e cansada, mas ainda era ela.

— Laís? — Estiquei minha mão, sendo gentil. — Maria Flor, escritora.

Ela estava de calça de pijamas e um sobretudo, que mantinha fechado à frente do seu corpo, mas soltou uma das mãos que o seguravam e a usou para me cumprimentar. Sorriu, simpática, mas parecia apreensiva e eu a compreendia. No lugar dela, também teria receio de abrir minha casa para uma louca qualquer.

— Pode entrar, mas não repare a bagunça.

CAPÍTULO 47

Maria Flor

O apartamento era pequeno e simples. A cozinha ficava do lado esquerdo da entrada e era minúscula. A sala possuía apenas um sofá e uma estante onde a televisão ficava. Também havia uma mesa abaixo da janela, cheia de papéis, copos e outros objetos diversos.

Ela esticou a mão para que eu me sentasse no sofá e depois se sentou do outro lado. Parecia desconfiada e desconfortável com a minha presença, me olhava atentamente, tentando me decifrar.

— Você está escrevendo a biografia da Eulália?

— Isso mesmo — respondi, sorrindo, nervosa.

— E ela não cedeu nenhuma entrevista? — Franziu a testa. — Por que você precisa de informações de minha parte?

Pensei por um segundo sobre o que falar. Eu não poderia vacilar com Laís, pois ela já estava desconfiada. Um passo em falso e me expulsaria de sua casa, então precisava ser muito cuidadosa com as palavras.

— Claro que fazemos algumas entrevistas com a celebridade em questão, mas também precisamos coletar histórias sob outros pontos de vistas, para deixar o livro mais interessante.

Ela balançou a cabeça, parecendo ter comprado a minha resposta. No

entanto, não falou nada.

— Vocês ainda têm contato? — perguntei, mesmo sabendo que não se falavam mais.

— Não, eu... — Laís gaguejou, parecendo não saber o que dizer. — A gente não se fala há muitos anos. Só sei da vida dela pela internet.

Peguei meu bloquinho de anotações cautelosamente, medindo cada reação da mulher ao meu lado, que parecia calcular todos os meus movimentos.

— Os pais da Eulália me disseram que vocês eram muito amigas quando mais jovens. Quase inseparáveis. É verdade?

Algo nos olhos de Laís me dizia que eu entrara em um assunto delicado.

— É verdade — respondeu.

Peguei meu celular e abri na foto que havia tirado da fotografia delas, do álbum que os pais de Lia possuíam, virando a tela e a mostrando para Laís.

— Lembra dessa época?

A mulher encarou a imagem e notei seus olhos se iluminarem. Sem pedir permissão, ela pegou o aparelho da minha mão e observou a foto com carinho. Se a saudade fosse uma expressão facial, seria aquela no rosto de Laís.

— Meu Deus... Nós éramos tão jovens. — Sorriu. — Acho que a gente tinha uns dezessete anos nessa foto.

— Posso perguntar por que vocês perderam o contato?

Ela levantou os olhos para mim e me fitou. O sorriso se desmanchou do seu rosto quando me devolveu o celular.

— Bom... — murmurou, se ajeitando no sofá. — Depois que Eulália conseguiu o trabalho como modelo, ela saiu do apartamento que dividíamos

na época, e foi morar com outras modelos. Sua vida ficou muito corrida, eu acho. — Laís deu de ombros. — Ela parou de mandar notícias e sumiu de vez após um tempo.

— Sumiu?

— Naquela época não existiam redes sociais, era muito difícil manter contato.

Balancei a cabeça, acompanhando a história atentamente, em busca da hora perfeita para perguntar sobre a boate.

— Tentou contatar ela depois que ficou famosa? — perguntei e a mulher negou, forçando um sorriso.

— Depois de tanto tempo, já não fazia mais sentido.

Olhei para o meu caderninho. Ali tinham algumas anotações, alguns rascunhos de coisas que eu gostaria de perguntar para Laís, tudo que vim juntando desde que comecei minha investigação.

— Vocês moraram juntas, certo?

— Por quase três anos — respondeu ela.

— Foi durante a época em que ela trabalhou na *Red Velvet*, não foi?

Ela me encarou, o olhar de desconfiança novamente em seu rosto. Eu tinha certeza de que estava chegando perto de algo e Laís sabia o que era.

— Os pais de Eulália contaram sobre a boate? — a mulher questionou, franzindo os lábios.

— A própria Eulália falou sobre isso conosco — respondi. — Ela trabalhava lá como dançarina, não é?

Laís pareceu ficar aliviada, já que devia imaginar que os pais de Lia não tinham conhecimento de sua carreira como *stripper* e *garota de programa*, por isso, desconfiou da informação.

— Ela trabalhou, sim. Foi por isso que saiu de casa e veio morar comigo.
— A mulher fitou as próprias mãos, parecendo pensativa. — Eulália não queria morar com os pais enquanto fazia esse trabalho, ela achava que não conseguiria esconder a verdade deles.

— Algo aconteceu enquanto ela trabalhava lá, não é? — perguntei, esperançosa de arrancar mais um pouco de Laís. — Algo que a mudou para sempre.

A mulher loira ficou desconfortável, mexendo muito nos cabelos. Eu estava, de fato, entrando em solo perigoso. Qualquer deslize da minha parte, seria motivo para Laís não querer estender a conversa.

— Eulália falou sobre esse... *algo*... pra você? — perguntou.

— Ela contou algumas coisas, mas eu não sei, de fato, até onde vai a história.

— O que você sabe?

Laís ainda parecia extremamente desconfiada, o que só me deixou ainda mais sedenta pela verdade. Afinal, que droga a Lia tanto escondia? A mulher na minha frente me encarou com atenção, parecendo decidir se podia confiar em mim. Eu permaneci calada porque não tinha nada a dizer. Era o final da linha.

— Você vai colocar no livro tudo o que eu disse? — questionou, estreitando os olhos.

— Depende do que você tem a revelar — respondi, sendo sincera porque não podia mentir sobre isso. — É claro que se for algo extremamente grave, eu terei a consciência de ponderar e evitar expor a pessoa. Tudo o que estou fazendo é pesquisar a história dela, mas legalmente, eu poderia usar qualquer informação, pois existem contratos assinados.

Laís pareceu ponderar e o silêncio entre nós se tornou pesado, quase

palpável. Eu me sentia muito ansiosa e estava morrendo de medo de que ela desistisse de falar. Seria frustrante finalmente ter chegado até ali, para no final de tudo, sair de mãos abanando. Nem mesmo a briga com Gabriel teria sido válida.

— Acho que preciso contar essa história tanto quanto você precisa ouvir — murmurou, finalmente, fazendo meu coração saltar na boca. — São quase quarenta anos guardando isso comigo, preciso desabafar.

— Pode confiar em mim — respondi, sorrindo e me esticando para tocar sua mão.

— A verdade é que eu não acho que a Eulália tenha perdido o contato comigo por conta da sua carreira. — Suspirou. — Acho que ela queria deixar o passado para trás e eu fazia parte dele.

Laís respirou profundamente, se preparando para contar o que tanto escondia, e voltou a me encarar.

— Eulália engravidou — declarou de repente. — Ela tinha dezenove anos quando isso aconteceu.

Olha, isso sim era uma grande novidade para mim. Meu dedo até parou de bater no caderno.

— Mas Lia não tem nenhum filho — comentei, confusa. — Ela perdeu o bebê?

Laís balançou a cabeça na negativa. Seu olhar era muito triste.

— Ela o abandonou.

Permaneci quieta por muito tempo. Tudo o que consegui fazer foi encarar Laís, tentando entender a história que ela me contava. Eu estava chocada, completamente sem fala. Um bebê abandonado. Esse era o segredo que Lia tanto queria manter longe da sua biografia, e com razão. Eu tinha cavado fundo demais atrás de uma história que era mais triste do que jamais

poderia imaginar.

— Ela... — gaguejei, ainda tentando encontrar a minha voz — entregou o bebê para a adoção?

— Abandonou na boate — confessou a mulher, encolhendo os ombros, com os olhos brilhando em lágrimas. — Simplesmente deixou lá e foi embora.

Eu estava de queixo caído porque nunca passou pela minha cabeça uma revelação como aquela. Não só um bebê abandonado, mas descartado da pior forma possível. Era... Não sei, eu não tinha muitas palavras naquele momento. Minhas mãos suavam e meu coração batia acelerado. Como usaria isso no meu texto? Seria impossível. Todos odiariam Lia Barker.

— E o pai? — Foi a única coisa que consegui perguntar.

— Foi um cara aleatório, um cliente com quem só transou uma vez. Acho que ela nem sabia o nome dele. Foi um acidente. — Laís parecia levemente inquieta, mexendo as mãos e balançando um dos pés sem parar, ansiosa. A tensão nela era tão forte que eu mesma estava me sentindo tensa. — Ela se desesperou quando descobriu a gravidez e pensou em abortar, mas eu a convenci a levar a gravidez até o fim.

Laís parecia muito nervosa e soluçou de repente, parando de falar. Podia não ser a protagonista da história, mas viveu a situação de perto e deve ter sido horrível guardar o segredo por tanto tempo. Meu Deus... Quase quarenta anos!

— Foi muito difícil, mas Eulália conseguiu chegar aos nove meses — a mulher continuou o seu relato. — Quando a barriga começou a crescer, ela pediu para sair do palco e trabalhou como *bartender*. Também parou com os programas, achei que estivesse tudo se ajeitando, dando certo. — Ela suspirou, balançando a cabeça. — Até o dia em que ele nasceu.

Eu mesma estava me sentindo péssima ouvindo tudo aquilo. Ao mesmo tempo em que me sentia chocada, queria poder confortar Laís, que parecia muito triste, como se isso a tivesse consumido por anos.

— Era um menino? — perguntei, para anotar em meu caderno e ela assentiu, enxugando uma lágrima que havia escorrido pela bochecha.

— Eulália estava no meio do expediente quando a bolsa estourou, ainda com oito meses de gestação. Parece que ela nem avisou a ninguém, se enfiou no banheiro e deu à luz na boate mesmo. — Laís balançou a cabeça e esfregou os olhos. — Não sei direito como foi. Ela me contou isso tudo quando voltou naquela madrugada, sem o bebê nos braços.

Prendi a respiração, tamanho era o impacto da história. Não me admirava que isso tenha transformado Lia para sempre, por isso parecia tão amarga quando eu a conheci.

— Sabe o que aconteceu depois?

Laís deu de ombros, limpando novas lágrimas.

— Eu só sei que entrei em choque quando ela disse que abandonou o bebê, então comecei a gritar. Disse que ela não poderia ter feito aquilo, que deveria voltar e resgatá-lo, mas Eulália não me escutou. Ela simplesmente deu às costas e foi embora. Foi a última vez em que eu a vi.

— Ela não voltou pra casa? — perguntei, exasperada. — Você não a procurou?

— Eu fui. Mais de uma vez, inclusive — contou, dando um sorriso triste. — Só que não a encontrei nem na casa dos seus pais e nem na boate. Era como se Eulália, simplesmente, tivesse desaparecido.

— E o bebê? — perguntei, curiosa e preocupada. — Você soube o que aconteceu com ele?

— Quando fui à boate atrás de Eulália, soube que o bebê tinha sido

adotado. — Laís passou a mão pelo rosto, que agora estava inchado e vermelho do choro. — Não procurei saber mais nada, porque assim como ela, eu também resolvi deixar essa história para trás.

Olhei meu caderninho e escrevi no canto da página: “*bebê abandonado*”. Embaixo, adicionei a informação de que tinha sido adotado. Talvez, eu conseguisse pegar informações a respeito disso na *Red Kinky*. Um bebê não é fácil de ignorar, a Cláudia tinha que saber de alguma coisa.

— Alguma informação a mais que seja relevante? — indaguei, pensando que já podia encerrar a conversa. — Nunca soube mesmo o nome do pai da criança?

— Não — respondeu Laís, suspirando. — Sobre esse bebê, a única coisa que eu acredito que possa te ajudar a encontrá-lo e que seja do meu conhecimento, é a data de nascimento. Ele nasceu no dia cinco de maio de oitenta e três.

Anotei a data que ela me passou, pensando que em algum lugar que ninguém sabia onde, o filho de Lia Barker tinha feito aniversário de trinta e oito anos. Será que ainda morava em São Paulo? Ou mesmo no Brasil? Qual seria o seu nome? Quem havia adotado ele? Será que se parecia com Lia?

As perguntas encheram a minha cabeça, sem respostas.

— Obrigada por compartilhar isso comigo — falei, realmente agradecida, e segurei as mãos da mulher. — Não se culpe pelo que aconteceu, você não é a Eulália e ela, apenas ela, é a única responsável por isso.

— Obrigada — murmurou, com o semblante cansado, e sorriu. — Acho que agora eu posso morrer em paz. Tinha medo de levar esse segredo para o túmulo.

Não demorei a me despedir e saí do prédio de Laís com meu caderninho

apertado entre os dedos, de tão tensa que estava. Com a cabeça cheia, resolvi pedir um *Uber* para casa, pois nem tinha disposição pra fazer o caminho de volta pegando ônibus e metrô.

CAPÍTULO 48

Maria Flor

Passei quase uma hora e meia sentada diante do meu *notebook*, pensando em como eualaria sobre o bebê na biografia. Eu simplesmente não podia. Além de ser uma história triste, aquilo acabaria com a reputação de Lia Barker. Corri tanto atrás de um furo de reportagem, que recebi uma bomba caindo em meu colo. O único jeito de eu conseguir escrever aquela história seria com um final feliz.

Olhei para a data de nascimento do bebê anotada no meu caderno. E se eu o encontrasse? Será que Lia gostaria de ganhar a oportunidade de conhecer o filho que abandonou?

Olhei para a tela do computador, pensando em como eu poderia achar a criança perdida. Pesquisar pela data de nascimento na internet seria missão impossível, pois milhares de brasileiros compartilhavam o mesmo aniversário, sem contar que ele poderia ter sido registrado com informações erradas.

Não, pesquisar não seria a solução. Nem mesmo o amigo *hacker* de Gabriel conseguiria encontrar a pessoa que eu queria somente pela data da nascimento. A única solução possível seria perguntar na *Red Kinky* sobre essa história. Eles podiam não ter conhecido a Eulália, mas o drama de um bebê

abandonado não era um caso simples de abafar. Com certeza, essa história chamaria a atenção e seria passada de boca em boca até as gerações presentes.

Como não tinha o contato de ninguém além do próprio Gabriel — e não queria falar com ele —, se eu quisesse alguma pista sobre essa criança, teria que ir até lá.

Olhei para o relógio na tela do *notebook*. Já passava das oito horas e a boate estava funcionando para o público masculino. Seria até mesmo interessante dar um pulo para entender como era o dia em que as mulheres dançavam seminuas no palco, não os homens. Parecia, também, um ótimo momento para colocar uma roupa bem maravilhosa e desfilas por lá, deixando bem claro para Gabriel que eu não estava chorando por ele.

•

O lugar ainda não estava tão cheio, mas alguns homens aguardavam ansiosos pelo início dos *shows* e eu não passei despercebida pelo ambiente. Senti-me como um pedaço de carne dentro de um embrulho preto, pronta para ser degustada, e me adiantei em cruzar o salão para acessar o corredor.

Foi diferente ver a agitação na frente do camarim, o entra e sai de mulheres lindas e seminuas, e logo a insegurança me abateu ao pensar que Gabriel lidava com elas diariamente. O tempo todo.

Por sorte, Nina me viu de longe, pois eu estava com vergonha de entrar na sala cheia. Ela se levantou e correu até mim, logo me abraçando e beijando meu rosto. Não a via desde que desmaiei de exaustão na cama, mas parecia que nada entre nós havia mudado.

— Preciso avisar que o Gabriel está surtado porque você não o responde.

— Ela me observou, alisou meus cabelos e tocou meu queixo. — Você está bem?

— Sim — respondi, sorrindo. — E não quero falar com ele por enquanto.

— Bem, vai ser difícil — Nina disse, encolhendo os ombros. — Pois o *boy* está atrás de você.

Bastou me virar para ver que Gabriel vinha andando pelo corredor, com os olhos fixos em mim. Ao contrário dos dias em que dançava, hoje estava completamente vestido, usando calça *jeans*. Meu coração traidor bateu mais forte conforme se aproximava e eu senti saudade mesmo tendo ficado pouquíssimo tempo longe dele.

— Flor...

— Vim falar com a Nina, não com você — eu o interrompi rápido e segurei a mão dela ao encará-la. — Podemos conversar?

— Não vou me meter entre vocês dois, Flor — disse ela, franzindo a testa. — Eu te adoro, mas o Gabs é meu melhor amigo e eu o amo. Converse com ele, ok?

A garota me abraçou, dando um tapa na minha bunda, depois se afastou e correu na direção do camarim. E eu nem podia culpá-la, porque acho que em seu lugar também não ficaria contra meu melhor amigo.

Senti que a porta atrás de mim foi aberta, onde era o escritório de Gabriel, e logo sua mão pousou em meu ombro.

— Eu mereço um minuto da sua atenção — murmurou, me fazendo segui-lo para dentro do cômodo.

Ele fechou a porta, mas percebi que não trancou. Quando parou na minha frente, fitou meu rosto com carinho, quase como se estivesse tentando decorar todos os meus traços para poder se lembrar depois. Talvez eu

estivesse um pouco mórbida desde que descobri sobre um bebê abandonado.

— Se ainda quiser ir embora depois de me ouvir, eu vou te respeitar, mas não posso deixar de lutar por você, porque foi a melhor coisa que aconteceu comigo.

Prendi a respiração. Meu coração, que havia se acalmado, se agitou mais uma vez dentro do peito. Suas palavras eram bonitas, mas eu ainda me sentia triste pelo que aconteceu.

— Eu juro que não fiz nada de errado. — Gabriel deu mais um passo na minha direção. — Talvez, meu único erro tenha sido esquecer de te entregar o papel, só isso. Mas não posso responder por coisas que foram escritas por um cara com quem eu nem tenho tanta intimidade assim. Eu pedi um favor, disse que era pra ajudar uma garota por quem estava interessado. Conversa de homem. — Ele estreitou os olhos, inclinando a cabeça de lado. — Lembra de sua noite com Laura, falando sobre o meu pau?

Aquela pergunta me atingiu porque me fez relembrar o dia em questão. Estávamos falando sobre sexo e sobre o Gabriel, apenas um papo inofensivo entre amigas. Entendi o ponto dele.

— Só falei que você era gata e estava interessado, mas que você fazia jogo duro e ficava fugindo demais — confessou, enfiando as mãos nos bolsos do *jeans*. — Nunca quis usar uma informação em troca de sexo, Flor. Você não foi a única a se apaixonar.

Meus batimentos cardíacos sofreram uma parada antes de voltarem ao normal, mas eu senti o impacto. Precisei recuar até que meus quadris encontrassem as costas de uma cadeira, onde me apoiei.

— Nunca foi por sexo, sabe? — disse Gabriel, lançando-me um sorriso triste. — Eu sempre tive isso o tempo todo. Só topei ajudá-la porque vi que era diferente, que valia a pena conhecer. Não serei hipócrita em dizer que não

pensava em te levar pra cama, porque é óbvio que queria muito isso, mas não era o motivo principal.

Eu o encarei, ainda mais nervosa do que antes. As borboletas no meu estômago estavam agitadas e minhas mãos coçavam com vontade de tocar aquele homem. Não imaginava que iria à *Red Kinky* naquela noite e ganharia uma declaração.

— Por que eu? — perguntei. — O que achou que eu tinha de diferente?

— Você nunca me julgou pelo meu trabalho.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e Gabriel esticou a mão, secando-a delicadamente com o polegar. Eu sabia que não deveria deixá-lo tocar em mim, mas naquele momento, não tinha mais como impedi-lo.

— Você foi o oposto de todas as pessoas que já entraram na minha vida, e eu queria mais do que tudo ter mais tempo para te convencer a ficar. Não fiz nada de propósito, mas talvez ter esquecido de entregar o papel tenha sido uma artimanha do meu inconsciente. Afinal, a única coisa que nos ligava era justamente a pesquisa sobre Lia Barker. — Ele encolheu os ombros. — Talvez você sumisse depois de publicar o livro? Não sei.

Ele estava muito perto, me rodeando, me encurralando. Eu conseguia sentir o calor do seu corpo próximo ao meu e o calor da sua mão na minha bochecha, e não havia argumentos plausíveis que me fizessem afastá-lo agora.

— Como vou saber se posso confiar em você? — perguntei, enquanto mais uma lágrima rolava pelo meu rosto.

— Não possuo nada que possa oferecer como prova de confiança, além das minhas palavras — declarou, inclinando-se para me beijar no rosto, bem perto da boca.

Logo os seus lábios tocaram os meus e eu reuni as últimas forças que

possuía em uma tentativa inútil de não retribuir, mas a minha resistência foi por água abaixo em segundos. Era patético como ele conseguia me ganhar com tanta facilidade. Seu beijo era lento e possuía tantos sentimentos envolvidos que eu me sufocava. Suspirei entre seus lábios, totalmente rendida, mas então me dei conta de que não tinha ido até ali para me render mais uma vez.

Recuei e notei a surpresa em sua expressão, cruzei meus braços e ergui meu queixo. Se me queria, seria dentro dos meus termos, não à sua maneira.

— Quando você vai me levar para sair? — perguntei. — Digo, para qualquer lugar fora de um clube de *strippers*?

Ele sorriu, convencido, alisando a nuca e passando os olhos pelo meu corpo.

— Amanhã.

— Ok. — Assenti, ajeitando meu vestido e desviando o olhar, ou eu ficaria ali dentro para sempre. — Vou mandar meu endereço por mensagem. Pode me buscar às sete da noite. Você escolhe o lugar, mas espero que me surpreenda.

Apertei seu ombro ao passar por ele e saí com pressa do escritório. Entrei direto no banheiro e escorei a cabeça na parede, seguindo um mantra para me acalmar. Inspira. Prende. Expira. Solta. Inspira. Prende. Segura. Solta. Naquele momento, minha cabeça e meu coração eram um turbilhão de emoções que eu precisava controlar.

Quando me senti melhor, sem as mãos trêmulas, molhei o meu rosto com água fria e o sequei ao me encarar no espelho. Ainda bem que não tinha passado nenhuma maquiagem ou agora estaria com os olhos borrados.

Com um último suspiro, abri a porta pronta para ir embora, mas levei um susto ao ver Cláudia parada bem me encarando com um olhar intenso. Ela

deu um passo para dentro do banheiro e bateu a porta com raiva, depois cruzou as mãos na frente do corpo e estreitou os lábios, irritadinha.

— Agora você vai aparecer também nos dias dos *shows* femininos? Não cansa de perturbar o Gabriel? Você não faz bem pra ele!

Encarei a mulher loira em choque, sem saber como lidar com ela. Sabia que Cláudia tinha Gabriel como um filho e ele a adorava. Provavelmente, ela tinha mesmo se entregado de corpo e alma ao papel de segunda mãe e só conseguia me enxergar como alguma ameaça.

— Olha, Cláudia, não estou a fim de discutir com você.

Ela deu um passo na minha direção, parecendo ameaçadora.

— Você o fez se machucar e quase estragar tudo deixando-o longe do palco — disse, com grosseria, aumentando o tom de voz. — E como se isso não fosse o suficiente, causou uma situação horrível aqui dentro, sendo drogada por um de nossos funcionários. Quase fez com que o Gabriel o matasse com suas próprias mãos. Ele ia parar na cadeia!

Eu não conseguia acreditar que estávamos tendo aquela conversa e que a mulher me tratava daquele jeito tão grosseiro. Não era possível que me odiasse tanto ao ponto de jogar toda essa culpa em mim. Ao que se referia a Rafael, era ridículo eu ser acusada de alguma coisa, quando fui a vítima.

— Primeiro, eu não sou responsável pelo temperamento explosivo do Gabriel — falei, porque não abaixaria a cabeça para aquela mulher enjoada, que nunca fez questão de me conhecer. — Segundo, não fui eu quem contratei um homem com comportamento criminoso e o coloquei para trabalhar no bar, perto de um monte de mulher que poderia se tornar vítima dele.

Cláudia estreitou os olhos para mim, parecendo ainda mais mortal. Eu tinha certeza de que me expulsaria a pontapés dali de dentro se pudesse.

— Eu ajudei a criar o Gabriel.

— Parabéns — respondi, zombando. — Quer um prêmio por isso?

Com um último olhar, passei por ela e fui em direção à porta.

— Eu quero você fora da vida do Gabriel!

— Isso eu não posso prometer — declarei, muito confiante.

Cláudia tinha um ar prepotente que me irritava, fora que realmente achava que era dona de Gabriel, um homem adulto que comandava a própria vida.

Saí do banheiro e a deixei falando sozinha, mas ao pisar no corredor, lembrei-me do motivo que me levou à boate aquela noite e retornei para falar com a mulher. Ela ainda estava parada diante do espelho quando abri a porta e coloquei a cabeça para dentro.

— Tenho uma pergunta pra você — falei, surpreendendo-a com o meu retorno. — Em cinco de maio de oitenta e três, Eulália Barros, dançarina da *Red Velvet*, abandonou um bebê recém-nascido aqui dentro deste banheiro, e desapareceu. Você sabe alguma coisa sobre isso?

Eu olhava diretamente para Cláudia quando fiz a pergunta e isso me possibilitou ver o momento em que todo o seu corpo enrijeceu. Seus olhos se arregalaram numa expressão de pavor, em seguida, foram substituídos por uma expressão ilegível, como se não houvesse nenhum sentimento em sua alma. Como se fosse vazia por dentro.

— Eu não sei do que você está falando — declarou.

— Tem certeza? — perguntei. — Você estava aqui nessa época, não estava?

A mulher se agitou, inquieta, abrindo a torneira e molhando as mãos, depois usando o sabonete. Seus olhos, em momento algum, se dirigiam a

mim.

— Não tenho mais nada para discutir com você, garota.

Então, Cláudia passou rapidamente por mim, esbarrando em meus ombros, e saindo apressada do banheiro. Estava bem claro que sabia de alguma coisa, mas escondia a história porque havia muito mais por trás disso do que eu imaginava.

CAPÍTULO 49

Maria Flor

Cabelos soltos, maquiagem básica, boca vermelha, vestido preto e um salto baixo. Eu estava bonita, mas não de forma exagerada. O ponto certo para que Gabriel não achasse que estava tão animada com o encontro, mas que também não pensasse que eu não dava a mínima.

Os últimos acontecimentos tinham acalmado meu coração de alguma forma. Eu acreditava nele quando dizia que não era sobre sexo, que realmente gostava de mim. Além disso, no fim das contas, eu tinha descoberto a verdade que tanto procurei. Seria justo comigo mesma ignorar os meus sentimentos por Gabriel e acabar com tudo por uma besteira?

O elevador se abriu, e eu saí pelo *hall* de entrada. Assim que passei pelo portão do prédio, a primeira coisa que vi foi o homem gostoso encostado em sua moto, usando uma camisa social preta, as mãos nos bolsos, esperando por mim. Consegua ser lindo e irresistível mesmo ao lado de veículo que eu tanto odiava.

Ele deu um passo na minha direção e me fitou intensamente. Havia um brilho nos seus olhos, um encanto que estava além da minha compreensão.

— Você está linda. — Sorriu e estendeu a mão para mim.

Hesitei por um segundo, mas então a aceitei e deixei que me ajudasse a

montar na sua garupa antes de colocar o capacete em minha cabeça. Eu me segurei em seu corpo assim que se sentou e ligou o motor, lembrando como foi logo que o conheci e precisei aceitar uma carona. Naquela época, parecia absurdo pensar em me relacionar com aquele homem.

— Para onde vamos? — questionei porque estava no escuro, não fiquei sabendo nada a respeito do lugar para onde me levaria. Nem sabia se tinha me vestido de forma adequada.

— Surpresa — respondeu todo misterioso.

Controlei a ansiedade enquanto Gabriel pilotava pelas ruas de São Paulo à noite, costurando pelo trânsito e me fazendo infartar cinquenta e seis vezes pelo trajeto. Quando finalmente parou no Parque Ibirapuera, eu fiquei sem entender o que fazíamos ali. Ele pretendia me levar para um piquenique no meio da noite?

Segurando minha mão, minha companhia me guiou na direção de um dos prédios do lugar, que devia ter uns seis ou sete andares. Não sabia dizer com precisão porque sua arquitetura era muito moderna, mas eu pouco conhecia o Parque, não tinha o costume de visitá-lo. Passamos pelas portas automáticas de vidro, depois pelas catracas, e por fim, pegamos um dos elevadores. Estranhei que não tenha falado nada para o funcionário que estava na recepção, mas como não fomos barrados, deixei a questão para trás.

Era um prédio comercial e eu não entendia muito bem o que fazíamos ali. Estava tarde, passavam das dez da noite, portanto, éramos os únicos transitando pelo lugar. Muito sinistro.

— Vou explicar — disse ele, dentro do elevador. — Eu queria poder levá-la para jantar onde você pudesse apreciar a vista mais linda da cidade, só que todos esses restaurantes são caros demais para um mero *stripper*. Também é difícil conseguir uma reserva em cima da hora, visto que são

lugares muito disputados. Mas tenho um amigo que trabalha como segurança noturno deste prédio, que é a Fundação da Bienal de São Paulo, e lá no terraço, a paisagem é incrível.

Então, saímos do elevador no que indicava ser a cobertura, e mesmo assim Gabriel me fez passar pela porta que dava acesso às escadas, puxando-me para mais um andar acima e parando diante da última saída. Ele arregalou os olhos com um sorriso deslumbrante e a empurrou de uma vez.

Havia uma mesa redonda com duas cadeiras, pisca-piscas pendurados para todos os lados e, em um cantinho, uma tenda feita de lençóis, com panos, travesseiros e cobertas no chão. As luzes e a decoração, por mais que fossem simples e, claramente, tivessem sido preparadas por Gabriel, estavam perfeitas, ornando com a noite.

— Isso é incrível, GG — comentei, emocionada.

— Não queria te levar a um lugar qualquer.

Eu não tinha pretensão nenhuma de perdoá-lo facilmente, mas a verdade é que já tinha o perdoadado há muito tempo. Não poderia fazer diferente, não quando Gabriel olhava para mim daquele jeito. Não quando fazia surpresas como aquela. Ele estava mesmo se esforçando para me conquistar.

— Eu amei — confessei, olhando o parque à noite, todo lindo.

Gabriel puxou a cadeira para mim e se sentou à minha frente. Em cima da mesa, havia dois pratos, duas taças, uma garrafa de vinho tinto, e uma bandeja grande, no centro, coberta com uma tampa redonda.

— Também fiz o jantar — disse, puxando a tampa e revelando um risoto de camarão. — Estou devendo muitos favores, principalmente porque pedi ao Diego para manter a comida quente.

Fui invadida por um cheiro delicioso e meu estômago roncou em protesto. Eu sabia que Gabriel era bom na cozinha e imaginava que o risoto

estaria uma delícia, mas quando provei, fui ao céu e voltei. O gosto estava tão bom quanto o cheiro, e o vinho deu o toque final.

— Eu nem sei o que dizer — murmurei, sem conseguir me conter de felicidade.

— Não podia errar com você de novo, Flor — disse, tocando minha mão por cima da mesa. — Estou mesmo apaixonado, não quero perdê-la.

— Não vai — respondi, mastigando um camarão gigante. — Nossa, isso está divino!

Ele sorriu, orgulhoso, bebendo um pouco de seu vinho sem nunca tirar os olhos de cima de mim. A gente tinha tanta coisa pra conversar, considerando que não deu tempo de curtir aquele pós-sexo maravilhoso. Confesso que estava ansiosa para terminar de jantar e ir conhecer a cabaninha montada ali do outro lado do terraço.

— Posso perguntar se conseguiu encontrar a Laís? — Notei a curiosidade em seus olhos. — Espero que o meu esquecimento não tenha prejudicado nada no seu trabalho.

— Ah, eu a encontrei sim. — Bebi meu vinho e respirei fundo. — E a descoberta não foi como esperava. A Lia Barker engravidou naquela época e abandonou o bebê lá na *Red Kinky*. Ou melhor, na *Red Velvet*.

Gabriel enrugou a testa num misto de choque, surpresa e horror. Assim como eu, ele não esperava uma história tão dramática.

— Pelo visto, você não sabe nada sobre isso, não é? — perguntei só para me certificar, mas apostava que nada nunca chegou aos ouvidos dele. Se alguém escondia alguma coisa, era a Cláudia.

O Mister Sex gostoso balançou a cabeça na negativa, ainda chocado com a revelação. Eu estava mesmo perdida, porque me sentia voltando à estaca zero por causa de uma história que deve ter sido abafada há décadas.

— O que vai fazer agora? — Gabriel perguntou.

— Como assim?

— Não pode colocar na biografia que a mulher simplesmente abandonou um filho. Ela vai ser cancelada e com razão.

— A não ser que eu o encontre — sugeri, sorrindo.

Gabriel arqueou uma sobrancelha.

— É um menino?

— Agora ele é um homem — respondi, animada para meus próximos passos.

— Flor, não acha que está indo longe demais só por uma biografia?

Talvez Gabriel estivesse certo e eu estivesse me matando por uma história que nem era da minha conta, mas não era capaz de ignorar algo assim. Minha curiosidade não me deixaria em paz, havia chegado muito longe para desistir logo agora.

— O que fará se encontrar o cara? Acha que a Lia vai gostar?

— Eu não sei, mas tenho uma intuição. — Curvei-me para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Apesar de tê-la achado muito ríspida, também percebi que havia algo no ar. Ela parecia triste, sabe?

— Isso não me comove. Abandonar um bebê dentro de uma boate? Não consigo sentir pena de alguém que faz isso.

— Eu sei, mas... — fiz uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. — E se a Lia se arrependeu? A gente não sabe o que ela vivia na época, o que passava em sua cabeça, o tipo de pressão que sentia, pois era muito nova. As pessoas podem se arrepender, faz parte do aprendizado da vida.

Os pelinhos dos meus braços se arrepiaram completamente quando “*Your Song*”, de Elton John, começou a tocar no aplicativo que Gabriel tinha

ligado. Ele sorriu quando percebeu que me afetei, e se levantou, esticando a mão na minha direção.

— Me concede essa dança?

Respirei profundamente e estendi minha mão para ele. Seus braços me envolveram e colaram nossos corpos, bastando só isso para sentir minha pele esquentar. O rosto másculo e bonito estava próximo ao meu, e uma de suas mãos pousou em minha bunda. Fui conduzida devagar, sentindo-me muito leve com a pegada gostosa de Gabriel, até meu coração estava batendo com calma.

Ele apoiou uma mão na minha perna e outra na base dos meus quadris, jogando-me para trás e se curvando na minha direção. Enquanto me sustentava naquela posição, seus lábios passearam pelo meu pescoço e abriram caminho até meus seios com beijos molhados. Suspirei enquanto o meu corpo todo reagia a ele, e o calor me tomava por completo, atingindo o meio das minhas pernas com violência.

Lentamente, Gabriel me puxou de novo para cima, me prendendo com força contra seu corpo. Ele lambeu meus lábios, abrindo-os com a sua língua macia e quente, e eu me perdi no beijo. Agarrei seu rosto com minhas mãos, trazendo-o ainda para mais perto de mim, sedenta por ele inteiro. Seu perfume me deixou embriagada e sua boca tinha gosto de vinho tinto. Irresistível.

As mãos pesadas subiram o meu vestido até a cintura, e pousaram nas minhas nádegas, me apertando delicadamente, depois com brutalidade. Senti o volume em sua calça pressionar meu ventre e me esfreguei contra ele sem pudor algum. Enquanto o nosso beijo ficava cada vez mais intenso, Gabriel agarrou minhas coxas, uma de cada lado, e me puxou para seu colo. Entrelacei minhas pernas ao redor da sua cintura com força, pressionando o

seu pênis contra a minha vagina.

— Preciso sentir sua boceta com meu pau — sussurrou com urgência.

Gargalhei com toda a ausência de romantismo daquela frase, que combinava zero por cento com o cenário montado por ele mesmo. Gabriel sorriu comigo e me carregou na direção da cabaninha que seria usada por algum tempo aquela noite, pois eu tinha contas a acertar com o Mister Sex.

•

Eu andava pela sala de Gabriel, vestida só com a sua camisa, enquanto esperava ele terminar de tomar banho. Havia uma mesa de vidro no canto perto do sofá com vários porta-retratos e fotografias que havia percebido antes, mas nunca tinha realmente parado para observá-las. Num dos registros, Gabriel e Nina apareciam bem mais novos, abraçados e sorridentes. Em outro porta-retrato, havia a foto de uma mulher morena, de cabelos curtos, olhos escuros e muito bonita. Sabia que era a mãe de Gabriel porque havia outra foto dela abraçada com ele, que devia ter uns três aninhos.

Ele me flagrou com a foto na mão ao sair do banheiro e se aproximou, sem se dar ao trabalho de usar uma toalha para cobrir o corpo nu.

— Sua mãe era linda — comentei, colocando o objeto no lugar. — Você nunca me disse como ela faleceu.

— Foi um derrame. Ela era cardíaca, fumante e hipertensa... O quadro inteiro se complicou rapidamente.

— E o seu pai?

Gabriel suspirou atrás de mim. Senti seu peito subir e descer contra as minhas costas e soube, imediatamente, que era um assunto complicado. Até

me arrependi de perguntar porque nem todo mundo gostava de falar sobre problemas familiares, mas notei que ele estava tranquilo quando tocou minha cintura e me abraçou, apoiando a cabeça no meu ombro.

— O homem que engravidou a minha mãe, sumiu do mapa quando soube que ela estava grávida — havia rancor na voz de Gabriel.

— Eu sinto muito — murmurei, tocando sua mão.

— Não sinta, pois foi um livramento. Além disso, eu nunca precisei de um pai. Tive duas mães.

Eu sorri, pois apesar de não gostar de Cláudia, achava bonita a relação dos dois, que ainda possuíam uma sociedade e administravam a boate muito bem. Na noite anterior, enquanto conversávamos dentro da cabaninha no Ibirapuera, Gabriel me contou sobre a reunião com o figurão da nata da sociedade paulistana, que tinha proposto uma sociedade a eles, e eu fiquei muito feliz em vê-lo prosperar.

— Imagina só se seu pai visse você hoje — falei, sorrindo e virando-me de frente para Gabriel. — O *stripper* mais famoso de São Paulo.

— Flor... — Ele riu, revirando os olhos. — Não acho que esse título seja algo que dê orgulho para um pai.

Apoiei meus braços em seus ombros e dei um selinho na boca bonita.

— Eu me orgulho.

Gabriel me encarou e eu vi em seus olhos que não esperava aquela resposta, mas tinha significado muito grande para ele.

— Isso é ótimo — murmurou depois de pigarrear e ficar com o rosto vermelho, coisa que só acontecia comigo. — Então não vai ter problemas em aceitar me namorar, não é?

Abri e fechei a boca, chocada, sendo pega totalmente de surpresa. Meus

pés saíram do chão quando Gabriel me ergueu no colo, apertando minha cintura e mordiscando meus lábios.

— Não é problema nenhum — respondi. — Achei que nunca fosse perguntar.

Um sorriso se abriu lentamente em seus lábios e ele me beijou com intensidade. Quando percebi que me carregava na direção do quarto, apertei seus ombros e pulei de seu colo o quanto antes. Não tinha voltado para casa desde que ele me buscou para jantarmos e eu ainda precisava trabalhar.

— Nem pensar eu vou me deitar nessa cama com você — avisei, pegando minhas sandálias e me preparando para trocar de roupa. — Preciso ir embora.

— É, eu sei. — Ele levou a mão ao peito e fechou os olhos, mas era puro drama, afinal, mais tarde ele mesmo desceria para seu trabalho. — Quando minha sociedade com Arthur Salazar me tornar muito rico, eu a contratarei para ficar o dia todo escrevendo pelada em meu quarto.

Ri ao imaginar a cena, mas confesso que não reclamaria de passar vinte e quatro horas nua à disposição do corpo de Gabriel. Claro, se eu conseguisse viver fazendo apenas fotossíntese.

Coloquei minha roupa da noite anterior, joguei meu celular dentro da bolsa e encarei o homem à minha frente. Então, me lembrei de algo importante, agora que tinha um namorado.

— Qual o seu signo? — perguntei.

— Touro. — Gabriel tocou meu rosto, beijando primeiro a minha testa, depois, a boca.

Hum, touro. Eu faria questão de pesquisar a nossa sinastria amorosa, não que acreditasse veemente nisso, mas achava interessante.

— Caramba, seu aniversário já passou?

— Sim, Flor. Você perdeu porque não queria falar comigo na época. — Senti a zombaria na voz dele, mas me penalizei por isso, por ter perdido a oportunidade de estar perto. — Anote para não acontecer de novo. Faço aniversário no dia cinco de maio.

Meu coração parou de bater por um instante ao ouvir aquelas palavras pronunciadas de forma tão ingênua. Cinco de maio. O mesmo dia do nascimento do filho abandonado de Lia Barker. Fiz um cálculo mental bem rápido, lembrando que o bebê nasceu em oitenta e três, o que significava que ele hoje teria... trinta e oito anos.

Não! Não podia ser. Aquilo não podia ser possível. Gabriel possuía uma mãe, eu vi a foto dela alguns minutos atrás lá na sala. Ele tinha acabado de me contar que o seu pai abandonara a mãe grávida. Ela engravidou, não foi adoção. Ele era seu filho biológico. Ou não era?

Encarei Gabriel, que vestia a sua cueca alheio a tudo o que estava se passando na minha cabeça conturbada. Minhas mãos começaram a tremer, e as perguntas bombardearam a minha mente sem parar. Era uma coincidência?

Lembrei da reação de Cláudia no dia anterior, quando eu perguntei sobre o bebê, e agora tudo fazia sentido. Não era uma coincidência coisa alguma. O bebê tinha sido abandonado naquela mesma boate, trinta e oito anos atrás, naquela mesma data. A boate da qual a mãe de Gabriel era a dona. Todas as informações batiam.

CAPÍTULO 50

Maria Flor

Fazia exatamente uma hora que eu estava com o computador aberto, encarando na tela uma foto de Lia e outra de Gabriel, lado a lado. Eles não se pareciam, talvez por isso eu não cheguei a cogitar essa hipótese quando descobri sobre o abandono.

Lia era muito branca, enquanto Gabriel tinha a pele mais escura. Além disso, os traços da mulher eram mais delicados, enquanto o filho tinha traços mais fortes. Apenas as bocas eram semelhantes, mas aquele era um detalhe que eu nunca repararia. Gabriel devia ser a cara do pai, que nem mesmo ele nunca conheceu.

Pela milésima vez, eu respirei fundo e passei a mão no rosto, sem saber o que fazer. Tinha saído alarmada de sua casa, sem voz ou coragem para dizer a ele o que acabara de descobrir. Revisei todos os fatos novamente, tentando achar uma brecha ou um furo que me dissesse que estava errada, mas eu não estava. Era tão óbvio quanto dois mais dois é igual a quatro. O filho abandonado de Lia *era* o Gabriel.

Meu coração apertou novamente. Eu sempre ficava angustiada quando pensava nele e na reação que teria ao ouvir a verdade. Meu namorado nem ao menos sabia que tinha sido adotado, o que por si só já seria um choque.

Somar isso ao fato de que foi abandonado dentro de um banheiro, teria um efeito devastador.

Fechei o computador e me joguei na cama, completamente perdida. Eu deveria trabalhar e terminar o livro, mas era incapaz de parar de pensar nessa história absurda. Nem o meu emprego em risco era suficiente para me fazer sair daquele limbo. Eu contava ou não contava? Gabriel merecia a verdade, mas e o que viria em seguida? E se eu destruísse a vida dele ao contar tudo? E se eu destruísse o amor que ele sentia pela única mãe que conheceu?

Dei graças a Deus quando Laura chegou em casa do trabalho e fui alugar o ouvido dela, compartilhando todos os detalhes da história. Não deixei nada de fora, falei até mesmo da nossa noite de sexo com Nina, mesmo que não tivesse relação nenhuma com minha descoberta. Quando finalmente terminei, ela fez um minuto de silêncio.

— Eu estou tão chocada que nem sei o que dizer. — Revirou os olhos.
— Ou melhor, sei sim. Você tem que contar a verdade para o Gabriel.

— E se eu acabar com a vida dele?

— Você não vai acabar com a vida de ninguém, Flor.

— Mas Gabriel ama tanto a mãe dele — choraminguei, cheia de medo.
— Ele é tão feliz com a vida que tem... Fico receosa de estragar tudo.

— Não acha que ele tem o direito de saber a verdade, e decidir por conta própria o que vai fazer com isso?

Sim, Laura tinha toda razão. Eu não podia esconder algo tão importante de Gabriel, começar um relacionamento já guardando segredos, por isso, decidi que contaria da próxima vez em que o encontrasse, que seria hoje mesmo. Como a noite era aberta ao público masculino, meu namorado queria ficar em casa para que a gente se curtisse.

Nosso início de relação estava sendo muito gostoso, apesar da nossa

diferença de idade. Porque mesmo que fosse todo intenso em cima de um palco, na rotina ele era um cara tranquilo e caseiro. Gostava de ver filme ou ficar deitado na cama jogando conversa fora. Não fazia eu me sentir inferior por ser muito mais nova e nem eu o considerava velho de mentalidade.

Quando cheguei na *Red Kinky* naquela quarta-feira, ansiosa para vê-lo e abraçá-lo, meus planos foram invertidos quando Cláudia cruzou o meu caminho. Pude ver em seu semblante que continuava detestando a minha presença, mesmo depois de Gabriel ter contado sobre o nosso namoro.

— É o Gabriel, não é? — perguntei de forma bem direta, sem dar tempo para que pensasse.

Sua postura se tornou rígida, claramente na defensiva, mas seus olhos estavam transparentes como vidro. Cláudia sabia exatamente sobre o que eu estava falando e não demorou muito para começar a se fazer de sonsa.

— Eu não sei que pergunta é essa.

— O filho abandonado da Lia Barker. É o Gabriel.

A loira travou, acuada, olhando para todos os lados. Eu conseguia ver as engrenagens trabalhando em sua cabeça, tentando, desesperadamente, encontrar uma rota de fuga. Em seguida, ela sorriu com deboche.

— Você está louca?

Movimentou o peso do corpo de uma perna para a outra, claramente desconfortável. Por sorte, a casa ainda não estava muito cheia e não havia tanta gente em volta para ouvir aquela conversa.

— Não adianta negar, eu descobri tudo. — Diminuí o espaço entre nós ali no corredor, em forma de ameaça, porque eu sabia que a mulher estava apavorada. — Como conseguiu mentir por tantos anos?

Ela cerrou os punhos ao lado do corpo e ergueu ainda mais a cabeça, deixando claro para mim que eu não conseguiria amedrontá-la. Havia raiva

em seu olhar e eu me preocupei que nunca admitisse a verdade.

— Quem você acha que é para chegar aqui e me julgar? Eu conheço Gabriel a vida toda.

— Ele merece saber a verdade — respondi, encostando-me na parede.

— Gabriel é filho da mãe que o acolheu depois de ele ter sido abandonado como se não fosse nada! — disse, prendendo os dentes com força e estreitando os olhos na minha direção. — A Eliza é a mãe dele de verdade, não a Eulália! Foi ela quem deu uma família para o Gabriel. Ela quem deu amor para ele.

Uma lágrima escorreu dos olhos de Cláudia, e eu me senti horrível por isso. Ela claramente amava muito o Gabriel e se importava com ele mais do que tudo. Não era meu papel chegar apontando o dedo na cara de ninguém daquele jeito, mas ele precisava saber.

— Ninguém está dizendo o contrário — tranquilizei-a erguendo minhas mãos. — A Eliza é a mãe do Gabriel e sempre vai ser, mas esconder a origem dele, não é certo.

O corpo de Cláudia pareceu relaxar um pouco, e a carranca de ódio em seu rosto diminuiu levemente. Seus ombros caíram, e ela, de repente, pareceu mais triste do que tudo.

— Eliza sempre teve medo de contar. Como faz para dizer a uma criança que ela foi abandonada pela própria mãe?

Meu coração apertou no peito e eu me peguei sentindo compaixão pelas duas mulheres. Guardar esse segredo por trinta e oito anos não devia ter sido fácil.

— Gabriel se tornou um adolescente e a Eliza ficou com medo de contar a verdade e ele se rebelar. Você sabe como os adolescentes podem ser, não é? — Seu olhar se perdeu enquanto contava, lembrando da história de uma vida.

— E depois... depois ele era adulto e a Eliza teve medo de que nunca fosse perdoá-la por esconder isso por tanto tempo. E então era tarde demais, pois ela se foi. Minha melhor amiga de uma vida inteira.

As lágrimas escorriam pelos seus olhos e eu me vi chorando junto com Cláudia. Não conseguia imaginar como seria para a mãe adotiva ter que viver eternamente em dúvida sobre contar ou não a verdade para uma criança adotada. O medo da rejeição devia ser algo comum a todas.

— Eliza não podia ter filhos e se apegou ao bebê, então entrou com o processo de adoção legal e se tornou a mãe de Gabriel — murmurou, ainda com o olhar longe. — Ele vai me odiar para sempre se eu contar isso.

Concordava com ela, mas acreditava que esse ódio seria passageiro. Gabriel tinha todo o direito de sentir raiva e se revoltar ao descobrir a verdade, mas sabia que ele era dono de um coração enorme. Em algum momento, entenderia que o segredo não era de Cláudia para que ela o revelasse. Ele a perdoaria, sim. Pelo menos, era isso que eu gostaria de pensar, porque se Cláudia recuasse e se acovardasse, eu mesma contaria tudo o que havia descoberto.

CAPÍTULO 51

Gabriel

Estava dentro do mercado comprando algumas coisas para repor na geladeira quando Flor me mandou uma mensagem de texto, pedindo a minha opinião sobre uma crise com a amiga dela, a Laura. Precisei parar de caminhar com o carrinho pela loja, para ler e responder sua pergunta.

Maria Flor: *“Se você descobrisse que uma pessoa que ama muito está sendo enganada, contaria a verdade pra ela?”*

Gabriel: *“Acho que todo mundo merece a verdade.”*

Maria Flor: *“E se a verdade destruir a pessoa?”*

Parei para pensar no assunto, porque devia ser alguma coisa muito pessoal a respeito da garota. Tentei ser o mais sincero possível, com algum cuidado para não dar conselho errado.

Gabriel: *“A verdade, às vezes, pode ser dolorosa, Flor. Mas a mentira é*

sempre covarde.”

Maria Flor: *“Não acha que algumas mentiras fazem bem?”*

Gabriel: *“Olha, não sei do que se trata, mas se fosse eu no lugar de Laura, gostaria que fosse sincera comigo.”*

Maria Flor: *“Independentemente do quão devastadora a verdade possa ser?”*

Gabriel: *“Sim.”*

Ela não respondeu mais e eu pude terminar de fazer as compras, porque ainda queria chegar em casa e pensar em algo legal para cozinhar no jantar, visto que passaria a noite comigo. Estava vivendo, pela primeira vez, a experiência de ter uma pessoa ao meu lado que não passasse apenas de uma transa rápida. Nunca imaginei que me apegaria tão rápido àquela ninfetinha linda, mas a verdade era que estava rendido. Totalmente. Apaixonado. Pronto para fazer o que me pedisse.

Queria viver tudo de um relacionamento com a Flor e gostava que a garota estivesse tão empolgada quanto eu. Até comecei a pensar mais no futuro, no meu trabalho, e andei conversando com Cláudia a respeito da proposta de Arthur Salazar. Achava que chegara a hora de arriscarmos e tentarmos algo novo, e minha sócia estava me apoiando a aceitar a sociedade.

Depois de colocar o vinho para gelar e preparar os itens para cozinhar a receita do salmão com ervas finas, decidi descer à boate para falar com

Cláudia e avisar que se precisasse de mim, poderia me chamar. Eu ainda devia um grande favor a ela por ter tomado as rédeas no caso de Rafael, mesmo que nada tivesse acontecido com ele — principalmente porque Flor não quis prestar queixa depois que o infeliz a enviou uma mensagem se desculpando e dizendo ter se arrependido. Era fácil pensar assim, porque devia estar com medo de algo pior lhe acontecer. Como minha namorada tinha o coração muito mole, só pediu para que ele nunca mais a procurasse e sumisse de nossas vidas.

Eu não sabia que ela já tinha chegado na boate, mas ao terminar de descer a escada, antes de acessar o corredor, ouvi sua voz em uma discussão com a minha sócia. Também ouvi o meu nome ser dito, por isso, parei no lugar, confuso, tentando entender do que estavam falando.

— Eu não vou deixar você contar nada pra ele! — gritou Cláudia. — Você não vai acabar com a vida do Gabriel!

— Não, eu não vou. — Foi a voz de Flor soluçar. — Quero que você conte, pelo bem da relação de vocês dois.

— Eu não vou deixar você estragar a vida dele! — Cláudia gritou de novo.

— Pare! Cláudia, pare!

Parecia que alguma briga estava acontecendo e eu decidi me meter, terminando de descer e encontrando minha sócia estapeando a Maria Flor, que estava acuada contra a parede, protegendo o rosto.

Segurei a loira pela cintura e a afastei da minha namorada que era bem menor, então parei no espaço entre as duas, tocando o rosto de Flor e observando se estava machucada. Havia um pequeno arranhão em sua bochecha, mas nada grave.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? — pedi,

irritado, porque não esperava separar uma briga entre as duas mulheres importantes na minha vida. — Cláudia, essa sua implicância com a Flor está indo longe demais.

Minha sócia estava chorando, com os olhos vermelhos e a maquiagem borrada. Ela se aproximou e tocou meu rosto com mãos trêmulas, alisando minha bochecha.

— Eu não vou deixar essa menina acabar com a sua vida!

— Isso sou eu quem decide, ok? — falei e me virei para Flor. — Do que Cláudia está falando? O que as duas estão me escondendo?

Minha namorada enxugou os cantos dos olhos, parecia mais nervosa como eu jamais vi. Ela levou as mãos ao rosto e o tapou por um segundo, em seguida, tocou meu peito com o semblante fechado, pesado, como se carregasse algo grande nas costas. Imediatamente, eu me lembrei de nossa conversa por mensagem e segurei seu queixo em meus dedos.

— Flor, se existe algo que eu preciso saber, diga agora — pedi, lançando um olhar bem sério para ela.

— Não se atreva a contar! — Cláudia gritou em minhas costas, mas eu não me virei para ela, continuei encarando Maria Flor.

— Contar o quê? — insisti.

Flor começou a chorar e eu já estava nervoso por todo aquele mistério. O que estavam escondendo de mim que poderia causar uma briga entre as duas? Pensei as piores coisas, inclusive, que Cláudia tinha flagrado a Flor fazendo algo errado. Ou que Flor tivesse visto Cláudia cometendo algum crime dentro da boate. Todas as hipóteses absurdas passaram pela minha cabeça.

— Gabriel, lembra quando eu comentei sobre a Lia Barker ter dado à luz aqui no banheiro da boate? — a minha garota questionou, mordendo o lábio, e eu assenti. — Isso aconteceu no dia cinco de maio de oitenta e três. O bebê

que foi abandonado... é você.

A confissão não fazia o menor sentido para mim. Eu não fui uma criança em lar adotivo nem nada, eu me lembrava de toda a minha infância ao lado da minha mãe.

— Lia deu à luz a um menino dentro do banheiro e foi embora, deixando o bebê para trás — disse, tocando minha mão. — Eu só me liguei que podia ser você quando descobri sua data de nascimento, sem querer, naquele dia em que conversamos sobre isso. Então, decidi arrancar a verdade de Cláudia, porque ela mais do que ninguém saberia a verdade sobre aquele dia cinco.

Virei a cabeça para trás, lançando um olhar para a mulher que ajudou a me criar e era minha sócia. Seu rosto estava banhado em lágrimas e a mão tapava a boca, trêmula.

— Cláudia confessou que sua mãe Eliza não podia ter filhos, então decidi ficar com você e adotá-lo pelos meios legais — Flor continuou.

Comecei a sentir uma letargia pelo meu corpo, uma das poucas coisas que ainda não estava anestesiada era a minha mão que minha namorada apertava.

Esperava que Cláudia começasse a gritar e chamar a Flor de mentirosa, pedir para parar de inventar loucuras, mas o silêncio e o choro dela eram provas suficientes de que havia verdade nas palavras ditas. Por isso, senti um vazio inexplicável consumir meu peito e precisei me encostar à parede, enquanto tentava assimilar tudo o que ouvi.

Flor tinha ido a fundo atrás de qualquer história sobre Lia Barker e não descansou enquanto não descobriu a verdade sobre o bebê. Eu me lembrava do seu choque ao me contar sobre a descoberta, mas em momento algum passou pela minha cabeça que *eu* fosse a criança em questão. No entanto, tudo fazia sentido. As datas batiam.

— Sinto muito — murmurou minha namorada, alisando meus dedos. — Você quer subir?

Não, eu precisava da confirmação saindo da boca da única pessoa que vivenciou aquele dia fatídico. Virei-me de frente para Cláudia, que chorava em silêncio e me olhava com pavor estampado no rosto.

— Você sempre soube? — perguntei.

Sentia um pouco de raiva me consumir e precisei cerrar meus punhos com força. Raiva por ninguém ter pensado em me contar aquela merda.

— Por que nunca me contou? Minha mãe morreu há anos, você não achou que já estava bom para me contar a verdade?

— Ela me fez prometer, Gabriel... — sussurrou em meio às lágrimas, soluçando e fechando os olhos. — O direito era todo dela, eu não tinha... Eu não podia passar por cima de sua vontade depois de morta. Ela o amou tanto...

Eu a amei sempre. Cada dia da minha vida. Minha mãe e eu sempre fomos muito próximos, unidos e amigos. Não fazia sentido ela ter achado necessário esconder a verdade de mim, pois eu jamais viraria minhas costas e a renegaria como minha verdadeira mãe. Era esse o seu medo?

Senti meus olhos arderem e notei que eu mesmo estava chorando, mas não podia permanecer na *Red Kinky* daquele jeito. Não queria chamar a atenção nem deixar que o assunto viesse à tona logo agora, enquanto eu ainda nem o havia digerido.

Virei-me na direção das escadas novamente para voltar à minha casa e nem olhei para Nina quando ela se aproximou sorridente para falar comigo. Apenas subi, passei pela minha porta, sentando-me no sofá e encarando o chão. Não demorou para que visse a chegada da minha namorada, que trancou a fechadura e se sentou ao meu lado, alisando minhas costas.

— Flor, amo você, mas preciso ficar sozinho um pouco — falei, virando meu rosto para ela, que chorava. — Por favor.

— Desculpa.

— Você não fez nada errado. — Beijeí sua mão e respirei fundo. — Obrigado por contar.

A garota passou os braços ao redor do meu corpo e me apertou por alguns segundos. Em seguida, depositou um beijo leve no meu rosto e se levantou, sumindo pelo corredor dos quartos e me deixando sozinho. Sabia que tinha ido para o meu, então fui para o que era de minha mãe, parei na entrada, fechei a porta atrás de mim e me sentei na beira da cama.

Que merda tinha acontecido com a minha vida?

CAPÍTULO 52

Maria Flor

Amo você. Gabriel tinha acabado de dizer que me amava, segundos antes. Tinha saído assim, de repente, sem pretexto, sem motivo, sem clima. Só tinha saído. E de alguma forma, isso tornava as palavras ainda mais significativas porque não pareciam ser em vão.

Sentada na cama dele, eu me senti completamente derrotada. O peso da noite e dos últimos dias pareceu cair sobre mim com força total, então comecei a chorar de verdade. Botei a mão na boca para abafar o som, pois não queria que me escutasse, e fiquei ali pelo que pareceram horas. Eu me sentia muito culpada por ele ter descoberto tudo de um jeito tão ruim, no meio de uma briga minha com Cláudia. Se eu não tivesse pressionado e provocado a mulher, nada disso teria acontecido.

Deitei-me sobre o colchão dele, sentindo o seu cheiro, e me encolhi ao puxar a coberta. A noite tinha sido estragada e agora Gabriel estava mal, sozinho no outro quarto, remoendo a verdade. Sabia que precisava dar espaço a ele, então não ousei forçar uma aproximação.

Não contei o tempo em que fiquei ali, sem sono, esperando que algo acontecesse. E quando ouvi batidas na porta de entrada da casa, corri até lá para saber do que se tratava, pois achava que Gabriel não sairia do quarto.

Para minha surpresa, era Cláudia, com o rosto menos vermelho do que antes, mas a maquiagem ainda borrada pelas lágrimas. Ela lançou um olhar para dentro como se o procurasse, então me encarou.

— Como ele está?

— Trancado no quarto que era da mãe — respondi, sem forças para continuar brigando.

— Eu... Acho que perdi o controle da situação.

Encolhi meus ombros. Não importava mais.

— Eu não deveria ter pressionado você — respondi, frustrada. — Sinto muito. Não era dessa forma que eu queria que Gabriel soubesse da verdade.

A loira inclinou a cabeça na minha direção e me fitou com atenção pela primeira vez. Para a minha total surpresa, não parecia estar com raiva de mim, apenas confusa.

— Existe uma parte de mim que está muito triste — murmurou, desviando os olhos. — Existe outra que está com medo. Tem também a parte que carrega a culpa... Mas além disso, existe uma que se sente aliviada. — Uma nova lágrima escorreu dos seus olhos. — Essa mentira era um veneno que eu tomava todos os dias, de dose em dose, esperando até o momento em que iria me matar.

Me aproximei de Cláudia, sentindo uma compaixão imensa por ela. Aproveitando a brecha que havia me dado ao desabafar, toquei sua mão e a apertei. Guardar aquilo sozinha durante todos aqueles anos não deve ter sido fácil. Enquanto Eliza estava viva, era um fardo dividido, mas então se tornou um peso só para Cláudia carregar.

— Ele vai te perdoar — comentei, mesmo sem saber se estava certa.

Ela me lançou um sorriso triste e pareceu se dar conta de que tinha feito muito contato comigo por uma vida inteira, pois puxou a mão, limpou o rosto

e suspirou mais uma vez, antes de olhar de novo para a sala e se virar de costas.

Quando voltei a trancar a porta, fui até a cozinha e vi tudo que estava separado para o jantar. Coloquei o salmão descongelado de volta na geladeira, porque eu não sabia prepará-lo e guardei o restante das coisas. Estava morrendo de fome, então, decidi pedir uma *pizza* por aplicativo, pois acreditava que até mesmo Gabriel tivesse perdido o tesão de cozinhar.

Uma hora depois, quando a comida chegou, achei que era tempo de bater na porta dele.

— Amor, vamos comer um pouco — pedi, colando meu rosto na madeira. — Você já pode sair daí? Venha conversar comigo...

Por alguns segundos, não houve resposta nenhuma. Nenhum som vindo do outro lado. Esperei por uns dois minutos até que ouvi o barulho de passos descalços na minha direção e, um segundo depois, Gabriel abriu a porta. Ele estava sem camisa, manteve apenas a calça de moletom, e seus olhos estavam inchados.

Engoli em seco, sem saber o que dizer, e apenas o encarei quando passou por mim, foi até a sala, viu a *pizza* sobre a mesa, mas deu a volta e partiu rumo ao seu quarto. Fui atrás dele querendo abraçá-lo, mas com medo de que me rejeitasse.

— Podemos não falar sobre o assunto? — pediu.

A angústia em seus olhos era perceptível, e isso me deixou extremamente agitada. Precisava fazer algo para amenizar essa dor e confortar Gabriel. Portanto, com um pouco de receio de ser rejeitada, diminuí o espaço entre nós e fiquei nas pontas dos pés, tocando seu rosto bonito e dando um selinho nele. Envolvi sua cintura com meus braços e o abracei com força, desejando permanecer daquele jeito pelas próximas horas.

— Se quer me ajudar — murmurou, alisando minhas costas —, me ajude a esquecer disso por esta noite.

— Como? — perguntei, erguendo meu rosto para ele. — Eu ajudo com o que quiser.

Gabriel me encarou por um segundo, então envolveu os seus braços ao redor da minha cintura e me puxou, abocanhando meus lábios com ferocidade e me beijando. Havia algo em sua pegada, levemente diferente do usual. Não apenas desejo, mas uma necessidade imensa de escapar de sua própria mente e nos tirar do eixo total. Entendi que ele queria sexo e não seria uma transa comum.

Quando segurou minha cabeça com uma mão e a minha bunda com outra, me apertou com força, quase com raiva, e senti sua ereção crescer contra a minha barriga. Levei minha mão até o pau que endurecia por dentro da calça, e o apertei, arrancando um gemido de Gabriel, que forçava minha cabeça para trás.

— Ajoelha — mandou ao me soltar.

Obedeci sem hesitar, ajoelhando na sua frente, cara a cara com o volume em sua calça de moletom. Não esperei pelo comando, apenas puxei o elástico para baixo fazendo o pau bonito e cheio de veias vir para fora, bem grosso e delicioso. Fechei minha mão ao redor dele e o masturbei por alguns segundos antes de colocá-lo na boca com vontade. Ainda não me sentia experiente em sexo oral, principalmente, por conta do tamanho de Gabriel, mas gostava de senti-lo na ponta da minha língua, provando seu sabor.

Ele era muito grande e eu não conseguia colocá-lo todo dentro da boca, então continuei masturbando a base e chupando até a metade, dando atenção à cabeça macia e molhada. Gabriel me segurou pelos cabelos e começou a mover os quadris para empurrar minha cabeça. Precisei me segurar em seu

corpo quando entendi o que estava fazendo, e abri minha boca o máximo que consegui, sentindo as estocadas fortes contra mim.

Estava sem fôlego, respirando superficialmente, mas não conseguia pará-lo porque estava gostando daquela rebeldia. Meu útero se contorceu de prazer e minha vagina começou a latejar, chamando por ele. Para a minha sorte, mesmo com a cabeça longe e os ânimos à flor da pele, Gabriel ainda parecia ter alguma noção da situação e sabia que eu não aguentaria chupá-lo inteiro, pois não forçou mais do que eu poderia receber. Quando tirou o pau da minha boca e o segurou na frente do meu rosto, começou a se masturbar com pressa.

— Bota a língua pra fora — ordenou, dando um tapinha leve no meu rosto e apertando minhas bochechas entre os dedos. Totalmente dominador, melando ainda mais a minha calcinha.

Eu obedeci, e ele começou a bater com o pau duro na minha língua, parando de vez em quando para esfregar a glândula que babava em meus lábios.

— Chupa de novo!

Voltei a engolir seu tamanho enorme, forçando a colocar o máximo que conseguia para dentro, pressionando meus lábios ao redor de sua carne. Alternei com lambidas na ponta do membro bonito e me lembrei de levar minha mão até suas bolas, massageando-as e apertando-as delicadamente. Ele voltou a controlar as estocadas e segundos depois, soltou um gemido baixinho, preenchendo a minha boca com seu leite quente de sabor forte. Quando afastou os quadris, levou seu dedo até os meus lábios, acariciando-os delicadamente.

— Engole.

E eu engoli, sem protestar, sentindo seu gosto marcar a minha garganta.

Em seguida, lambi minha boca lentamente, enquanto Gabriel assistia com os olhos queimando sobre mim. Se era disso que ele precisava, de uma submissa total para fazê-lo esquecer dos problemas, eu seria a parceira perfeita.

— Levanta — mandou, segurando meus cabelos e me ajudando a levantar.

A cada ordem que me dava, meu útero se contraía mais, choroso de desejo. Eu nunca tinha entrado nesse jogo de dominador e submissa antes, mas não podia negar que estava gostando. *Muito*.

Ele me beijou de forma agressiva e, então, girou nos calcanhares, invertendo a nossa posição para que eu ficasse de frente para a cama. Com violência, empurrou-me sobre o colchão, terminou de tirar sua calça, e levou a mão até a base da minha saia para me deixar totalmente nua, retirando até mesmo minha *lingerie*. Suas mãos pesadas abriram as minhas pernas e as jogaram para cima, me abrindo em um ângulo em que eu nem ao menos sabia que era capaz de ficar.

Mordi os lábios para não começar a gemer antes mesmo que Gabriel encostasse em mim, e esperei seu tempo. Sentia-me muito melada, quente, minha boceta piscava sem parar e a lubrificação corria solta ali embaixo. Com a palma da mão aberta, meu namorado começou a massagear meus lábios internos com movimentos circulares, tocando-me por inteira, sem delicadeza.

Eu já estava encharcada, pronta para ele, quando interrompeu os movimentos e desferiu um tapa forte e certo em minha boceta. Minhas costas se curvaram instantaneamente e um gemido alto escapou pela minha boca. Ele levantou o olhar para mim, parecendo possuído pelo desejo, com uma intensidade feroz em seus olhos, que eu nunca tinha visto antes. Queria descontar toda a sua frustração em mim e eu permitiria porque confiava de

olhos fechados nele.

— Doeu? — perguntou com a voz num sussurro, grave e rouca.

Mordi os lábios e balancei a cabeça para dizer que sim, sem saber se era a verdade que queria ouvir. Sendo assim, Gabriel levantou a mão e me deu outro tapa no mesmo lugar. Dessa vez, atingiu bem em cima do meu clitóris que pulsava. Minhas pernas tremeram, e uma sensação cada vez mais intensa se apossou do meu corpo.

— Pede pra mim, Flor — murmurou, com um brilho nos olhos e o rosto muito perto do meu. — Me implora para eu te foder até a sua bocetinha doer.

Como aquele homem conseguia me dizer palavras tão sinistras e, ao mesmo tempo, me deixar excitada? Seria sempre assim entre nós? Gabriel conseguiria me deixar louca toda vez que me tocasse?

Suspirei, tentando encontrar a minha voz, e respondi para ele:

— Me fode...

O filho da mãe me deu outro tapa, me arrancando um novo grito. Curvei a cabeça para trás e fechei os olhos com força, mordendo os meus lábios para tentar me conter. Talvez, se ele continuasse com os tapas, eu acabaria gozando assim mesmo.

— Pede direito! — ordenou, aumentando o tom de voz.

— Me fode até a minha boceta doer, Gabriel — repeti as mesmas palavras que usou, tentando domar meu coração acelerado.

Ele deu um tapa mais forte que os anteriores e eu gemi mais alto, sentindo os músculos das minhas pernas se contraírem. Minha boceta latejou, ardida e quente, mas desesperada por Gabriel. Fechei os olhos e não vi quando se moveu, apenas o senti passar algo em mim, que devia ser lubrificante, até que me penetrou de forma agressiva, rasgando minha vagina.

Tentei gemer, mas uma de suas mãos tapou a minha boca e a outra veio parar no meu pescoço, me apertando com seus dedos largos e grandes.

— Quieta! — Ele se curvou e sussurrou perto do meu ouvido, enquanto movia os quadris sem parar, moendo aquele pau enorme e duro dentro de mim.

Gabriel ia cada vez mais rápido, cada vez mais fundo, e eu me contorcia embaixo dele. Levei minhas mãos até suas costas e o apertei com força, arranhando sua pele com minhas unhas para ter onde me segurar, e o fazendo gemer alto, cheio de tesão.

— Está doendo? — perguntou, sussurrando em meu ouvido.

Eu não respondi, presa nos movimentos dos seus quadris, focada na pressão que aumentava no centro das minhas pernas, pronta para explodir. Sua brutalidade era muito mais do que eu podia esperar, porque nunca pensei que me faria sentir tanto prazer com aquelas estocadas fortes, sua carne batendo na minha sem parar, seus dedos apertando meu pescoço de um jeito excitante.

Eu só podia ser louca, mas estava amando aquela experiência.

— Está doendo?

Respondi que sim com um gemido, mas acho que não fui convincente, pois Gabriel me deu um tapa no seio direito e estocou com mais força, me fazendo sentir no fundo da alma.

— Quero ouvir claramente, putinha. Está doendo, porra?

Eu gemi, quase choramingando, manhosa e completamente submissa a ele.

— Um pouco... — murmurei, prestes a gozar.

Minha resposta pareceu ser exatamente o que Gabriel precisava. Com

últimas estocadas ainda mais fortes, ele gozou dentro de mim, quente, soltando um gemido gutural e feroz, enquanto puxava meus cabelos e me dava um chupão no pescoço, que provavelmente deixaria a marca por longos dias. Cheguei a pensar que estava arrancando um pedaço da minha pele e até levei minha mão à região quando afastou o rosto.

Eu me contorci quando aiu de dentro de mim, porque ainda não tinha alcançado o orgasmo, mas ele parecia ter outros planos. Curvou-se na minha direção, enfiou alguns dedos na minha boceta e atingiu meu ponto G, fodendo-me novamente com força e bem rápido, ao mesmo tempo em que esfregava meu clitóris inchado.

Joguei a cabeça para trás e gemi de tesão, alucinada pela sensação maravilhosa. Meu namorado abriu mais as minhas pernas, forçando-as bem para os lados ao colocar seu corpo todo no espaço entre elas. Então, investiu ainda mais, com muita rapidez em movimentos alucinantes dentro da minha boceta. Seus dedos me deixaram louca e me fizeram rebolar em sua mão, segundo após segundo. Eu gritava, louca para gozar, ansiosa para que se afastasse, tudo ao mesmo tempo. A sensibilidade me consumia, os tremores dominavam meu corpo e minha mente virava gelatina.

Quando gozei, foi a coisa mais insana da minha vida, porque me senti expelindo muito líquido em cima de Gabriel. Mais precisamente, em seu rosto. Um jato forte que parecia urina, mas transparente, saiu da minha boceta e o molhou inteiro, enquanto passava sua própria língua pelos lábios.

— Puta que pariu — gemi, ainda convulsionando porque Gabriel não parou.

Mais líquido saiu de dentro de mim e agora eu gritava, alucinada, porque a sensação me consumia e extinguiu minha força. Perdi o controle sobre meu corpo, meus braços e meus dedos tremiam, minhas costas roçavam no lençol

e eu sentia que molhava todo o colchão embaixo de meus quadris.

— Gostosa! — Gabriel me beijou quando finalmente tirou os dedos de dentro da minha pobre boceta e se jogou sobre o meu corpo. — Eu te amo, Flor. — Sua boca tocou meus seios. — Eu te amo, baixinha. — Em seguida, beijou minha boca. — Eu te amo.

Estava tão sensível de corpo e alma, que comecei a chorar e Gabriel pareceu se assustar de início, mas eu fiz questão de colocar um sorriso no rosto para que entendesse que estava bem. Ele colou a testa na minha e me deu alguns selinhos antes de se levantar.

Observei-o ir buscar uma toalha e limpar minhas pernas com ela. Toda a violência de segundos antes pareceu se esvair enquanto me tocava com cuidado, quase reverenciando o meu corpo.

Ao terminar, inclinou-se sobre mim mais uma vez e depositou um beijo carinhoso em minha virilha. Então, jogou a toalha de lado e subiu na cama, me puxando contra o seu peito para que nos deitássemos em silêncio. Enrosquei minhas pernas nas dele e fechei os olhos, ouvindo o som do seu coração bater baixinho. Quando começou a fazer carinho nas minhas costas, fui embalada pelo sono causado pela letargia e suspirei, apaixonada.

— Obrigado, meu amor. — Eu o ouvi sussurrar baixinho, com a respiração tranquila.

— Gabriel — chamei, abrindo meus olhos e vendo seu rosto se virar para mim. — Eu também te amo.

— Eu sei. — Ele piscou, voltando a se acomodar.

A comida estava sobre a mesa da sala, esfriando. Não tínhamos jantado, nem conversado sobre o que aconteceu. Estávamos juntos e essa era a única coisa que importava no momento. O resto se resolveria aos poucos.

CAPÍTULO 53

Maria Flor

Nunca foi tão bom acordar num dia de semana e ter meu corpo preso pelos braços de Gabriel. Minha cama não mais seria a mesma, porque a pobrezinha nunca tinha visto tanta atividade em toda a sua vida. Estávamos dormindo há três dias em meu apartamento porque meu namorado quis tirar uma folga da *Red Kinky* para se recuperar da notícia bombástica que recebeu.

Não foi fácil driblar nossos gemidos tendo que dividir o espaço com a Laura, que dormia no quarto ao lado e não merecia perder noites de sono por nossa causa. Mesmo assim, estava sendo muito gostoso ter aquele homem perfeito só pra mim, no meu cantinho. De bandeja, minha amiga ainda estava sendo beneficiada por parcela, já que ele vinha cozinhando para nós duas.

— O que você achou de mim? — perguntei, alisando o braço que envolvia minha cintura. — Digo, quando me conheceu.

A gente tinha acabado de acordar e fazer amor — sim, depois da dominação intensa, Gabriel vinha pegando leve comigo para me compensar. Ele suspirou e soltou uma risadinha baixa, beijando meu ombro ao se curvar sobre mim.

— Achei que você era linda e gostosa, o que você de fato é, mas não foi realmente isso que me chamou a atenção. Foi essa marra toda. Esse jeitinho

de levantar o queixo e olhar pra mim como se me desafiasse a te contrariar ao mesmo tempo em que sempre ficava vermelha de vergonha na minha presença.

Sorri, pensando que eu ainda sentia vergonha. Não com tanta frequência, mas acontecia. Tipo quando ele quis tomar banho comigo na primeira noite em que dormimos em meu apartamento. Não era sexo, era realmente banho, de querer me ensaboar e limpar meu corpo. Eu me senti extremamente tímida enquanto sua mão deslizava o sabonete em minha pele.

— Esse jeitinho de dizer que não me queria, enquanto os seus olhos diziam outra coisa. E o jeitinho gostoso de gemer contra a minha boca.

Tudo bem, ele estava alucinando, pois no dia em que nos conhecemos eu não gemi para ele. Ri sozinha pensando naquilo e recebi uma mordida no seio esquerdo.

— De perder todo o controle perto de mim — continuava falando, me provocando. — De me deixar fazer o que quiser com você.

Suspirei profundamente, perdida em seus olhos e em suas palavras.

— E toda vez que você ficava vermelha eu a imaginava gozando comigo. — Seus dentes morderam o lóbulo da minha orelha. — Sempre que me olhava assustada, toda inocente, eu ficava pensando em como iria fazê-la suar até perder a postura.

— Acho que já entendi — comentei, virando-me de frente para ele, apoiando minha mão em seu peito, porque sabia bem onde aquela conversa ia parar.

— Depois que eu senti sua bocetinha pela primeira vez... Quente, molhada e apertada contra os meus dedos... Só conseguia pensar em como seria te foder até você gritar.

O homem era uma máquina de fazer sexo, porque eu ainda me

recuperava da transa matinal e Gabriel pensava na segunda rodada, roçando o pau duro entre minhas pernas. Deixei que me penetrasse devagar e ele ficou ali, quieto, movendo os quadris de forma quase imperceptível.

— Sempre soube que você... seria minha, Flor. — Sua respiração falha, entrecortada por gemidos e suspiros, me deixou com mais tesão. — De um jeito ou de outro, eu sabia que você seria minha.

Minha boceta já tinha aprendido a acomodar todo o tamanho de Gabriel, mas sempre que ele entrava em mim, era uma grande sensação. Ficamos ali, só curtindo o encaixe, o pau dele deslizando bem devagar para dentro e para fora da minha vagina toda melada pelo gozo anterior, pois nem tive tempo de ir ao banheiro.

Fechei os olhos, apreciando o movimento gostoso e mexendo meus quadris ao encontro dos dele. Uma de minhas pernas estava por cima da sua para dar o encaixe, e Gabriel alisava minha coxa com carinho.

— Desde o momento em que vi sua bundinha pequena... — Ele apertou a região, aumentando a pressão dentro de mim. — Eu quis bater nela até deixar a marca da minha mão impressa na sua pele. Desde o momento em que vi esses peitos, quis morder e chupar até te deixar toda vermelha.

Nossos corpos embalavam uma dança lenta, era muito gostoso, eu ainda não tinha experimentado daquele jeito. Dedos grandes procuraram e encontraram meu clitóris, acariciando-o no mesmo ritmo delicado e me fazendo querer mais do pau de Gabriel, que saía e entrava bem fundo dentro da minha boceta.

— Desde o momento em que eu te vi, eu te quis, Flor.

Não demorei muito para gozar, mas estava tão gostoso que eu não queria que acabasse nunca. Se tivesse controle sobre isso, ficaria exatamente ali, naquele momento, no limiar do orgasmo, sentindo todos os nervos do meu

corpo preparados para o ato seguinte, enquanto Gabriel continuava me penetrando para sempre.

Então ele veio, delicioso como sempre, fazendo todos os meus músculos convulsionarem em êxtase. Gemi contra os seus lábios quando me beijou, ainda se mexendo, na busca do próprio prazer que veio logo em seguida.

— Casa comigo, Flor.

Meu coração sofreu um espasmo e pensei ter escutado coisas do além, mas Gabriel tinha mudado nossas posições e subido em cima do meu corpo, ainda com seu pau enterrado no fundo da minha boceta.

— O quê? — perguntei, achando ter entendido errado.

— Quero que se case comigo — repetiu, sorrindo e revirando os olhos.
— Sei que não é o pedido mais romântico, mas é do meu jeito.

— Tipo... casar, casar? — Pensei que falar em voz alta fizesse parecer menos chocante, mas não era. — Casar de verdade?

— Não conheço outro jeito. — Ele riu, beijando meu rosto. — Tenho trinta e oito anos e demorei tudo isso para encontrar você. Não quero perder tempo antes de começar a construir minha família. Quero muito ser pai, mas não quero parecer avô dos meus filhos.

— No plural? — Senti as lágrimas em meus olhos, mas não queria perder a provocação. — Mesmo? Acha que falar isso para uma mulher vai fazê-la se animar?

— Quanto mais filhos, mais precisaremos praticar. — Ele deixou bem claro isso ao se mover dentro de mim, mas logo recuou os quadris e me fez sentir a ausência do seu pau, deixando-o voltar à flacidez entre minhas pernas.

Encarei o homem diante de mim por alguns segundos, enquanto ele parecia aguardar pela minha resposta, ansioso. Eu entendia sua pressa, sua

necessidade de aproveitar o tempo, porque nossa diferença de idade não ia diminuir com os anos. Gabriel tinha quase quarenta e, apesar de ser o futuro coroa mais inteiro e conservado que eu conhecia, as pequenas ruguinhas nos cantos de seus olhos não o deixavam mentir.

Alisei seus braços musculosos, deixando meus dedos sentirem as veias em alto relevo, e suspirei com o coração acelerado.

— Está mesmo falando sério? — perguntei.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida — respondeu, o olhar intenso sobre mim. — Mas nada vai mudar entre nós se você quiser esperar. Sei o quanto ainda é nova.

— Eu quero — murmurei, sentindo meus lábios tremerem quando a primeira lágrima caiu. — Eu me caso.

O filho da mãe lindo demais deu um sorriso enorme e puxou minha mão para beijar meus dedos. Ele se levantou comigo no colo, colocando minhas pernas em sua cintura, e bateu na minha bunda, correndo para fora do quarto comigo enquanto eu gritava e o chamava de louco.

— Ah! Pelo amor de Deus! — Ouvi a voz de Laura e levantei a cabeça, vendo-a logo atrás de Gabriel, com os olhos arregalados. — Estou vendo a bunda do seu namorado! Saiam imediatamente desta sala!

— Eu vou me casar, Lala! — gritei, agarrada a ele, que se virou e correu de volta para o meu quarto.

— Foi mal, Lala — disse o homem todo bobo e feliz, roubando o apelido que eu inventei.

— Parabéns! — Ouvi minha amiga dizer quando Gabriel fechou a porta com o pé, enquanto a gente gargalhava. — Quero entrar no altar com um padrinho bem gostoso. Me arranjem um *stripper* de pau enorme!

Escondi meu rosto na curva do pescoço dele, sem conseguir parar de rir.

Tínhamos esquecido completamente que Laura estava em casa, afinal, era fim de semana. Óbvio que ela estaria lá.

Quando Gabriel me colocou no chão, eu me lembrei de que estava toda gozada e melada, precisava de um banho e ele também. Mas antes, passei minhas mãos por seu abdômen nu e ergui o rosto, sentindo seu carinho em meus cabelos.

— Te amo — declarei.

•

Coloquei o ponto final no arquivo do livro e o salvei no *Drive*, sentindo-me satisfeita. Tinha aproveitado que Gabriel saiu para ir ao mercado, e me sentei para finalizar o trabalho. Cumpri a quantidade de palavras e o prazo estabelecido, estava muito satisfeita.

No final das contas, deixei de fora da biografia a informação sobre a gravidez de Lia e o abandono do bebê. Não por causa dela, mas para poupar Gabriel. Se a notícia viesse à tona, a vida dele poderia se transformar num inferno causado pela exposição na mídia. Ao conversarmos sobre o assunto no dia seguinte à descoberta dele, meu namorado deixou bem claro que não queria procurar a mãe biológica.

Eu me penalizei, de verdade. Achava que todo mundo merecia uma segunda chance na vida, por maior que foram os erros, mas o compreendia e sempre apoiaria sua decisão.

Ele disse que eu poderia contar para ela se quisesse, sobre o seu paradeiro e o que fazia atualmente, mas que não partiria dele esse contato. Por isso, ao enviar o manuscrito pronto para Julian, mandei também a cópia para Lia Barker, como era solicitado em contrato. No entanto, no corpo do e-

mail enviado para a mulher, adicionei uma nota. Sabia que ela, provavelmente, não era quem acessava a caixa de entrada, então não dei detalhes específicos.

“Eu o encontrei, Lia. Se quiser informações, procure apenas a mim.”

Tinha certeza de que a mulher entenderia quando o recado fosse repassado, então, havia feito a minha parte. O que ela faria com isso, já não era mais problema meu, eu agora me sentia em paz.

Julian me ligou logo em seguida, pois devia ter recebido a notificação do e-mail, e eu o atendi por chamada de vídeo. O editor estava na piscina ao lado de um *boy* gato, e sorriu quando me viu na tela.

— *Grande Maria Flor! Vou ler o manuscrito esta noite, querida. Parabéns pela conclusão!*

— Obrigada, Julian. — Sorri de volta. — Espero que goste, dei o máximo de mim.

Até mais do que isso, pensei. Minha vida havia mudado completamente por causa dessa biografia. Pensei em agradecer eternamente pelo trabalho, afinal, eu tinha conhecido Gabriel, mas Julian parecia com pressa e disse que só me ligou para me parabenizar.

Laura apareceu na minha porta no instante em que encerrei a ligação e coloquei o celular de lado. Ela entrou no quarto e lançou um olhar receoso para a minha cama, franzindo o nariz.

— Não sei se devo me sentar nesse lençol...

Eu ri, mas me levantei da cadeira e a cedi para que ocupasse o lugar, pois realmente ainda não tinha trocado a roupa de cama dos últimos dois dias.

— Você está feliz? — perguntou.

— Como nunca estive antes. — Dobrei minhas pernas ao me sentar na cama e sorri para ela. — Eu o amo muito, Lala.

— Gabriel parece sentir o mesmo. — Ela devolveu o sorriso e recostou na cadeira. — Você anda tão radiante esses dias, amiga. Ele a faz muito bem, muito mesmo.

— Eu acho que também faço bem pra ele, sabe? Acho que nós dois precisávamos um do outro.

— E como ele está lidando com a questão da Lia ser mãe dele?

— Não está — respondi, encolhendo os ombros. — Gabriel prefere não tocar no assunto. Não acho que seja saudável, mas respeito sua decisão.

Um barulho vindo da sala indicava que meu namorado — agora noivo — estava abrindo a porta e isso fez com que a gente encerrasse o assunto, pois não queria que se chateasse.

Laura me abraçou quando nos levantamos e a senti muito emocionada. Eu sabia que estava prestes a dar mais um novo passo em minha vida. Não seria de repente, mas aconteceria em algum momento. Aceitar me casar com Gabriel significava me mudar e deixar de nos vermos todos os dias. Fazia parte da vida adulta, sim, mas não deixava de causar um aperto no peito.

CAPÍTULO 54

Gabriel

Estava feliz pra caralho. Muito mesmo. Tanto que comprei quase o mercado inteiro porque não sabia o que cozinhar para Flor. Queria comemorar o pedido de casamento — o mais ridículo de todos, eu sei — fazendo um jantar especial, mas logo me lembrei de que Laura morava naquela casa e eu não podia deixar a garota de fora. Portanto, decidi que levaria Flor em algum restaurante bacana, e foquei apenas em comprar o que precisava para abastecer a casa.

Tinha ido a um mercado perto da *Red Kinky* para poder passar por lá na volta, e quando entrei na boate, a primeira pessoa que vi foi Cláudia. Ela estava no bar, entrevistando o novo rapaz que foi contratado para ficar no lugar de Rafael. Nossos olhares se encontraram e notei o quanto ficou tensa ao me ver. Respirei fundo, lembrando-me da noite da discussão e da revelação sobre meu passado, sentindo um pouco da frustração me dominar. Porém, não gostava de deixar as coisas mal resolvidas, então me aproximei dela e toquei seu ombro.

— Podemos conversar? — perguntei e saí na direção do escritório sem esperar por sua resposta.

Eu sabia que viria, por isso, mantive a porta aberta, até que minha sócia

passou e eu a fechei. Encostei-me na madeira, observando a mulher que ajudou a me criar e me tratava como filho até hoje.

— Eu a perdoo.

Cláudia ergueu os olhos azuis inundados e deixou um soluço escapar pela boca, levando as mãos ao rosto e estremecendo. Passei meus braços ao redor do seu corpo e a abracei em silêncio, esperando que parasse de chorar. Senti que me devolvia o abraço e permaneci daquele jeito por um tempo, aguardando até que se acalmasse. Quando ela finalmente parou com o choro, levantou a cabeça e me olhou com um sorriso bobo.

— Eu o amei como um filho também. — Cláudia passou os dedos pelo meu rosto. — Nunca quis seu mal, Gabriel. Apenas a sua felicidade.

— Eu sei. — Beije a testa dela. — Eu te amo por isso. Você e Eliza são minhas únicas mães.

Eu a soltei e recuei um pouco, observando seu semblante que parecia ter ficado mais leve. Cláudia sempre seria importante na minha vida, sempre teria seu espaço comigo e ainda levaríamos a nossa sociedade por muitos anos, principalmente depois que assinássemos com Arthur Salazar.

No entanto, havia ainda mais uma coisa para ser resolvida com ela. Algo que eu não podia tolerar que continuasse do jeito de antes.

— Tenho uma coisa pra contar — avisei, prendendo sua atenção. — Pedi a Flor em casamento e ela será minha esposa, Cláudia. Sei que não gosta dela, mas esse é um requisito básico para que continue participando da minha vida.

— Eu nunca tive um problema real com ela — disse, ainda limpando os olhos. — Só tinha medo de que descobrisse a verdade. Eu a conheci antes de você, no dia em que apareceu fazendo perguntas sobre a Eulália. Não podia permitir que uma garota arriscasse expor um segredo tão importante,

portanto, tentei afastá-la o quanto pude.

— Eu a amo — declarei, observando sua sobrancelha se arquear, e um sorriso surgir. — Ela me ama, e só isso importa. Acha que consegue passar por cima de tudo?

Cláudia assentiu e se aproximou, ainda sorrindo e segurando meu rosto entre as mãos. Eu era mais alto, então precisava me curvar para que beijasse meu rosto.

— Eu vou me esforçar, prometo — murmurou, suspirando. — Está na sua hora de ser feliz, e se ela é a responsável por isso, tem a minha bênção.

Não precisava que Cláudia concordasse com qualquer coisa, mas gostava de saber que ela agora estava ciente dos meus sentimentos e decisões. Sempre seria grato por ter ajudado minha mãe a me criar numa realidade tão difícil quanto a que vivíamos, e meu carinho por ela seria eterno.

Eu saí da *Red Kinky* me sentindo muito mais leve e quando cheguei no apartamento de Flor, fui contar para ela sobre a nossa conversa.

Mais tarde, depois que saí do banho pronto para me arrumar pro nosso jantar num restaurante badalado, minha noiva me esperava sentada na cadeira de frente para a escrivaninha, com o celular na mão. Dei um beijo em seu nariz e sorri, apaixonando-me pela milésima vez.

— Precisamos conversar — murmurou, me fazendo parar de esfregar a toalha no corpo. — Lia respondeu minha mensagem.

— Que mensagem?

— Terminei o livro hoje mais cedo — declarou e me fez sorrir de orgulho. — Então, mandei o arquivo para ela por e-mail, e escrevi uma coisa sobre você, que a deixaria curiosa. Disse que havia te encontrado.

— E? — Realmente não me importava mais com aquilo.

— Ela me ligou enquanto você tomava banho. Parecia distante como sempre, mas disse que gostaria de te conhecer.

— Não quero, mas obrigado.

Abri a bolsa grande que tinha levado para a casa de Flor, peguei um *jeans* limpo e uma camiseta preta, percebendo que precisaria passar aquela peça. A garota continuava sentada, ainda só de calcinha e sutiã, e isso fez eu me preocupar com o horário.

— Eu sei que não quer saber dela, mas acho interessante que mantenha essa porta aberta na sua vida — murmurou, levantando-se e alisando meus braços. — Você é seu único herdeiro.

— Herdeiro? — Ri, abotoando a calça. — Flor, a mulher me largou num banheiro sujo pra poder viver a vida de modelo. Acha que tenho interesse num dinheiro que é fruto do meu abandono?

— Eu sei...

Pelo tom de voz, percebi sua tristeza e me virei, puxando seu queixo para o alto e olhando em seus olhos. Era uma criaturinha pequena que me tirava do eixo e agradecia por tê-la em minha vida, com esse coração enorme.

— Obrigado por pensar em mim. — Beije sua boca e sua bochecha. — Eu prometo que, se um dia, sentir necessidade de abrir essa porta do meu passado, vou procurar por ela. Mas por enquanto, não quero contato, e não seria simpático se a visse diante de mim. A existência de Lia fere a imagem que tenho da minha verdadeira mãe.

— Tudo bem. — Flor me envolveu o pescoço com os braços finos e eu deslizei meu nariz por sua pele cheirosa com o perfume adocicado. Queria jogá-la na cama e comer sua boceta que devia estar tão cheirosa quanto, mas consegui me controlar. — Tenho uma coisinha pra você.

Levei minha mão ao bolso e puxei a caixinha que comprei entre a ida ao

mercado e a *Red Kinky*. Era de veludo preto e, quando abri, havia um anel com um pequeno diamante.

Eu me ajoelhei diante da garota mais bonita de todas, vendo-a chorar com a mão esfregando os olhos.

— Não é o maior diamante que havia na loja, mas acho que é suficiente para oficializar nosso noivado. — Pisquei para ela. — Quer casar comigo, Flor?

A baixinha riu, segurando minhas mãos e esticando seus dedos para que eu deslizasse o anel por sua pele. Beije a pedra que brilhava e me levantei, erguendo-a no colo e beijando sua boca.

— Por que você foi gastar dinheiro com um diamante, GG? Eu te amaria até prendendo um barbante no meu dedo.

— Não foi tão caro e pude pagar em doze vezes sem juros. — Gargalhamos juntos. — Em breve, ficaremos ricos com minha nova sociedade.

— Por falar nisso, posso exigir uma coisa com esse casamento? — perguntou, mordendo o lábio. — Não quero que pare com os *shows*, mas gostaria que parasse de levar garotas ao palco.

Havia pensado nisso antes de pedir a mão de Maria Flor, porque sabia que seria um problema. Eu mesmo já não me sentia mais tão à vontade de ficar esfregando meu corpo em outras pessoas, porque odiaria que fosse o contrário. Portanto, apesar de seu receio em tocar no assunto, eu a beijei na boca e assenti, concordando com seu pedido.

— O Mister Sex vai se tornar mais exclusivo — respondi, arrancando um sorriso bonito daquele rostinho. — Mas você vai precisar me recompensar e roçar muito seu corpinho em mim, o tempo todo.

— Safado!

— Com você, serei sempre — declarei, calando sua boca com um último beijo antes que a soltasse para nos vestirmos.

Em silêncio, observei minha Flor caminhar pelo quarto, sorridente, olhando o anel de diamante no dedo, enquanto balançava a cabeça como se não acreditasse no que via. Foi certamente o objeto mais caro que comprei depois da minha moto, mas tinha valido cada centavo investido, pois nada apagaria da minha memória a sua expressão emocionada quando me viu ajoelhado.

Esfreguei meu peito com a mão, sentindo o meu coração muito acelerado, e percebendo que havia um nó na minha garganta. As lágrimas que preendi para me fingir de forte enquanto deslizava o anel por seu dedo, ainda estavam ali, deixando bem clara a força dos meus sentimentos e o quanto aquela ninfetinha linda mexia comigo e com a minha vida.

EPÍLOGO

Gabriel

Seis meses depois

Eu simplesmente não conseguia acreditar que estava sentado na pista de dança do meu casamento, olhando para a minha esposa que caminhava de forma sensual na minha direção, ao som de “*Dance Foy You*”, de Beyoncé.

Escolhemos uma data e alugamos um salão de festas que o nosso dinheiro podia pagar — seus pais ajudaram com as despesas. Convidamos os amigos e parentes mais próximos, optamos por uma cerimônia religiosa ali mesmo no local e nos casamos do nosso jeito. Não foi uma festa repleta de luxo, mas foi bonita, do jeito que a gente desejou.

Flor teve o vestido que sonhou ter desde muito nova, segundo ela, em formato cauda de sereia e com um decote que favorecia os seios pequenos. Vê-la caminhar até mim com o vestido branco foi, sem dúvida, o momento mais perfeito da minha vida. Ali, não consegui controlar as lágrimas e me vi louco de amor por ela. Eu me declararia todos os dias, só para poder ver outras vezes o sorriso que dominava seu rosto enquanto trocávamos os nossos votos.

Mas agora, a história era outra, porque eu precisava controlar minha mente para não ficar de pau duro na frente dos nossos convidados — e dos pais da minha esposa, de preferência.

Bem que achei estranho que ela e Nina andaram muito sumidas nas últimas semanas, cheias de segredinho e encontros furtivos. Cheguei até a pensar que estavam tramando um novo *ménage*, mas ao ver a Flor toda sensual, trajando uma versão curta do vestido de noiva, tudo fazia sentido.

As luzes do salão se apagaram e se acenderam em vermelho e laranja conforme ela desfilava em linha reta. A roupa que usava, nada mais era do que o corpete anterior, que na verdade era um *body*, mas não estava tão indecente porque havia uma saia bem minúscula, de um palmo de comprimento, presa em seus quadris. O corpo brilhava com a pedraria do corpete branco e ela sorria para mim, até que parou por um momento.

Virou-se de costas, passando as mãos pelas laterais da cintura e subindo até os seios, em seguida, voltou o rosto para trás só o suficiente para me lançar um olhar *sexy* sobre os ombros. Ela estava maravilhosa dançando para mim e eu me sentia preso entre a vontade de chorar e de me excitar.

Seu corpo se ondulou quando se virou de lado, levando as mãos até os joelhos e arrebitando a bundinha gostosa. Minhas mãos coçaram para tocá-la, mas a noivinha estava a uns três metros de distância, por precaução. Ouvi assobios, palmas e gritos em êxtase, e sabia que, principalmente o pessoal da *Red Kinky*, comemorava com animação aquela apresentação surpresa.

Lancei um olhar na direção da mesa de sua família, observando que sua mãe sorria e batia palmas, enquanto seu pai somente olhava, mas não parecia com raiva nem nada do tipo. Quando ela os apresentou para mim, não escondeu o que eu fazia. Deixou claro que eu dançava para mulheres e eu me apaixonei mais um pouco ao perceber que não sentia nenhuma vergonha do

meu trabalho. Isso era foda, significava o que palavras nunca conseguiriam expressar.

Precisei respirar muito fundo porque a situação estava crítica. Flor se virou de frente para mim, levando as mãos até as pernas, alisando suas coxas e deslizando os dedos para cima, passando pela virilha, cintura, seios, até jogar os braços sobre a cabeça e cruzar as mãos atrás da nuca, movendo os quadris de forma sensual. Caralho... Nunca pensei que ela saberia dançar assim, muito menos que teria coragem de fazer isso em público.

Fui ao céu e voltei quando se sentou na cadeira que tinha sido colocada especialmente para ela e começou a fazer um joguinho de pernas. Usava os braços do assento para se apoiar e mover o corpo de um lado para o outro, assim como balançava os cabelos pretos que agora estavam soltos. Seu olhar sensual estava me enlouquecendo, porque eu queria muito levar minha mão ao meu pau e me masturbar para ela.

Então, perdi tudo quando se levantou de novo e veio decidida para cima de mim, mordendo o lábio e rebolando até parar a menos de trinta centímetros do meu corpo. Estava hiperventilando, nervoso pra caralho, porque não podia perder a postura diante dos meus sogros. Se soubesse que Flor dançaria para mim no casamento, eu nem os teria convidado.

A filha da mãe me deu as costas, empinou a bunda na minha cara e deslizou as mãos pelas pernas até tocar seus pés. A saia pequena do *body* não foi suficiente para esconder o traseiro gostoso que eu adorava comer. E sem conseguir resistir, dei um tapinha de leve na nádega da direita, arrancando algumas risadas dos convidados. Eles que se fodessem, por que não iam todos embora e me deixavam foder com minha esposa?

Ela se virou de frente para mim, apoiou as mãos em meus joelhos e se agachou, quicando o corpo três vezes e fazendo meu pau latejar. Subiu

alisando minhas pernas, quase até alcançar a minha virilha, e roçou os lábios nos meus antes de se afastar de vez. Com o corpo ereto, começou a rebolar sensualmente, girando sem sair do lugar. Parou novamente de frente, moveu mais um pouco os quadris, mostrando sua virilha perfeita e a bocetinha que eu sabia que era linda por baixo daquele *body*.

Então, sorriu conforme a música foi terminando e se inclinou para mim, aproximando nossos rostos. Ela estava suada, descabelada e ofegante, totalmente perfeita.

— Surpresa! — falou baixinho enquanto o salão de festas explodia em aplausos. — Que tal me pegar no colo e me comer no banheiro?

— Sou tão sortudo assim? — perguntei e ela assentiu, rindo e mordendo o lábio.

Sem nem pensar duas vezes, eu me levantei com Flor em meus braços, girando seu corpo no ar. A pista de dança foi invadida quando o DJ começou a tocar a *playlist* escolhida e vi nossos amigos nos cumprimentando, mas tudo não passava de um borrão diante dos meus olhos injetados de tesão. Sem soltar a cintura fina de Flor, eu puxei Nina pelo braço quando ela passou perto de nós e minha amiga abriu um grande sorriso.

— Eu fiz um ótimo trabalho com a noivinha, não foi? — perguntou, orgulhosa.

— Foi — respondi, com pressa. — Mas agora, você vai sair daqui com nós dois, porque preciso transar com ela e ninguém vai desconfiar se tivermos a sua companhia.

Nina gargalhou e olhou para a noiva, que balançou a cabeça, ansiosa. Eu a reboquei praticamente, enquanto a minha amiga saltitava e começava a tagarelar sobre como tinham sido os ensaios para transformar minha esposa na melhor dançarina da noite.

Quando entramos no camarim do salão de festas, deixamos a madrinha sentada no sofá e fomos para o banheiro. Trancados ali dentro, puxei os botões do *body* branco que minha esposa vestia, contorcendo-se em meu colo e gemendo a cada segundo que se passava.

— Anda logo porque estou escorrendo — murmurou, aflita, enquanto eu tirava meu pau da calça. — Ah, que delícia!

Meti nela com força, beijando sua boca para evitar que gritasse muito alto, e a fiz cavalgar segurando firme em seus quadris. Sua bocetinha estava escorregadia como prometido, quente e nervosa, apertando minha piroca inchada que latejava dentro dela a cada estocada.

— Não goze dentro, meu bem — ela pediu, alisando minha nuca, roçando os lábios nos meus. — Quero me manter limpa.

— Vai beber meu leite? — perguntei, apertando o pescoço fino. — Quer engolir toda a minha porra?

— Tudo — disse, colocando a língua pra fora e rindo como uma safada. — Mais forte!

Empurrei até o talo dentro da boceta apertada e Flor jogou a cabeça para trás, rebolando junto com minhas estocadas. Separei um pouco os nossos corpos para levar a mão até o clitóris dela e o manipular com precisão, sentindo suas contrações aumentarem.

— Isso... — ela murmurou, gemendo ao expelir o ar pelo nariz. — Eu queria tanto sentar em você ali mesmo no salão...

— Eu sei — respondi, quase gozando. — E eu quis chupar sua boceta quando virou a bunda pra minha cara. Flor... Estou quase lá, não vou conseguir segurar muito.

Investi mais forte, rebolando, tentando dar o máximo de prazer a ela, que me apertava com a boceta estreita e úmida. Intensifiquei o toque no clitóris,

vendo a pequena noiva se contorcer e começar a gozar, apertando as unhas nos meus ombros e esmagando meu pau que já expelia o líquido pré-ejaculatório.

Coloquei minha esposa no chão com pressa, porque eu gozaria a qualquer segundo, e a vi se agachar com agilidade, levando meu pau à boca e o sugando, arrancando cada gota dos meus jatos de porra que despejei na sua garganta.

— Minha n-nossa... Flor... — gaguejei, tremendo da cabeça aos pés, porque como presente de casamento ela me deu uma bela chupada, limpando toda a minha piroca até não sobrar nada. — Caralho!

Precisei de um tempo para me recompor, pois meu corpo todo tremia. Que foda gostosa, a verdadeira rapidinha, porém, com um toque especial de dia de núpcias.

Quando ela se levantou, passei meus dedos ao redor dos lábios borrados de batom rosa e a beijei com vontade, sentindo o meu próprio gosto em sua língua macia.

Nina mexia no celular, paciente, quando abrimos a porta do banheiro e a encaramos. Ela nos lançou um sorriso cúmplice e estendeu a mão para Flor, colocando-a sentada na cadeira e começando a consertar a maquiagem da noiva.

— Saia daqui, Gabs — mandou, deslizando um batom pelos lábios da baixinha. — Volte para a festa e avise que a noiva teve um probleminha com a *make* e que uma das madrinhas a está ajudando.

Antes de obedecer, beijei a cabeça da minha esposa e a encarei pelo espelho, com as bochechas coradas.

— Eu te amo e você é muito perfeita — declarei, depositando um beijo no ombro nu. — Espero que daqui a nove meses a gente esteja dentro de uma

maternidade.

Corri antes que ela jogasse o sapato em mim, porque a garota vinha lutando contra a possibilidade de engravidar. Ela tinha sorte, na verdade, porque havíamos transado sem proteção diversas vezes, mas a gravidez ainda não tinha vindo. Eu não sei, mas algo me dizia que em breve eu seria pai, e esse era o maior sonho da minha vida.

Maria Flor

Soltei uma risada baixa quando Gabriel saiu do cômodo e me deixou a sós com Nina, que revirou os olhos ao me encarar.

— Quando você pretende contar? — perguntou.

Eu segurei a pequena saia presa ao *body* e virei a barra ao contrário, onde havia três palavras escritas em caneta azul: **“Eu estou grávida”**.

— Ele saberá hoje à noite, quando tirar minha roupa — confessei.

Nina riu, balançando a cabeça.

— Não acredito que ele não viu isso.

— O tesão foi maior — comentei, encolhendo os ombros.

Apenas Nina e Laura sabiam sobre a gravidez, porque eu recebi o resultado do exame de sangue no dia em que elas comemoravam comigo a minha despedida de solteira. Era muito medo e emoção para guardar apenas para mim, então eu contei. No entanto, queria fazer uma grande surpresa para Gabriel, e nada seria mais emocionante do que deixá-lo descobrir durante nossa noite de núpcias.

Não aguentava mais ouvir as suas indiretas sobre ser pai, sobre precisar

ter um filho antes de ficar muito velho, e toda aquela chantagem emocional que terminava com a nossa desculpa para fazer amor — ou sexo selvagem, qualquer um dos dois era ótimo.

Eu me sentia a mulher mais feliz do mundo porque meu marido não poupava esforços para me ver sorrir todos os dias. Desde o momento em que eu acordava e encontrava o café pronto, até mesmo as massagens que recebia nos ombros quando passava horas na frente do *notebook*, trabalhando em algum livro, e ele parava o corpo atrás da minha cadeira para me fazer relaxar.

Estávamos morando há três meses em sua casa em cima da *Red Kinky*, mas em uma semana nos mudaríamos para o nosso apartamento comprado com uma parte do dinheiro da sociedade com Arthur e Marina Salazar.

Eu ainda trabalhava para a *Editora Âncora*, mas agora também pegava uns *freelas* para a coluna de um jornal pequeno de São Paulo. Era feliz com o que fazia e as pessoas que trabalhavam comigo me valorizavam, afinal, a biografia de Lia Barker fez muito sucesso, mesmo que eu não tivesse colocado a informação sobre o bebê. A ex-modelo já sofria e pagava pelas suas ações com o simples fato de não poder participar da vida do filho. E quanto a Gabriel, eu jamais faria nada que não fosse da vontade dele.

Lia tentou acessá-lo depois de algumas semanas em que recebeu a notícia dada por mim, e meu agora marido até permitiu que ela fosse à *Red Kinky* num horário fora do expediente. Eu estava junto porque ele quis a minha companhia, então testemunhei a pouca conversa que rolou, com ela pedindo desculpas, emocionada em conhecer o homem lindo que havia gerado.

Lia ou Eulália, no caso, contou que havia voltado algumas semanas depois à boate, para saber o que acontecera com seu bebê. Ela deixou claro

que não pretendia pegá-lo de volta, mas que gostaria de receber notícias de que estava bem. No entanto, Eliza e Cláudia disseram que a criança tinha sido entregue para a polícia e que foi encaminhada a um orfanato. Sendo assim, nunca conseguiu encontrar Gabriel e passou a vida inteira remoendo isso, sem saber se ele estava vivo ou morto.

Gabriel foi educado, aceitou as desculpas, mas deixou claro que não queria a aproximação da mulher. Horas depois, a própria Cláudia confirmou o que a ex-modelo contou, afirmando que ela realmente voltou, mas Eliza decidiu mentir para não correr o risco de ela, um dia, querer pegar a criança. Naquela noite, Gabriel chorou na cama, em meus braços. Não por Lia, mas por saudade de Eliza e pelo amor que entregou a ele. Depois disso, o assunto sobre sua mãe biológica nunca mais veio à tona entre nós e caiu no esquecimento. Talvez, um dia, as coisas mudassem, e eu estaria sempre do seu lado para apoiar cada decisão que tomasse.

Toquei minha barriga ainda muito reta e lisa, pois a gravidez estava bem no começo, e tentei me colocar no lugar de Lia Barker. Era impossível, porque eu já era apaixonada pelo ser minúsculo que estava carregando, mas torcia para que a mulher encontrasse paz pela culpa que carregava.

O meu bebê seria muito amado e esperado, disso eu tinha certeza. Não sabia se seria menina ou menino e não me importava, pois meu sentimento de mãe era grande demais para amá-lo do jeito que fosse. Nunca imaginei qual seria a sensação de esperar crescer uma vida dentro de mim. Era inexplicável e só mesmo vivendo essa experiência para conseguir compreender como tudo no mundo podia mudar em segundos, a partir do momento em que a gente entendia o amor incondicional por um filho.

Alisei minha saia e escondi a frase, imaginando o momento em que mostraria para Gabriel. Ele choraria, com certeza absoluta, e eu o amaria ainda mais por ser o homem mais especial do universo. Apenas meu. Meu e

do nosso bebê, fruto de tanto amor.

FIM

Tudo bem?

Espero que tenha gostado o suficiente do livro para chegar até aqui! Então, se gostou, que tal expor sua opinião para que outros leitores possam se interessar pela história? É rapidinho, basta deixar uma avaliação na Amazon em poucas palavras (ou muitas, depende da sua inspiração) e eu vou ficar extremamente feliz quando ler. Muita gente não sabe como a avaliação é importante tanto para conquistar novos leitores como para incentivar a nós, autores, escrevermos sempre mais.

Se você não curtiu o livro, tudo bem, acontece! Vou torcer para que em outro momento encontre algum trabalho meu que te conquiste para podermos mudar essa impressão ruim, ok?

Se encontrou algum erro de revisão durante a leitura, pode reportar à Amazon que eles sinalizarão para que eu conserte. Ou pode me procurar pelas redes sociais e falar diretamente comigo, eu não mordo e sou muito tranquila com isso.

Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Deus, obrigada por me permitir que eu conclua mais um trabalho. Em nossas conversas diárias, você sabe o quanto alguns dias foram difíceis, e mesmo assim me guiou e me deu força para terminar.

Aos meus leitores que me acompanham pelo *Instagram*, pelo *Wattpad*, *Facebook*, que estão sempre por perto, obrigada! Sei que nem sempre consigo responder e dar atenção para todos, mas eu juro que tento, e adoro conversar com vocês.

Aos meus amores do *Whatsapp*, que me aturam, me zoam, toleram meus sumiços, que gostam de me ver cantar, que mandam as figurinhas e vídeos de putaria, obrigada. Vocês me movem e me dão uma energia surreal, e fazem parte de cada lançamento. Obrigada pela companhia, pelos presentes, pelo carinho, pelo apoio. Até mesmo por algumas inspirações (os capítulos 44 e 45 eu dedico para minhas meninas do KS).

Minhas revisoras lindas, obrigada pelo embarque nessa corrida comigo! Dessa vez foi bem corrido mesmo, eu sei! Gratidão eterna!

UM POUCO SOBRE MIM

Estou tentando descobrir até hoje. Incrível, não é? Mas a vida é assim mesmo, uma constante evolução, mudanças e mais mudanças, cicatrizes que vão formando nossa história e sonhos que vão se renovando.

Eu comecei a escrever lá em 2008, quando me tornei uma fã obcecada por Crepúsculo e passei a frequentar muitas comunidades no Orkut (pois é, a idade não mente). Não demorou para que decidisse me aventurar pelo universo das fanfics e tomei coragem para criar as minhas, até que me vi ganhando certa relevância naquela rede social e me animei a escrever as minhas próprias histórias.

Foi daí que surgiu Fortaleza Negra, o primeiro livro que publiquei por uma editora tradicional. Inicialmente era para ser uma trilogia e só existia em formato físico, mas no meio do caminho eu descobri o mundo dos livros digitais e me apaixonei. Passei algum tempo trabalhando exclusivamente com literatura fantástica até que decidi me arriscar a caminhar um pouco pelo mundo dos romances. Foi um caminho sem volta e hoje não me vejo mais parando de escrever o gênero, apesar de querer muito conciliá-lo com os demais.

Nasci em 1983, faço aniversário dia 24 de agosto e sou uma virginiana meio lá meio cá. Sabe? Aquele tipo de pessoa que se adequa pela metade em seu signo. Por exemplo, sou muito perfeccionista, neurótica com coisas desalinhadas, cores ou padrões descombinados, excessivamente pontual e extremamente analítica, meio chata com higiene e racional demais para relacionamentos. No entanto, você seria capaz de se perder em meu quarto de tão bagunçado que ele é, minhas roupas estão sempre amarrotadas e sou uma das maiores procrastinadoras que conheço.

Mas eu sou gente boa, juro que sou. Se me encontrar pessoalmente, não

penso que sou antipática, sou apenas tímida num primeiro momento. Sou alguém que se for reconhecida na rua, primeiro vai olhar para trás só para conferir se é comigo que estão falando, depois vai ficar vermelha, e em seguida vai bater o maior papo com a pessoa. Nas redes sociais tendo a me soltar muito mais, então não estranhe se você acessar meu Instagram e achar que sou louca, que ninguém mais ou menos normal pagaria metade dos micos que eu pago. Sou bem aleatória e posso falar sobre cachorros e gatos, sobre músicas antigas, mecânica de carro, soltar minha afinação no seu ouvido ou sei lá, postar uma foto de alguma comida bem gordurosa. E isso tudo pode acontecer só num único dia. Ou eu posso simplesmente sumir por uma semana porque deu vontade ou porque estava com a energia baixa. Todos nós temos os nossos momentos bons e ruins.

Tenho tatuagens, moro no Rio de Janeiro, não sou muito fã de praia, tenho certeza que sou um unicórnio e nunca passo muito tempo com o mesmo corte ou cor de cabelo.

Acho que deu para me conhecer um pouquinho, mas se quiser saber mais, eu estou sempre disponível nas redes sociais. É só clicar e começar a me seguir!

Um beijo!

•

Instagram

[@kelcosta.official](#)

Facebook

[facebook.com/k.kelcosta](#)

Wattpad

[@KelCosta](#)

Fanpage

[@escritorakelcosta](#)

Twitter

[@kelcosta_k](#)

MEUS OUTROS LIVROS



Como (não) se casar com um CEO

Livro Único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

INIMIGOS.

ELE A ACHA UMA PATRICINHA ESNOBE E MIMADA.

ELA O CONSIDERA UM BABACA ARROGANTE.

ELE SERÁ O NOVO CHEFE DELA.

ELES SE ODEIAM DESDE A INFÂNCIA, MAS UM ERRO MUDARÁ A VIDA DE AMBOS.

Madelyn Cooper e Oliver Harrington nasceram em famílias muito ricas

do Texas, mas mesmo com a amizade de seus pais, os dois cresceram se odiando. Desde a infância até a vida adulta, cada encontro foi preenchido por farpas, indiretas e muita implicância. Por isso, é a contragosto que Madelyn aceita trabalhar como secretária de Oliver, que é CEO da Fleet, uma empresa que fabrica aeronaves. Os pais de Madelyn estão falidos e a jovem que sempre viveu em meio ao luxo, se vê obrigada a arregaçar as mangas e descobrir o que significa ter um chefe e seguir ordens.

Mas ninguém esperava pelas artimanhas do destino. Em uma de suas viagens de negócios para Las Vegas, Madelyn e Oliver acabam bebendo demais e acordam no dia seguinte, descobrindo-se casados e sem lembrar de nada da noite anterior.

O desespero bate e eles tentam anular o casamento o quanto antes, mas o pai de Oliver ameaça tirar o cargo do filho se ele desfizer o casório. Restará ao novo casal conviver pelo tempo necessário e sobreviver um dia após o outro, sem se matar pelo caminho. Essa confusão vai dar certo? Será que é possível haver um final feliz, com uma mãozinha do destino?



Segredos de uma escritora virgem e apaixonada

Livro Único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

UM SOLTEIRO COBIÇADO E ENCANTADO PELA VIZINHA TÍMIDA.

UMA VIRGEM QUE ESCRIVE ROMANCES ERÓTICOS.

ELA SE INSPIRA NO VIZINHO.

ELE NÃO SABE DISSO.

Uma escritora que se esconde atrás de um nome fantasia e se muda para

uma nova casa.

Um vizinho lindo que é também a grande inspiração para os livros dela.

Ele nem imagina qual seja a verdadeira identidade de Ana.

Ela teme que Raoni descubra que sabia tudo sobre a vida dele, antes mesmo de se conhecerem.

Através de um pseudônimo, Ana Luiza escreve livros de romance erótico que são um fenômeno nacional, mas na vida real, é virgem e muito tímida para se relacionar com o público masculino.

Raoni possui milhões de seguidores nas redes sociais, é modelo, influencer, músico nas horas vagas e ainda está cursando o mestrado. O carioca que é extremamente desejado por tantas mulheres, se encanta facilmente pela doce e inocente Ana, sem saber que ela também é Lua Couto, a famosa escritora que está usando as fotos dele para divulgar o personagem de sua série de livros eróticos.

Ana tinha medo de se envolver, mas ela já era apaixonada por Raoni mesmo quando só o conhecia pelo mundo virtual. Torna-se praticamente impossível não se jogar nos braços dele, que não mede esforços para conquistar a dona da franjinha charmosa. Porém, será que essa relação que começa a se construir, vai sobreviver quando o segredo de a escritora vier à tona?



A GAROTA DELES

Livro Único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

**UMA MULHER PARA DOIS HOMENS?
MELHORES AMIGOS QUE SE APAIXONAM?
O TRISAL MAIS QUENTE DE LONDRES!**

Ela é uma gordinha ruiva, linda, mas tímida. Ainda prefere viver o amor dos seus livros de romance do que ter seu coração partido pelos homens reais. Noah é seu melhor (e único) amigo desde a infância. Ele a protegeu de todos e sempre foi seu porto seguro nos melhores e piores momentos.

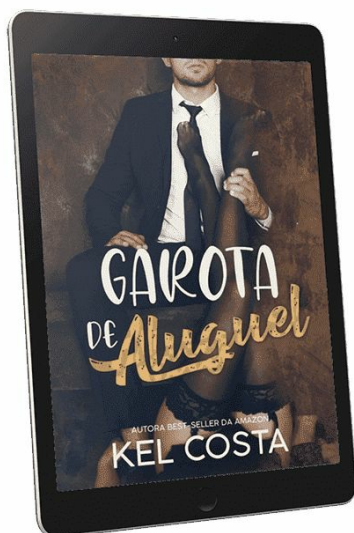
Ela teve uma paixão adolescente por ele, mas ele se declarou gay para ela. Até que Noah começa a namorar Marco, um bissexual que leva os dois amigos a explorar outros níveis dessa amizade.

Era para ser apenas uma brincadeira ao vivo num site em que as pessoas pagam para assistir o sexo alheio. Mas a situação foge do controle deles quando sentimentos começam a surgir e as lives se repetem com frequência.

Poderá uma amizade sobreviver à esse tipo de exposição e envolvimento?

Poderá um casal homoafetivo abrir espaço para uma terceira pessoa na relação, sem perder a harmonia na convivência?

ATENÇÃO: Trata-se de uma história que fala sobre relacionamentos poliamorosos, não-monogâmicos, entre dois homens bissexuais e uma mulher heterossexual, com cenas de sexo bem descritivas. Este não é um livro recomendado para pessoas que não concordam que o amor pode ser vivido de mais de uma maneira. Não é uma história sobre casais, triângulos amorosos ou mocinhas que precisam escolher entre um ou outro. É UM LIVRO SOBRE TRISAL, três pessoas se amando e se completando.



GAROTA DE ALUGUEL

Livro único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

"Ele é ranzinza, parece muito mais velho do que realmente é. Insuportável, autoritário e um pouco arrogante, não vale a beleza que possui e que é capaz de enganar muitas por aí. Maldita hora que aceitei esse trabalho!"

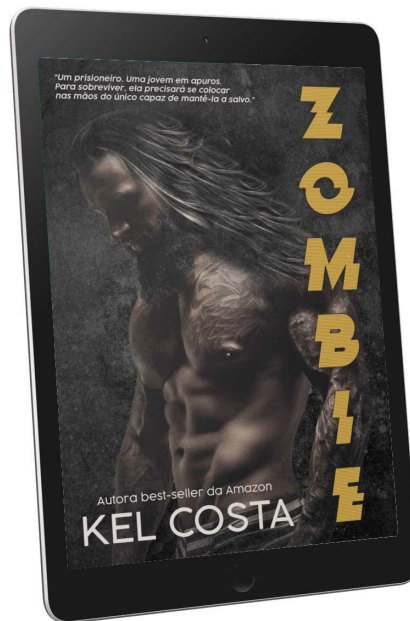
"Uma pirralha em corpo de mulher, que se acha adulta e dona de si, mas que tem PROBLEMA escrito no meio da testa. Qualquer minuto passado ao lado dela é uma chance de me fazer enlouquecer. Quem teve a brilhante ideia de contratar essa encenqueira?"

Babi Duarte é uma jovem brasileira de 20 anos, decidida e independente, que trabalha como acompanhante de luxo e presta serviços para executivos de alto poder aquisitivo, sem envolvimento sexual. Apesar da idade, ela tem opinião forte, não leva desaforo para casa e possui diversas qualidades, uma delas, o inglês fluente que será o grande culpado em

colocá-la no caminho de um homem que mudará sua vida.

Patrick Fox é um CEO americano da indústria farmacêutica, que vem ao Brasil acompanhar de perto uma fusão de sua empresa. Solteiro convicto, quase um quarentão, ele vive para o trabalho e ignora um pouco a vida social. Portanto, quando pede que sua secretária contrate uma intérprete para acompanhá-lo durante sua estadia em São Paulo, ela vê nesse pedido a oportunidade perfeita de fazer com que o chefe viva novas emoções.

O problema é que nenhum dos dois está aberto para o amor, mesmo que a química entre eles seja inegável.



ZOMBIE

Livro Único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Um vírus letal para as mulheres.

Uma realidade em que a humanidade perde a capacidade de se reproduzir.

Uma sobrevivente, imune à doença, carregando em seu ventre o bem mais precioso de todos.

Um condenado à prisão perpétua, que contra todas as possibilidades, muda o rumo de sua jornada por causa de uma garota desconhecida.

Zion – ou Zombie para quem o conhece – é uma máquina mortífera, letal, rápido e frio, alguém que há muito tempo aprendeu a se manter vivo a todo custo e apenas isso importa. Quando escapa da prisão, ele descobre que o mundo foi destruído pelo vírus que se propagou. Que tudo que ele antes conhecia, agora não existe mais. Sua única missão é viver um dia após o outro, sem ninguém no seu caminho.

Até que sua consciência o obriga a ajudar um menino em apuros, que logo ele descobre se tratar de uma garota. Uma mulher. Alguém do sexo feminino, criatura rara naqueles dias em que as mulheres entraram em extinção. Tudo que Zombie pensa é em se colocar o mais distante possível daquele alvo em potencial, mas quando compreende que ela pode estar grávida e implora pela ajuda dele, o abismo social que parecia separá-los é colocado de lado e ele decide protegê-la. Mesmo que seja com sua própria vida, mesmo que isso mexa com seus instintos mais primitivos conforme os dois tentam negar a conexão que sentem enquanto lutam pela sobrevivência.

**ALERTA DE GATILHOS! CONTEÚDO VIOLENTO E SEXUAL!
RECOMENDADO PARA MAIORES DE 18 ANOS.**



Trilogia Soprattuto

Finalizada

Mais de 40 milhões de leituras na Amazon!

Conteúdo adulto. Pode acionar gatilhos emocionais por abordar temas como estupro, violência e exploração sexual.

LIVRO 1 – CHEFE DA MÁFIA [Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Aos sete anos, Giovanna Mancini foi apresentada ao homem com quem um dia se casaria, dezesseis anos mais velho. De uma família tradicional da Sicília, ela crescera sendo treinada para respeitar e obedecer ao futuro marido. Aos doze, um sentimento novo começou a brotar no coração da adolescente. Mesmo que ele só a enxergasse como uma criança boba, ela se sentia apaixonada por aquele que, um dia, seria o chefe da máfia

siciliana. Aos dezessete, a única coisa que desejava era ser livre, principalmente bem longe do noivo arranjado.

Pietro Fillipo Greco se tornara o chefe dos chefes após a morte do pai. A vida seguia os passos esperados e, assim que a jovem completasse vinte e um anos, o Don se casaria com Giovanna. Gostava das mais velhas e experientes, mas conhecia a beleza da jovem e sua educação exemplar. O que não estava em seus planos foi a ligação que recebeu de sua mãe, pedindo que resgatasse Giovanna dos problemas em que ela mesma se metia e a mantivesse sob seus cuidados até o dia do casamento, quando se tornasse maior de idade. Contrariado em ter que levar uma garota de dezessete anos para dentro de casa e ter que lidar com a rebeldia dela, Pietro se dá conta de que terá que domar a fera de olhos azuis, nem que seja a última coisa que faça em vida.

LIVRO 2 – CONSELHEIRO DA MÁFIA [Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

Traições. Amores proibidos. Tráfico humano.

Tudo cai como uma bomba na cabeça do novo *consigliere* da Soprattuto antes mesmo que ele consiga sentir o gostinho do poder. Ele foi treinado para ser o melhor e mais discreto naquilo que nasceu para fazer: ser um soldado da máfia, o homem que guarda a vida do Don ao se tornar a sombra dele, o que envolve muito mais que apenas força física. Carlo Moretti por muito tempo escolheu abdicar dele mesmo em prol de ser o melhor homem da Soprattuto. Dono de elegância e educação que chamam a atenção das mulheres, ele também se tornou o mais sagaz, perigoso e mortal para seus inimigos.

Sendo obrigado a encarar novos desafios, principalmente sobre os assuntos do coração, Carlo se vê no meio de uma das maiores crises pela qual a família Greco já passou. Ele se sente perdido entre a razão e a paixão, ao mesmo tempo em que luta para fazer jus à sua nova posição e trazer justiça a quem merece - e sofrimento aos responsáveis.

LIVRO 3 – DONA DA MÁFIA [Compre na Amazon \(digital\)](#)

Sinopse

O final da trilogia!

Ela foi criada sob normas rígidas dentro da máfia italiana, para que se tornasse a

esposa perfeita de um Don.

Ela foi subjugada por quem deveria protegê-la e teve seus sonhos de menina arrancados da alma.

Ela foi testemunha de traições, de atos de tortura, de graves assassinatos.

Ela foi assassina.

Ela foi heroína.

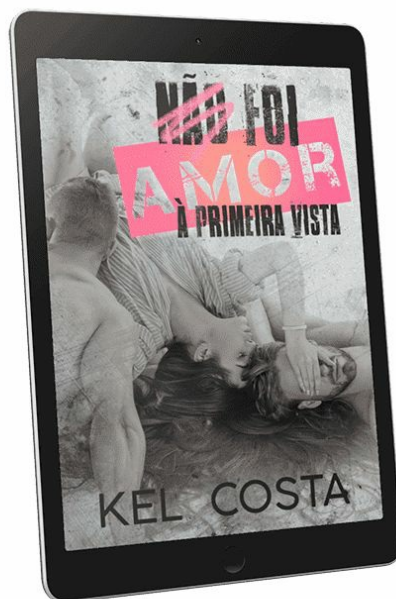
Ela é brava, guerreira, corajosa, sonhadora, apaixonada.

Ela é o centro da sua família.

Ela é justiceira.

Ela é Giovanna Negri Greco. Ou apenas Carabina.

Ela é a DONA da máfia.



NÃO FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA

Livro único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Romance listado nos MAIS VENDIDOS da Revista Veja

Sinopse

~ NUNCA FOI TÃO CERTO DIZER QUE OS OPOSTOS SE ATRAEM ~

SERÁ QUE AMOR E ÓDIO ANDAM MESMO JUNTOS?

- **Magnólia:** gata, gótica, estranha, ganhadora do troféu dedo podre.
- **Eros:** irmão de Odin, cafajeste, selo de comedor do Rio de Janeiro, aquele hétero "topzera" irritante, Magnólia pensa que é gay.

- **Odin:** irmão de Eros, novo gay da cidade, saiu recentemente do armário (escondido do pai), gostoso pra cacete, sonho de consumo de Magnólia, ela pensa que é hetero.

Uma bailarina totalmente fora dos padrões, tão azarada que se enrola toda na hora da paquera.

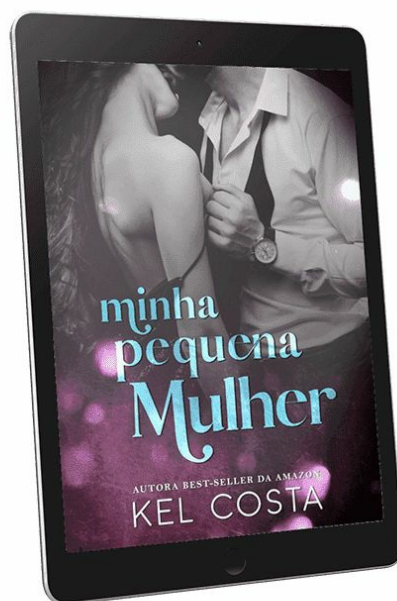
Ela não poderia estar mais equivocada ao desejar o cirurgião gay, achando que ele é hétero.

Ela não poderia ter se metido em enrascada maior ao pedir ajuda ao irmão hétero, que ela pensa ser gay.

Os dois irmãos a envolvem nessa mentira que vai mexer com muitos sentimentos e um deles vai acabar se apaixonando de verdade.

E quando Magnólia descobrir que foi enganada... seu coração já estará gravemente comprometido.

A certeza é só uma: um deles ela não pode ter e o outro... ela gostaria de odiar.



MINHA PEQUENA MULHER

Livro único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Conteúdo adulto, pois possui cenas eróticas.

A história aborda temas como bulimia e transtornos alimentares, podendo acionar gatilhos em pessoas sensíveis ao assunto.

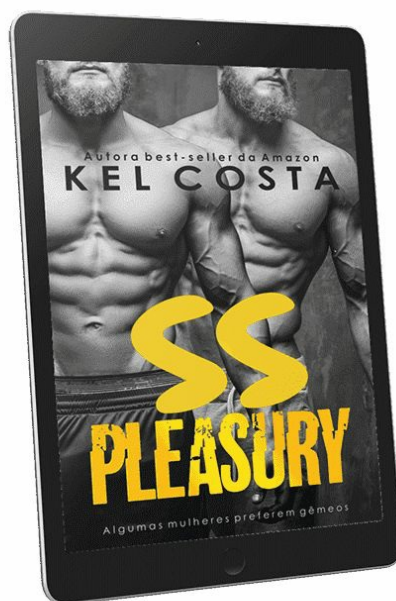
Sinopse

Arthur Salazar é um advogado quarentão que leva seu trabalho muito a sério, vive quase exclusivamente para isso e não dedica muito tempo da sua vida para relacionamentos amorosos. Alguém que gosta de ouvir música enquanto toma um vinho na tranquilidade de seu apartamento. Um homem de coração enorme, marcado por uma perda que jamais vai esquecer.

Marina Leão é órfã e irmã caçula do melhor amigo de Arthur, que morreu num acidente de moto e virou o mundo deles de cabeça para baixo. Ela era a "garotinha dos olhos" dos dois, a princesa do trio, por quem eles dariam a própria vida. Quando Felipe morreu, o advogado não viu outra solução a não ser deixar a pré-adolescente ir morar com a tia no Rio de Janeiro, mas alguns anos depois, quando ela se torna maior de idade e começa a demonstrar atitudes que ele desaprova, Arthur percebe que a decisão de afastá-la não foi a melhor.

Os dois não poderiam ser mais diferentes. Ele, recluso, sério, fechado. Um homem perspicaz, de convicções firmes, sócio de uma das maiores firmas de advocacia de São Paulo. Ela, jovem demais, frequentadora dos bailes funks do Rio de Janeiro, digital influencer e amante da exposição de imagem.

Voltando atrás na decisão de mantê-la afastada, Arthur traz Marina de volta para ser criada sob seus cuidados. Ela tenta ignorar seu coração, mas a proximidade entre eles e a reconquista da intimidade torna a convivência pacífica extremamente difícil. O homem duro que lida facilmente com criminosos todos os dias está prestes a sofrer nas mãos de uma morena que sabe bem os poderes que possui.



SS PLEASURY

Livro único

[Compre na Amazon \(digital\)](#)

[Compre o exemplar físico](#)

Este livro possui uma proposta diferente e trata sobre relacionamento a três. Se é contra relações poliamorosas, talvez não seja a história certa para você.

Sinopse

Algumas mulheres preferem gêmeos!

Sexo nunca foi tabu para Alex Simmons, filha do astro pornô mais famoso da indústria americana nas décadas de 80 e 90. A jovem de 23 anos cresceu ciente da profissão de seu pai e sempre manteve uma boa relação com os profissionais desse nicho. Não é à toa que depois da morte dele, ela foi trabalhar como chef particular dos gêmeos mais disputados da atualidade.

Conhecidos pelo nome artístico "SS PLEASURY", a dupla de loiros alemães ganha rios de dinheiro fazendo o que mais gosta: atuando nas maiores produções da indústria

pornô. Stephan e Sven Heidemann são os melhores patrões que Alex poderia desejar, mesmo que desde a adolescência ela seja apaixonada por eles, donos de um estilo de vida totalmente promíscuo.

Tenho outros livros publicados na Amazon, basta pesquisar pelo meu nome que você irá encontrar todos os títulos!